



Tatiana Carvalho Reis Martins
Bruna Moretti Luchesi
Juliana Dias Reis Pessalacia
(Organizadores)

Educação em Saúde na Escola: Relatos de Experiência

Atena
Editora

Ano 2019



Tatiana Carvalho Reis Martins
Bruna Moretti Luchesi
Juliana Dias Reis Pessalacia
(Organizadores)

Educação em Saúde na Escola: Relatos de Experiência

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação em saúde na escola [recurso eletrônico] : relatos de experiência / Organizadoras Tatiana Carvalho Reis Martins, Bruna Moretti Luchesi, Juliana Dias Reis Pessalacia. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-832-8 DOI 10.22533/at.ed.328191712 1. Educação. 2. Saúde na escola. I. Martins, Tatiana Carvalho Reis. II. Luchesi, Bruna Moretti. III. Pessalacia, Juliana Dias Reis. CDD 371.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro traduz os esforços empreendidos nos últimos anos para a adequação curricular do Curso de Medicina do Campus de Três Lagoas (CPTL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com vistas a atender aos requisitos das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os Cursos de Medicina no Brasil, publicadas em 2014. Tais diretrizes preconizam a Educação em Saúde como Área de competência necessária para a articulação entre conhecimentos, habilidades e atitudes requeridas do egresso, para o futuro exercício profissional do médico.

Dentre os objetivos da formação desta competência, destaca-se a relevância do ‘aprender interprofissionalmente’, através da troca de saberes com profissionais da área da saúde e outras áreas do conhecimento, tais como os profissionais da área de Educação.

Assim, a presente obra conta com os relatos de experiências de acadêmicos de Medicina, sob a orientação de docentes Enfermeiros, Psicólogos e Nutricionistas, durante a realização de ações de Educação em Saúde na Escola voltadas para diferentes temáticas direcionadas à prevenção e promoção em saúde de escolares.

As atividades de Educação em Saúde foram realizadas junto a alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas municipais e estaduais do município de Três Lagoas/MS. Entretanto, esta obra restringe-se a relatar as percepções e experiências dos acadêmicos de Medicina em tais ações, preservando-se as informações e imagens dos escolares, com vistas a atender os pressupostos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Assim, tratam-se de relatos unicamente dos acadêmicos, os quais constituem-se autores desta obra, dispensando-se a necessidade de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos.

O conteúdo abrange informações atualizadas sobre recursos metodológicos inovadores utilizados para a promoção do aprendizado e mudança de atitudes em escolares e sobre resultados de pesquisas nas temáticas de interesse da área de Saúde Coletiva.

Dentre as temáticas de Educação em Saúde abordadas nos relatos, destacam-se as atividades voltadas para prevenção e promoção em saúde relacionadas ao uso e abuso de álcool e drogas, tabagismo, violência, *bullying*, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis na adolescência, depressão e suicídio, higiene e parasitoses.

Os resultados das experiências aqui relatadas são de grande relevância para a aplicação das metodologias utilizadas em campo em unidades curriculares de Cursos de Medicina no país e para que seja vislumbrada a importância de tais

ações para a formação do acadêmico, com vistas à interprofissionalidade e à prática intersetorial. Além disso proporciona subsídios para gestores de saúde proporem ações intersetoriais em saúde, envolvendo profissionais da saúde, assistência social e educação, considerando-se as complexidades das questões sociais encontradas na escola.

Tatiana Carvalho Reis Martins
Bruna Moretti Luchesi
Juliana Dias Reis Pessalacia

Agradecemos a todos os diretores, coordenadores, professores, funcionários e alunos das escolas estaduais que participaram das atividades de educação em saúde. A receptividade e disponibilidade foram fundamentais para o desenvolvimento de experiências tão enriquecedoras. Muito obrigado!

Ao Curso de Graduação em Medicina e a todo o Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul fica o nosso agradecimento por toda a estrutura e apoio para a realização das atividades.

“Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DROGAS LÍCITAS NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Beatriz Vieira Gurgel	
Guilherme Barreto Brandão	
Lukas Monteiro Mistre	
Tainá Aparecida Silva	
Nathiele Garcia Yamaguti	
Juliana Dias Reis Pessalacia	
Adailson da Silva Moreira	
Mônica Mussolini Larroque	
Julie Massayo Maeda Oda	
Lucas Gazarini	
DOI 10.22533/at.ed.3281917121	
CAPÍTULO 2	15
CONVERSANDO SOBRE VIOLÊNCIA COM ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Bárbara Garcia Munhoz	
Júlia Angeloni Fuentes	
Gabriel Felipe Heringer Feliciano	
Guilherme Martins Decanini	
Larissa Tsukuda	
Letícia Costa Coelho	
Rithelle Aglédia Sampaio	
Stella Bianchini Borges	
Suelen de Almeida Scher	
Taiza de Oliveira Zago	
Thaís Beckert Matz	
Ani Fabiana Berton	
DOI 10.22533/at.ed.3281917122	
CAPÍTULO 3	26
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE <i>BULLYING</i> E SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ariadne Priscilla de Noronha Almeida	
Carolina Pisani Bastos	
Gabriela Gonçalves Corrêa	
Ana Carolina Fernandes Nunes Coelho	
Frederico Augusto Oliveira Teixeira	
Stefani Nardi	
Ana Maria Farias Ribeiro	
Isabella Rezende dos Santos	
Luiza Alves da Silva	
Marcelo Kwiatkoski	
Bruna Moretti Luchesi	
DOI 10.22533/at.ed.3281917123	
CAPÍTULO 4	36
EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Sergio Chociay Junior	
Natália Garcia Gaban	
Thamy Maluff de Mello	
Daniel Moda de Francisco	
Humberta Correia Silva Azambuja	

Patricia Medeiros Silva Grilo
Edis Belini Junior
Tatiana Carvalho Reis Martins
Bruna Moretti Luchesi

DOI 10.22533/at.ed.3281917124

CAPÍTULO 5 50

PREVENÇÃO DO USO/ABUSO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE ESCOLARES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adriel Gullo Pereira
Ana Carolina do Rocio da Trindade Areco
Brenda Santana Matusin
Felipe Damasceno Alves Pereira
Kaelly Virginia de O. Saraiva

DOI 10.22533/at.ed.3281917125

CAPÍTULO 6 62

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE DEPRESSÃO E SUICÍDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gustavo Henrique Martins Rodrigues Montalvão
Gabriel Borges Veloso Bernardes
Guilherme Henrique Cesar
Gabriel Bahia Arantes Bizinotto
Igor Adeberto Pereira de Souza Lessa de Castro
Luís Guilherme Fernandes Costa Lima
Igor Fernando Costa
Nathalia de Oliveira Andrade
Jamila de Lima Gomes
Rosimeire Aparecida Manoel Seixas
Adailson da Silva Moreira
Lucas Gazarini

DOI 10.22533/at.ed.3281917126

CAPÍTULO 7 78

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE DROGAS ILÍCITAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nayara Ribeiro Slompo
Carlos Marcelino de Macedo
Nathália de Oliveira Andrade
Danielle Cristina Tonello Pequito
Silvana Cristina Pando
Julie Massayo Maeda Oda
Adailson da Silva Moreira
Mônica Mussolini Larroque

DOI 10.22533/at.ed.3281917127

CAPÍTULO 8 91

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE AS IST: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Carla Lúcia Sousa Leão
Mariana Ferreira Carrijo
Taiana Gabriela Barbosa de Souza
Karine Bianco da Cruz
Juliana Dias Reis Pessalacia
Rosimeire Aparecida Manoel Seixas
Priscila Balderrama

DOI 10.22533/at.ed.3281917128

CAPÍTULO 9 102

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE TABAGISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Caroline Monteiro Zanon
Hiara Gabrielle Silva
Sergio Chociay Junior
Gustavo Henrique Martins Rodrigues Montalvão
Letícia Gabrielle Miguel Gonçalves
Juliane Vidal de Lima
Allyne Tayrys dos Santos
Anneliese Domingues Wysocki
Andrea Panhoti Ribeiro
Priscila Balderrama

DOI 10.22533/at.ed.3281917129

CAPÍTULO 10 114

EDUCAÇÃO SOBRE HPV NO AMBIENTE ESCOLAR

Alister Martins Vieira
Bárbara Garcia Munhoz
Bruna Tiemi Minomi
Iane Mourão Cerqueira Araújo
Júlia Angeloni Fuentes
Rithelle Agledia Sampaio
Stella Bianchini Borges
Suelen de Almeida Scher
Vivian Magalhães Domingues
Vivielle Veloso de Moura Fé
Priscila Balderrama

DOI 10.22533/at.ed.32819171210

CAPÍTULO 11 124

A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DE ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isabella Rezende Santos
Luiza Alves da Silva
Ana Maria Farias Ribeiro
Ariadne Priscilla de Almeida Noronha
Carolina Pisani Bastos
Gabriela Gonçalves Corrêa
Ana Carolina Fernandes Nunes Coelho
Karine Bianco da Cruz
Rosimeire Aparecida Manoel Seixas
Aní Fabiana Berton
Tatiana Carvalho Reis Martins

DOI 10.22533/at.ed.32819171211

CAPÍTULO 12 138

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE HIGIENE NA POPULAÇÃO RIBEIRINHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nayara Cristina Inocenti Velone
Sabrina Zancani Ribeiro
Juliana Dias Reis Pessalacia
Thaís Carolina Bassler

DOI 10.22533/at.ed.32819171212

CAPÍTULO 13 150

EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PREVENÇÃO DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aline Martins Alves
Ana Cristina Silva Augusto
Ana Fernanda Souza Silva
Ana Paula Simões Lima
Bianca Pereira Bacciotti
Eduarda Siqueira Cesário
Francielle Ribeiro de Souza
Juliana Dias Reis Pessalacia
Thaís Carolina Bassler

DOI 10.22533/at.ed.32819171213

CAPÍTULO 14 162

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE PARASIToses EM UMA ESCOLA INSERIDA EM COMUNIDADE RIBEIRINHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mariana de Paula Santana
Nadine Motta Figueiredo
Mariana Ferreira Carrijo
Thais Carolina Bassler
Juliana Dias Reis Pessalacia
Aline Rafaela da Silva Rodrigues Machado
Alex Martins Machado
Luiz Gustavo Bernardes
Mirian Daiane de Oliveira
Gabriella Martiniano Pereira

DOI 10.22533/at.ed.32819171214

CAPÍTULO 15 175

O PAPEL MASCULINO NO CONTEXTO DA GRAVIDEZ EM ESCOLARES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Giovanna da Silva Parente
Eduarda Siqueira Cesário
Isadora Cecília Salgado Gama
Sannye Sabrina Gonzalez Bogado
Thais Carolina Blassler
Juliana Dias Reis Pessalacia

DOI 10.22533/at.ed.32819171215

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 186

DROGAS LÍCITAS NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Vieira Gurgel

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas (CPTL).

Guilherme Barreto Brandão

Acadêmico do curso de Medicina da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas (CPTL).

Lukas Monteiro Mistre

Acadêmico do curso de Medicina da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas (CPTL).

Tainá Aparecida Silva

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas (CPTL).

Nathiele Garcia Yamaguti

Acadêmica do curso de Enfermagem da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (CPTL).

Juliana Dias Reis Pessalacia

Enfermeira, Pós Doutora em Enfermagem em Saúde Coletiva pela EE-USP – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Docente Associada da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas (CPTL), atuando nos cursos de Enfermagem e Medicina.

Adailson da Silva Moreira

Advogado e Psicólogo. Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente Adjunto da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,

Campus Três Lagoas (CPTL), atuando nos cursos de Medicina, Enfermagem e Direito.

Mônica Mussolini Larroque

Enfermeira. Doutora em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. Docente Adjunta da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas (CPTL), atuando no curso de Medicina.

Julie Massayo Maeda Oda

Biomédica. Doutora em Patologia Experimental pela UEL – Universidade Estadual de Londrina. Docente Adjunta da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas (CPTL), atuando no curso de Medicina.

Lucas Gazarini

Farmacêutico com habilitação em Análises Clínicas. Doutor em Farmacologia pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Docente Adjunto da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas (CPTL), atuando no curso de Medicina e Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.

RESUMO: Relato de experiência, a partir das vivências de acadêmicos de Medicina e Enfermagem durante a realização de ações de Educação em Saúde nas Escolas sobre drogas lícitas em uma instituição de ensino médio estadual, no município de Três Lagoas-MS, no mês de outubro de 2018. As atividades consistiram em dinâmicas de integração, jogo

de perguntas e respostas e plenária, com duas turmas do primeiro ano do ensino médio. Durante a realização das atividades, foram elucidadas dúvidas e curiosidades sobre os riscos advindos do uso e abuso de bebidas alcóolicas e tabaco. A realização da atividade possibilitou a troca de experiências e informações, bem como permitiu que estratégias de combate às práticas prejudiciais à saúde pudessem ser discutidas, garantindo a possibilidade de maior e melhor qualidade de vida para os participantes. A realização dessas ações de educação em saúde permitiu informar, debater e incentivar hábitos que beneficiam o bem-estar destes jovens e integrar teoria e prática nas vivências dos acadêmicos, tendendo a proporcionar uma formação mais significativa e de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Promoção da saúde; Prevenção; Álcool; Narguilé; Educação em Saúde.

LICIT DRUGS IN HEALTH EDUCATION AT SCHOOL: EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT: Experience report, from the experiences of medical and nursing students during the course of Health Education at School's activities on licit drugs at a state high school in the city of Três Lagoas-MS, in the month of October of 2018. The activities consisted of integration dynamics, question and answer game and plenary, with two classes of the first year of high school. During the activities, doubts and curiosities about the risks of the use and abuse of alcoholic drinks and tobacco were elucidated. The activity made possible the Exchange of experiences and information, as well as allowed strategies to combat harmful practices to be discussed, offering the possibility of greater and better quality of life for the participants. The accomplishment of the sections of health education allowed to inform, to debate and to encourage habits that benefit the well-being of these Young people and to integrate theory and practice in the experience of the academicians, tending to provide a formation more significant and of quality.

KEYWORDS: Health promotion; Prevention; Alcohol; Narguile; Health education.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de grandes transformações físicas e emocionais, é um momento de descobertas, vulnerabilidade e suscetibilidade a estímulos externos, em consequência da adoção de comportamentos de risco que acabam por expor os jovens ao consumo de substâncias, tanto lícitas como ilícitas, e dentre as primeiras, álcool e tabaco despontam como principais, em virtude do acesso facilitado (MARTINS *et al.*, 2017).

As drogas lícitas, de modo geral, são substâncias que podem ser livremente comercializadas. No entanto, vale mencionar que algumas possuem restrições,

como por exemplo, bebidas alcoólicas e tabaco, que não podem ser comercializados para crianças e adolescentes (art. 81, II e III, do ECA). No caso de medicamentos, alguns só podem ser adquiridos por meio de prescrição médica especial, como o caso dos benzodiazepínicos ou opioides (CARLINI, 2015). Apesar das restrições mencionadas, o consumo de álcool e tabaco se faz muito presente no meio familiar, entre amigos e confraternizações, eventos sociais, etc.

A bebida alcoólica é um agente de desinibição, estimulador das relações entre pares e moderadora da sociabilidade (“enpatógeno”). Com isso, torna-se uma das substâncias mais consumidas entre os jovens que associam o seu uso a estados de alegria, lazer e relaxamento (MEDEIROS, 2018; VALIM; SIMIONATO; GASCON, 2017; MORAES; BARROCO, 2016). Apesar de parecer benéfico, engana-se quem assim entende. Haja visto os seus efeitos iniciais: instabilidade emocional e motora, hilaridade, agressividade e psicose. Assim como seus efeitos tardios: ausência de coordenação, ataxia, diminuição da percepção, depressão mental, rubor facial, sudorese, náuseas, vômitos, sonolência e coma alcoólico. Ou seja, consequências negativas à saúde de quem as consomem. Além disso, ressalta-se os riscos a acidentes de trânsito, envolvimento em brigas, redução do desempenho acadêmico e negligência do cuidado para práticas de sexo sem uso de preservativo, desprotegendo-se de infecções sexualmente transmissíveis (DALLO & MARTINS, 2018; MEDEIROS, 2018).

Debater e discutir sobre o uso de álcool e tabaco, além de outras substâncias lícitas ou ilícitas, favorece a conscientização de que o seu uso pode predispor alterações orgânicas, psicossociais e até mesmo relacionais.

O uso de narguilé, por exemplo, hoje é uma prática bastante difundida entre os jovens e é responsável por uma parcela significativa e crescente do tabagismo em nível global, mostrando-se como uma alternativa (equivocada!) ao uso do cigarro. Sua utilização vem sendo crescente tanto por homens quanto mulheres, e ainda mais preocupante, entre jovens e crianças (INCA, 2017; REVELES; SEGRI & BOTELHO, 2013).

A prevalência de tabagismo relacionado a experimentação de narguilé tem se mostrado significativamente alta, e apesar dos poucos dados existentes no país até o momento sobre a frequência do uso, a literatura é unânime quanto ao maior uso desta forma de tabaco pelos jovens. A adolescência é o maior grupo de risco para o início do tabagismo. No Brasil, 30% dos jovens entre 13 a 15 anos começam a fumar antes dos 12 anos (MARTINS *et al.*, 2017; URRUTIA-PEREIRA *et al.*, 2017; MENEZES *et al.*, 2015).

O narguilé foi criado com a finalidade de ser um método de uso do tabaco de maneira menos prejudicial, acreditando-se que a fumaça ao passar pela água de seu receptáculo, seria filtrada, diminuindo seus componentes tóxicos. Essa crença

antiga é uma das explicações para que os usuários do narguilé acreditem ser menos prejudicial à saúde, popularizando o seu uso. As embalagens do produto não trazem advertências de saúde sobre os seus malefícios, aumentando ainda mais a crença popular de que esse produto não causa dependência e não possui malefícios a curto e longo prazos. Assim, os jovens avaliam as sessões de narguilé como uma atividade de lazer a ser compartilhada com amigos, em bares, em residências e até mesmo com a família (INCA, 2017; MENEZES, 2015).

Os futuros profissionais da área de saúde devem ser capacitados para prevenir o início do tabagismo e sua cessação baseando-se nas diretrizes da Organização Mundial de Saúde de controle do tabaco que incluem a monitorização ao uso, a tomada de medidas para proteção das pessoas da fumaça, oferecimento de ajuda para o abandono do uso e emissão de alertas sobre os perigos do tabaco. Diante dessa realidade, ao longo dos últimos anos, a escola tem sido foco de esforços particulares para influenciar o comportamento dos adolescentes através de intervenções e vigilância em saúde para evitar o início precoce do uso do tabaco (URRUTIA-PEREIRA *et al.*, 2017; WHO, 2013).

O tema abordado surge da necessidade de se intervir através de ações preventivas, no uso, abuso, e dependência de álcool, tabaco e outras drogas lícitas e ilícitas por adolescentes, uma vez que nessa faixa etária se dá o conhecimento, a aproximação, a experimentação e a escalada de alguns para o abuso e/ou dependência.

A escola é um dos ambientes mais adequados para desenvolver ações que possam aumentar os fatores de proteção, já que é um local privilegiado de socialização, de formação de opinião e de desenvolvimento pessoal. O presente trabalho representa um papel social importante, abrindo espaço para o esclarecimento de dúvidas, mitos e promoção da educação, através de informações claras e honestas sobre o assunto abordado. E é sob essa perspectiva que o projeto se apresentou.

Portanto, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência de acadêmicos de Medicina e Enfermagem em ações do projeto Educação em Saúde na Escola sobre a temática das *drogas lícitas*, principalmente com relação ao uso e abuso de álcool e tabaco. Pretendemos ampliar o campo de conhecimento na temática, pautando-nos na ideia do empoderamento dos jovens para que, a partir de uma discussão e reflexão sobre as informações apresentadas, eles tenham autonomia para tomar as decisões corretas envolvendo a exposição a essas substâncias.

MÉTODO

Este trabalho é um relato de experiência, realizada entre os meses de agosto a outubro de 2018, como requisito da disciplina de *Prática de Integração: Ensino, Serviço e Comunidade III*, do curso de Medicina, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas - MS, tendo como foco a abordagem do uso de álcool e drogas na adolescência.

Um relato de experiência pertence ao domínio social, fazendo parte das experiências humanas, e deve conter tanto impressões observadas quanto conjecturadas. Este tipo de estudo é importante para a descrição de uma vivência particular que suscitou reflexões novas sobre um fenômeno específico. O foco é a experiência e a reflexão sobre a experiência vivida (LOPES, 2012).

As ações de Educação em Saúde na Escola foram realizadas em uma instituição pública estadual do município de Três Lagoas-MS. O público-alvo das ações foram alunos de faixa etária entre 14 e 18 anos, regularmente matriculados no 1º ano do Ensino Médio, período matutino.

A escola possui 971 alunos matriculados no Ensino Fundamental, 480 no Ensino Médio e 51 na Educação Especial. Desses 480 alunos do Ensino Médio, 158 estão no 1º ano, os quais participaram das atividades. A escola conta com acessibilidade para portadores de deficiência, laboratório de informática, quadra de esportes coberta, biblioteca e cozinha; no entanto a infraestrutura, principalmente os sanitários, possui dependências antigas e decadentes, como pias sem torneiras, paredes sujas e botões de descarga estragados.

Os participantes da experiência são acadêmicos dos cursos de Medicina e Enfermagem. Na etapa diagnóstica, os integrantes reuniram-se com a diretoria da escola, ocasião em que foi solicitado a realização de ações voltadas para o uso abusivo de álcool e tabaco, devido aos problemas gerados pelo uso indiscriminado, tanto em ambiente escolar como fora, que vem refletindo no baixo desempenho escolar dos estudantes e, em alguns casos, até mesmo o abandono da escola.

A partir desta situação-problema, durante os dois meses seguintes foram realizadas reuniões com docentes da graduação para o planejamento das ações educativas que seriam realizadas na escola. Nesse período foram realizadas oficinas que visavam fornecer informações e promover reflexões sobre o uso de álcool, drogas e outras substâncias. As ações foram construídas seguindo sugestões da literatura, com algumas adaptações à realidade local e às condições dos participantes, sendo todas testadas, revisadas e aprovadas pelos docentes responsáveis.

As oficinas contaram com vários recursos didáticos: dinâmicas de grupo, jogos de perguntas e respostas, questionários para diagnóstico individual e posterior avaliação de satisfação.

Na elaboração das dinâmicas em grupo, inicialmente buscou-se o despertada reflexão dos adolescentes por meio de perguntas objetivas e diretas: O que são drogas lícitas e ilícitas? Porque os adolescentes experimentam estas substâncias? O que você sabe sobre as drogas? O que você pode fazer para prevenir o uso de drogas?

O jogo de perguntas e respostas, *quiz*, elaborado pelos acadêmicos teve como objetivo colocar em pauta os mitos e as verdades sobre o uso de substâncias, como álcool e drogas, e ilustrar os prejuízos causados pelo seu uso abusivo. Objetivou-se ainda a prevenção do uso e conseqüentemente dos agravos à saúde advindos dessa prática, buscando a conscientização por parte dos adolescentes.

O questionário individual foi elaborado para diagnóstico da situação-problema, buscando avaliar quantitativamente o número de alunos que fazem uso das substâncias, as causas que levam ao uso e a sua verdadeira opinião sobre a importância das intervenções em saúde, que têm como objetivo solucionar ou reduzir os desafios do consumo das drogas lícitas pelos adolescentes, e verificar os impactos positivos e negativos das ações.

A avaliação da intervenção foi elaborada a partir de modelo prévio disponibilizado pelos docentes e adaptado pelos alunos para que fosse aplicado.

Os resultados da experiência foram apresentados de forma descritiva a partir das falas, impressões e percepções dos participantes.

MARCO TEÓRICO

O referencial teórico utilizado para nortear as ações desde o planejamento até a execução foi a segunda edição da *Nota técnica sobre o uso de narguilé e seus efeitos sobre a saúde, as necessidades de pesquisa e ações recomendadas para legisladores*, do ano de 2017, elaborada pelo Ministério da Saúde em parceria com o INCA. Além disso, também foi utilizada a *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015* realizada pelo IBGE com jovens de 13 a 17 anos que já utilizaram ao menos uma vez drogas ilícitas, álcool e cigarro.

As ações educativas pautaram-se nos princípios do *Programa Saúde na Escola* (PSE), que tem como objetivo contribuir para a formação dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. Assim, as intervenções realizadas aplicam-se às ações do PSE de prevenção ao uso de álcool, tabaco, crack e outras drogas, utilizando-se dos princípios de promover a saúde e a cultura de paz, reforçando a prevenção de agravos à saúde e fortalecendo o enfrentamento das vulnerabilidades, no campo da saúde, que possam comprometer o pleno desenvolvimento escolar (BRASIL, 2018).

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

A atividade educativa foi dividida em cinco etapas: (I) apresentação do projeto; (II) dinâmica de interação com tema; (III) *quiz*; (IV) aplicação de questionários; e (V) discussão em plenária, para esclarecer as dúvidas remanescentes e fechamento dos trabalhos.

Inicialmente, foi realizada uma dinâmica de integração a partir da brincadeira *batata quente* com o intuito de permitir maior interação entre os adolescentes e os facilitadores, além de integrá-los com a temática e conhecer seus pontos de vista sobre o assunto (Figura 1).

Foi proposto que os participantes se organizassem em uma grande roda, e um saco contendo perguntas foi sendo passado de mão em mão enquanto tocava uma música (Figura 2). No momento em que a música é pausada, quem estivesse com o saco deveria retirar uma das questões contidas no seu interior. Essas perguntas são relacionadas ao conceito de drogas lícitas e ilícitas, o porquê do seu uso, quais malefícios e como preveni-las.

O início com essa dinâmica possibilitou a expressão do conhecimento de cada indivíduo e a colaboração dos demais quanto ao objetivo exposto permitindo a construção do conhecimento, pautado na comunicabilidade. O indivíduo transforma sua natureza não somente por meio de pensamentos e ações individuais, mas também sociais, sendo a troca de informações e de conhecimento um fator que molda a cultura, garante a possibilidade de crescimento e aperfeiçoamento na busca de um consenso universal (WERNECK, 2006).



Figura 1. Dinâmica inicial de interação com o tema, batata-quente.



Figura 2. Material utilizado na dinâmica contendo as perguntas abordadas.

Com isso, os participantes tiveram a possibilidade de expor seus conhecimentos e percepções sobre o tema, demonstrando algum conhecimento prévio das diferenças entre drogas lícitas e ilícitas e exemplos de cada uma delas.

A dinâmica permitiu visualizar que os jovens possuem uma opinião formada sobre o que as drogas representam, principalmente quanto aos seus malefícios, porém mostraram grande *déficit* no conhecimento das alternativas preventivas do uso destas substâncias e como buscar ajuda. A importância do direcionamento da dinâmica e incentivo do facilitador, no momento da participação dos alunos, representa o papel do educador democrático: a de reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade e sua insubmissão (FREIRE, 2014).

Na terceira etapa das atividades, foi realizado um *quiz* de perguntas e respostas. Os participantes foram divididos em grupos, sendo que cada um contou com o auxílio de um acadêmico intermediador/facilitador para solucionar as dúvidas em relação ao desenvolvimento da dinâmica e para incentivá-los à participação.

As perguntas abordaram fatos e consequências do uso das drogas lícitas, principalmente álcool e tabaco, especialmente na forma do uso do narguilé. As perguntas foram projetadas no telão, cada uma contendo entre 4 e 5 alternativas, sendo que apenas uma era correta. Os grupos tinham, aproximadamente, sessenta segundos para discussão e resposta da alternativa que julgassem corretas.

O trabalho em grupo apoia o aprendizado, pois é um momento em que os alunos interagem de forma a fazer perguntas, sugestões, criticar, ouvir, concordar, discordar e tomar decisões coletivas. Essa dinâmica torna-se interessante e produtiva por promover maior engajamento na atividade, justificado por um comportamento mais atento dos integrantes, que se importam com a avaliação de seus colegas e participam de forma a não decepcionar seu grupo (COHEN, LOTAN, 2017).

Como forma de consolidar a Educação em Saúde, os facilitadores responsáveis por conduzir o *quiz* teciam comentários ao final de cada resposta, justificando porque

aquela alternativa estava correta e as outras não (Figura 3).



Figura 3. Apresentação das perguntas realizadas na dinâmica do *quiz*.

Este momento também possibilitou a troca de informações, bem como permitiu que os participantes expusessem seus conhecimentos na dinâmica em grupo somente entre os alunos, visto que o facilitador não participou das discussões para escolha da alternativa correta. Percebemos uma harmonia e integração quanto às discussões nos grupos inclusive com participantes relatando experiências pessoais. Também houve grande adesão à atividade e participação por partes dos alunos que se mostraram atentos às perguntas e as explicações das respostas. As principais dificuldades nessa atividade ficaram evidentes devido à falta de conhecimento de termos relacionado a doenças consequentes do compartilhamento do narguilé como, por exemplo, *caxumba* e *mononucleose* e a descrença à afirmação de que o seu uso constante pode levar ao vício.

Ao final do *quiz* o grupo que obteve maior número de acertos em relação às perguntas realizadas recebeu como premiação uma caixa de chocolates, sendo que em dois momentos houve empates e os prêmios foram divididos entre os grupos vencedores. Além da premiação dos grupos vencedores, todos os participantes receberam lembranças por participação: foram distribuídos pirulitos com uma mensagem motivacional e informações sobre onde e como procurar ajuda em relação ao uso de drogas (Figura 4).

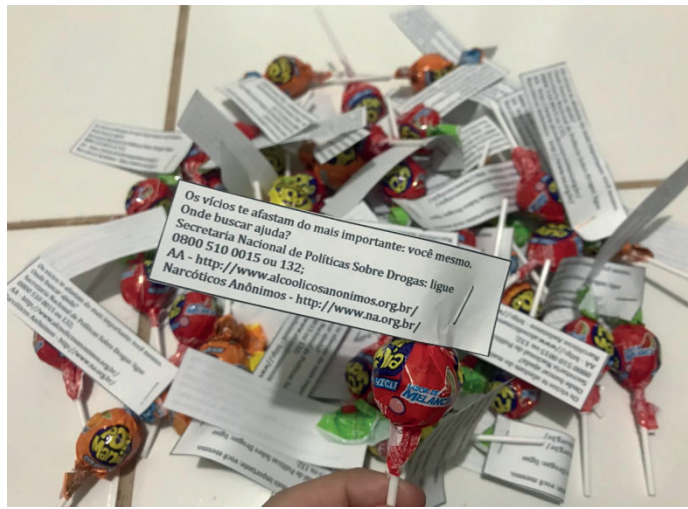


Figura 4. Premiações entregues ao final das atividades desenvolvidas.

Por fim, aplicou-se um questionário diagnóstico contendo perguntas objetivas e dissertativas relacionadas à frequência de uso do narguilé e álcool, bem como o conhecimento individual sobre as drogas e seus efeitos, abordando ainda a possibilidade/vontade de abandonar o consumo destas substâncias, caso seja usuário, e também da eventual necessidade de ajuda profissional, de amigos e familiares.

Apesar do estado de Mato Grosso do Sul possuir alto índice de uso e abuso do tabaco, principalmente entre jovens, o uso de narguilé entre os entrevistados mostrou-se pouco expressivo (CARLINI *et al.*, 2010). São poucos os dados referentes a prevalência do uso de narguilé entre os jovens no país, porém a incidência de uso tem se mostrado expressivamente crescente nos poucos dados disponibilizados na literatura atualmente.

As respostas do questionário diagnóstico foram satisfatórias quando observado que os participantes não se abstiveram em responder as perguntas dissertativas, revelando suas opiniões e sugestões. Além disso, demonstraram ter um conhecimento satisfatório sobre o assunto, compreendendo os malefícios do abuso do álcool e tabaco, uma vez que são as principais drogas utilizadas pelos estudantes, principalmente de escolas públicas, e de grande prevalência no estado (IBGE, 2016; CARLINI *et al.*, 2010).

Também foi aplicado um questionário de avaliação das atividades, consideradas “ótima” pela maioria do público-alvo. Ainda no questionário de avaliação, quando perguntados se as atividades realizadas fizeram refletir sobre o uso de substâncias, as respostas foram majoritariamente positivas. Deixou-se um espaço de sugestão de mudanças para melhorar as oficinas, e todas as respostas foram relacionadas ao desejo da aplicação de mais atividades participativas.

Ao final das atividades, apesar do momento aberto ao esclarecimento de

eventuais dúvidas dos alunos sobre o tema, houve poucas perguntas. Acredita-se que isso se deve ao fato dos alunos se sentirem um pouco intimidados quando estiveram no grupo maior, devido ao pouco tempo para o estabelecimento de uma relação de confiança entre facilitadores e alunos.

Os princípios pedagógicos da problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento, nortearam as atividades educativas através das dinâmicas aplicadas (FREIRE, 2014). A problematização inicial é a forma de conhecer a opinião dos alunos acerca de um tema, e quais são as suas concepções. Neste momento um mediador incentiva a exposição das ideias os participantes, seu conhecimento prévio e instiga os alunos a buscar novos conhecimentos para responder o problema da discussão. O segundo momento de organização do conhecimento é quando os facilitadores propõem meios para apropriação do conhecimento, como ocorreu no desenvolvimento da atividade de perguntas e respostas, com consolidação do conhecimento ao final. Por fim, a aplicação do conhecimento faz com que os alunos analisem a situação proposta no início, fazendo relação com a realidade, e o empoderamento para que sejam propostas novas situações e atividades que possam levar a um melhor aprendizado. Esse método permite que os jovens construam seu conhecimento, habilidades e valores necessários para tomar decisões responsáveis (DELIZOICOV; PERNANBUCO; ANGOTTI, 2002).

As atividades de Educação em Saúde realizadas possibilitaram uma grande participação dos estudantes em todos os momentos e em todas as dinâmicas propostas, promovendo uma reflexão crítica e construção de conhecimento sobre o assunto. As orientações realizadas não impuseram a proibição do consumo de álcool e tabaco, mas procuraram dar liberdade ao jovem de refletir e empoderar-se a fim de formar uma opinião própria que influenciasse positivamente nas suas futuras decisões quanto a sua saúde e cuidados voltados à prevenção de agravos.

A experiência proporcionou-nos muito aprendizado desde a fase de planejamento até a execução. Foi possível também conhecer um pouco da realidade e a maneira de pensar de alguns adolescentes.

Além disso, foi uma quebra de *pré-conceitos*, pois é comum que se crie estigmas com relação aos adolescentes, seja pela própria faixa etária ou por serem alunos de escola pública. Dessa forma, desenvolvemos habilidades interpessoais importantes para que a comunicação com os interlocutores fosse efetiva como, por exemplo, a adequação da linguagem utilizada, evitando-se a utilização do jargão médico.

A estratégia de promoção da saúde dentro do contexto escolar resulta de esforços intersetoriais que visam o aperfeiçoamento das condições de saúde e bem-estar, ampliando as oportunidades para um aprendizado de qualidade e o

desenvolvimento humano sustentável, para todos os integrantes das comunidades educativas (IPPOLITO-SHEPHERD, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades de Educação em Saúde na Escola sobre o consumo de drogas lícitas possibilitou mudanças comportamentais no público-alvo. À vista disso, essa permuta de atitude implica em melhoria de qualidade de vida, favorecendo o empoderamento dos indivíduos, o estímulo ao autocuidado e corroborando a ideia de multiplicadores no âmbito familiar, social e escolar.

Dessa maneira, consegue-se efetivar um dos pilares que compõe as ações de saúde da atenção primária, ou seja, a promoção de saúde.

Além disso, a Educação em Saúde, peça indissociável à realização da promoção de saúde, consegue viabilizar, além dos benefícios supracitados, a aproximação entre discentes e comunidade, contribuindo para construção e o aprimoramento das vivências no tocante aos processos de ensino e aprendizagem.

Trabalhar a saúde na escola de forma problematizada ainda constitui-se como um desafio. O processo de construção de conhecimentos visando à apropriação pelos indivíduos, capazes de opinar e propor nas decisões de saúde, perpassa pela dificuldade de gerar ações adaptadas às realidades e demandas de cada contexto. Neste aspecto, evidenciam-se como dificuldades limitantes destas ações: a resistência ao trabalho e desinteresse de alguns dos alunos pelo assunto, falta de recursos materiais na execução do processo, pouco tempo de contato entre discentes e público-alvo, além da possibilidade de haver uma articulação intersetorial maior entre a instituição de ensino e os serviços de saúde, possibilitando a execução do projeto de intervenção de forma eficaz.

Destaca-se que a importância dessas ações, seja para ciência ou para prática médica, é para que se possa fortalecer o Sistema Único de Saúde (SUS) em todos os níveis de atenção, com foco na atenção básica e a intersetorialidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**: dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em 06 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria interministerial n. 1055, de 25 de abril de 2017**: redefine as regras e os critérios para adesão ao Programa Saúde na Escola – PSE por estados, Distrito Federal e municípios e dispõe sobre o respectivo incentivo financeiro para custeio de ações. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/prt_1055_25_5_2017.pdf>. Acesso em 6 dez. 2018.

CARLINI, Elizaldo L. Araújo (org.). **Prevenção ao uso indevido de drogas (PREVINA)**. São Paulo: Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2015.

CARLINI, Elizaldo L. Araújo *et al.* (superv.). **VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio das redes pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras**: 2010. Brasília: SENAD –Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.

COHEN, Elizabeth G.; LOTAN, Rachel. A. **Planejando o trabalho em grupo: estratégias para salas de aula heterogêneas**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

DALLO, Luana; MARTINS, Raul Aragão. Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 303-14, 2018.

DELIZOICOV, Demétrio; PERNAMBUCO, Marta Maria; ANGOTTI, José André. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde escolar**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INCA – INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Nota técnica: uso de narguilé: efeitos sobre a saúde, necessidades de pesquisa e ações recomendadas para legisladores**. 2. ed. Rio de Janeiro: INCA, 2017.

IPPOLITO-SHEPHERD, Josefa. **Escolas promotoras de saúde-fortalecimento da iniciativa regional: estratégias e linhas de ação 2003-2012**. Washington: OPAS, 2006. (Série promoção da saúde n. 4)

LOPES, Marcos V. de Oliveira. Sobre estudos de casos e relatos de experiência... **REVRENE – Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 4, p. 1, 2012.

MARTINS, Stella Regina *et al.* Medidas eficazes de controle do tabagismo: concordância entre estudantes de medicina. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 43, n. 3, p. 202-7, jun. 2017.

MEDEIROS, Eduardo Mendes. **Alcoolismo: uma breve revisão**. Disponível em <www.psicologia.pt/artigos/textos/A1174.pdf>. Acesso em 27 nov. 2018.

MENEZES, Ana Maria Baptista *et al.* Frequência do uso de narguilé em adultos e sua distribuição conforme características sociodemográficas, moradia urbana ou rural e unidades federativas: Pesquisa Nacional de Saúde (PNS): 2013. **Rev. Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, supl. 2, p. 57-67, dez. 2015.

MORAES, Renata Jacintho Siqueira; BARROCO, Sonia Mari Shima. Concepções do alcoolismo na atualidade: pesquisas hegemônicas, avanços e contradições. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 1, p. 229-37, jan./mar. 2016.

REVELES, Caroline C.; SEGRI, Neuber J.; BOTELHO, Clovis. Fatores associados à experimentação do narguilé entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 89, n. 6, p. 583-7, 2013.

URRUTIA-PEREIRA, Marilyn *et al.* Prevalência e fatores associados ao tabagismo entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 93, n. 3, p. 230-7, 2017.

VALIM, Gisely Giacometti; SIMIONATO, Priscila; GASCON, Maria Rita Polo. O consumo de álcool

na adolescência: uma revisão literária. **Rev. Adolescência & Saúde**, v. 14, n. 4, p. 184-94, out./dez. 2017.

WERNECK, Vera Rudge. Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. **Rev. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 51, p. 173-96, abr./jun. 2006.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Framework Convention on Tobacco Control**. Geneva: WHO, 2013.

CONVERSANDO SOBRE VIOLÊNCIA COM ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bárbara Garcia Munhoz

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Júlia Angeloni Fuentes

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Gabriel Felipe Heringer Feliciano

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Guilherme Martins Decanini

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Larissa Tsukuda

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Letícia Costa Coelho

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Rithelle Aglédia Sampaio

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Stella Bianchini Borges

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Suelen de Almeida Scher

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Taiza de Oliveira Zago

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Thaís Beckert Matz

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Ani Fabiana Berton

Docente do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

RESUMO: A violência juvenil é mais visível e também peculiar, pois os jovens são os ao mesmo tempo agressores e vítimas. A escola tem sido reportada como o lugar onde essa violência mais ocorre e neste contexto a educação em saúde se mostra como uma das estratégias essenciais para o enfrentamento de tal problema. Este estudo tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de medicina em uma ação de educação em saúde na escola sobre o tema violência. Fizeram parte da ação alunos do sexto ano de uma escola pública. Toda a ação foi desenvolvida de

forma interativa utilizando-se de rodas de conversa e dinâmicas de grupo. A vivência inseriu os acadêmicos de medicina em um campo de prática que lhes proporcionou conhecimento da realidade vivida por outros setores da sociedade. Tal experiência acrescentou muito na formação de cada membro do grupo, pois é no contexto das práticas que o graduando de medicina exercita as possibilidades médicas e amplia seus conhecimentos para além dessa área, crescendo como cidadão e multiplicador de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Saúde; Adolescente; Vulnerabilidade social; Promoção da Saúde; Saúde Pública

CONVERSATING ON VIOLENCE WITH TEENAGERS: A REPORT OF EXPERIENCE

ABSTRACT: Youth violence is more visible and also peculiar, since young people are both aggressors and victims. The school has been reported as the place where this violence occurs most and in this context health education is shown as one of the essential strategies for coping with such a problem. This study aims to report the experience of medical students in a school health education action on the topic of violence. Sixth year students from a public school participated in the action. All the action was developed in an interactive way using talk wheels and group dynamics. The experience inserted the medical academics in a field of practice that gave them knowledge of the reality lived by other sectors of the society. This experience has added a lot to the training of each member of the group, because it is in the context of the practices that the medical graduate exercises the medical possibilities and expands his knowledge beyond this area, growing as a citizen and multiplier of knowledge.

KEYWORDS: Health Education; Adolescents; Social Vulnerability; Health Promotion; Public Health.

INTRODUÇÃO

Na Constituição Federal Brasileira de 1988, o conceito de saúde está disposto de forma ampliada, se relacionando com a qualidade de vida e não somente com a ausência de doenças. Essa concepção de saúde requer dos profissionais e das Políticas Públicas, um olhar voltado ao suprimento das necessidades do indivíduo e da comunidade que envolvam os aspectos relacionados a alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde como condições necessárias para se garantir a saúde. Desse modo, é assegurado a todo cidadão, pela Constituição, o acesso universal e igualitário às ações e serviços para promoção,

proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1988).

Ao se adotar o conceito ampliado de saúde, observa-se um deslocamento do foco, a saúde deixa de ser compreendida a partir de uma perspectiva médica curativa, e passa a ser concebida como um processo que envolve promoção e prevenção. Move-se o olhar para os condicionantes e determinantes do processo saúde/doença e suas influências nas interações das ações de saúde com outros setores da sociedade (BEZERRA; SOPRESO, 2016).

Um dos determinantes considerados pelos órgãos de pesquisa ao se avaliar a qualidade de vida de uma população é a violência. Esta gera a nível mundial, altos índices de morbimortalidade contribuindo para problemas de saúde ao longo da vida. Em 1996 em Genebra, durante a Assembleia Mundial da Saúde, foi aprovada uma resolução que declarou a violência um importante problema de saúde pública em todo o mundo (WHO,2014).

A concepção do que é violento é definido por cada sociedade a partir de seus valores, leis, normas, religião, tradição, história, entre outros fatores (CARREIRA, 2005).

Em Brasil (2017, p.89) a violência é apontada como um fenômeno complexo, polissêmico e multideterminado, concebida como o evento representado por ações ou omissões realizadas por indivíduos, grupos, classes, governos ou nações, que ocasionam danos físicos, emocionais, morais e/ou espirituais a si próprio ou a outros. Ela pode expressar-se sob diversas modalidades: agressão física; violência sexual; violências psicológica, institucional e estrutural, entre outras.

Em 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, onde aponta a violência juvenil (10 a 29 anos) como a mais visível também peculiar, pois os jovens são os ao mesmo tempo, principais agressores e vítimas (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA; COUTO, 2006).

No Brasil, os acidentes e as violências apresentam os maiores impactos na morbimortalidade entre as crianças, jovens e adolescentes sendo apontados em diversos estudos como o maior problema de saúde pública para essa faixa etária (PINTO *et al.*, 2018).

A escola, instituição em que crianças e adolescentes passam grande parte de seu tempo, tem sido reportada, com frequência, como lugar em que a violência mais ocorre (GIORDANI, 2017). Este fato é explicado por ser um ambiente de convivência social de jovens e crianças, constituída de pluralidades, e isso torna inevitável divergências e conflitos (CRUZ, 2018)

Ao mesmo tempo a escola se constitui em um espaço fértil e de grande relevância para a promoção da saúde, principalmente por exercer papel fundamental na formação do cidadão crítico, estimulando a autonomia, o exercício de direitos e deveres, o controle das condições de saúde e qualidade de vida e opção por

atitudes mais saudáveis (BRASIL, 2011).

Sendo assim, o Ministério da Saúde, vêm criando políticas, programas e estratégias que estimulam e direcionam ações de saúde para a população adolescente dentro do ambiente escolar (BRASIL, 2017).

Neste contexto, a educação em saúde afigura-se como uma das estratégias que buscam o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, reflexões críticas, e autonomia do sujeito na escolha de hábitos que minimizem riscos e promovam um viver mais saudável (AZEVEDO *et al.*, 2014). Deve-se pensar em ações e intervenções com vistas a promover habilidades empáticas, que se enquadram nos comportamentos pró-sociais. A empatia conceitua-se como a capacidade de se identificar com a perspectiva alheia, de forma a manifestar reações que expressam tal sentimento e compreensão. A sua falta favorece o comportamento agressivo (PAVARINO, 2005).

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de Medicina em uma ação de Educação em Saúde na escola, sobre as situações de violência vivenciadas pelos alunos.

METODO

Este é um estudo descritivo, do tipo relato de experiência. A experiência aqui relatada foi vivida por acadêmicos do sexto período do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do Campus situado no Município de Três Lagoas no Mato Grosso do Sul. Trata-se de uma ação prevista na matriz curricular do curso de medicina, no Eixo denominado Prática de Integração: Ensino, Serviço e Comunidade III (PIESC III). O conteúdo programático do Eixo contempla a elaboração e execução, por parte dos acadêmicos, de um projeto voltado a promoção da saúde de alunos da escola pública.

Com intuito de elaborar o projeto de ação, os acadêmicos de medicina se reuniram com a professora orientadora, momento em que estabeleceram as metas e um roteiro das ações a serem desenvolvidas.

A primeira ação foi conhecer a estrutura física e conversar com os integrantes da comunidade de uma escola pública estadual situada em um bairro periférico no Município de Três Lagoas –MS, com objetivo de estabelecer uma parceria para a concretização do projeto. Posteriormente, em uma reunião entre os acadêmicos de medicina, educadores, coordenador de ensino e diretor da escola, ficou acordado a realização de ações com uma turma de 6º ano do ensino fundamental. A turma em questão apresentava dificuldades de rendimento e, também, sérias dificuldades no relacionamento entre si e com os demais integrantes da comunidade escolar. Essas dificuldades passavam pelas histórias de violência, vividas pelos adolescentes,

tanto no âmbito familiar, quanto escolar.

Assim, definiu-se a proposta do projeto: dialogar e refletir com os alunos sobre as questões relacionadas as situações de violências que prejudicam sua convivência e produtividade no ambiente escolar.

Buscando concretizar a proposta, o projeto foi desenvolvido em forma de oficina e, para a estruturação desta, foram utilizadas atividades interativas. A fase de execução do projeto contou com cinco etapas, sendo elas uma roda de abertura, duas dinâmicas de grupos, um momento de relaxamento e meditação e, por fim, uma roda de reflexão. Todas essas atividades foram desenvolvidas em um único encontro com duração de quatro horas aulas cedidas pelos professores da turma.

Finalizada a execução, os acadêmicos elaboraram o relatório final e apresentaram, em forma de slides sua vivência para os demais colegas de turma, como fechamento do Eixo PIESC III. Essa atividade possibilitou a troca de experiência entre os diversos grupos revelando as fragilidades, dificuldades e facilidades na busca de alcançar os objetivos propostos.

MARCO TEÓRICO

Para desenvolver as ações de educação em saúde o Programa Saúde na Escola (PSE), publicado pelo Ministério da Saúde no ano de 2011, foi utilizado como um referencial teórico. O PSE reconhece a escola como espaço ideal para o desenvolvimento de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde que proporcionam a comunidade escolar o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens brasileiros. Parte do princípio de que nas escolas, “o trabalho de promoção da saúde com os educandos, e também com professores e funcionários, precisa ter como ponto de partida “o que eles sabem” e “o que eles podem fazer” (BRASIL, 2011, p.06).

O Guia de sugestões de atividades: semana saúde na escola, publicado em 2014 pelo ministério da Saúde e criado para orientar os envolvidos com o PSE, também foi utilizado como referência para a realização das atividades práticas desenvolvidas com os adolescentes (BRASIL, 2014). Este guia apresenta de forma clara atividades que favorecem o fortalecimento das relações entre os educandos.

Outro documento que embasou a realização deste projeto foi Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na Atenção Básica, publicado pelo Ministério da Saúde no ano de 2017 (BRASIL, 2017). Neste material encontra-se informações gerais sobre a violência sofrida e praticada por crianças, adolescentes e jovens, bem como orienta condutas de proteção e cuidados que nortearam as ações desenvolvidas

neste trabalho.

A junção dos marcos teóricos apresentados aqui, foi imperativa para o bom andamento do projeto apresentado.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

O Eixo de PIESC III nos trouxe o desafio de realizarmos um projeto de educação em saúde com adolescentes em uma escola pública. Acolhemos com entusiasmo a proposta, mas com o receio inerente a tudo que é novo. Realizar ações com adolescentes, poder ajudá-los em suas dúvidas, nos pareceu muito promissor. E com essa sensação de desbravadores nos dedicamos ao trabalho.

A educação em saúde parte do pressuposto da aprendizagem significativa e problematizadora, propondo estratégias que proporcionam a construção coletiva, conduzindo, ainda, caminhos para o diálogo e relação horizontal (MACHADO, 2012). Sendo assim, fomos ao campo buscar as demandas a serem trabalhadas.

Na primeira reunião com os profissionais da escola, os temas que emergiram estavam todos relacionados à saúde mental. No entanto, evidenciou-se preponderantemente a demanda por ações que abordassem as questões de violência dentro da escola.

A turma escolhida para o desenvolvimento do projeto era constituída por 27 estudantes do sexto ano do ensino fundamental e estavam na faixa etária entre 11 e 17 anos. A maioria vivenciava conflitos referentes à contextos violentos no próprio lar ou na sala de aula. Dessa forma, verificou-se a importância em proporcionar um momento de reflexão acerca de suas relações interpessoais e ambientais.

Viero *et al.* (2015) afirma que é importante incentivar o adolescente a se tornar sujeito ativo do seu cuidado, utilizando para isso estratégias de educação em saúde que visem tanto à promoção da saúde e a prevenção de agravos, como também, o autocuidado.

Para tanto, fomos em busca de ampliar nosso conhecimento sobre o tema violência e também procurar formas de desenvolver ações que fossem produtivas. Encontramos o Guia de sugestões de atividades: semana saúde na escola, que nos direcionou. Utilizamos como guias as fichas para as dinâmicas, proporcionando maior destreza ao realizá-las.

Inicialmente, realizamos uma roda de abertura, em que nos apresentamos mutuamente falando nomes, idades, cidades de origem e algo que mais gostamos de fazer. Tal dinâmica teve como objetivo quebrar barreiras iniciais e promover aproximação. Além disso, foram levantadas questões acerca do tema a ser trabalhado e houve uma pequena explanação e discussão dos conceitos de

violência, convivência social, empatia e respeito.

As rodas de conversa foram utilizadas como estratégia para aproximação da realidade dos alunos, além de promover o diálogo sobre o tema e, conseqüentemente, aflorar variadas opiniões sobre o assunto.

Através dessas rodas se problematiza a realidade para que a conscientização possa ocorrer. Por meio dela, pode-se relacionar as vivências e experiências passadas permitindo a construção de problemas desafiantes que incentivam o aprendizado e promove mudanças de comportamento e contribui para a utilização do que é aprendido em diferentes situações (MELO, 2016).

A roda de conversa se mostra, também, como uma metodologia de trabalho em que a fala é compreendida como expressão de modos de vida (FREIRE, 2003). Como dispositivos de construção de diálogo, elas produzem conhecimentos coletivos e contextualizados, ao individualizar a fala crítica e a escuta, de forma lúdica, não usando nem a escrita, nem a leitura da palavra, mas sim da vivência cotidiana dos envolvidos (FREIRE, 1996).

Sendo assim, tal dinâmica visou superar as dificuldades vividas no âmbito das relações a partir do compartilhamento e discussão com os demais participantes.

Após a roda de abertura, realizamos a primeira dinâmica em grupo, denominada “Varal para prevenção de violência”, foi retirada da Ficha de Atividade número 10 do Guia de Sugestões de Atividade Semana Saúde na Escola (BRASIL, 2014). Esta atividade proporcionou a compreensão das diferentes violências vivenciadas pelos alunos em seu cotidiano e discussão sobre as atitudes que devem ser tomadas em cada situação.

Observamos o quanto a violência verbal está presente no ambiente escolar, assim como manifestações de preconceito, pré-julgamento e *bullying*, relacionado as etnias, situações vivenciadas em ambiente doméstico e classes sociais.

Os estudantes expuseram, também, as violências praticadas por eles mesmos, nos permitindo assimilar que uma vítima pode se tornar um agressor, na tentativa de se defender e gerando, assim, um ciclo de agressões.

O *bullying* é caracterizado por um comportamento agressivo entre os estudantes, tais como atos repetidos e intencionais de opressão, humilhação, discriminação, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos sobre outras pessoas ou grupos, subjugados pela força dos primeiros (MALTA, 2014).

Acredita-se que o *bullying* conjura-se em problemas sociais, culturais, econômicos e históricos (PIGOZI; MACHADO, 2015), tornando-se um forte problema de saúde pública, uma vez que atinge diretamente a vida de adolescentes.

Esta prática pode acontecer de 3 maneiras, a direta e física, direta e verbal e indireta. Na primeira estão incluídas as agressões físicas, o ato de roubar ou estragar objetos, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos

sexuais ou ameaçar fazê-lo e obrigar a realização de tarefas servis. A segunda, engloba insultos, colocar apelidos, “tirar sarro”, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro. A terceira, se refere a situações de exclusão sistemática de uma pessoa do grupo, fazer fofocas, espalhar boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, manipulando, dessa forma, a vida social da vítima (MALTA, 2014).

De acordo com Lopes Neto (2005), violência, agressividade e comportamento antissocial quando estão presentes no ambiente escolar, além de representar um problema de saúde pública importante trazem consequências individuais e sociais.

Ao utilizarmos do aspecto emocional envolvido no contexto da violência, foi possível extrair a essência das consequências psicológicas de tais comportamentos agressivos, analisando principalmente os efeitos, e seu devido grau de gravidade, gerados em cada indivíduo que participou da dinâmica proposta.

Muitas vezes, brigas ocorrem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não seguimento. Durante as atividades vivenciamos troca de ofensas e provocações entre os colegas, tornando o ambiente estressante e de mais difícil manipulação. As ameaças entre estes podem ou não se concretizar em violências físicas, o que gera um clima de tensões cotidianas, trazendo prejuízos para as relações. Estes danos vão além de brigas e desentendimentos, podendo produzir afastamento, diminuição da autoestima, exclusão, depressão, entre outras consequências como déficit ao desenvolvimento do indivíduo.

O *bullying* não deve ser considerado como uma característica normal do desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, mas sim um indicador de risco para a adoção de comportamentos violentos mais graves, incluindo o porte de armas, agressões e lesões frequentes. No Brasil, alguns casos com consequências mais graves, como homicídio e suicídio, têm sido prevalente nas mídias. Por exemplo, podemos citar o “Massacre de Realengo” em 2011, ao qual culminou de uma vingança por *bullying*, em que um ex-estudante matou 12 crianças de uma escola com tiros de revólver, suicidando-se em seguida (PIGOZI; MACHADO, 2015). O que, à princípio, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa. Dessa forma, observamos que a vivência do *bullying* expõe as crianças e os adolescentes à condição de vulnerabilidade.

São diversas e incontáveis as causas desse tipo de atitude. Para a pesquisadora brasileira Fante (2005) atitudes violentas são causadas, entre outras coisas, pela carência afetiva, ausência de limites e pela maneira de afirmação de poder e de autoridade dos pais sobre os filhos, por meio de práticas educativas que incluem maus-tratos físicos e psicológicos violentos. A falta do exemplo familiar em como respeitar o próximo também contribui para tais atos. É no ambiente doméstico que os adolescentes e crianças se relacionam e internalizam situações positivas e

negativas, e a escola é o espaço em que estes exteriorizam o que trazem de casa.

É importante, também, a influência dos pares como forte preditor da violência entre jovens. Visto que, o convívio com pares violentos, principalmente quando estes são socialmente premiados por seu comportamento, tende a fortalecer no grupo padrões 'pró-violência' (SANTOS; MURTA, 2016). De acordo com Leschied *et al.* (2001), essa atitude violenta é potencializada quando são separados de indivíduos com valores sociáveis e não violentos.

A segunda dinâmica, denominada "Discriminação, não!", teve como finalidade promover o combate às ações discriminatórias e desenvolver empatia, autoestima e empoderamento dos alunos.

Durante a realização da dinâmica, que solicitava uma maior interação entre os colegas, observamos uma certa resistência de alguns em realizar as ações propostas. Mostravam-se comedidos e envergonhados, percebemos, também, sentimento de insegurança, ansiedade, medo e estresse.

As observações foram expostas aos alunos e a partir da discussão e reflexão sobre tais sentimentos, buscamos pontuar possibilidades de enfrentamento.

Seguindo a dinâmica, realizamos a prática de meditação, que nos proporcionou um momento de introspecção. Com os olhos fechados e focando a atenção na respiração vivenciamos um momento de tranquilidade em meio a um tema de tanta tensão.

Para finalizar a ação com os adolescentes, realizamos uma roda de reflexão e finalização, trazendo uma síntese sobre as idéias propostas pela oficina e sedimentação dos conceitos discutidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a vivência dessa intervenção, observamos os impactos que a violência causa no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes em período escolar.

A educação em saúde se mostrou uma ótima oportunidade para discussão e reflexão acerca dos problemas vivenciados, tanto para os escolares quanto para nós. Sem dúvida a troca de experiências gerou mudanças em ambos.

Saímos dessa experiência mobilizados para uma assistência integral e humanizada. O carinho e afeto que alguns dos adolescentes manifestaram nos trouxe a certeza de que este tipo de intervenção é significativa.

Temos a clareza de que, para gerar mudança de comportamento, as ações devem ser prolongadas e contínuas, no entanto, quando abrimos para o outro, sempre acontece algo de produtivo.

Tal experiência acrescentou muito na formação de cada membro do grupo, pois é no contexto das práticas que o graduando de medicina exercita as possibilidades médicas e amplia seus conhecimentos para além dessa área, crescendo como cidadão e multiplicador de conhecimento.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, I. C. de, *et al.* Compartilhando saberes através da educação em saúde na escola: interfaces do estágio supervisionado em enfermagem. **R. Enferm. Cent. O. Min.** v.4, n.1, p.1048-1056, jan/abr, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/565/579>. Acesso em: 06 de junho 2019

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2019

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia de sugestões de atividades: semana saúde na escola**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica; Ministério da Educação. Ministério da Saúde, Brasília: 2014. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_sugestao_atividades_semana_saude_escola.pdf>, Acesso em: 16 jun. 2018.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Proteger e cuidar da saúde dos adolescentes na atenção básica**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Brasília, DF, 2017. Disponível em file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf

BEZERRA, Itala Maria Pinheiro; SORPRESO, Isabel Cristina Esposito. Concepts and movements in health promotion to guide educational practices. **Journal Of Human Growth And Development**, [s.l.], v. 26, n. 1, p.11-16, 28 abr. 2016. NEPAS. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.113709>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

CARREIRA, Débora Bianca Xavier. *Violência nas Escolas. Qual o Papel da Gestão? Dissertação de mestrado em política e administração educacional*. Brasília, Universidade Católica de Brasília. 2005. Disponível em: <http://www.btdt.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=293>.

CRUZ, Fatima Maria Leite; MACIEL, Milena Ataíde. 'Excluir', 'Xingar', 'Bater': sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba. **Psicologia Escolar e Educacional**, Recife, Pe, v. 22, n. 2, p.291-300, maio/ago. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n2/2175-3539-pee-22-02-291.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, Sp: Verus Editora, 2005.

FREIRE, Paula. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2003.

FREIRE, Paula. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

GIORDANI, Jaqueline Portella et al. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, Porto Alegre, Rs, v. 21, n. 1, p.103-111, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n1/2175-3539-pee-21-01-00103.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

LESCHIED, A.W.; CUMMINGS, A.L.; VAN BRUNSCHOT, M.; CUNNINGHAM, A.; SAUNDERS, A. A review of the literature on aggression in adolescent girls: Implications for policy, prevention and

treatment. **Canadian Psychology**, v.42, n.3, p.200-215, 2001.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>> Acesso em: 16 jun. 2018.

MACHADO, A. G. M; WANDERLEY; L. C. S. Educação em saúde. Unidade 9. **Una-sus**. Unifesp, 2012.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying in Brazilian school children: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 17, n. 1, p.92-105, 2014. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1809-45032014000500008>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

MELO, R. H. V. *et al.* Roda de Conversa: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Natal, RN. V. 40 (2), 301-309, 2016. Disponível em: <https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/2/unidades_conteudos/unidade09/unidade09.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

PAVARINO, Michelle Girade *et al.* O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **Psico**, Porto Alegre, Rs, v. 36, n. 2, p.127-134, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1382/1082>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, São Paulo, Sp, v. 20, n. 11, p.3509-3522, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3509.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2019.

PINTO, Isabella Vitral *et al.* Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.1-12, 29 nov. 2018. FapUNIFESP (SciELO).. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720180014.supl.1>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

SANTOS, Karine Brito dos; MURTA, Sheila Giardini. Influência dos Pares e Educação por Pares na Prevenção à Violência no Namoro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, Df, v. 36, n. 4, p.787-800, out./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n4/1982-3703-pcp-36-4-0787.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2019.

SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia P L; COUTO, Márcia Thereza. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, Sp, v. 40, n.spe, p.112-120, maio 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000400016>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

VIERO, Vanise dos Santos Ferreira *et al.* Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Criciúma, Sc, v. 19, n. 3, p.484-490, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n3/1414-8145-ean-19-03-0484.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2019.

WHO. World Health Organization. (2014). Global status report on violence prevention 2014. **World Health Organization**. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/145086>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE *BULLYING* E SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ariadne Priscilla de Noronha Almeida

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Carolina Pisani Bastos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Gabriela Gonçalves Corrêa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Ana Carolina Fernandes Nunes Coelho

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Frederico Augusto Oliveira Teixeira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Stefani Nardi

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Ana Maria Farias Ribeiro

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Isabella Rezende dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Luiza Alves da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Marcelo Kwiatkoski

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Bruna Moretti Luchesi

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina e
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,
Três Lagoas-MS

RESUMO: A promoção da saúde mental é relevante para todas as faixas etárias. Quando direcionada a jovens em idade escolar é importante devido à alta incidência de *bullying*, sintomas depressivos e de ansiedade. Essa fase é marcada por transformações e caracteriza-se como momento de escolhas importantes. O objetivo do trabalho foi relatar a experiência de acadêmicos de Medicina durante uma atividade de educação em saúde na escola, voltada para a promoção em saúde mental e *bullying* em escolares do nono ano do ensino fundamental, de uma escola estadual em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Os temas foram selecionados de acordo com a demanda dos estudantes. A

temática sobre saúde mental e *bullying* foi a escolhida. Foram realizados dois encontros e a temática foi abordada com dinâmicas de grupo e rodas de conversa. Concluiu-se que a educação em saúde é de suma importância, pois o âmbito escolar é campo de construção e consolidação de novos conhecimentos. Conscientizar os alunos é uma maneira de estimular o entendimento e assimilação do tema abordado. A experiência contribuiu para o desenvolvimento profissional e pessoal do grupo, viabilizando o contato com a população e permitindo descobrir novos meios de trocar conhecimento, a fim de gerar um impacto positivo na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental; Bullying; Adolescente; Educação em Saúde.

HEALTH EDUCATION WITH FOCUS ON BULLYING AND MENTAL HEALTH OF ADOLESCENTS: A REPORT OF EXPERIENCE

ABSTRACT: Mental health promotion is relevant for all age groups. When targeted at school-age youth it is important because of the high incidence of bullying, depressive and anxiety symptoms. The adolescence is marked by transformations and is characterized as a moment of important choices. The aim was to report the experience of medical students during a school health education activity, focused on the promotion of mental health and bullying in elementary school students from a state school in TrêsLagoas, Mato Grosso do Sul. The theme was selected according to students demand. The subject of mental health and bullying was chosen. Two meetings were held and the theme was approached with group dynamics and conversation wheels. We conclude that health education is of paramount importance, since the school environment is a field of construction and consolidation of new knowledge. Raising students is a way of stimulating the understanding and assimilation of the topic addressed. The experience contributed to the professional and personal development of the group, enabling the contact with the population and allowing to discover new means of exchanging knowledge, in order to generate a positive impact in the community.

KEYWORDS: Mental Health; Bullying; Adolescent; Health Education.

INTRODUÇÃO

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2017), a depressão acomete cerca de 5,8% da população brasileira, ao passo que a prevalência da ansiedade corresponde a 9,3% da população. Além disso, as prevalências de problemas de saúde mental em crianças e adolescentes, no Brasil, modalizam entre 7% e 24,6%, com diligência entre 4% e 7,3% para interferência clínica (MUYLEAERT; DELFINI; REIS, 2015).

A saúde mental de crianças e adolescentes é uma demanda da saúde pública, pois, tradicionalmente, essa temática foi delegada a outros âmbitos, como o da

educação (BURIOLA *et al.*, 2016).

Segundo Buriola *et al.* (2016), com o declínio da mortalidade infantil, as crianças que anteriormente eram expostas à ameaças biológicas de morte, experienciam, atualmente, o estresse relacionado às condições geradas pela expansão do processo de urbanização, violência e alterações na estrutura familiar, deixando-as suscetíveis ao advento de transtornos mentais prematuros.

No novo modelo de atenção em saúde mental, novas propostas de assistência sugerem que a atenção em saúde mental infantojuvenil se desenvolva em vários serviços intersetoriais, entre eles o território e a rede de cuidado, que atuariam de maneira planejada e conjunta para cumprir o desafio de difundir o acesso e qualificar o cuidado (KANTORSKI *et al.*, 2017).

Acompanhando a atual esfera política e de redirecionamento do modelo assistencial, a elaboração de cuidado de saúde mental assume uma nova prática direcionada conforme a faixa etária. Seguindo essa linha, o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) é responsável pela assistência de crianças e adolescentes com sofrimento psíquico acentuado e duradouro (KANTORSKI *et al.*, 2017).

No contexto em que os adolescentes estão inseridos socialmente, permeado por um momento complexo de desenvolvimento biopsicossocial, pela acentuação do processo de desenvolvimento biológico relacionado aos aspectos da estruturação de identidade, autoconceito, autoestima, caráter e de vários outros fatores, atenta-se ao uso experimental inicial de drogas ilícitas, que pode progredir para uso compulsório (SANTOS *et al.*, 2018).

A falta de conhecimento sobre saúde mental pela família, profissionais e público geral pode ser identificada como um fator contribuinte para o estigma associado ao transtorno mental. Por essa razão, o não-tratamento de tais distúrbios leva o adolescente à maior suscetibilidade ao engajamento de comportamentos criminais e baixa performance escolar. Além disso, os torna mais vulneráveis ao desemprego, uso de drogas, pobre saúde sexual e reprodutiva, automutilação e autocuidado inadequado (FUKUDA *et al.*, 2016).

Poton *et al.* (2018), demonstram uma forte relação entre a experimentação/ consumo de álcool ou tabaco por adolescentes e a ocorrência de problemas comportamentais (externalizantes, internalizantes ou ambos) quando possuíam 11 anos de idade.

Outros fatores possivelmente relacionados ao abuso de substâncias na adolescência são a exclusão social e o desengajamento em diversas esferas da vida, segundo dados obtidos com jovens atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSad) do interior do estado de São Paulo (GALHARDI; MATSUKURA, 2018).

Ao estudar a saúde mental de jovens submetidos ao sistema socioeducativo, Ribeiro e Deslandes (2018) analisaram a relação entre as equipes de saúde, a rede de saúde mental e o próprio sistema socioeducativo, bem como entre suas respectivas gestões. É evidenciada como uma das principais dificuldades dessa relação a fragilidade dos pactos estabelecidos pelas gestões das equipes envolvidas, o que impacta negativamente o cotidiano das ações de saúde mental desenvolvidas.

Sobre os desdobramentos do *cyberbullying* na saúde mental de adolescentes, Bottino *et al.* (2015) pontuam que *cybervítimas* e *cyberbullies* tinham maior prevalência de problemas emocionais, psicossomáticos e sociais. Além disso, também foi encontrada associação dessa prática com a ocorrência de sintomatologia depressiva, ideação e tentativas de suicídio, e abuso de substâncias.

Assim, este trabalho teve como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de Medicina durante atividade de educação em saúde na escola, voltada para a promoção em saúde mental e *bullying* escolares.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, a respeito de atividade realizada em escola pública estadual do Município de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Um total de 649 alunos estudam na escola, sendo que 485 cursam o Ensino Fundamental e 164 o Ensino Médio. O público alvo da ação foram alunos de três turmas do nono ano do Ensino Fundamental.

A atividade foi realizada por acadêmicos do terceiro período do curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do campus de Três Lagoas, durante a disciplina Prática de Integração: Ensino, Serviço e Comunidade III, no segundo semestre de 2018.

Inicialmente os alunos se reuniram com a docente coordenadora na universidade, para apresentação dos objetivos da atividade e planejamento inicial. Em seguida, os acadêmicos se reuniram com os alunos e profissionais da escola para definir, com base nas demandas, qual assunto seria abordado. O tema central definido foi saúde mental, considerando diferentes subtemas de relevância, como depressão, transtornos de ansiedade e alguns fatores de risco relacionados.

A terceira etapa consistiu no planejamento da intervenção. Para atrair a atenção dos alunos, foram utilizadas dinâmicas em grupo, em dois encontros, para esclarecer e informar sobre os tópicos abordados. No primeiro encontro foi realizada uma dinâmica para integração do grupo. Consistia escreverem um papel uma qualidade ou defeito próprio e entregar para outro aluno que julgavam possuir a mesma característica, sendo que nenhum aluno poderia ficar sem papel.

Posteriormente, para iniciar a abordagem do assunto, os alunos responderam três perguntas em outro papel: O que te marcou de forma negativa? O que te deixa para baixo? O que você faz quando isso acontece? Os papéis foram trocados entre os alunos e alguns lidos. À medida que os conteúdos surgiram, os acadêmicos apresentaram para os estudantes os assuntos mais requisitados.

No segundo encontro, foi realizada uma gincana, na qual os estudantes foram divididos em dois grupos para julgar, verdadeiro ou falso, temas sobre saúde mental, que foram elencados a partir das dinâmicas do primeiro encontro.

Nove afirmativas foram feitas para os grupos, e quando os alunos julgavam verdadeira a afirmativa, levantavam a mão. Eram elas: 'O fato de eu querer ficar sozinho ou me machucar quando estou deprimido vai ajudar a resolver o meu problema', 'Eu me sentir mal e me machucar é uma forma de autopunição', 'Não devo me preocupar se um amigo disser que está muito triste por muitos dias, por que ele provavelmente está fazendo drama', 'É comum eu ficar muito triste com a perda de algum ente querido por muito tempo após o ocorrido', 'Eu sou ansioso quando tudo o que eu quero é que a aula termine logo', 'Fazer coisas que eu gosto ajuda a aliviar os sentimentos ruins', 'Devo decidir o que fazer com o meu visual baseado no que os outros pensam de mim', 'Quando eu presencio uma situação na qual uma pessoa se encontra em risco eu não tenho ninguém a quem recorrer', 'É certo eu rir de uma situação só porque uma maioria está fazendo o mesmo'. O grupo que possuía maior número de respostas corretas, marcava um ponto.

Os acadêmicos abordaram os assuntos referentes às perguntas, tirando dúvidas e instigando a concepção dos alunos sobre o assunto. Por fim, foi feita uma premiação simbólica para todos os alunos participantes, assegurando a finalidade de realizar a gincana apenas para estimular o interesse dos estudantes.

Os resultados são apresentados de forma descritiva e subjetiva, através das falas e percepções dos acadêmicos de Medicina participantes da experiência.

MARCO TEÓRICO

No Brasil, em 2007, foi instalado o Programa Saúde na Escola (PSE) que conduz uma política de governo que compreende a produção da saúde, na formulação, implementação e acompanhamento de políticas públicas que possam ter impacto positivo sobre a saúde da criança e do adolescente e que acata aos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS): integralidade, equidade, universalidade, descentralização e participação social (BRASIL, 2018).

Este programa empenha-se em ser uma nova referência da política de educação em saúde e busca contribuir para a construção de saberes além de articular e

gerenciar o envolvimento de alunos, pais, comunidade escolar e sociedade ao lidar com a saúde de maneira integral (CARVALHO, 2015).

A promoção de saúde se instaura como um dos sustentáculos mais importantes no acompanhamento e redução da prevalência de agravos e riscos em saúde, atuando desta maneira no processo de elucidação das problemáticas que são prioritárias e dos possíveis retornos sociais para combatê-los (ARREAZA; MORAES, 2010).

Em conjunto com a promoção em saúde, encontra-se a educação em saúde, que busca elucidar o conhecimento sobre a saúde e consequente apropriação da temática pela população, que vê em constante crescimento sua autonomia no cuidado e manutenção do próprio bem-estar, habilitando-se a debater com profissionais e gestores de saúde perscrutando a obtenção de uma atenção em saúde que atenda suas necessidades e demandas (FALKENBERG *et al.*, 2014).

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Devido ao clima a quantidade de alunos em sala era pequena (15 adolescentes) e se mostravam apreensivos, confirmando a necessidade de dinâmicas em grupo. Durante as dinâmicas, os acadêmicos se organizaram a fim de evitar a dispersão e motivar a interação. No decorrer da atividade percebemos que muitos alunos se auto classificavam como ansiosos e inquietos, reforçando a indispensabilidade do tema tratado. Nos deparamos também com histórias de automutilação, atitude cuja incidência tem aumentado nos últimos 30 anos (FORTES; MACEDO, 2017).

A segunda turma - com 17 presentes - mostrou uma maior interatividade entre si e com os graduandos. Durante a atividade, uma das alunas foi vítima de *bullying*, realizado por alunos do mesmo grupo, fato que nos chamou bastante atenção. Além disso, houve novas manifestações de casos de ansiedade. Esse acontecimento fortaleceu a idéia de que o *bullying*, apesar de não ser assunto sobre o qual os alunos abordariam, é fundamental, por ser uma atitude evidente ou se apresentar de forma implícita, podendo até ser considerada como uma brincadeira normal da idade (OLIVEIRA-MENEGOTTO *et al.*, 2013).

A última turma, - com 21 alunos- se mostrou mais dispersa, o que dificultou a execução da atividade, entretanto, não impediu a realização da dinâmica. Percebemos conversas paralelas constantes e brincadeiras sempre que alguém se sentia à vontade de falar a respeito do assunto que estava sendo tratado. Porém, a dinâmica foi conduzida e controlamos os imprevistos. Segundo Nunes (2004), o imprevisto se dá por uma estratégia alternativa, porém diversas vezes até mais eficaz, de coordenar a atividade e atrair a atenção dos alunos acerca do tema.

Como resultado da prática realizada no primeiro dia, notamos diversas

manifestações de quadros de ansiedade e baixa autoestima.

Na segunda visita à escola os alunos foram divididos em dois grupos, separados aleatoriamente conforme entravam na sala. A ideia inicial era a realização de uma dinâmica semelhante à brincadeira ‘morto e vivo’, mas optamos por realizar apenas com as mãos devido à presença de uma aluna cadeirante em uma das turmas, sendo a mesma dinâmica estendida para todas as turmas. Não achamos interessante alterar o trabalho em apenas uma das turmas, para que a aluna não se sentisse excluída, por conseguinte, houve alteração em todas as turmas. As dinâmicas foram escolhidas para substituir as apresentações, pois possibilitam adquirir, além do conhecimento teórico, a capacidade de agir em situações inesperadas (ALBERTI *et al.*, 2014).

As afirmativas escolhidas para abordar o assunto com os alunos estavam relacionadas, principalmente, à depressão e ao *bullying*.

A afirmativa mais discutida foi a relacionada à morte de entes queridos, tornando necessária explicação sobre a diferença entre luto e luto complicado (ou patológico), que não era conhecida pela maioria dos adolescentes. Durante a realização dessa atividade, houve comoção com a temática, já que a perda de familiares era recente em alguns casos. Essa situação nos possibilitou perceber a necessidade de falar sobre morte, assunto tido como tabu no Brasil, em a maioria dos países de cultura ocidental.

O ser humano confere símbolos às diversas situações e pessoas que o cercam, além de prematurar a incógnita relacionada ao processo de morrer e à morte propriamente dita, tentando apartar a ideia na crença de uma falsa imortalidade (MACHADO *et al.*, 2016), principalmente quando se considera o desenvolvimento de tecnologias para garantir uma infinidade de processos visando postergar o fim da vida. Isso nos fez refletir a respeito da necessidade de nos prepararmos ainda mais para vivenciar situações como essa, pois “o médico se torna o ator social no qual se deposita a função de deter a morte” (SANTOS; AOKI; OLIVEIRA-CARDOSO, 2013, p.2626), portanto precisamos aprender a defrontar a morte e o luto e também passar isso para nossos pacientes e seus familiares.

A respeito da dinâmica, a primeira turma compreendeu o intuito e interagiu ativamente à proposta. Enquanto líamos as afirmações, alguns alunos se sentiram confortáveis para expressar suas opiniões e nos fizeram perguntas relacionadas ao tema.

Na segunda turma, os alunos tiveram dificuldade para entender a atividade que estava sendo proposta e esta não ocorreu conforme o planejamento. De qualquer forma, foi possível realizar a discussão do tema e abordar as temáticas mais importantes, principalmente o *bullying*. Durante esse encontro, pudemos notar pela postura e comentários de alguns alunos, a prática do *bullying* mesmo durante

o desenvolvimento de uma atividade sobre o tema, a baixa autoestima e sinais de tristeza e desânimo, bem como a opressão principalmente relacionada à aparência física. Durante as discussões realizadas abordamos como os fenômenos estão intimamente relacionados, pois indivíduos que são alvo de *bullying* apresentam maiores chances de desenvolver depressão e outros sintomas associados à saúde mental (FORLIM; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2014).

Vale ressaltar que o jovem se encontra vulnerável ao passar pelo processo árduo que é adolecer, sendo que esta etapa é referida como uma fase de crise e conflitos. Tal período já se apresenta com profundas e constantes transformações, tanto na questão psíquica, quanto nas questões físicas e sociais. O indivíduo, ao iniciar esta etapa da vida, encontra-se em um novo corpo, que busca uma nova identidade e que assinala a sua transição do âmbito familiar ao âmbito social (BIAZUS; RAMIRES, 2012). Enquanto estas mudanças acarretam angústias por si só, determinadas situações no campo escolar só agravam os sentimentos ruins que se dão neste momento de construção de uma nova imagem.

Observando os alunos, em geral, a conscientização sobre *bullying* e assuntos afins foi constatada, porém, mesmo conhecendo-a em termos teóricos, a prática não foi condizente. Percebemos algumas situações desagradáveis durante o debate, como risos, piadas e brincadeiras relacionadas à discussão exposta pelos acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos iniciais do trabalho eram discussões sobre a temática de saúde mental, visando maximizar o conhecimento dos alunos da escola a respeito do tema devido à demanda deles mesmos. Durante nossas práticas, percebemos com nitidez a necessidade da discussão que estava sendo realizada, pois vários estudantes se manifestaram durante as visitas e nos deram respostas positivas a respeito do que foi realizado.

Notamos também a necessidade de discutir, juntamente com saúde mental, a respeito de *bullying*, pois notamos durante as visitas a realização de comentários e brincadeiras de alguns alunos em relação a outros, mesmo que os adolescentes tenham dito que não precisavam mais discutir a respeito desse tema. Nossa intenção, nesse caso, era tentar mostrar a eles que a teoria estava consolidada, mas eles precisavam colocá-la em prática.

O assunto delicado que nos propusemos a lidar com os alunos em nossas idas à escola e dinâmicas estabelecidas, corroboram de forma positiva com o nosso desenvolvimento profissional e pessoal, viabilizando o contato e aproximação com

a comunidade, além de nos desafiar a superar dificuldades acerca da desenvoltura em lidar com um grupo grande de pessoas em idade escolar. Além disso, enriqueceu a vivência do grupo como profissionais no âmbito da saúde, responsáveis pela promoção e educação da área, buscando formas de aperfeiçoar a escuta e estabelecer vínculo com os pacientes, com o intuito de transmitir com segurança a informação acerca da saúde.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, T.F.*et al.* Dinâmicas de grupo orientadas pelas atividades de estudo: desenvolvimento de habilidades e competências na educação profissional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 95, n. 240, p. 346-362, 2014.
- ARREAZA, A.L.V.; MORAES, J.C. Vigilância da saúde: fundamentos, interfaces e tendências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 4, p. 2215–2228, 2010.
- BLAZUS, C.B.; RAMIRES, V.R. Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. **Psicologia em Estudo** v. 17, n. 1, p. 83-91, Jan./Mar. 2012.
- BOTTINO, S.M.B.*et al.* Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 3, p. 463-475, Mar. 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de atenção à saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Geral de Alimentação e Nutrição. **Programa Saúde na Escola**. Brasília: MS; 2018.
- BURIOLA, A.A.*et al.* Sobrecarga dos cuidadores de crianças ou adolescentes que sofreram transtorno mental no município de Maringá - Paraná. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 344-351, Jun. 2016.
- CARVALHO, F.F.B. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1207-1227, 2015.
- FALKENBERG, M.B.*et al.* Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva** [online] v. 19, n. 3, p. 847-852, 2014.
- FORLIM, B.G.; STELKO-PEREIRA, A.C.; WILLIAMS, L.C.A. Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 367-375, Set. 2014.
- FORTES, I.; MACEDO, M.M.K. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, v. 20, n. 38, p. 353-367, 2017.
- FUKUDA, C.C.*et al.* Mental health of young brazilians: barriers to professional help-seeking. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 33, n. 2, p. 355-365, 2016.
- GALHARDI, C.C.; MATSUKURA, T.S. O cotidiano de adolescentes em um centro de atenção psicossocial de álcool e outras drogas: realidades e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, 2018.
- KANTORSKI, L.P.*et al.* Atenção psicossocial infantojuvenil: interfaces com a rede de saúde pelo sistema de referência e contrarreferência. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 26, n. 3, 2017.

MACHADO, R.S.; LIMA, L.A.A.; SILVA, G.R.F.; MONTEIRO, C.F.S.; ROCHA, S.S. Finitude e morte na sociedade ocidental: uma reflexão com foco nos profissionais de saúde. **Cultura de los Cuidados (Edición digital)**, v. 20, n.4, 2016.

MUYLAERT, C.J.; DELFINI, P.S.S.; REIS, A.O.A. Relações de gênero entre familiares cuidadores de crianças e adolescentes de serviços de saúde mental. **Physis**, v. 25, n. 1, p. 41-58, Mar. 2015.

NUNES, C.M.F. **O saber da experiência de professores de séries iniciais**: condições de produção e formas de manifestação. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L.M.; PASINI, A.I.; LEVANDOWSKI, G. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 2, p. 203-215. Maio-Ago. 2013.

POTON, W.L.; SOARES, A.L.G.; GONÇALVES, H. Problemas de comportamento internalizantes e externalizantes e uso de substâncias na adolescência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 9, 2018.

RIBEIRO, D.S.; RIBEIRO, F.M.L.; DESLANDES, S.F. Saúde mental de adolescentes internados no sistema socioeducativo: relação entre as equipes das unidades e a rede de saúde mental. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, 2018.

SANTOS, A.R. *et al.* Instrumentos relacionados ao consumo de drogas em adolescentes: Revisão Integrativa. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 27, n. 3, e0370017, 2018.

SANTOS, M.A.; AOKI, F.C.O.S.; OLIVEIRA-CARDOSO, E.A. Significado da morte para médicos frente à situação de terminalidade de pacientes submetidos ao Transplante de Medula Ósea. **Ciência&SaúdeColetiva**, v.18, n.9, p.2625-2634, 2013.

WHO. World Health Organization. **Depression and Other Common Mental Disorders**: Global Health Estimates. Geneva:World Health Organization; 2017. Licence: CC BY-NC-SA3.0 IGO.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sergio Chociay Junior

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Natália Garcia Gaban

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Thamy Maluff de Mello

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Daniel Moda de Francisco

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Humberta Correia Silva Azambuja

Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul, Campus Três Lagoas, Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem, Três Lagoas-MS

Patricia Medeiros Silva Grilo

Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul, Campus Três Lagoas, Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem, Três Lagoas-MS

Edis Belini Junior

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina e
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,
Três Lagoas-MS

Tatiana Carvalho Reis Martins

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina e
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,

Três Lagoas-MS

Bruna Moretti Luchesi

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina e
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,
Três Lagoas-MS

RESUMO: Diante das diversas modificações psicossociais e biológicas vivenciadas pelo adolescente, a educação em saúde é imprescindível na tentativa de evitar determinados comportamentos de risco. O objetivo foi relatar a experiência de acadêmicos de Medicina em uma ação de educação em saúde na escola sobre gravidez na adolescência. Trata-se de um relato de experiência de uma ação em saúde realizada numa escola Estadual do município de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, no segundo semestre de 2018. A abordagem de educação sexual com ênfase em gravidez na adolescência foi essencial. Além de servir como uma estratégia gratificante para os acadêmicos envolvidos, pôde propiciar uma discussão da realidade a partir de critérios como acessibilidade à informação, contexto familiar, maternidade e paternidade. Foram problematizados os conhecimentos em saúde por meio da participação dos alunos, exprimindo uma deficiência de políticas

públicas relacionadas à temática. Foi constatada a necessidade da educação sexual na adolescência como forma de prevenir a gravidez nessa faixa etária, o que gerou o anseio de desenvolver ações de educação em saúde tanto no cenário acadêmico, quanto na prática médica, propiciando um enriquecimento profissional e pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em saúde; Gravidez; Adolescente; Sexualidade; Vulnerabilidade Social.

HEALTH EDUCATION ON PREGNANCY IN ADOLESCENCE: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT: Given the various psychosocial and biological changes experienced by the adolescent, health education is essential to avoid certain risk behaviors. The aim was to report the experience of medical students in a health education action at school on teenage pregnancy. This is an experience report of a health action carried out at a public school in the municipality of TrêsLagoas, Mato Grosso do Sul, in the second half of 2018. The approach to sex education with an emphasis on teenage pregnancy was essential. Besides serving as a rewarding strategy for the academics involved, it could provide a discussion of reality based on criteria such as accessibility to information, family context, maternity and paternity. The knowledge on health was problematized through the participation of the students, expressing a deficiency of public policies related to the theme. It was verified the need of sex education in adolescence as a way to prevent pregnancy in this age group, which generated the desire to develop health education actions both in the academic setting and in medical practice, providing a professional and personal enrichment.

KEYWORDS: Health Education; Pregnancy; Adolescent; Sexuality; Social Vulnerability.

INTRODUÇÃO

A Educação em Saúde é, para além de um processo educativo, um processo social, político, ético, histórico e cultural. Este conceito busca, por meio de estratégias educativas, proporcionar a autonomia dos sujeitos no compartilhamento de conhecimentos e saberes, tendo por finalidade moldar padrões de comportamento (SANTOS *et al.*, 2017).

Desse modo, faz-se necessário, pela ampla importância da construção do ser social, o empoderamento do indivíduo o mais precocemente possível, sobretudo na adolescência, que por se caracterizar como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, é fortemente marcada por incertezas e contradições. Assim, diante das diversas modificações psicossociais e biológicas vivenciadas pelo adolescente, a educação em saúde se torna imperativa no tocante à tentativa de prevenir

determinados comportamentos de risco, já que neste momento da vida ocorre intenso desenvolvimento da sexualidade, podendo culminar em sexo desprotegido, levando a diversas complicações, tais como gravidez indesejada e/ou contaminação por Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) (VIERO *et al.*, 2015).

Este empoderamento, no entanto, ainda sofre grande limitação, uma vez que as políticas públicas voltadas aos adolescentes ainda são insuficientes para abordar o tema da sexualidade. Ademais, nas últimas décadas, têm-se vivido intensas mudanças nos paradigmas sociais, relacionados à maior liberdade para o desenvolvimento da sexualidade. Dessa forma, verifica-se o início cada vez mais precoce da vida sexual, o aumento do número de parceiros e do não uso de preservativos, além do acréscimo de casos de ISTs. Tais fatores demonstram a vulnerabilidade dessa faixa etária, indicando a necessidade de se ampliar pesquisas voltadas a esse público (SILVA *et al.*, 2015).

Observa-se, nestas circunstâncias, que a taxa de fecundidade entre jovens de 15 a 19 anos é, mesmo nos dias atuais, uma questão crítica que deve adentrar as pautas de discussões no contexto escolar. Por conseguinte, a insuficiência de informações acerca da sexualidade pode gerar repercussões negativas na vida do adolescente, levando-o ao abandono dos estudos, o que prejudica a sua qualificação profissional e futura inserção no mercado de trabalho. Outrossim, demonstra-se a falta de planejamento familiar, colaborando para perpetuação de um ciclo, no qual padrões de comportamento que levam à ausência de perspectiva são propagados de uma geração para outra (MELO *et al.*, 2017).

Em adição, a gravidez precoce representa um problema de ordem social e de saúde pública, tanto no que diz respeito ao Brasil como em muitos outros países do mundo. A literatura demonstra quantitativamente que a cada 100 grávidas, aproximadamente 28 são menores de 18 anos de idade. Isso evidencia a importância dada ao tema, já que 21% da população total no Brasil é representada por adolescentes. Ademais, as transformações biopsicossociais próprias da faixa etária somadas às modificações da gravidez contribuem para a excessiva sobrecarga enfrentada por esse público (RODRIGUES *et al.*, 2017).

Outra questão de destaque diz respeito ao nível socioeconômico das adolescentes, em que as classes econômicas desfavorecidas estão apresentando elevados índices de gravidez na adolescência, ao passo que a classe alta está em declínio em relação a esse evento. A literatura mostra que a idade das adolescentes grávidas também varia muito, desde os 13 aos 18 anos de idade, sendo que as mais novas são pertencentes às classes sociais mais baixas. Além disso, a menor escolaridade também é fator de risco relacionado à gravidez precoce, apresentando maior vulnerabilidade ao fenômeno, assim como as modificações psicossociais oriundas da gestação como os medos e preocupações, adiamento de metas para o

futuro, privação na adolescência, afastamento de amigos e familiares, e mudanças no estilo de vida (TABORDA *et al.*, 2014; COSTA *et al.*, 2018).

Vale ressaltar ainda que a modificação de pensamentos e valores da sociedade impacta diretamente na gravidez na adolescência. Até meados do século XX, a gravidez nessa faixa etária não era considerada uma questão de saúde pública nem tampouco, um problema. A gravidez era tida como sinônimo de estabilidade, casamento e prosperidade. No entanto, com a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho e as mudanças de paradigmas sociais, esse fenômeno passou a ser visto com cautela, sendo responsável por alterar o ciclo natural do desenvolvimento, contrário à expectativa de que ser mãe deve ser um papel social assumido após estudos e carreira profissional estarem concretizados (NASS *et al.*, 2017).

Portanto, percebe-se a importância do tema sexualidade para o público adolescente, tendo em vista a conscientização quanto aos diversos riscos existentes à saúde dos mesmos. Para isso, vale ressaltar a importância da família, da escola e do governo como entidades formadoras de opinião e responsáveis pela educação dos mais jovens (DIAS *et al.*, 2017).

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de Medicina em uma ação de educação em saúde na escola sobre gravidez na adolescência.

MÉTODOS

Segundo Yoshida (2007), relatos de experiência representam uma forma de apresentação científica simplificada, porém essencial para o desenvolvimento e exposição de informações relativas às situações vivenciadas. Nesse ínterim, relatar experiências torna-se o elemento essencial para o oferecimento de recursos imprescindíveis para aplicação de terapêuticas apropriadas a partir de determinados contextos, construindo-se o saber médico.

O presente relato de experiência apresenta como cenário o município de Três Lagoas, situado no estado de Mato Grosso do Sul, o qual representa o terceiro município mais populoso do estado, contando com aproximadamente 101 mil habitantes (IBGE, 2017). Soma-se ainda o fato de que os dados estatísticos do censo escolar de 2017 apontam que 15.441 jovens em idade escolar estão matriculados nas 18 escolas estaduais presentes no município (MATO GROSSO DOSUL, 2018). Vale ressaltar que a instituição em que se aplicou as ações de educação em saúde é uma escola estadual, localizada em um bairro próximo ao centro da cidade. Outro ponto de destaque é a escassez de recursos e infraestrutura

na instituição escolhida, ilustrada pela ausência de sala de estudos e laboratórios para desenvolver atividades práticas.

A experiência relatada faz parte da matriz curricular de uma disciplina ofertada ao curso de Medicina de uma Universidade Federal, titulada Prática Integrativa Ensino, Serviço e Comunidade III(PIESC III). Os alunos encarregados da execução das atividades cursavam o terceiro semestre do curso mencionado.

O presente documento busca evidenciar por meio de descrições e análises a intervenção realizada na escola estadual, que teve por objetivo a educação em saúde de jovens do primeiro ano do ensino médio, com média de 15 anos de idade, relacionadas ao tema sexualidade, sobretudo, gravidez na adolescência.

A temática da atividade foi elencada durante uma reunião de análise do público-alvo no âmbito escolar, que nesse contexto, eram os alunos do primeiro ano do ensino médio. Visitas às salas de aula foram realizadas a fim de que os alunos propusessem temas de interesse coletivo, bem como sugerissem a forma de abordagem mais interessante para o aprendizado. Tal atitude teve por objetivo selecionar assuntos associados à realidade vivenciada pelos jovens, de modo que possibilitasse esclarecer possíveis dúvidas e aplicar a temática tratada às relações sociais. Os discentes e a docente responsável, em acordo com os profissionais da escola estadual, identificaram como pertinentes em relação às necessidades dos alunos, os temas: gravidez na adolescência e as principais ISTs. Neste relato será apresentada apenas a primeira temática supracitada.

Acerca da programação da atividade, a primeira etapa constou de reunião entre os acadêmicos do curso de Medicina e a professora orientadora, a fim de estabelecer metas e um esboço de ação a ser desenvolvido. A segunda etapa se concretizou na instituição de ensino estadual, na qual houve um debate entre os discentes, a direção da escola e o público-alvo, para identificar o perfil dos jovens, buscando selecionar os temas mais pertinentes à realidade dos mesmos. Na terceira etapa foi elaborado o plano de ação, bem como um roteiro das atividades a serem desenvolvidas na escola. A quarta etapa se baseou na execução das atividades de intervenção. A quinta e última etapa fundamentou-se na elaboração do relatório da experiência.

Houve dois momentos idênticos para o desenvolvimento das atividades, no mesmo dia, para duas turmas do primeiro ano do ensino médio. A escola disponibilizou, em outubro de 2018, dois períodos de aula com cada turma, que aconteceram entre 7:30 e 9:10 horas e entre 9:40 e 11:20 horas com a primeira e segunda turma, respectivamente.

Inicialmente, foi realizada a apresentação do grupo de intervenção, a aplicação de um questionário de conhecimentos prévios do assunto abordado e a organização da atividade, com duração de cerca de 10 minutos.

Após esse momento, deu-se início à intervenção propriamente dita, em formato de peça teatral, acerca da temática gravidez na adolescência. Os recursos utilizados na apresentação foram músicas, figurino, teste de gravidez e maquetes relacionadas à fisiologia da gestação. Ademais, o cenário da apresentação compôs-se basicamente por mesas e cadeiras disponíveis na sala de aula onde se deu a encenação teatral, com duração de cerca de 40 minutos.

Seguindo o plano de ação proposto, foi realizada uma segunda atividade, caracterizada por roda de conversa, com a finalidade de se discutir o tema apresentado. Para isso, o público-alvo foi disposto em círculo, visando tornar a proposta de diálogo mais informal e a construção de vínculo com os alunos abordados. Além disso, foram realizadas 12 perguntas aos estudantes, os quais tiveram cerca de dois minutos para a resolução de cada uma delas. Finalmente, as dúvidas que emergiram durante as perguntas foram esclarecidas pela equipe de intervenção e, concluindo a atividade, a qual durou cerca de 45 minutos.

Para o fechamento da disciplina PIESC III foi proposta uma apresentação em slides das intervenções realizadas no âmbito escolar a fim de relatar as experiências vivenciadas. Isso possibilitou a troca de informações entre os diferentes grupos envolvidos na disciplina que tiveram contato com outros jovens, outras faixas etárias e temas diversos.

Finalmente, mediante um plano de análises, os resultados da atividade foram apresentados de forma subjetiva, descritiva e qualitativa, a partir das percepções e falas dos acadêmicos de Medicina que participaram da intervenção.

MARCO TEÓRICO

O referencial teórico utilizado foi embasado no documento 'Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na Atenção Básica', publicado pelo Ministério da Saúde no ano de 2017. Essa referência teve grande importância para a execução do projeto já que contém informações gerais sobre a gravidez na adolescência, sexualidade e paternidade, bem como dados relativos ao acompanhamento pré-natal, contracepção de emergência, parto e nascimento (BRASIL, 2017a).

Outro marco teórico utilizado foi o Programa Saúde na Escola (PSE), publicado pelo Ministério da Saúde no ano de 2011. Esse documento tem por objetivo apresentar metodologias ativas para a construção do conhecimento, nas quais os estudantes, em conjunto com os educadores, trabalham em prol da formação (BRASIL, 2011). Outros autores mencionam que o PSE fortalece o enfrentamento das vulnerabilidades que os jovens são expostos e por meio de articulação intersetorial é possível permitir atenção integral na rede pública de ensino por meio do desenvolvimento de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde (FARIAS

et al., 2016).

Correlacionando os dois marcos teóricos apresentados, as ações de educação e promoção da saúde e o impacto das mesmas sobre a gravidez na adolescência, tem-se a melhor compreensão acerca do fenômeno estudado e das formas de sua prevenção. De acordo com dados do Ministério da Saúde, a expansão da Estratégia Saúde da Família e a maior distribuição de métodos contraceptivos, aliados ao PSE foram responsáveis pela redução entre 2004 e 2015, de 17% dos casos de gravidez na adolescência. (BRASIL, 2017b).

Portanto, consideramos de suma importância a junção de todos os marcos teóricos utilizados para a concretização das ações de educação em saúde.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Existe um expressivo progresso em políticas governamentais focadas em assegurar direitos sexuais e reprodutivos. Nesse ínterim, a escola é considerada como um local privilegiado de respeito à diversidade de expressões de sexualidade, além de um espaço essencial para o estabelecimento da cidadania e para redução da vulnerabilidade social em jovens (MARCON; PRUDÊNCIA; GESSER, 2016). Portanto, durante o planejamento das atividades, esses valores escolares puderam ser reconhecidos para que fossem exercidos durante as atividades propostas de educação sexual.

É impreterível ratificar que a escolha do público alvo foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho. No Brasil, mesmo com um declínio de fertilidade entre mulheres jovens de 15 a 19 anos no início do século XXI, ainda foram identificados 559.991 nascimentos em 2013, e, segundo o Fundo de População das Nações Unidas, 65 gestações para cada mil meninas foram documentadas no período de 2006 a 2015 (MELO *et al.*, 2017; COSTA *et al.*, 2018). Por conseguinte, buscou-se empreender um projeto que abordasse adolescentes nessa fase de idade, correspondente ao primeiro ano do ensino médio, de modo que a problemática de gravidez na adolescência pudesse ser discutida.

Após a compreensão inicial do perfil dos adolescentes e da análise das temáticas com maior demanda no âmbito de educação em saúde, retornamos à Universidade para promovermos uma organização de impressões adotadas e ideais a serem seguidos, a fim de preparar as atividades que seriam aplicadas aos alunos. Nesse processo, chegamos então à conclusão de que faríamos uma apresentação teatral, seguida por uma roda de conversa com a temática gravidez na adolescência.

Segundo Diba e d'Oliveira (2015), o objetivo de uma atividade teatral não deve ser considerado como um meio de encorajar os participantes a se adaptarem

mais efetivamente ao mundo, mas como forma de encorajar seus integrantes a imprimirem suas ideologias no âmbito de mudança social. Desse modo, quando pensamos sobre a realização de um teatro, buscamos a elaboração de uma peça para contemplar os valores enquanto estudantes de Medicina, a fim de viabilizar um processo de transformação social a partir do uso de recursos artísticos.

Outrossim, é importante inferir que as instituições públicas de ensino possibilitam a ocorrência de relações interpessoais que se fundam em práticas e experiências em saúde, o que permite a problematização do processo de saúde-doença em ambiente escolar. Nesse contexto, os colégios emergem com significativas contribuições para o campo de promoção da saúde, fomentando discussões relevantes para a construção de panoramas mais positivos em relação à vida com qualidade (SILVA; BODSTEIN, 2016). Dessa forma, além de elaborarmos um teatro com finalidade de fomentar mudanças sociais, pensamos em uma alternativa de roda de conversas após essa atividade com o intuito de continuar o desenvolvimento da ação de educação sexual a partir de metodologias ativas, com interação e participação dos discentes.

Para montar, promover e discutir as atividades propostas, tomou-se como base quatro perspectivas: a acessibilidade à informação, o contexto familiar, o ponto de vista da maternidade e a função da paternidade. Por meio dessas abordagens, foi desenvolvido um projeto que primasse pela integralidade dos sujeitos abordados, avaliando a gravidez na adolescência por uma ótica abrangente de influências biopsicossociais. Com essa visão mais humanizadora, o público alvo foi atingido de forma mais efetiva, promovendo aspectos educativos em saúde.

Primeiramente, para construirmos e problematizarmos o teatro e o direcionamento da roda de conversa, utilizamos a noção de acessibilidade à informação. Segundo Gondim *et al.* (2015), atualmente, os adolescentes obtêm conhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva, sobretudo, por meios virtuais, mídias e conversas com familiares, amigos e outras pessoas próximas. Porém, nem sempre essas informações expressam realidades sobre o contexto de sexualidade, como foi percebido durante o debate realizado. Assim sendo, a escola deve ser um local prioritário de cuidado integral dos adolescentes, incentivando-os à participação em projetos que discutam a importância de ter um comportamento sexual saudável, visto que a gravidez na adolescência é um grave problema de saúde pública, engendrando ainda, complicações a níveis psicossociais e econômicos (GONDIM *et al.*, 2015). Estudo de Ferreira, Piazza e Souza (2019) ressalta que esses tipos de fontes de informações acabam contribuindo para que as mesmas sejam consideradas inconsistentes, já que são marcadas pela carência de orientações e favorecem, assim, atitudes de risco que tornam maior a vulnerabilidade de exposição dos jovens.

As campanhas educativas na área da saúde são importantes e devem ter como prioridade informar e educar visando a mudança de comportamento. Assim, a elaboração das atividades com linguagem clara e simples, como foi realizada, é necessária para alcançar o objetivo proposto nessa intervenção (SILVA *et al.*, 2018).

Em segundo plano, pensamos nas atividades propostas sob uma perspectiva de contexto familiar. A adolescência é um período marcado por uma variedade de dúvidas no quesito de sexualidade, e é imprescindível que o jovem encontre na família um modelo de compreensão, afeto e respeito, a fim de que possa dialogar e se sentir acolhido (SAVEGNANO; ARPINI, 2016). Todavia, isso nem sempre ocorre, já que a família, além de oferecer suporte para que os adolescentes possam viver sua sexualidade de maneira saudável, pode, também, dificultar a escolha de comportamentos seguros por meio de recursos repressivos (DELATORRE; PATIAS; DIAS, 2015). Na nossa percepção, a sexualidade deve ser discutida pelos familiares, visto que a gravidez é um processo de planejamento familiar, no entanto, notamos que esse apoio nem sempre acontece.

A relação entre a mãe e o filho é um dos componentes que fundamenta o psiquismo humano, promovendo as assimilações de aprendizagem essenciais da criança. Entrementes, no âmbito de mães adolescentes, esse relacionamento é, frequentemente, considerado somente como uma problemática, o que pode não ser totalmente válido, visto que essa experiência pode gerar uma organização mais responsável da vida materna e a formação de uma afetividade com o filho (SANTOS; MOTTA, 2014). Esse aspecto é corroborado por Martins, Frizzo e Diehl (2014), já que o retrato social da gravidez adolescente como algo unicamente negativo nem sempre expressa a percepção da mãe afetada, cujas repercussões podem não ser necessariamente negativas ou limitantes. De certo modo, esses referenciais puderam ser utilizados na elaboração da peça teatral, pois a sua narrativa se encerra com uma alternativa de maior amadurecimento para a mãe adolescente retratada na obra.

É importante salientar que, a nível de educação em saúde, a gravidez na adolescência deve ser desestimulada, em razão de complicações psicossociais e biológicas para a mãe. No entanto, mesmo que haja ações de prevenção e promoção em saúde, esse é um fenômeno que pode ocorrer, mas que não deve ser visto como algo totalmente negativo, o que pode prejudicar ainda mais a saúde materna por meio de preconceitos e negligências familiares. Durante a discussão notamos que existe percepção de que a gravidez é expressivamente negativa, o que vai ao encontro de paradigmas sociais nem sempre positivos.

Por fim, sobre a funcionalidade paterna, vê-se que a paternidade é o envolvimento eficaz com o filho por meio de cuidados diretos e indiretos, os quais podem ser expressos por acessibilidade, responsabilidade e interação, propiciando

o desenvolvimento psicológico da criança. Além disso, no caso de pais adolescentes, a experiência também pode não ser apenas negativa, sobretudo em contextos culturais com redes de apoio, permitindo que o pai desempenhe compromisso a partir de suas atividades (JAGER; DIAS, 2014). No entanto, como proposto durante a estruturação e a apresentação do teatro, em razão de questões socioculturais, nem sempre essa função paterna é exercida, sendo negligenciada em vários aspectos.

Durante a roda de conversa, em relação à questão da paternidade, foi ratificado que a função do pai deve ser estabelecida em quaisquer situações, independentemente se é um caso de gravidez na adolescência. Ademais, percebe-se que o comportamento de negação da paternidade pode estar associado a imposições sociais, prejudiciais no processo de gravidez.

Após essas reflexões sobre as dimensões micro e macroestrutural da gravidez na adolescência, foram apresentados e explanados alguns métodos contraceptivos, com foco no preservativo. De acordo com Delatorre e Dias (2015), mesmo que haja informações sobre formas de contracepção, o conhecimento eficaz sobre a funcionalidade e o uso desses mecanismos soa insatisfatório. Essa perspectiva pôde ser comprovada na prática, pois existem diversas noções equivocadas sobre esses métodos, o que pode ser prejudicial até para o desenvolvimento de ISTs. Outrossim, é importante salientar que também foi abordado o teste de gravidez, cuja finalidade também é, em muitos casos, desconhecida, o que desvela novamente o âmbito de exiguidade de conhecimento efetivo.

Portanto, depois de realizar essas intervenções educativas, os discentes puderam, a partir de uma boa apreensão no teatro e uma participativa discussão na roda de conversa, aprimorar suas perspectivas sobre sexualidade. De modo geral, percebe-se que existe uma noção prévia sobre o assunto, mas que ainda é falha, exprimindo, possivelmente, a ineficácia de políticas públicas educacionais e de saúde, tanto voltadas para os alunos abordados, quanto para seus familiares, o que tornou a dinâmica efetiva. Afinal, segundo Carneiro *et al.* (2015), cabe também ao setor de saúde a funcionalidade de orientação de pais e filhos sobre educação sexual, primando por uma compreensão sociocultural desses indivíduos. Sendo assim, quando realizamos a atividade proposta, nós, enquanto acadêmicos de Medicina, pudemos nos sentir muito gratos, visto que empreendemos o trabalho a partir de uma demanda social de grande relevância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho com um grupo de adolescentes possibilitou constatar a necessidade e a importância da educação sexual para essa faixa etária,

visto que muitas das dúvidas que foram esclarecidas, por mais simples que pareçam, podem prevenir uma gravidez indesejada ou até mesmo o contágio por ISTs. Foi notada a importância do contato e da interrelação entre os âmbitos da educação e da saúde para que as ações sejam realmente efetivas.

A proposta de ação de educação em saúde deve, primeiramente, estabelecer metas bem definidas, bem como as formas de abordagem do assunto tratado, tendo em vista o público-alvo a que se quer atingir. Acerca disso, ao lidar com os jovens, percebemos a não eficácia de instrumentos como palestras longas e cansativas, que os fazem perder o foco do assunto tratado, bem como a efetividade de formas ativas de educação, tais como teatros, comédias, músicas e conversas informais. Esses recursos diferenciados demonstraram êxito na participação dos estudantes, no envolvimento e interesse dos mesmos em questionar sobre o assunto, tirando suas dúvidas. Ademais, deve-se seguir um roteiro para orientar a ação, visando impedir um desvio do objetivo principal.

Um outro ponto interessante é a participação de cada membro do grupo de ação como imprescindível para a execução de todas as etapas do processo, sendo que a falta de um deles implica falhas e desorganização que refletem na equipe como um todo. Isso demonstra a importância da comunicação e da articulação das ações para a execução do projeto final.

Além disso, existem desafios que podem fazer com que o desenvolvimento da atividade não seja exatamente como previsto no plano de ação. Isso exige um esforço do grupo educador para lidar com as possíveis adversidades, já que se tratando de um público-alvo formado por adolescentes, os quais, passando por essa fase de transição entre a infância e a vida adulta, podem suscitar algumas brincadeiras e desentendimentos durante a realização das atividades. Essa situação implica na capacidade dos educadores em mediar os conflitos, mantendo a calma e conciliando as partes envolvidas.

Dentro desse contexto, uma outra questão pertinente diz respeito às dúvidas e questionamentos que podem surgir em torno do assunto tratado. Em relação a isso, concluímos que é importante dar espaço aos adolescentes para que exponham suas opiniões pessoais, mesmo que sejam equivocadas, sem que haja um julgamento daquilo que foi dito. Por outro lado, existem jovens que são mais tímidos e que por isso acabam não participando das atividades. Diante disso, é importante instigar a participação de todos os alunos, seja por meio de rodas de conversa ou deixando que escrevam anonimamente suas questões.

Vale ressaltar ainda, que a forma de abordagem do tema é um desafio para os grupos de intervenção. Isso ocorre devido a uma série de fatores, tais como a faixa etária e a falta de incentivo à leitura e à pesquisa, fazendo com que termos facilmente compreendidos pelos interventores, sejam de difícil interpretação para

os alvos da ação em saúde. Dessa forma, faz-se necessário uma adequação da linguagem, bem como a explicação de todos os termos diferenciados que sejam citados, questionando a compreensão de todos os jovens sobre o assunto tratado, a fim de efetivar as ações. Além disso, ao término da atividade, é imprescindível a realização de um questionário de satisfação dos jovens com a execução do projeto, a fim de verificar a efetividade e a viabilidade da ação.

O objetivo da ação de educação em saúde foi cumprido com êxito, já que foi possível o compartilhamento de saberes e percepções subjetivas, além da construção de um conhecimento em comum. Finalmente, percebemos a necessidade da experiência ser desenvolvida em conjunto com os coordenadores da escola, com a equipe que está desenvolvendo a intervenção e com o público-alvo, a fim de se dar continuidade ao processo de educação em saúde, tendo em vista a sua importância na formação de opiniões e de comportamentos. Dessa forma, o empoderamento do adolescente ocorre de forma precoce viabilizando que ele se torne um educador em outros contextos sociais.

Portanto, a presente iniciativa de elaborar uma atividade educativa para promover a saúde do adolescente foi uma experiência construtiva, satisfatória e gratificante, mesmo considerando que exista muito ainda o que ser conhecido e pesquisado nessa área. A experiência adquirida com essa intervenção abre caminho para novas intervenções, nas quais pode-se garantir a saúde dos futuros adultos.

Tal experiência acrescentou muito na formação de cada integrante do grupo, pois ter contato direto e vivenciar na prática o tema com os adolescentes foi extremamente enriquecedor. Por meio de experiências é possível que o estudante de Medicina exercite ainda na graduação, habilidades importantes que vão além do trabalho que o médico exerce em seu cotidiano, dessa forma, podem atuar como multiplicadores e formadores de opinião na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Saúde na Escola (PSE)**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Proteger e Cuidar da Saúde de Adolescentes na Atenção Básica**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Gravidez na adolescência tem queda de 17% no Brasil**. Agência de Saúde. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/28317-gravidez-na-adolescencia-tem-queda-de-17-no-brasil>. Acesso em: 07 jun. 2019.

CARNEIRO, R. F. *et al.* Educação Sexual na Adolescência: Uma Abordagem no Contexto Escolar. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**. Sobral, v. 14, n. 1, p. 104-108, 2015. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617/334>. Acesso em: 01 dez. 2018.

COSTA, G. F. *et al.* Fatores psicossociais enfrentados por grávidas na fase final da adolescência. **Rev. Bras. Promoç. Saúde**, Fortaleza, v. 31, n.2, p. 1-8, abr./jun., 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/6661/pdf>. Acesso em: 28 mai. 2019.

DELATORRE, M. Z.; DIAS, A. C. G. Conhecimentos e práticas sobre métodos contraceptivos em estudantes universitários. **Revista SPAGESP**. Ribeirão Preto, v. 16, n. 1, p. 60-73, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000100006. Acesso em: 03 nov. 2018.

DELATORRE, M. Z.; PATIAS, N. D.; DIAS, A. C. G. Educational practices and the relationship between parents and their pregnant and non-pregnant adolescent daughters. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 141-150, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000200002. Acesso em: 03 nov. 2018.

DIAS, P. M. M. *et al.* Repercussões da gravidez na adolescência na vida da mulher adulta. **Revista RENE**, Fortaleza, v. 18, n. 1, p. 106-113, 2017. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/pdf/rene/v18n1/pt_1517-3852-rene-18-1-0106.pdf. Acesso em: 03 nov. 2018.

DIBA, D.; D'OLIVEIRA, A. F. Teatro e comunidade, juventude e apoio social: atores da promoção da saúde. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 1353-1362, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232015000501353&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2018.

FARIAS, I. C. V. *et al.* Análise da Intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 261-267, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000200261&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 mai. 2019.

FERREIRA, I. G.; PIAZZA, M.; SOUZA, D. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. **Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 1788, 2019. Disponível em: <https://www.rbmf.org.br/rbmfc/article/view/1788/969>. Acesso em: 28 mai. 2019.

GONDIM, P. S. *et al.* Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 50-53, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822015000100006&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 03 nov. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico: resultados preliminares**. Três Lagoas, 2017.

JAGER, M. E.; DIAS, A. C. G. Paternidade adolescente e o envolvimento paterno na perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Pensando Famílias**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 45-54, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100005. Acesso em: 03 nov. 2018.

MARCON, A. N.; PRUDÊNCIO, L. E. V.; GESSER, M. Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 291-301, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200291. Acesso em: 03 nov. 2018.

MARTINS, L. W. F.; FRIZZO, G. B.; DIEHL, A. M. P. A constelação da maternidade na gestação adolescente: um estudo de casos. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 25, n. 3, p. 294-306, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300294. Acesso em: 03 nov. 2018.

MATO GROSSO DO SUL. Dados Estatísticos do Censo Escolar. Secretaria de Estado de Educação. Campo Grande, 2018. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/DADOS->

ESTATISTICO-2017-CENSO-ESCOLAR-Estado.pdf. Acesso em: 07 jun. 2019.

MELO, J. S. *et al.* Tendência da gravidez na adolescência no Brasil. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v. 11, n. 5, p. 1958-62, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/pt_0034-7167-reben-71-01-0065.pdf. Acesso em: 03 out. 2018.

NASS, E. M. A. *et al.* Vivências da maternidade e paternidade na adolescência. **Revista Baiana Enfermagem**, Salvador, v. 31, n. 2, p. 1-12, 2017. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502017000200302. Acesso em: 05 nov. 2018.

RODRIGUES, M. P. *et al.* Percepções sobre os efeitos psicossociais da gravidez na adolescência no cenário da estratégia saúde da família. **Revista Ciência Plural**, Natal, v. 3, n. 1, p. 81-97, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/12237/8590>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SANTOS, K. D.; MOTTA, I. F. O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. **Estudos de Psicologia (Campinas)**. Campinas, v.31, n.4, p. 517-525, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000400006. Acesso em: 03 nov. 2018.

SANTOS, M. P. *et al.* Promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: educação em pares. **Revista Baiana de Enfermagem**. Salvador, v. 31, n. 3, p. 1-9, 2017. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502017000300313&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 out. 2018.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 36, n. 1, p. 130-144, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0130.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

SILVA, C. S.; BOLDSTEIN, R. C. A. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola. **Revista Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1777-1788, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n6/1413-8123-csc-21-06-1777.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

SILVA, G. S. *et al.* Comportamento sexual de adolescentes escolares. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 154-160, 2015. Disponível em: <http://www.reme.org.br/exportar-pdf/993/v19n1a13.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

SILVA, I. S. T. *et al.* PUC na Escola: relato de experiência de uma intervenção com adolescentes em uma escola do “Aglomerado da Serra”. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 14, n. 20, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/17835/13981>. Acesso em: 28 mai. 2019.

TABORDA, J. A. *et al.* Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. **Caderno de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 16-24, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v22n1/1414-462X-cadsc-22-01-00016.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2018.

VIERO, V. S. F. *et al.* Educação em saúde com adolescentes: análise de aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 484-490, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000300484. Acesso em: 03 out. 2018.

YOSHIDA, W. B. Redação do relato de caso Writing a case report. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 6, n. 2, p. 112–113, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jvb/v6n2/v6n2a04.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

PREVENÇÃO DO USO/ABUSO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE ESCOLARES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adriel Gullo Pereira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Ana Carolina do Rocio da Trindade Areco

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Brenda Santana Matusin

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Felipe Damasceno Alves Pereira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Kaelly Virginia de O. Saraiva

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

RESUMO: Este trabalho objetiva relatar a experiência de estudantes do curso de Medicina durante uma atividade de educação em saúde em ambiente escolar, para prevenção ao consumo de álcool entre adolescentes do sétimo ano de uma escola pública do ensino fundamental. A elaboração das atividades da intervenção educativa adotou como referencial teórico o programa #Tamojunto utilizado pelo Ministério da Saúde no Brasil, e foi dividida em quatro etapas, aplicadas em dois dias com os alunos. Como resultados a intervenção gerou melhorias no âmbito da compreensão a respeito

do que é droga e quais malefícios seu consumo pode gerar, tanto físicos quanto psicológicos e sociais. Ademais, notou-se melhora no entendimento das influências existentes e como elas podem afetar o comportamento social dos indivíduos, podendo induzi-los ao consumo de álcool e outras drogas. As intervenções indicam efeitos preventivos, os quais por si só não são suficientes, devendo contar com o auxílio do âmbito familiar e social. A experiência adquirida foi enriquecedora para os acadêmicos de Medicina, pois a educação em saúde tem um papel transformador na sociedade, auxilia no desenvolvimento pessoal do acadêmico e da relação com o paciente, colaborando com uma formação mais humanizada.

PALAVRAS-CHAVE: Bebidas alcoólicas; Drogas ilícitas; Educação em saúde; Adolescente.

PREVENTION ON THE USE AND ABUSE OF ALCOHOLIC BEVERAGES IN STUDENTS: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT: this paper aims to report the experience of medical students during a health education activity in a school environment, for the prevention of alcohol consumption among seventh grade adolescents from a public

elementar school. The elaboration of the educational intervention activities adopted as theoretical reference the program #Tample used by the Ministry of Health in Brazil, and was activities adopted as theoretical reference the program #Tample used by the Ministry of Health in Brazil, and was divided into four stages, applied in two days with the students. As a result the intervention generated improvements in the understanding of what is drug and what harm its use can generate, both physical, psychological and social. In addition, there was no improvement in the understanding of existing influences and how they may affect individual's social behavior and may. May affect individuals' social behavior and may induce them to use alcohol and other drugs. Interventions indicate preventive effects which in themselves are not sufficient and should be supported by family and social matters. The experience gained was enriching for medical students because health education has a transformative role in society, assists in the personal development of the academic and the relationship with the patient contributing to a more humanized formation.

KEYWORDS: Alcoholic beverages; Illicit drugs; Health education; Teen.

INTRODUÇÃO

A ingestão alcoólica é realizada em praticamente todo o globo terrestre. O uso e abuso de álcool e outras drogas é um problema para a saúde pública mundial, visto que atinge vários aspectos da vida do usuário, podendo repercutir negativamente na sua família e na sociedade (TAVARES *et al.*, 2017). No Brasil, os níveis de consumo dessa substância psicoativa situam-se acima da média global e a sua utilização é feita de maneira cada vez mais precoce, além de ser a droga mais usada por jovens (LARANJEIRA *et al.*, 2007).

Na adolescência, geralmente ocorre a provação de substâncias psicoativas como álcool e outras drogas, fato que ocorre devido ao jovem estar mais predisposto a situações adversas, seja por influências, por curiosidades, fuga de dificuldades ou contradição de valores familiares. O risco de exposição a drogas nessa fase da vida pode ter relação com a curiosidade, a inexperiência, a insegurança e a necessidade de autoafirmação (CAMARGO *et al.*, 2017).

A associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e comportamento violento é demonstrada em diversas pesquisas, tratando o álcool como facilitador da violência. Existe a relação entre estar alcoolizado e diminuição do rendimento escolar, acidentes de trânsito, afogamentos, suicídios e comportamento criminoso como atuação em homicídios, violência doméstica e sexual. Há associação entre o uso de álcool e/ou outras drogas em contextos de violência, tanto em relação às vítimas como aos disseminadores desses crimes, tornando-se mais intensa quanto mais elevada a ingestão de álcool. A contribuição de ações de prevenção

ao consumo de álcool com a redução de índices de violência também comprova essa relação. O uso de álcool prejudica o julgamento e a habilidade de reconhecer os perigos, dificultando a compreensão dos riscos, por isso é mais prejudicial aos adolescentes do que aos adultos (MOREIRA *et al.*, 2008).

Embora o número de estudantes brasileiros que fazem uso regular de álcool tenha caído no período de 1989 a 2010 em todo país, os números obtidos no último ano ainda se mostram preocupantes, fazendo desta a substância psicotrópica mais consumida entre os estudantes atualmente, o que ressalta a importância da continuidade de políticas de saúde no âmbito de prevenção do consumo de álcool (SANCHEZ *et al.*, 2015).

Os adolescentes se mostram como alvos mais suscetíveis à influência externa para o envolvimento com esta droga lícita, tendo em vista que é nessa fase da vida que ocorrem as principais mudanças psicossociais que levarão à construção da identidade do jovem, revelando uma forte influência dos amigos e dos familiares para a adoção de hábitos de vida nocivos como o alcoolismo (MORENO *et al.*, 2009).

O ambiente escolar e suas particularidades, como estrutura física, programas curriculares e relacionamentos entre alunos podem influenciar o comportamento dos estudantes em relação ao uso de drogas. As ações de promoção de saúde nas escolas fazem parte de uma demanda universal e privilegiam a autonomia dos estudantes e procuram minimizar fatores de agravo à saúde. Menores prevalências do consumo de álcool e tabaco são relatadas em escolas com programas de promoção de saúde (PAZ *et al.*, 2018).

Dessa forma, a escola assume um papel de suma importância, em conjunto com o núcleo familiar, para realização de medidas preventivas através da educação em saúde, influenciando diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos adolescentes, bem como no seu desenvolvimento social, posto que é um dos locais onde os jovens permanecem por tempo considerável e convivem em sociedade. A discussão dessa temática, entretanto, se feita de maneira autoritária e intolerante impede o estabelecimento de um vínculo entre a instituição e o indivíduo, perdendo grande parte da sua eficácia. Por conseguinte, é imprescindível que haja a qualificação dos educadores sobre como abordar o tema nas salas de aula, visando a minoração do consumo de bebidas alcoólicas por escolares (CORDEIRO *et al.*, 2016; TAVARES *et al.*, 2017).

Assim, este trabalho tem como objetivo, relatar a experiência de estudantes de graduação do curso de Medicina em uma ação de educação em saúde na escola, sobre atividades para prevenção ao consumo de álcool entre estudantes do ensino fundamental.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência a partir da vivência de acadêmicos de Medicina durante uma ação de educação em saúde sobre prevenção do consumo de álcool numa escola, e, portanto, do tipo descritivo. A elaboração das atividades da intervenção educativa adotou como referencial teórico o programa #Tamojunto utilizado pelo Ministério da Saúde no Brasil, o qual foi traduzido e adaptado a partir do programa *Unplugged* desenvolvido pelo projeto EU-DAP (Experiência de Prevenção do Uso de Drogas na Europa), financiado pela Comissão Europeia. Este processo foi uma parceria do Ministério da Saúde do Brasil com o UNODC (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime), e em cooperação com o EU-DAP (BRASIL, 2015). O objetivo do programa #Tamojunto é servir como ferramenta de auxílio à prevenção do uso de drogas tendo como público alvo alunos nos primeiros anos da adolescência. O principal diferencial do programa é complementar as informações sobre drogas com atividades que fortalecem as habilidades pessoais e sociais dos alunos. A aplicação do programa ocorre no formato de 12 aulas voltadas para os adolescentes, mas também permite interação com a família do aluno através de três Oficinas de Pais e Responsáveis (BRASIL, 2015).

O local para aplicação da prática/intervenção para prevenção ao consumo de álcool entre escolares foi uma escola pública estadual de ensino fundamental e médio, localizada no município de Três Lagoas (MS). A escola possui pouco mais de 1000 alunos matriculados, advindos tanto das áreas urbanas quanto das áreas rurais, e contando com 112 funcionários entre docentes e auxiliares. A instituição possui uma boa infraestrutura, ofertando quadra poliesportiva, laboratório de informática com acesso à internet, auditório e refeitório.

Em relação ao ensino, o município de Três Lagoas atingiu em 2018 os níveis do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) previstos para serem alcançados no ano de 2021. Contudo, isolando o resultado da escola onde foi relatada a experiência, observa-se uma nota abaixo da média, colocando a unidade em situação de alerta segundo a classificação dos resultados para o município de Três Lagoas. Em relação ao Índice de Oportunidades da Educação Brasileira (IOEB), a cidade encontra-se abaixo da média nacional, evidenciando menor qualidade das oportunidades educacionais locais.

Participaram da experiência três acadêmicos do 3º período do curso de Medicina do Campus de Três Lagoas da UFMS, que vivenciaram uma ação educativa na escola escolhida, proposta nas atividades em campo da unidade curricular denominada “Prática de Integração ao Ensino-Serviço-Comunidade (PIESC)– III”.

Considerando o Programa #Tamojunto utilizado pelo Ministério da Saúde no Brasil, buscou-se desenvolver uma intervenção educativa para a prevenção

ao consumo de álcool entre jovens estudantes. O público alvo foi composto por estudantes das turmas do sétimo ano do ensino fundamental da escola, conforme é indicado pelo programa. A ação foi dividida em quatro etapas: (1) reunião na escola para definição do tema da abordagem; (2) desenvolvimento do plano de intervenção educativa; (3) implementação das ações em dois dias distintos: no primeiro foram realizadas dinâmicas de grupo com os alunos para introdução ao tema e abordagem das diversas causas e influências ao consumo de álcool e de outras drogas, assim como para fortalecer as habilidades pessoais e sociais dos alunos como forma de prevenção. Ademais, foi aplicado um questionário (pré-teste) aos alunos e deixada uma urna para perguntas com o intuito de identificar previamente o conhecimento deles e auxiliar na elaboração das ações educativas do próximo encontro. No segundo dia, apresentação de slides para informações gerais sobre efeitos e consequências do uso e dependência do álcool e outras drogas, aplicação do mesmo questionário (pós-teste) e de outro para avaliação de satisfação dos alunos, a fim de, respectivamente, avaliar o progresso do conhecimento dos estudantes e qualificar a ação educativa e finalmente, (4) análise dos questionários e desempenho da ação preventiva.

Os resultados foram apresentados de forma descritiva e subjetiva, a partir das falas e percepções dos acadêmicos participantes da experiência.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Na primeira etapa houve uma reunião com a coordenadora do ensino fundamental da escola, a qual trouxe as principais demandas dos alunos nesta faixa etária, para definição da temática e estabelecimento de objetivos da atividade. Em um segundo momento da reunião, visitamos algumas salas e notamos que possuíam adolescentes em faixas etárias distintas devido à repetência, início tardio ou dificuldade de acesso, em sua maior parte por alunos residentes nas áreas rurais.

Durante a reunião, a coordenadora levantou como uma das principais problemáticas da escola o crescente consumo de álcool entre os jovens cada vez mais cedo. Segundo a coordenadora, as principais drogas consumidas entre os estudantes da escola são o álcool, o tabaco e a maconha. Assim, por estarem nos primeiros anos da adolescência, escolhemos as turmas de sétimo ano para serem o alvo de atuação do trabalho.

Os levantamentos feitos na população brasileira alegam que o consumo de álcool começa mais precocemente a cada dia. Os resultados do último levantamento realizado demonstram que 41% das crianças da faixa etária de 10-12 anos já experimentaram bebidas alcoólicas ao menos uma vez na vida (RODRIGUEZ *et al.*, 2018).

Na segunda etapa, foram realizadas reuniões para o planejamento da intervenção educativa. Utilizamos como principal objeto de apoio o Guia para o Professor do Programa #Tamojunto, que inclui um conjunto de materiais que auxilia a concretização do projeto, entre os quais o Guia para o Professor, o Caderno do Educando, um conjunto de cartões a ser utilizado em um jogo sugerido em uma aula, um pôster de apresentação do Programa e o Guia da Oficina de Pais e Responsáveis. O 'Guia do Professor' apresenta fundamentos teóricos do programa, conceitos do âmbito da prevenção e oferece instruções para a concretização de ações preventivas no ambiente escolar, através de instruções detalhadas que podem auxiliar na preparação prática das aulas e facilitar o planejamento do professor (BRASIL, 2015).

Já a terceira etapa, de implementação das ações, ocorreu em dois dias distintos. No primeiro dia de ação com os estudantes, procuramos introduzir o assunto por meio de uma socialização grupal através de dinâmicas e conversas. As turmas do sétimo ano da escola são divididas em três: A, B e C. Cada turma possui entre 30 e 40 alunos, contudo, no primeiro dia de intervenção nos deparamos com aproximadamente 15 escolares por turma. De forma separada as turmas foram encaminhadas até a sala reservada para atividades diversas denominada 'Sala precisa', a qual nos foi disposta pela coordenação para realização das atividades.

Na primeira dinâmica intitulada de 'Dinâmica de indução ao erro' os estudantes foram organizados em um círculo, sendo que cada um possuía uma bexiga cheia e um palito de dente distribuídos anteriormente. Seguido a isso foi dada a seguinte instrução: 'Quem permanecer com a bexiga cheia por último durante o tempo de um minuto ganhará um prêmio', após a fala, um de nós estourou o balão do colega para induzir os alunos a estourar uns dos outros. Decorrido um minuto, pedimos que eles se sentassem novamente e iniciamos perguntando se em algum momento foi dada a instrução para que eles estourassem os balões dos colegas, e concluímos dizendo que caso ninguém tivesse estourado o balão alheio todos teriam sido premiados. Esclarecemos que eles foram induzidos ao erro quando um de nós estourou o balão do outro e estendemos a explicação para as relações sociais, evidenciando como os indivíduos podem estar expostos e serem induzidos a cometer erros por influências de outras pessoas e os perigos envolvidos, como a indução da ingestão de bebidas alcoólicas e outras drogas.

Essa dinâmica foi emocionalmente intensa, já que estávamos ansiosos devido ao primeiro contato com os alunos e que houve considerável interação e animação dos adolescentes ajudando a 'quebrar o gelo' do encontro inaugural, superando as nossas expectativas.

Em relatório publicado em 2010, o instituto americano *National Institute of Drug Abuse* (NIDA), o qual desenvolve pesquisas sobre o álcool e outras drogas,

relatou aspectos que podem diminuir o risco de o adolescente iniciar ou continuar o uso de drogas, tais aspectos envolvem a exposição, os fatores socioeconômicos, a relação familiar e a influência de grupos, tal como enfatizado na dinâmica utilizada. Assim, o NIDA aconselha estratégias que ampliem os fatores de proteção através de programas de prevenção familiar, escolar e comunitário (TAVARES *et al.*, 2017).

A segunda dinâmica aplicada intitulada de ‘Como entrar num grupo?’ teve como objetivo abordar a importância de pertencer a um grupo durante a adolescência e a influência que eles podem exercer nas escolhas dos jovens. Inicialmente foram retirados três voluntários da sala, em seguida os que permaneceram foram divididos em três grupos. Os que saíram foram orientados que quando retornassem se deparariam com três grupos distintos e teriam que adivinhar o que era preciso para ser aceito como membro de cada grupo por meio de perguntas, após isso escolheriam o grupo que pretendessem fazer parte. Todavia, esses estudantes não sabiam que os três grupos possuíam objetivos diferentes.

Enquanto o primeiro grupo os acolhia e aceitava suas diferenças sem fazer imposições, os outros eram seletivos e possuíam códigos de conduta, inclusive um dos grupos incluindo comportamentos inadequados e prejudiciais como requisito para ser aceito por aquele grupo, como por exemplo a ingestão de bebida alcoólica. Ao final da brincadeira nos gratificamos com a maior parte das escolhas, já que os alunos optaram pelo primeiro grupo que os aceitavam da forma que eram, e não os que possuíam regras. Assim, mesmo talvez não possuindo maior afinidade pelos integrantes dos grupos escolhidos, eles tiveram a consciência de que o ideal são grupos que aceitem os colegas como são, sem preconceitos, sem fazer exigências, sem comportamentos de risco e não se deixar influenciar pelos amigos que associam o uso do álcool e outras drogas a diversão. Contudo, resta sabermos até que ponto eles são capazes de aplicar isso no cotidiano e em suas relações pessoais.

Durante a segunda dinâmica estávamos mais tranquilos devido à grande aceitação dos alunos durante a primeira atividade, contudo, nesta os alunos se mostraram menos participativos, então nos sentimos no dever de intervir e auxiliar para que a dinâmica tivesse o efeito desejado. Ao final, os jovens mostraram entendimento sobre as influências sociais, o que nos motivou ainda mais para realização da próxima atividade que foi realizada após duas semanas.

No decorrer da adolescência, a ânsia de fazer parte de um grupo poderá acarretar com que os estudantes se sintam pressionados a praticar comportamentos potencialmente prejudiciais, como consumir álcool e cigarro ou outras drogas. Nesse sentido, essa dinâmica visou encorajar o escolar a refletir se o que ele realmente quer está de acordo com o comportamento ditado pelo grupo (BRASIL, 2015). Essa temática possui demasiada importância tendo em vista que é nessa transição entre a infância e fase adulta que o indivíduo busca integrar-se ao grupo social que possui

maior afinidade, o qual exercerá algum tipo de influência no indivíduo para que haja sua aceitação, como por exemplo a adoção de determinado estilo de vida (SILVA; PADILHA, 2013).

A adolescência é um período em que é comum oscilações no estado emocional, que podem envolver sentimentos de tristeza, revolta e depressão, os quais tornam o adolescente vulnerável, uma vez que ele pode encontrar nas drogas efeitos que são capazes de ‘camuflar’ circunstâncias conflitantes internas ou sociais (TAVARES *et al.*, 2017).

Após a realização das dinâmicas, sucedeu-se uma discussão em relação aos objetivos delas, bem como uma explicação a respeito dos fatores de influência pessoal, social e ambiental, para que os alunos assimilassem o sentido das dinâmicas. Complementamos com uma explanação sobre desenvolver ‘habilidades de vida’ como fator de proteção contra o uso de drogas. Tais habilidades podem ser definidas como um conjunto de aptidões que reúne saberes como: estimar e respeitar as pessoas, estabelecer relações positivas com a família e os amigos, ouvir e se comunicar de modo eficaz, sustentar suas posições respeitando as opiniões alheias, confiar nos outros e assumir responsabilidades.

Pensamento crítico, tomada de decisões, solucionar problemas, criatividade, autopercepção, empatia e lidar com emoções, são habilidades muito importantes em diversos momentos da vida, podendo auxiliar na escolha de decisões saudáveis, promoção do bem-estar e realização de projetos pessoais (BRASIL, 2015).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) sugere a utilização do modelo Habilidade de Vida, sendo um processo de desenvolvimento de competências psicossociais consideradas essenciais para o desenvolvimento humano. A adolescência é uma fase de mudanças, podendo acarretar implicações na vida dos jovens. Assim, a continuidade do desenvolvimento de aparato cognitivo desses indivíduos por meio do autoconhecimento, empatia, comunicação eficaz, relacionamentos interpessoais, pensamento criativo e pensamento crítico são habilidades de vida que influenciam diretamente no assunto e na diminuição da problemática (PAIVA; RODRIGUES, 2008).

Além das explicações, foi passado um questionário para avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre o álcool, o tabaco e algumas drogas ilícitas. Por fim, foi deixada uma urna para que os estudantes depositassem suas dúvidas em relação à temática das drogas, que ficou sete dias na escola, para que eles tivessem tempo de elaborar suas perguntas, as quais nós utilizamos como norteadoras para a palestra elaborada para o segundo encontro com os adolescentes.

No segundo dia de ação com os estudantes, duas semanas após o primeiro dia, prosseguimos a intervenção preventiva através de palestra utilizando recurso visual de apresentação de slides, sobre os efeitos e consequências do abuso de

álcool e outras drogas, com maior ênfase no álcool, em razão de ser a droga mais consumida. Constatou-se, por meio de programas e projetos que a prevenção e a divulgação de informação sobre o assunto são grandes aliados positivos para a educação em saúde. No que se refere a acentuação dos conhecimentos acerca da temática, destaca-se a possibilidade de poder interferir na percepção do risco, no sentido de reforçar a sua proteção (BARROSO *et al.*, 2013).

Um dos temas abordados na apresentação foi a respeito das consequências irreversíveis que podem ocorrer ao feto durante a gestação em mulheres usuárias de drogas, entre elas a Síndrome Alcoólica Fetal (SAF). Comportamentos de risco como uso de drogas e sexo antecipado e inseguro podem ocorrer durante a adolescência, o que pode culminar com a gravidez precoce. Adolescentes sob efeito de álcool possuem maior risco de ficarem grávidas (4%) ou engravidarem uma adolescente (7%) quando comparados com adolescentes que não bebem (2%) (RODRIGUEZ *et al.*, 2018; LISBOA, 2012).

Para finalizar a apresentação no segundo dia, foi abordado como consumir álcool, ou outras drogas, pode dificultar ou impedir a realização de metas e objetivos e alcançar sonhos. Foram relatadas histórias de pessoas que tinham uma carreira de sucesso e que perderam tudo em virtude do vício. A adolescência é uma fase onde se iniciam os planos para o futuro, e a pouca experiência pode trazer dificuldades em determinar metas possíveis e na compreensão do caminho a ser percorrido para concretizá-las.

O álcool e outras drogas podem ser usados pelos indivíduos na tentativa de lidar com seus problemas, levando a um enfrentamento não saudável, pois o uso dessas substâncias não é bom para o corpo, não resolve a situação vivida e ainda, pode induzir o jovem a evitar lidar com a origem do problema e assim retardar a concretização dos seus sonhos (BRASIL, 2015).

Posteriormente, o mesmo questionário para avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre o álcool, o tabaco e algumas drogas ilícitas, foi aplicado (pós-teste), assim como outro questionário para avaliação de satisfação dos alunos. Por fim, na quarta etapa, procederam-se a análise dos questionários e do desempenho da ação preventiva.

Os pré e pós testes de conhecimento acerca das drogas tinham as mesmas dez questões. Houve uma melhora considerável no desempenho dos alunos, uma média de aproximadamente três pontos a mais no pós-teste, indicando evolução no conhecimento dos alunos. As avaliações de satisfação tinham um espaço no final para que os discentes expressassem suas opiniões sobre a intervenção preventiva e demonstraram através de palavras contentamento com a ação. As manifestações escritas dos alunos foram emblemáticas para nós acadêmicos, pois nos tornaram esperançosos em termos elaborado uma atividade proveitosa para a vida dos

alunos.

Os resultados do programa #Tamojunto ainda estão sendo analisados por estudos para verificar sua adaptação ao sistema cultural brasileiro. Um ensaio controlado não randomizado foi realizado em 2013, no Brasil, para testar a eficácia da primeira versão do programa, o qual teve de modo geral resultados positivos, demonstrando potencial em diminuir o provável aumento no uso das drogas. Porém, diferente dos resultados desse estudo e da versão europeia *Unplugged*, com evidência comprovada, um estudo de efetividade que foi realizado entre 2014 e 2015, através de um estudo randomizado, apontou um efeito negativo, a curto prazo, para iniciação no uso de álcool após 9 meses, simultaneamente a um efeito protetivo no atraso do primeiro uso de inalantes e após 21 meses, a prevalência de uso de álcool no grupo que sofreu a intervenção aumentou quase 20%.

Uma possível causa do efeito negativo pode ter relação com a adaptação cultural do programa, pois há diferenças relevantes do contexto europeu para o brasileiro. A cultura de consumo de álcool profundamente enraizada na sociedade brasileira e uma fraca estrutura de controle da venda e promoção do álcool podem ter interferido na eficiência do programa. Com o propósito de melhorar a abordagem de saúde pública para o mau uso de álcool pelos jovens, pode-se estabelecer a combinação de um currículo baseado em escola, como o #Tamojunto, e programas dirigidos à família e à comunidade, com ênfase na mudança gradual nas crenças e práticas consolidadas na sociedade (SANCHEZ, 2018).

O planejamento da intervenção foi encarado como um desafio, visto a complexidade em garantir a eficácia da prevenção ao uso do álcool e outras drogas, já que nossa intervenção se limitou a dois encontros. Sugerimos uma abordagem com os alunos, em algum momento da intervenção, envolvendo seus pais, posto que é indicado pelo #Tamojunto incluir os responsáveis na ação. Desse modo, incentivando os pais a reforçarem sua atenção ao tema e a estarem alertas aos comportamentos dos filhos.

Nos cursos de Medicina, disciplinas relacionadas à saúde coletiva, como a educação em saúde devem proporcionar ao aluno a importância em relacionar-se com a comunidade, incentivando um olhar mais autêntico e humanizado do processo saúde-doença e não uma visão reprodutora do modelo biomédico, assim contribuindo para a formação de médicos generalistas que estejam atentos às necessidades da população (OLIVEIRA, 2011). A experiência adquirida foi muito enriquecedora, pois ao favorecer o processo aprendizagem dos alunos desenvolvemos nossa formação acadêmica e evoluímos enquanto cidadãos colaborando com a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, a abordagem da temática teve um papel importante visando a prevenção, elucidação de informações e condutas positivas a serem seguidas pelos alunos. A discussão grupal e a abordagem de dinâmicas permitiram o compartilhamento de ideais e conhecimentos prévios sobre o tema.

O trabalho permitiu que nós compreendêssemos o contexto desses adolescentes e, a partir dessa interação, planejássemos possíveis ações que propiciassem aos sujeitos o espaço para refletir sobre o comportamento e as atitudes frente à prevenção primária do uso de álcool e outras drogas. A intervenção aparentemente gerou melhorias no âmbito da compreensão a respeito do que é droga e quais malefícios seu consumo pode gerar, tanto físicos, quanto psicológicos e sociais.

Ademais, notou-se melhora no entendimento dos tipos de influências existentes e como elas podem afetar o comportamento social dos indivíduos, podendo induzi-los ao consumo de álcool e outras drogas. Todavia, acreditamos que a nossa abordagem por si só não solucione a complexa questão, visto que o quadro possui facetas sociais e legais que devem ser consideradas, como por exemplo a venda de drogas lícitas, tal como o álcool, para menores de dezoito anos.

Assim, acreditamos que deve haver um trabalho contínuo de conscientização, de modo que a capacidade crítica dos adolescentes seja consolidada por meio de projetos educativos e atividades em grupos, incluindo a participação dos pais, orientados por agentes especializados, para que os jovens possam discernir entre o melhor caminho a ser trilhado nessa etapa crucial de suas vidas, tendo em vista o fácil acesso às drogas, principalmente ao álcool.

Por fim, a educação em saúde tem um papel transformador na sociedade, auxilia no desenvolvimento pessoal do acadêmico e da relação com o paciente e ainda fortalece o compromisso social da universidade com as necessidades sociais, colaborando com a nossa formação, fornecendo um sentimento de satisfação e esperança de que nossa intervenção possa gerar efeitos benéficos nos grupos que intervimos.

REFERÊNCIAS

BARROSO, T.M.D.A.; MENDES, A.M. de O.C.; BARBOSA, A.J.F. Programa de prevenção do uso/abuso de álcool para adolescentes em contexto escolar: parar para pensar. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 466-473, Ago.2013.

BRASIL. **Programa #tamojunto - Guia para o professor** - Ministério da Saúde. Primeira edição, Brasília, 2015.

CAMARGO, J.C. et al. Consequências do uso de drogas: a ótica de adolescentes pertencentes ao

meio rural. **Revista FunCare Online**. v. 9, n. 4, p. 1028-1033, Dez, 2017.

CORDEIRO, I.L.S.; SILVA, D.M.A.; VECCHIA, M.D. A escola diante do aluno que faz uso de álcool e drogas: O que dizem os professores?. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei , v. 11, n. 2, p. 356-368, Dez. 2016.

LARANJEIRA, R.; PINSKY ,I.; ZALESKI, M.; CAETANO, R. I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira. **Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas**, 2007

LISBOA. Abordagem da intoxicação alcoólica aguda em adolescentes e jovens. **Norma nº035/2012**. Lisboa: Direcção Geral de Saúde; 2012.

LOPES, M. V. de O. Sobre estudos de casos e relatos de experiências. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 4, 2012.

MOREIRA, T.C. *et al.* A violência comunitária e o abuso de álcool entre adolescentes: comparação entre sexos. **Jornal de Pediatria (RJ)**, Porto Alegre, v. 84, n. 3, p. 244-250, Jun 2008.

MORENO, R.S.; VENTURA, R.N.; BRETAS, J.R.S. Ambiente familiar e consumo de álcool e tabaco entre adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 27, n. 4, p.354-360, dez. 2009.

OLIVEIRA, J.A.A. *et al.* A saúde coletiva na formação dos discentes do curso de medicina Universidade Estadual do Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 398-404, set. 2011 .

PAIVA, F.S.; RODRIGUES, M.C. Habilidades de vida: uma estratégia preventiva ao consumo de substâncias psicoativas no contexto educativo. **Estudos e Pesquisa em Psicologia** , Rio de Janeiro , v. 8, n. 3, Dez. 2008.

PAZ, F.M. *et al.* Promoção de saúde escolar e uso de drogas em escolares no Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública - USP**. São Paulo, v. 52, p. 58, Mai. 2018.

RODRIGUEZ, K. A. *et al.* Gravidez e doenças sexualmente transmissíveis na adolescência. **Arquivos Catarinenses de Medicina** ; [S.l.], v. 47, n. 2, p. 212-225, Jun. 2018.

SANCHEZ, Z.M. *et al.* Avaliação da eficácia do programa de prevenção ao uso de drogas na escola #Tamojunto no Brasil: 21 meses de seguimento de um estudo controlado randomizado. **International Journal of Drug Policy**; v. 60, p. 10-17, Out. 2018.

SANCHEZ, Z.M. *et al.* Tendência no uso de álcool e tabaco em estudantes brasileiros:1989-2010. **Revista de Saúde Pública** , v. 49, n. 00, p. 70, 2015.

TAVARES, M.L.O. *et al.* Perfil de adolescentes e vulnerabilidade para o uso de álcool e outras drogas. **Revista de Enfermagem UFPE online**; Recife, v. 11, n. 10, p. 3906-12, Out.2017.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE DEPRESSÃO E SUICÍDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gustavo Henrique Martins Rodrigues Montalvão

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Gabriel Borges Veloso Bernardes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Guilherme Henrique Cesar

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Gabriel Bahia Arantes Bizinotto

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Igor Adeberto Pereira de Souza Lessa de Castro

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Luís Guilherme Fernandes Costa Lima

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Igor Fernando Costa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Nathalia de Oliveira Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Jamila de Lima Gomes

Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul, Campus Três Lagoas, Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem, Três Lagoas – MS

Rosimeire Aparecida Manoel Seixas

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Faculdade de Medicina, Campo Grande – MS

Adailson da Silva Moreira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Lucas Gazarini

Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul, Campus Três Lagoas, Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem, Três Lagoas – MS

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo desenvolver uma ação educativa sobre suicídio e depressão para alunos do ensino médio de uma escola pública, tendo em vista a promoção da saúde. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado por estudantes de medicina para alunos do 2º ano do ensino médio de uma Escola Pública no município de Três Lagoas, MS, Brasil. A adolescência é um período de conflitos e incertezas, especialmente levando em conta modificações físicas e emocionais. Durante essa transição, pensamentos suicidas são frequentes devido aos problemas existenciais que emergem, frequentemente acentuados pelo julgamento e a crítica. Essa experiência se deu por meio da implementação de vídeos, questionários e dinâmicas (*‘O que te faz valer a pena’*, em que os alunos falavam sobre suas características; *‘Motive o colega’*, na qual o aluno escrevia genericamente uma

motivação para algum colega e; *‘Oquete motiva a viver?’*, cartaz em branco deixado na escola para o preenchimento e contribuição dos alunos), com o intuito de aumentar o conhecimento sobre o assunto e a interação entre os alunos, fomentando a construção de uma rede de apoio. Foi perceptível o quanto pequenas palavras e atitudes puderam auxiliar adolescentes que passavam por momentos ruins. O trabalho dessa temática sensível com jovens de baixa renda evidenciou que tais problemas não estão reclusos a segmentos socioeconômicos específicos, bem como o quanto eles podem afetar o rendimento escolar dos adolescentes. A experiência reforça a relevância de medidas preventivas e de suporte psicológico durante a adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão; Suicídio; Saúde do Adolescente; Promoção em Saúde.

HEALTH EDUCATION AT SCHOOL CONCERNING DEPRESSION AND SUICIDE: AN EXPERIMENT REPORT

ABSTRACT: The present study aimed to develop an educational action concerning suicide and depression to middle school students in a public school, focusing on health promotion. This is a descriptive, experience-type study, carried out by medical students in high school students of a public school in the city of Três Lagoas, MS, Brazil. Adolescence is a period of doubts and uncertainty, especially taking into account constant physical and emotional changes. During this transition, suicidal thoughts are frequent due to emergent existential problems, often worsened by judgment and criticism. The experience took place through the implementation of videos, questionnaires and dynamics (*‘what makes you worth it’*, where students spoke about their characteristics; *‘peer motivation’*, where students wrote motivational messages to a colleague and; *‘what motivates you to live?’*, a blank poster left at school for students to contribute and complete), in order to increase the student’s knowledge on the subject and enhance their interaction, by fostering the construction of a support network. It was noticeable how few words and attitudes/gestures could assist adolescents who went through bad times. Dealing with this sensitive theme with young people from low-income families showed that such problems are not restricted to some socioeconomic segments, as well as how much they can affect the academic achievement of adolescents. This experience reinforces the importance of preventive measures and psychological support during adolescence.

KEYWORDS: Depression; Suicide; Adolescent Health; Health promotion.

INTRODUÇÃO

O processo educacional no mundo moderno tem valor sociocultural importante, com bom desempenho escolar como indicativo de sucesso social futuro. Essa etapa

da vida, contudo, impõe desafios para grande parte das crianças e adolescentes. Entre 15% a 20% das crianças no início da escolarização apresentam dificuldade em aprender e, conseqüentemente, desempenho escolar insatisfatório. Esses valores podem alcançar de 30% a 50% se forem analisados os primeiros seis anos de escolaridade (SIQUEIRA; GURGEL-GIANNETTI, 2011).

Entre as causas frequentes de dificuldade escolar, citam-se fatores predominantemente extrínsecos ao indivíduo, como: inadequação pedagógica e condições socioculturais desfavoráveis ou pouco estimuladoras. Além disso, deve-se considerar as causas emocionais, considerar causas emocionais, como desmotivação, baixa autoestima e desinteresse (MOREIRA; BASTOS, 2015).

A família é considerada o primeiro núcleo educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma como o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social. Ambientes familiares pouco estimuladores e com pouca interação sociolinguística podem levar a criança ao desenvolvimento precário de aptidões e habilidades. Essas condições socioeconômico-culturais desfavoráveis influenciam negativamente no desempenho cognitivo e acadêmico, resultando em índices maiores de mau desempenho e insucesso escolar. O incentivo familiar à educação tem papel primordial no processo educacional (PRATTA; DOS SANTOS, 2007).

A adolescência é o estágio do desenvolvimento humano em que ocorrem modificações físicas, emocionais e do senso de comunidade, sendo comum, nessa fase, haver evolução no sentido de extrema dependência ou independência de outrem, caracterizando um período de conflitos, contradições e incertezas. No entanto, grande parte das atitudes singulares de adolescentes podem ser apenas uma forma de busca pela sua identidade, sendo naturalmente superados (VALLE; MATTOS, 2011).

No entanto, essa fase da vida pode ser marcada por intenso sofrimento psíquico decorrendo em um processo de adoecimento. A relação de transtornos de ansiedade (TA) e potenciais riscos de suicídio em adolescentes é clara e extremamente importante (VASCONCELOS; LÔBO; DE MELO NETO, 2015). O processo educacional atual em que os jovens estão inseridos exerce uma pressão nos mesmos, o que pode se tornar um fator predisponentes ao desenvolvimento de TA. Logo, jovens diagnosticados com essas condições deverão ser supervisionados para que não desenvolvam depressão e/ou complicações relacionadas (MOREIRA; BASTOS, 2015).

Aspectos relacionados a habilidades pessoais, sexo e estruturas socioeconômicas podem ter relações diretas com indicadores de depressão (CAMPOS; PRETTE; PRETTE, 2018). Esse fato intensifica a ideia de que, independente da inserção econômica, cultural e da idade do indivíduo, a depressão

é um aspecto preocupante na saúde e no bem-estar individual, a qual deve ser acompanhada minuciosamente (MONTEIRO; COUTINHO; ARAÚJO, 2007).

Deve-se considerar também a ocorrência de ideação suicida, a qual se dá pelos desejos de autodestruição e pensamentos suicidas, englobando ideias, ações e planejamentos que o indivíduo faz com o intuito de dar fim à própria existência (BORGES; WERLANG; COPATTI, 2008). Tais pensamentos são frequentes durante a transição da infância para a adolescência devido aos problemas existenciais que surgem nessa etapa, a necessidade de compreender a vida, a morte, o sofrimento e sua existência. Porém, o desejo suicida torna-se um risco quando se mostra como resolução única e definitiva para todos os problemas para o adolescente (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2000).

A ideação suicida antecede o ato em si, sendo necessária a percepção precoce desses pensamentos e, também, uma maior compreensão sobre as causas do seu surgimento e as suas particularidades nessa fase da vida (ARAÚJO; VIEIRA; COUTINHO, 2010). Um estudo do perfil de violência do Brasil, oferta dados que comprovam o crescimento dos índices de suicídios na sociedade brasileira. No período de uma década (2002 a 2012) houve um aumento de 33,6%, correspondendo um aumento de 7.726 para 10.321 suicídios no país. Com isso, apenas no ano de 2012, a taxa geral de mortalidade por suicídio chegou a 5,3/100 mil habitantes. O mesmo estudo afirma que o acréscimo na taxa de suicídio foi de 15,3% na faixa etária de 15 a 29 anos, um aumento de 2.515 para 2.900 suicídios na década avaliada. Taxas tão altas (e crescentes) demonstram a importância do debate e da atuação da saúde coletiva no enfrentamento ao suicídio na sociedade, uma vez que já é causa de morte mais frequente que homicídios ou acidentes automobilísticos (WAISELFISZ, 2014).

Ao se utilizar amostras de estudantes universitários com ideações suicidas, Santos e colaboradores (2017) analisaram os fatores associados a esses pensamentos. Condições sociais como classe econômica, orientação sexual e práticas religiosas parecem estar diretamente relacionadas a possíveis ideias suicidas em jovens que frequentam faculdade. Indiscutivelmente, a vulnerabilidade social de jovens, variáveis sociodemográficas e comportamentais também são aspectos que podem desencadear um quadro depressivo, fomentando a ideação suicida (BARBOSA *et al.*, 2016).

Assim, fornecer conhecimento acerca de transtornos psicológicos e prevenção ao suicídio as crianças e adolescentes é um mecanismo importante de instrução e prevenção em saúde, levando à reflexão e, por fim, realização de ações. Também é crucial que a sociedade adquira maior conhecimento sobre saúde mental, a fim de reduzir a incidência de transtornos de humor e ansiedade, de suicídios ou, no mínimo, otimizar a busca por ajuda especializada em situações relacionadas, a fim

de melhorar a qualidade de vida geral da população e permitir à população atuar de forma ativa na construção de um perfil nacional de saúde melhor (KESSLER *et al.*, 2018).

Desse modo, faz-se necessária a participação efetiva e interessada de alunos em idade escolar, no sentido de emitir opiniões, pensamentos e realmente se envolverem nos debates levantados nesses locais durante as atividades realizadas, a fim de desenvolver maior anseio de superação perante os problemas que perduram na sociedade e que surgirem durante as discussões (GOMES, 2007). Com isso, o objetivo desse trabalho é relatar a experiência de graduandos em Medicina em uma ação educativa voltada para a promoção de saúde direcionada aos temas 'suicídio' e 'depressão' em alunos do ensino médio de uma escola pública, por meio de dinâmicas, discussões e atividades intervencionistas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, realizado com alunos de uma escola pública estadual cidade de Três Lagoas, localizada na costa leste do Mato Grosso do Sul, entre agosto e novembro de 2018. A instituição-alvo é uma das maiores escolas da cidade e, segundo censo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) nas escolas em 2018, conta com aproximadamente 1500 alunos, sendo esses do ensino fundamental e médio, além dos cursos técnicos. Vale ressaltar, ainda, o espaço físico disponível da escola, que permite a participação e realização de diversos programas socioculturais, não só para os alunos como também para a comunidade.

Dessa forma, torna-se indiscutível que essa escola é um excelente campo de atuação para acadêmicos com projetos que envolvem a participação da sociedade. Foram incluídos como público-alvo da intervenção os alunos das três turmas do segundo ano do ensino médio da instituição, compostas por alunos com média de idade entre 16 e 17 anos, além de ampla diversidade social. Os sujeitos envolvidos no plano de ação foram graduandos de medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com acompanhamento docente.

Foram adotadas as seguintes etapas metodológicas:

- **Diagnóstico:** foram realizadas duas reuniões com a Direção da escola, contando com a presença dos acadêmicos realizadores do projeto e docente responsável. Esses encontros aconteceram no intuito de identificar temas relevantes para a realidade dos alunos do colégio, além de definir quais turmas seriam o alvo das intervenções propostas;
- **Planejamento:** foram propostas atividades aos estudantes para identificar possíveis dilemas e tabus relacionados à depressão e suicídio, incluindo um

questionário com quatro perguntas sobre esses temas, que foi aplicado dias antes da realização das atividades em sala de aula como forma de avaliar conhecimento prévio relacionado. Ainda para detecção, foi realizada uma dinâmica chamada '*O que te faz valer a pena*', que estimulava os alunos a falarem sobre suas qualidades. Já no intuito de intervir, foram realizadas as dinâmicas '*Motive o colega*', além de propor o preenchimento, pelos alunos, do cartaz que foi afixado na escola, com o título '*O que te motiva a viver?*';

- **Intervenção:** na dinâmica '*Motive o colega*', o aluno deveria escrever, genericamente, uma mensagem de motivação para alguém que possa precisar de ajuda (aleatoriamente), a fim de tornar os próprios adolescentes mais ativos no processo de intervir positivamente na vida de seus colegas. Além disso, foram apresentadas pequenas entrevistas em vídeo com especialistas no assunto, como Mário Sérgio Cortella, com duração de 30 minutos, visando esclarecer dúvidas e incitar a problematização do tema, visto que também foi realizada uma plenária de 30 minutos com os estudantes. Por fim, o cartaz '*O que te motiva a viver?*' Caracterizou uma forma de intervenção futura, considerando a sua afixação e manutenção na escola por algum tempo, mesmo após a finalização da intervenção. A proposta foi dar espaço para que alunos de turmas diferentes pudessem escrever sobre suas motivações e tocar quem quer que leia os escritos, ampliando o número de alunos atingidos;
- **Avaliação:** foi aplicado um questionário ao final de todas as atividades, que abria espaço para que os alunos opinassem sobre as dinâmicas desenvolvidas e oferecessem sugestões e ideias para projetos futuros. Adicionalmente, durante a realização de atividades anteriores, como durante o momento de plenária, alguns alunos participantes já manifestaram seu contentamento com o trabalho realizado e parabenizaram os membros envolvidos nessa ação.

Os resultados da experiência foram apresentados de forma subjetiva, buscando articulações entre o relato e o referencial teórico a partir da perspectiva dos acadêmicos executores da ação. O relato foi, então, redigido pelos envolvidos, de forma a registrar as experiências que interferiram no âmbito profissional e em sua formação, além de deixar uma contribuição, mesmo que breve, para trabalhos futuros que tratem do mesmo tema.

MARCO TEÓRICO

Esse relato de experiência trata do processo de vigilância e promoção em saúde, no âmbito prático, acerca do tema '*Transtornos psicológicos que interferem no processo educativo*', no que toca especialmente à depressão e, por fim, o suicídio. Dessa forma, torna-se válido basear teoricamente esse relato no processo de vigilância em saúde e na sua evolução ao longo dos anos.

A vigilância em saúde surgiu no fim do século XIX, concomitantemente com a evolução da microbiologia e dos conhecimentos sobre transmissão de doenças

infecciosas, como um mecanismo de detectar as doenças em seus primórdios a fim de evitar a infecção da população de forma global. Com o passar dos anos e com a evolução dos estudos na área, o conceito de vigilância em saúde foi ampliado ao desenvolvimento de diferentes sistemas com métodos de coleta, análise e difusão dos dados obtidos (ARREAZA; MORAES, 2010).

A partir de 1980, após várias mudanças, a vigilância ficou mais complexa e abrangente, com um propósito de coleta, análise e interpretação dos dados acerca dos agravos específicos de saúde que afetam a população, estando integrada com a rápida disseminação das informações para todos os responsáveis pela prevenção e controle dos mesmos. Hoje, no Brasil, vê-se uma integração entre o conceito de vigilância em saúde com o Ministério da Saúde e Sistema Único de Saúde (SUS), com uma ação mais efetiva na promoção de saúde: ações de vigilância, prevenção e controle de doenças transmissíveis, pela vigilância de fatores de risco para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, saúde ambiental e do trabalhador e também pela análise de situação de saúde da população brasileira (ARREAZA; MORAES, 2007).

Com relação ao âmbito prático da vigilância em saúde, área compreendida na abordagem adotada nesse relato, o conceito de educação em saúde pode ser usado como instrumento auxiliar no sincretismo de novas práticas profissionais aos serviços de saúde oferecidos para a população, devendo ser estes mais coletivos e educativos. A educação em saúde, portanto, promove um processo de ensino-aprendizagem no âmbito da saúde, por meio de diagnósticos e planejamentos participativos no quais os pacientes não são meros espectadores e os profissionais da saúde não se apresentam como detentores únicos do conhecimento, tornando o paciente mais ativo (SALCI *et al.*, 2013).

Ainda no contexto prático, a vigilância em saúde deve ser adotada de forma resolutiva para que as ações deixem de ser simples estratégias e sejam realmente efetivas. Para isso, são necessárias medidas, atores e um local de ação bem definidos, além de ser crucial refletir, problematizar e definir os problemas para, então, prosseguir com a organização de uma base de trabalho e intervenção. Nesse sentido, faz-se importante o reconhecimento dos territórios, já que estes são importantes no processo da prática intersetorial envolvendo os problemas de saúde (MONKEN; BARCELLOS, 2005).

É válido ressaltar, ainda, o Programa Saúde na Escola (PSE), fruto de parcerias entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde. Este programa une medidas educacionais e na área da saúde para promover a formação integral e abrangente dos alunos da rede pública, por meio de prevenção e promoção, seguindo o intuito da atenção em saúde. Assim, as necessidades e vulnerabilidades da rede pública no quesito saúde, aliado à educação, são detectadas com mais

qualidade e objetividade, tornando as medidas intervencionistas mais diretas e integradas no processo de contribuição dos alunos atingidos, compactuando com a responsabilidade formadora do SUS com os cidadãos (BRASIL *et al.*, 2017).

Por fim, é preciso relacionar essa teoria com a prática de intervenção realizada na escola. Considerando o que foi realizado, é importante frisar que essa proposta contemplou os pilares da ação prática em vigilância em saúde, tratando de transtornos mentais na adolescência, com o auxílio de profissionais psicólogos e dentro da escola, no ambiente de sala de aula. Também houve envolvimento das diretrizes da educação popular em saúde ao trazer dinâmicas e conversas, além de espaço para perguntas mais teóricas, propondo experiências que fizeram os alunos (público-alvo) serem mais ativos na construção do conhecimento, contemplando também os princípios do PSE. Esses princípios foram contemplados no sentido de detectar as vulnerabilidades e necessidades dos estudantes da escola em questão. Sob esta ótica, pode-se considerar que o objetivo proposto foi atingido.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, junto a diretora do colégio, foram levantados temas de abordagem relevantes para os estudantes, sendo definida a temática do suicídio e depressão em jovens, especialmente por conta da recorrência de casos e deficiência de estratégias para trabalhar esse tema rotineiramente no ambiente escolar. Após isso, foram estruturadas formas para apresentar e desenvolver o assunto de forma natural e objetiva; foi definido que o uso de interações interpessoais entre os alunos, além de relatos de pessoas que superaram quadros depressivos, seria proveitoso e eficaz na situação-problema.

Inicialmente, foi elaborado um questionário com quatro perguntas de conhecimento básico sobre o tema (Quadro 1), a fim de avaliar o conhecimento prévio dos alunos, dias antes da realização das ações propostas. Dessa forma, foi possível estimar o nível de compreensão dos alunos sobre a temática, permitindo a elaboração de formas eficazes para atingir o propósito da ação, além de já tentar identificar possíveis problemas e tabus a partir da perspectiva dos estudantes.

1. Quais são as principais causas de suicídio no Brasil? Marque a alternativa que mais se encaixa à pergunta.
 - a. Experiências negativas na infância ou vida adulta como abuso sexual, violência doméstica, violência ou conflitos dentro do ambiente familiar, perda de entes queridos, separações.
 - b. Presença de doenças psiquiátricas.
 - c. Situações socioeconômicas desfavoráveis: indivíduos solteiros, viúvos, divorciados, que moram sozinhos, desempregados e com dificuldades econômicas apresentam maior chance de cometer suicídio.
 - d. Todas as anteriores estão corretas.
2. Existem sinais que podem ser identificados com certeza em um suicida em potencial?
 - a. Todo mundo que é triste tem chance de ser um suicida.
 - b. Infelizmente, não existem sinais que nos deem a certeza de quem são aqueles que realmente tentarão o suicídio, portanto a prevenção e a intervenção precoce são fundamentais.
 - c. Sim, qualquer pessoa que se encaixa nas causas citadas na questão 1 já é um suicida em potencial.
 - d. Claro, basta observar as pessoas que os traços de um suicida em potencial são visíveis.
3. É possível evitar que alguém próximo de nós cometa suicídio?
 - a. Não é possível.
 - b. Sim, basta perguntar se a pessoa em questão está bem e isso já é o máximo que você poderia fazer.
 - c. Claro, o suporte social e familiar é comprovadamente um fator que protege as pessoas de tentar suicídio, mesmo aqueles em risco iminente. Além disso, a postura de acolhimento, compreensão e o não julgamento é fundamental.
 - d. É possível evitar que alguém próximo de nós se mate chamando essa pessoa para conversar e explicando que se ela se encaixar nos padrões sociais, a vida dela vai melhorar.
4. Como um Psicólogo pode ajudar?
 - a. O psicólogo não pode ajudar.
 - b. Ele pode ajudar apenas ouvindo os problemas do suicida em potencial.
 - c. O profissional ajuda a elaborar os problemas e a dar um novo significado ao sofrimento. O psicólogo te ajuda a ver todos os lados de uma situação, elaborar dores do passado e planejar um bom futuro. Por isso é fundamental o acompanhamento profissional.
 - d. Ele pode ajudar apenas encaminhando o suicida em potencial para o psiquiatra.

Quadro 1. Questionário aplicado na etapa de planejamento das ações.

Fonte: Autores.

Após a apresentação de cada um dos membros da equipe de execução e palestrantes, foram exibidos vídeos introdutórios aos estudantes, a fim de elucidar a importância do tema, expondo, para isso, relatos de pessoas que já passaram por situações de depressão e suicídio iminente. Em seguida, foi realizada uma dinâmica em grupo de “Perguntas e Respostas”, com objetivo de obter o ponto de vista e conhecimento dos alunos de uma forma mais ativa e participativa, premiando a participação como forma de estímulo.

A atividade seguinte foi estruturada de forma que os alunos devessem escrever características que mais gostavam em si mesmos e que os tornavam especiais, ressaltando o amor próprio e a estima que cada um tem consigo mesmo. Essa dinâmica teve uma importância significativa, uma vez que existe uma relação intrínseca entre o índice elevado de estresse entre os adolescentes e a sua autoestima no que tange, por exemplo, insatisfações com o peso corporal e/ou aparência (PINTO *et al.*, 2017). Ao estimular que os jovens reconheçam seus pontos positivos, pode ser alcançada uma melhora de autoestima.

A atividade '*Motive o Colega*' teve como objetivo primário instigar os alunos a desenharem e escreverem mensagens de apoio sobre o tema, para que pudessem ser lidos por colegas em um momento de necessidade. Foram obtidos recados que ressaltaram a importância da vida e demonstravam aos colegas que eles não estavam sozinhos e sempre teriam alguém a quem contar. Os bilhetes foram distribuídos aleatoriamente entre os alunos posteriormente, junto com pequenos brindes (doces, pirulitos) (Figura 1, A e B). Mesmo que simples, essa foi a atividade com melhor resposta e contrapartida dos alunos, com a melhor taxa de sucesso atribuída pela equipe de execução. Foram obtidas mensagens impressionantes e impactantes de apoio aos colegas, reforçando o valor da vida, a importância da convivência social e transitoriedade de sentimentos negativos.

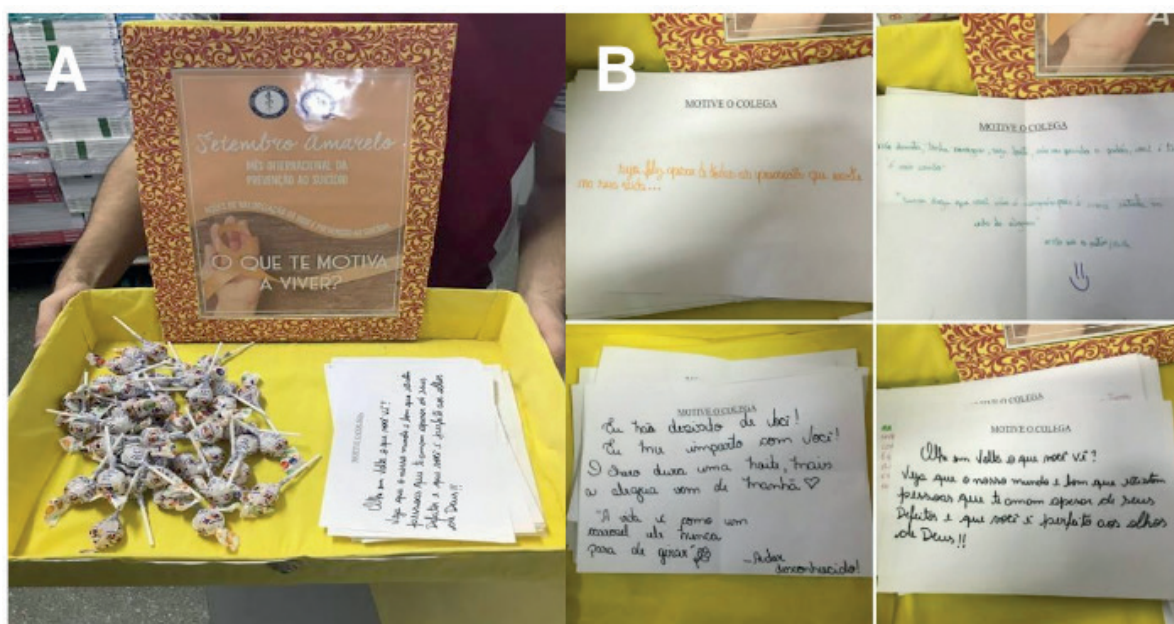
Em seguida, foi reservado um espaço, como uma plenária, para que os alunos pudessem se expressar, fazer relatos de situações já vividas por eles, além de poderem desabafar e levantarem aspectos que deveriam ser ressaltados sobre o tema, no contexto próprio da convivência na escola. As atividades propostas foram concluídas com a implementação de um grande cartaz, com a escrita '*O que te motiva a viver?*', no mural principal da escola. Exceto pelo título, o cartaz estava completamente vazio, permitindo que os jovens da escola (nesse caso, de todas as séries e turmas) pudessem completar e adicionar os principais motivos que os incentivam a viver, com o intuito de destacar essas razões individuais e compartilhar essas motivações entre eles, somado ao intuito de levantar o debate dentro de toda comunidade escolar. Ao longo de alguns dias em que o cartaz foi afixado, foi possível observar a participação coletiva dos alunos da escola (Figura 1, C).

Ao fim de todas as atividades, foi aplicado um questionário para avaliação das atividades e desempenho do grupo pelos estudantes participantes, bem como apontarem sugestões para futuras intervenções, além de conceder um espaço para obtenção de novas ideias para trabalhar a mesma temática ou outras temáticas potencialmente relevantes na visão dos participantes. Com essa medida, foi possível avaliar a efetividade e o sucesso da experiência pelo ponto de vista do público-alvo, a fim de evidenciar os pontos positivos e destacar melhorias possíveis em atividades futuras.

A princípio, o objetivo principal da proposta foi proporcionar aos adolescentes resgatar processos de vida, tais como a estratégia para a construção de uma rede de apoio entre os próprios alunos, bem como realizar a promoção para o autocuidado (KESSLER *et al.*, 2018). Nesse sentido, a experiência vivenciada foi produtiva e eficaz, uma vez que os alunos se interessaram e buscaram novas informações sobre o assunto. A apresentação de vídeos e a plenária realizada permitiram que o assunto fosse desenvolvido com perguntas e exemplos vivenciados por alguns jovens, aproximando a temática da realidade particular de parte dos jovens participantes.

Não se pode negar que a participação efetiva e interessada dos alunos favorece a maior compreensão e aprendizado aprofundado, dando maior eficiência a ações de educação (GOMES, 2007), como a proposta.

A realização das dinâmicas em grupo teve como função transmitir aos jovens um conhecimento sobre as causas e sinais da depressão e surgimento de ideações suicidas, bem como características peculiares desse período, otimizando a identificação de maneira precoce, seja em casos próprios ou em colegas, aumentando a rede de apoio social e direcionamento adequado para que o tratamento pudesse ser aprofundado e produtivo. De maneira geral, essas atividades representaram as estratégias para fomentar o autocuidado dos jovens. A importância do reconhecimento de sinais depressivos e suicidas foi frisado pelos autores Araújo e Coutinho (2010), idealizando a identificação antecipada dessas situações.



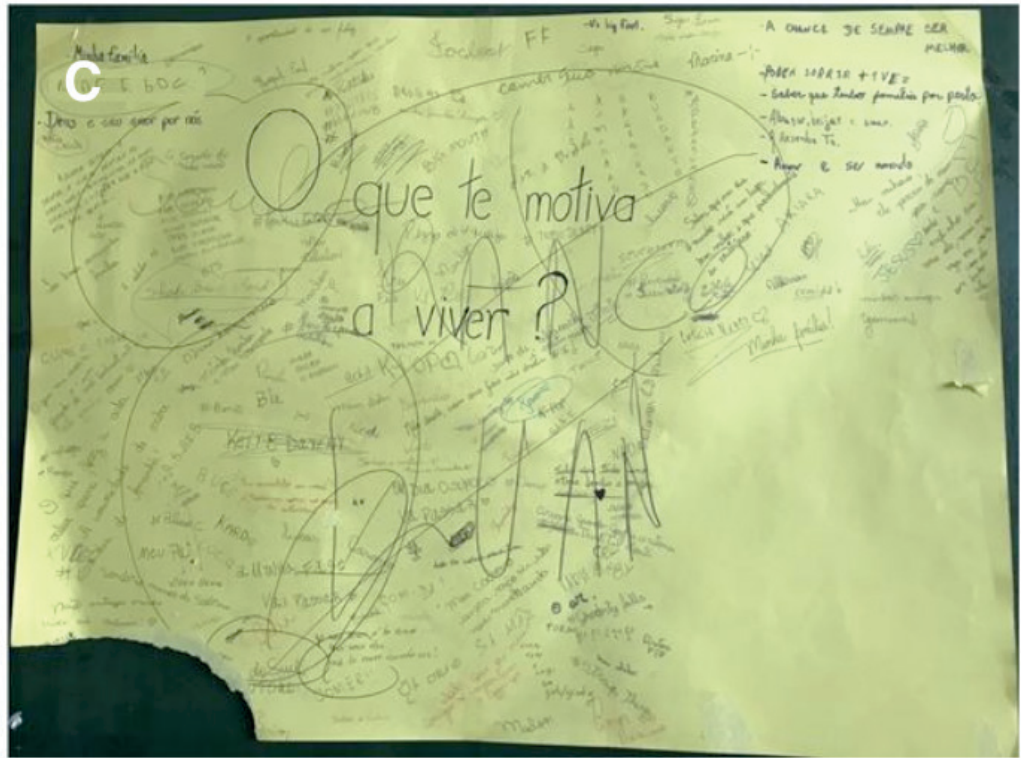


Figura 1. Atividades desenvolvidas ao longo da experiência. **(A)** Atividade 'Motive o colega', em que os alunos deviam escrever mensagens de apoio, com **(B)** exemplos de algumas mensagens escritas. **(C)** Cartaz 'O que te motiva a viver?', respondido pelos estudantes.

Fonte: Autores.

Ainda, com base na vivência da equipe de execução e relatos dos alunos participantes, foi perceptível que tanto habilidades pessoais, quanto os aspectos socioeconômicos e culturais dos adolescentes influenciam nas alterações emocionais presentes no público-alvo, como já descrito (CAMPOS; PRETTE; PRETTE, 2018). Usando o estudo realizado por Santos e colaboradores (2017) como base, foi possível apresentar experiências já vivenciadas pela equipe de execução, com o intuito de evidenciar que aspectos sociais e econômicos podem, de fato, agravar sintomas depressivos, mas que, quando administrados ou combatidos de maneira adequada, a pressão gerada por esses fatores pode ser amenizada.

Questões relacionadas a julgamentos e discriminação voltados às pessoas com depressão forçam esses indivíduos a aumentarem o isolamento e demorar mais para buscar ajuda. Esse aspecto potencializa as consequências relacionadas a esses quadros, facilitando o surgimento de pensamentos suicidas (BORGES; WERLANG; COPATTI, 2008). Logo, fica evidente que a abertura do debate sobre o tema e seus aspectos intensificadores é fator determinante para um prognóstico social melhor, uma vez que o debate e a identificação precoce dos traços de depressão tendem a amenizar as consequências e danos gerados pela doença (MOREIRA; BASTOS, 2015).

O interesse e o conhecimento prévio apresentado por alguns dos estudantes

sobre o tema sobre o tema superou as expectativas do grupo. As discussões e as perguntas desenvolvidas foram, de fato, profundas e significativas. Isso pode ser explicado pelo grande número de jovens que, durante essa faixa etária, são diretamente afetados por esses distúrbios ou próximos de alguém que é, tornando necessária a busca ativa por informações relacionadas. De fato, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a ansiedade e depressão são as principais causas de doença em pessoas com idade entre 10 e 19 anos.

Através das inúmeras perspectivas abordadas, também foi possível perceber o quanto pequenas palavras e atitudes podem auxiliar pessoas que passam por momentos ruins, observação que foi ao encontro da percepção da equipe de execução com relação ao público alvo e ações realizadas. Nesse mesmo sentido, ficou claro que o julgamento e a crítica podem ampliar ainda mais sintomas já existentes, de modo agravante às possíveis adversidades e complicações, especialmente na fase escolar. A equipe buscou mostrar aos adolescentes que essa pressão exterior, como citada por Barbosa e colaboradores (2016), deve ser combatida com o auxílio de pessoas adequadamente instruídas a auxiliarem na inibição das consequências desses julgamentos.

Por fim, foi observado um grande apreço dos adolescentes pelo debate do tema depressão e suicídio, tanto pelo fator de reconhecimento próprio no papel de sujeito potencialmente depressivo quanto pela crescente exposição de temáticas relacionadas (transtornos mentais, ansiedade, depressão e suicídio) nas redes de comunicação. Todavia houve algumas dificuldades dignas de nota. Alguns jovens reproduziram estigmas e preconceitos fortemente enraizados em nossa sociedade (como os relacionados à espiritualidade, moralidade e machismo). A relevância da aplicação de atividades educativas como as desenvolvidas é clara, contudo, é necessária a busca por meios que obtenham maior poder de aproximação em jovens que, por vários motivos, podem não enxergar a importância da temática. É papel ativo dos profissionais da educação e saúde preparar melhor o caminho para o debate e as dinâmicas propostas, fazendo, de modo introdutório e constante, atividades que desconstruam gradualmente preconceitos e julgamentos usuais.

Por fim, como vivência da equipe de execução, vale ressaltar a contribuição para a formação técnica e humana resultante dessa proposta. Ao lidar com uma temática sensível como depressão e suicídio em jovens majoritariamente de baixa renda, foi possível confirmar que esses problemas não são exclusivos a segmentos específicos da sociedade e, especialmente, o quanto podem afetar o rendimento escolar desses adolescentes (DELL'AGLIO; HUTZ, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dinâmicas foram realizadas com grande participação dos adolescentes e sem imprevistos significativos, com boa adesão do público-alvo às atividades intervencionistas propostas, que funcionaram como o esperado. De mesmo modo, as discussões foram feitas com extrema cooperação e contribuição de depoimentos pessoais por parte dos palestrantes e alunos. Os desafios enfrentados envolveram o controle do grupo de adolescentes no começo das atividades e a grande participação dos alunos na plenária, o que exigiu da equipe de execução um grande embasamento teórico acerca do tema, a fim de sanar as dúvidas levantadas.

Em relação às implicações para a prática profissional, a proposta foi de extrema importância, visto que a capacidade de lidar com assuntos delicados e o trabalho em grupo é extremamente necessário no âmbito médico, além de ser relevante em qualquer ambiente de saúde. Ao finalizar a proposta, a equipe levou consigo a crença de que a interação com os alunos e seus dilemas é um fator determinante na formação em saúde, estimulando contrapartida para a sociedade com conhecimentos adquiridos durante a graduação e moldando uma relação médico-paciente cada vez mais humana e compreensível.

Por fim, com os objetivos alcançados, implicações e desafios resolvidos e a experiência adquirida, é fundamental afirmar que o projeto foi extremamente válido e influenciou, não só na carreira acadêmica, mas também na vida pessoal da equipe de execução. Medidas intervencionistas como a aplicada, mesmo que pontuais, tem potencial de alterar significativamente a vida do público-alvo, no que tange o processo de vigilância em saúde, especialmente ao lidar com temáticas de ocorrência frequente e com alto potencial de impacto na vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. C.; VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 47-57, 2010.

ARREAZA, A. V. L.; MORAES, J. C. Vigilância da saúde: fundamentos, interfaces e tendências. **Ciência & saúde coletiva**, v. 15, n. 4, p. 2215-2228, 2010.

BARBOSA, D. G. *et al.* Sintomas depressivos em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 221-227, 2016.

BORGES, V. R.; WERLANG, B. S. G.; COPATTI, M. Ideação suicida em adolescentes de 13 a 17 anos. **Barbarói**, n. 28, p. 109-123, 2008.

BRASIL, E. G. M. *et al.* Promoção da saúde de adolescentes e Programa Saúde na Escola: complexidade na articulação saúde e educação. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, n. 0, p. 1-9, 2017.

CAMPOS, J. R.; PRETTE, Z. A. P.; PRETTE, A. Relações entre depressão, habilidades sociais, sexo e

nível socioeconômico em grandes amostras de adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, n. 0, p. 1-10, 2018.

DELL'AGLIO, D. D.; HUTZ, C. S. Depressão e desempenho escolar em crianças e adolescentes institucionalizados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 351-357, 2004.

GOMES, M. G. C. **Gestão participativa: concepções e percepção de participação na visão dos que atuam na escola pública da rede municipal de Maceió-AL**. 2011. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0350.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2019, 12:03:30.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS (INEP). **Resultados finais do Censo Escolar (redes estaduais e municipais) – Anexo I**. 2018. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resultado/2018/2018_final_anexo_i.xlsx>. Acesso em: 30 mai. 2019, 17:01:20.

KESSLER, M. *et al.* Ações educativas e de promoção da saúde em equipes do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica, Rio Grande do Sul, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, n. 2, p. 1-12, 2018.

MONKEN, M.; BARCELLOS, C. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. **Caderno de Saúde Pública**, v. 21, n. 3, p. 898-906, 2005.

MONTEIRO, F. R.; COUTINHO, M. P. L.; ARAÚJO, L. F. Sintomatologia depressiva em adolescentes do ensino médio: um estudo das representações sociais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 2, p. 224-235, 2007.

MOREIRA, L. C. O.; BASTOS, P. R. H. O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: Revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 445-453, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE [OMS]. **Salud mental. Prevención del suicídio (SUPRE)**. 2012. Disponível em: <http://www.who.int/mentl_health/prevention/suicide/suicideprevent/es/index.htm>. Acesso em: 30 mai. 2019, 11:39:40.

PINTO, A. A. *et al.* Associação entre estresse percebido na adolescência, peso corporal e relacionamentos amorosos. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 35, n. 4, p. 422-428, 2017.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.

SALCI, M. A. *et al.* Health education and its theoretical perspectives: a few reflections. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 224-30, 2013.

SANTOS, H. G. B. *et al.* Factors associated with suicidal ideation among university students. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, e2878, 2017.

SIQUEIRA, C. M.; GURGEL-GIANNETTI, J. Mau desempenho escolar: uma visão atual. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 57, n. 1, p. 78-87, 2011.

VALLE, L. E. L. R.; MATTOS, M. J. V. M. DE. Adolescência: as contradições da idade. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, n. 87, p. 321-323, 2011.

VASCONCELOS, J. R. O.; LÔBO, A. P. S.; DE MELO NETO, V. L. Risco de suicídio e comorbidades psiquiátricas no transtorno de ansiedade generalizada. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 64, n. 4, p. 259-265, 2015.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil**. Brasília (DF): Instituto Sagary; 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2019, 11:37:50.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE DROGAS ILÍCITAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nayara Ribeiro Slompo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Carlos Marcelino de Macedo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Nathália de Oliveira Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Danielle Cristina Tonello Pequito

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Silvana Cristina Pando

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Julie Massayo Maeda Oda

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Adailson da Silva Moreira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS

Mônica Mussolini Larroque

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência que reproduz as vivências de acadêmicos de medicina na concretização de ações educativas em uma escola do município de Três Lagoas, Estado do Mato Grosso do Sul, referente ao uso de drogas ilícitas. O contexto da experiência representou uma escola pública, na qual houve a participação de 90 jovens matriculados no primeiro ano do ensino médio. As atividades foram divididas em quatro partes: apresentação dos acadêmicos e do projeto, dinâmica de integração, quiz e aplicação do questionário diagnóstico e de avaliação das atividades. A transmissão de informações de forma lúdica e integrada contribuiu para resultados satisfatórios no que se refere à conscientização dos alunos sobre efeitos danosos provocados pelo uso de drogas ilícitas. Ademais, a prática de educação em saúde permitiu um desenvolvimento profissional e humano aos acadêmicos, comprovando-se o caráter transformador ocasionado pelo intercâmbio entre a universidade e a comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Drogas Ilícitas; Drogas de Abuso; Adolescente; Educação em Saúde; Ensino Médio.

EDUCATION IN HEALTH IN THE SCHOOL
ON ILLICIT DRUGS: AN ACCOUNT OF

EXPERIENCE

ABSTRACT: This is an experience report that reproduces the experiences of medical students in the accomplishment of educational actions in a school in the municipality of Três Lagoas, Mato Grosso do Sul state, regarding the use of illicit drugs. The context of the experience represented a public school, in which 90 young people enrolled in the first year of high school participated. The activities were divided into four parts: presentation of the students and the project, integration dynamics, quiz and application of the diagnostic questionnaire and evaluation of activities. Transmitting information in a playful and integrated manner has contributed to satisfactory results in raising pupils' awareness of the harmful effects of illicit drug use. In addition, the practice of health education allowed a professional and human development to the academic, proving the transformative character caused by the exchange between the university and the community.

KEYWORDS: Illegaldrugs; Drugsof Abuse; Adolescent; Health education; High school.

INTRODUÇÃO

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) atuante na proteção de crianças e adolescentes de todo o globo, fragmenta o período da adolescência em duas etapas. A fase inicial, a qual se estende dos 10 aos 14 anos de idade, caracteriza-se pela aceleração aguda do crescimento e pelo surgimento das características sexuais secundárias, além de um profundo desenvolvimento cognitivo. A fase final, por sua vez, abrange a faixa dos 15 aos 19 anos de idade. Nesse período, há um aprimoramento do pensamento analítico e reflexivo, de modo que a identidade pessoal tende a solidificar. Sabe-se, contudo, que inexiste consenso na definição da faixa etária que representa esse estágio (UNICEF, 2011).

É inegável, entretanto, que descrever a adolescência unicamente pelo critério etário consiste em uma ação simplista. De fato, as alterações percebidas nessa fase do desenvolvimento humano não devem ser examinadas apenas pelo prisma biológico, mas também a partir de um viés social e psicológico. Essa realidade pode ser comprovada ao se vislumbrar a relação intrínseca entre o adolescer e o surgimento de discordâncias. Em busca de sua individualidade, o adolescente tende a negar valores cristalizados em sua formação, o que favorece antagonismos, tanto internos quanto externos. Ademais, há a procura por identificação e aceitação em outros grupos sociais. Esse contexto caracterizado por profundas transformações e instabilidade pode favorecer o uso de substâncias psicoativas ilícitas, ou seja, compostos cujo uso não é regulado por legislação específica (PEDROSA *et al.*,

2015).

A respeito da epidemiologia do uso de drogas ilícitas entre adolescentes no Brasil, foi efetuado o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, responsável por avaliar o uso de drogas entre 50890 estudantes da rede pública e privada de ensino fundamental e médio nas 27 capitais brasileiras. Verificou-se que o primeiro uso de drogas ilícitas ocorre, em média, entre os 14 e 15 anos, com destaque às seguintes substâncias: maconha, cocaína, crack, ópio, LSD, êxtase, ketamina e metanfetamina. Ao se comparar a realidade brasileira com a de outros países, visualiza-se índices baixos de consumo de crack e maconha, porém, o país se revela como um dos maiores consumidores de inalantes (CARLINI *et al.*, 2010).

Diante do quadro de susceptibilidade dos adolescentes ao uso de drogas, são imprescindíveis medidas de educação em saúde com o propósito de orientá-los a negar essa prática, perante seus efeitos danosos tanto fisiológicos, quanto sociais, em curto e em longo prazo. Mostra-se fundamental, durante a implementação dessas ações, considerar o contexto familiar e social ao qual os adolescentes se inserem (MAIA, 2017).

Nesse sentido, foi idealizada por acadêmicos do curso de medicina da UFMS/ CPTL uma estratégia lúdica a ser executada em ambiente escolar, descrita no presente relato de experiência, objetivando-se informar os jovens a respeito das consequências geradas pelo uso de entorpecentes e, assim, oportunizar reflexões construtivas acerca da temática. Considerando que o ambiente escolar nem sempre se mostra eficaz em afastar os adolescentes do uso de psicoativos. Além disso sabe-se que métodos de ensino pouco atrativos favorecem o absenteísmo e, assim, criam-se condições para redução das perspectivas de futuro apresentadas pelos jovens e para a iniciação do uso de drogas (NASCIMENTO; DE MICHELI, 2015).

Ademais, ressalta-se que o educador, em inúmeros casos, revela-se omissos frente ao seu dever de efetuar ações preventivas eficientes, devido a sentimentos de medo e impotência (SOUZA *et al.*, 2015). Desse modo, as atividades descritas no presente relato de caso visam se concretizar em oposição a esse cenário, visto que elas buscam transformar a escola em um palco de conscientização contra uso de entorpecentes.

Para relacionar o período da juventude ao consumo de drogas, faz-se necessário refletir sobre os diversos marcadores sociais e as situações de vulnerabilidade que rodeiam essa relação, tornando amplo e complicado o enfrentamento desse fenômeno. A juventude no Brasil é composta e assinalada por diferenças marcantes e conflitivas, tais como, diversas raças, biotipos, condições financeiras, gêneros e princípios (éticos, morais, sociais e religiosos). Dessa forma, é importante

compreendê-la como uma classe múltipla, com variados graus de fragilidade em relação às drogas (CARLINI *et al.*, 2010).

No entanto, essa vulnerabilidade não pode ser correlacionada ao julgamento natural da juventude como sendo uma fase problemática, e sim pelo fato de que os jovens estiveram à margem da sociedade por muito tempo, sofrendo diversos problemas pela falta de políticas públicas que amparassem suas carências. Constitui assim um assunto que precisa ser encarado com um olhar ponderado e realista, especialmente quando se aborda condutas preventivas. Essa visão é imprescindível, pois a utilização de drogas lícitas e ilícitas pelos jovens representa, na atualidade, um território favorável para a elaboração de ações de prevenção (SOUZA *et al.*, 2015).

O ambiente escolar é considerado um dos principais lugares para a implementação de condutas de prevenção, visto que representa um dos espaços onde o jovem permanece por um vasto período de tempo convivendo em sociedade (TAVARES *et al.*, 2017). Trata-se, portanto, de um lugar favorável para o reconhecimento prematuro de circunstâncias problemáticas na vida do jovem (SANTOS *et al.*, 2017). Com ações de educação e saúde na escola, é possível fazer alunos e comunidade aprimorarem saberes e habilidades relacionadas a hábitos saudáveis, raciocinar sobre as atitudes inerentes a saúde e adotarem transformações positivas para sua vida (FERNANDES *et al.*, 2016).

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho consiste em relatar a experiência vivenciada pelos autores, discentes do curso medicina, durante uma prática de educação em saúde na escola voltada para a temática do uso e abuso de drogas ilícitas. Assim, visualiza-se a concretização do processo de extensão universitária, ação educativa, cultural e científica em que a universidade e a sociedade se relacionam intrinsecamente de forma transformadora (LIMA; SEGALA; TREVISAN, 2016).

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência, que visa analisar as experiências individuais, além da aplicabilidade e eficácia dos métodos selecionados. Possui como foco a experiência e a reflexão sobre as vivências (LOPES, 2012).

As atividades de educação em saúde foram realizadas com o primeiro ano do ensino médio em uma escola estadual no município de Três Lagoas. A educação pública na cidade de Três Lagoas (MS) conseguiu, no ano de 2017, atingir uma maior pontuação no Índice de Avaliação da Educação Básica (IDEB) desenvolvido pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

O IDEB funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da educação pela população por meio de dados concretos, visando buscar melhorias.

A rede de educação pública em Três Lagoas obteve um crescimento geral de 5.2 para 6.2 nos primeiros anos de ensino (1º ao 5º). Já os anos finais (6º ao 9º) de 3.6 para 5.2. Esses valores estavam previstos para serem alcançados somente em 2021, de acordo com a Secretaria de Educação Municipal. Porém, analisando os dados individuais, a escola alvo da nossa atividade, assim como outras escolas do município, não conseguiu atingir a meta estipulada para o ano de 2017.

Ademais, de acordo com levantamento realizado pelo INEP (2017) de todos os alunos matriculados no ensino médio do município, 32,1% estavam fora da idade ideal e o Estado de Mato Grosso do Sul apresentava no censo escolar do ano de 2014/2015 taxa de evasão escolar de 12% e índice de repetência de 15%. Diante disso, a escola em que foram realizadas as atividades foi fundada em 27 de janeiro de 1970 e conta hoje com 134 funcionários, destes, 32 são administrativos, 60 são professores concursados e 42 são professores contratados. Atende hoje cerca de 1600 alunos divididos entre o ensino fundamental 1 e 2, ensino médio e diversos cursos técnicos, sendo que aproximadamente 190 cursam o primeiro ano do ensino médio.

Os participantes da experiência são acadêmicos do segundo ano do curso Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) do campus de Três Lagoas. O projeto de educação em saúde foi referente às disciplinas Bases Psicossociais da Prática Médica e Prática de Integração: Ensino, Serviço e Comunidade.

Referente ao planejamento da atividade de educação em saúde, houve uma reunião inicial com as diretoras do colégio onde seria aplicada a intervenção, momento em que ficamos cientes do grande consumo de drogas ilícitas pelos alunos. A partir de pesquisa na literatura, foi possível encontrar estudos que evidenciam a tendência crescente do uso de drogas ilícitas por adolescentes, caracterizando-se como problema de saúde pública (VENTURA *et al.*, 2018). Nesse ínterim, mostrou-se indispensável a abordagem do tema drogas ilícitas na adolescência com os alunos dessa faixa etária. Dessa forma, na etapa de ação educativa, um total de 90 alunos do primeiro ano do ensino médio foram alvo das ações de educação em saúde, que durou 2 horas para cada turma.

Foram utilizados materiais desenvolvidos em power point e projetados no multimídia do anfiteatro, letras impressas em sulfite para que os grupos respondessem às perguntas do quiz, questionário e avaliação diagnóstica impressos para cada aluno, além de premiações.

As atividades foram realizadas em dois dias sendo que no primeiro foram

contempladas as turmas A e B e, no segundo, as turmas C e D. O projeto de educação em saúde foi fragmentado em quatro momentos: apresentação dos acadêmicos e do projeto, dinâmica de integração semelhante ao jogo conhecido como “batata quente”, quiz, aplicação do questionário diagnóstico e de avaliação de satisfação.

O questionário diagnóstico buscou aprofundar o conhecimento sobre os alunos nos quais foi realizada a educação em saúde e sua relação com as drogas, a escola e a comunidade, além de procurar avaliar o grau de impacto das medidas aplicadas nos jovens enquanto a avaliação de satisfação visou julgar a eficácia da experiência e possíveis quesitos a serem aperfeiçoados. Além disso, ao final, todos os alunos receberam uma lembrança contendo uma mensagem com informações sobre onde podem procurar ajuda. Os resultados foram apresentados de forma descritiva e qualitativa, a partir das falas e percepções dos acadêmicos de medicina participantes da experiência e discutidos a partir de dados encontrados na literatura.

MARCO TEÓRICO

As atividades implementadas foram embasadas no Programa Saúde na Escola (PSE), estabelecido pelo Decreto nº6.286, de 5 de dezembro de 2007, cujo objetivo consiste em associar educação e saúde. Assim, com o propósito de agir contra as vulnerabilidades que afetam crianças e jovens da rede pública de ensino, o trabalho encontra-se em consonância com a perspectiva de que a educação deve ser concebida de modo integralizado (BRASIL, 2007). Ademais, o Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas (Sisnad) representou outra referência, à medida em que estabelece a necessidade de promoção de ações de prevenção da utilização de drogas e fortalecimento dos elementos de proteção (BRASIL, 2006).

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

O primeiro dia de elaboração contou com a participação de um professor orientador, o qual nos direcionou em relação aos prazos e estratégias a serem adotados. A próxima etapa foi a visita à escola em que o projeto seria aplicado, havendo reunião com as diretoras do colégio no dia 22 de agosto de 2018.

A reunião permitiu a investigação prévia de informações e levantamentos epidemiológicos sobre o tema a ser trabalhado, destacando-se a prioridade de abordar o assunto de drogas ilícitas, pelo fato de se observar que os jovens frequentavam festas após as aulas nas quais tinham acesso a esse tipo de produto e, por isso, apresentavam desempenho inferior na escola e comportamentos inadequados nesse local e em casa. Jorge *et al.* (2018) analisaram a influência social causada por grupos no ambiente escolar, constatando que a pressão de pares exerce uma

ação muito poderosa no comportamento de jovens, proporcionando possibilidades de acesso - em que a heterogeneidade de gênero dos grupos ampliou as chances de os adolescentes mencionarem o uso de drogas ilícitas - como também impondo restrições de comportamento.

Diante disso foi levantado um grande número de alunos com dificuldade de se concentrar nas aulas e também de estabelecer relações sociais saudáveis em consequência do uso de drogas ilícitas, principalmente no primeiro ano do ensino médio, em que considerável número de jovens abandonam os estudos. Uma pesquisa realizada com alunos e coordenadores do primeiro ano do ensino médio de um município de Minas Gerais constatou que o uso de drogas é um dos principais motivos de abandono escolar entre alunos (FRANCESCHINI; MIRANDA-RIBEIRO; GOMES, 2017).

Dessa forma, estabeleceu-se o planejamento, de modo que as atividades foram agendadas com a diretora para serem desenvolvidas no período matutino dos dias 17 e 31 de outubro de 2018, reservando-se o anfiteatro do colégio. Estipulou-se que no primeiro dia de atividades seriam contempladas as turmas A (antes do intervalo) e B (após o intervalo). Já no segundo, o projeto seria desenvolvido com as turmas C (antes do intervalo) e D (após o intervalo). Após o encontro na escola, nos reunimos novamente com o professor orientador com o objetivo de determinar as atividades e estratégias que seriam aplicadas. Logo, foi definido que o projeto de educação em saúde seria dividido em quatro momentos: apresentação dos acadêmicos e do projeto, dinâmica de integração, quiz e aplicação do questionário diagnóstico e de avaliação das atividades.

Então, foi realizada uma pesquisa sobre o contexto da educação no município de Três Lagoas, atividades de educação em saúde possíveis de serem aplicadas, que foram estudadas e selecionadas, e preparados os materiais necessários para a realização das ações: caixa contendo perguntas da atividade de interação inicial, quiz elaborado em power point, letras impressas para que os grupos respondessem às perguntas do quiz, os questionários e avaliações que seriam aplicados e premiações.

Infelizmente, o início das nossas atividades foi marcado por um contexto de desorganização. Apesar de haver combinado anteriormente as datas e os horários nos quais seriam executadas as atividades com as turmas, houve um esquecimento por parte da coordenação da escola. Essa situação foi evidenciada no momento em que foi realizado contato telefônico com a coordenadora do colégio no dia anterior às ações para confirmação das atividades.

Embora esse imprevisto tenha acontecido, no dia das atividades, a escola estava preparada para nos receber. Fernandes (2014) observa que o imprevisto é um evento duvidoso e indeterminado, que ocorre abruptamente causando raiva,

medo e frustração, as pessoas sempre tentam organizar a vida para que as coisas aconteçam conforme programação prévia, porém quando o planejamento dá errado, vivenciam frustrações.

Apesar de todo estudo e preparação sobre o tema, no momento em que a atividade iria iniciar, houve bastante nervosismo e ansiedade em vista do primeiro contato com os alunos. No momento inicial, no anfiteatro, ocorreu a apresentação aos alunos do colégio e uma explicação da dinâmica interativa que seria realizada, organizando todos os alunos em um grande círculo. Foi iniciada a dinâmica da 'batata quente', onde os alunos demonstraram empolgação para responder às questões propostas: 1 - O que você sabe sobre drogas? 2- O que são drogas lícitas e drogas ilícitas? 3- O que você pode fazer para prevenir o uso de drogas? 4- Por que os adolescentes usam drogas? 5- Quais são os malefícios que as drogas podem causar?

Na realização das atividades com as quatro turmas, obteve-se a colaboração dos alunos que possuíam algumas dúvidas sobre o assunto, como a dificuldade de se distinguir drogas lícitas e ilícitas e das maneiras de se prevenir o uso de drogas. Além disso, estabeleceu-se a interação inicial com os colegas de sala e nós, e então foi possível criar uma relação de maior proximidade e confiança, assim como pontua Ortega, Sousa e Jesus (2016), ao mencionar que os jogos permitem a construção de um relacionamento melhor com os colegas de classe.

Ao longo da brincadeira, houve empenho em ouvir as respostas propostas pelos adolescentes, assim como complementá-las com os conhecimentos científicos. Durante a conversa sobre ações para prevenir o uso de drogas, buscou-se conscientizar os alunos sobre o fato de que o consumo de álcool consiste em um incentivo à utilização de outras drogas, dentre as quais as ilícitas. De fato, indivíduos que iniciaram o uso de bebidas alcólicas antes dos 15 anos possuem maiores chances de uso de cannabis, drogas clandestinas e inalantes (TANAREE; ASSANANGKORNCHAI; KITTIRATTANAPAIBOON, 2017).

Paralelamente, também buscou-se mostrar outros fatores protetivos ao uso de drogas. Dentre eles, as práticas religiosas contribuem para induzir o indivíduo a negar a experimentação de entorpecentes, o que foi evidenciado por Andrade et al. (2017). Ademais, já sobre a temática referente às razões que induzem os adolescentes a consumirem drogas, foram apontados fatores variados. Isso foi comprovado por Trettim *et al.* (2018), que detectaram o vínculo presente entre transtorno de ansiedade generalizada e de estresse pós-traumático e o aumento da dependência de substâncias ilícitas.

Também procurou-se alertar os jovens sobre a influência familiar no processo de inserção ao uso de psicoativos. Esse fato foi constatado por Prieto-Montoya, Cardona-Castañeda e Vélez-Álvares (2016), que validaram que a negligência

paterna amplia o risco do consumo de drogas como cocaína, maconha, cigarro, cola e cloreto de metileno.

Por fim, foram ressaltado os males ocasionados em decorrência da utilização de psicoativos e os prejuízos sociais, como comprova a pesquisa responsável por associar a prática de bullying com o uso de substâncias psicoativas (MESTER *et al.*, 2018), bem como os financeiros. Os problemas de saúde também foram enfatizados, na medida em que os adolescentes foram alertados, por exemplo, sobre a relação cientificamente ratificada entre o uso de maconha e o desenvolvimento de esquizofrenia (HIEMSTRA *et al.*; 2018).

Em seguida foi realizado o quiz, dividindo os alunos em 4 grupos, de modo que cada um fosse guiado por um acadêmico. As perguntas foram projetadas através do multimídia do anfiteatro, abordando sobre o tema drogas.

De maneira lúdica, foram esclarecidos inúmeros assuntos, dentre os quais a classificação das drogas em depressora, estimulante e perturbadora, conceito de tolerância à droga e os principais efeitos do uso do crack, maconha e ecstasy. A cada equívoco cometido pelos grupos, foi explicado o motivo do erro, acrescentando novos conhecimentos. Nessa conjuntura, uma das perguntas do quiz exigia o saber de que a patogênese do câncer ocorre não somente em nível local, com destaque a órgãos como boca e pulmão, mas também em nível sistêmico, ao afetar rins, bexiga, estômago e mamas (MOUSSAS; PAPADOPOULOU; 2017).

Vários alunos erraram a questão proposta, de modo que foi necessário transmitir a informação correta e esclarecer dúvidas. Assim, os acadêmicos perceberam um sentimento de realização proporcionada pela atividade, uma vez que os estudantes da escola tiveram a oportunidade de aprender que os danos dos psicoativos podem atingir toda a integralidade da fisiologia corpórea.

Conforme a realização do quiz, não houve concordância em algumas respostas das questões, pois houve a exposição de relatos de experiências pessoais e de conhecidos, os quais foram explicados cientificamente para suprimir o maior número de dúvidas possível, com linguagem fácil e acessível. Ao final desta atividade foram somadas as pontuações de cada grupo e os grupos vencedores de cada atividade receberam premiações (MICHEL-CHÁVEZ *et al.*, 2015).

No encerramento houve um momento livre para que os alunos dialogassem e apontassem assuntos que ainda não haviam sido abordados ou que geraram alguma dúvida, e ao final foi distribuído um pirulito com informações sobre onde procurar assistência em caso de dependência química.

Dessa forma, a experiência foi muito positiva e agregante para os acadêmicos de medicina, permitindo o contato mais próximo com a comunidade, sendo possível analisar melhor suas conjunturas, além de proporcionar a vivência de aplicar a educação em saúde, tão importante para a comunidade, pautada a partir do tripé

educador-educando-objeto de Paulo Freire, permitindo a integralização dos saberes e práticas (PICCIN *et al.*, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas, tanto na elaboração do projeto como em sua aplicação, foram enriquecedoras e possibilitaram uma reflexão sobre a importância das atividades voltadas para a temática de drogas ilícitas entre a juventude. Torna-se incontestável a presença dessas substâncias permeando cada vez mais a mocidade, até mesmo no ambiente escolar.

De modo geral, a maioria dos jovens não compreende a real dimensão dos malefícios causados pelo uso das drogas, neste ponto, as atividades de educação em saúde na escola surgem como estratégias para alcançar e impactar a vida desses, através de intervenções voltadas para a comunidade escolar, implementando ações de orientação e prevenção ao uso de drogas, estimulando sua atuação como multiplicadores das informações recebidas.

Além do mais, a experiência conseguiu instigar nos acadêmicos de medicina uma visão ampliada da comunidade como um todo, permitindo conhecer melhor o contexto social dos jovens, lidar com a cultura local e com os adolescentes, proporcionando um aprendizado mais humanizado e voltado para as carências da coletividade, compreendendo as peculiaridades e as interferências existentes, com potenciais nocivos, especialmente aos jovens em idade escolar.

Dessa forma, faz-se importante ressaltar que é por meio dos contatos com realidades diferentes que o perfil do futuro profissional médico vai sendo moldado, para que futuramente consiga oferecer um atendimento pautado na integralidade do paciente, considerando suas particularidades, assim como as influências causadas pelo ambiente em que está inserido.

Diante do exposto e a partir dos grandiosos benefícios fornecidos pelas experiências relatadas no que se refere à nossa formação humana e profissional, é recomendável que outros cursos superiores na área da saúde promovam uma readequação em suas grades de ensino, a fim de garantir a inclusão das atividades de educação em saúde. Isso certamente permite que os acadêmicos desfrutem de um maior contato com a comunidade e a realidade local, com o propósito de proporcionar um desenvolvimento profissional mais humanizado e voltado para a totalidade do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. E. et al. Experimentação de substâncias psicoativas por estudantes de escolas públicas. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, n. 82, p. 1–9, 2017.
- BRASIL. **Decreto nº 6.286**, de 5 de Dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola. Brasília, DF, dez 2007.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.
- BRASIL. **Lei nº 11.343**, de 23 de Agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas. Brasília, DF, ago 2006.
- CAMARGO, J. C. *et al.* Consequências do uso de drogas: a ótica de adolescentes pertencentes ao meio rural. **Fundamental Care online**, v. 9, n. 4, p. 1028–33, 2017.
- CARLINI, E. L. A., NOTO, A. R., SANCHEZ, Z. V. D. M., *et al.* **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras -2010**. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Brasília: SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.
- FERNANDES, K. J. S. S. *et al.* Relato de experiência: vivências de extensão na comunidade. **Revista Ciência Extensão**. v.12, n.1, p.97-104, 2016.
- FERNANDES, W. J. **Sobre o inesperado: administrando a adversidade do imprevisto e do diverso no trabalho grupal**. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Revista da SPAGESP. v.15, n.2, p. 6-7, 2014
- FRANCESCHINI, V. L. C.; MIRANDA-RIBEIRO, P.; GOMES, M. M. F. Porta de entrada ou porta de saída? Fracasso escolar no ensino médio segundo estudantes e coordenadores(as) de escolas em ribeirão das neves, MG. **Educação em revista**., Belo Horizonte, v. 33, e164208, 2017.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF. **Adolescência**: uma fase de oportunidades. Disponível <https://www.unicef.org/brazil/pt/br_sowcr11web.pdf>. Acesso em 13 out. 2018.
- HIEMSTRA, A. M. *et al.* Genetic vulnerability to schizophrenia is associated with cannabis use patterns during adolescence. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 190, p. 143–50, 2018.
- INEP/DEED. **Indicadores de Fluxo Escolar da Educação Básica** – Brasília: INEP/ Ministério da Educação, p. 13, 2017. INEP. Taxa de Distorção Idade-Série, por Dependência Administrativa e Localização, nos Níveis de Ensino Fundamental e Médio - Municípios – 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>>. Acesso em Outubro de 2018
- JORGE, K. O. *et al.* Influência do grupo de pares e uso de drogas ilícitas entre adolescentes brasileiros: um estudo transversal. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00144316, 2018.
- LIMA, R. M.; SEGALA, M.; TREVISAN, C. M. Promoção Do Desenvolvimento Infantil Na Escola Através De Atividades Motoras Recreativas. **Revista Eletrônica de Extensão**, v. 13, n. 24, p. 105–15, 2016.
- LOPES, M. V. O. Sobre estudos de caso e relatos de experiências. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 4, p. 1, 2012.

MAIA, B. S. Consumo de cannabis na adolescência: relato de caso. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 33, n. 5, p. 352–60, 2017.

MESTER, A. *et al.* Bullying e uso de substâncias psicoativas na adolescência: uma revisão sistemática. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 123–39, 2018.

MICHEL-CHÁVEZ, A. *et al.* Reward and aversion systems of the brain as a functional unit. Basic mechanisms and functions. **Salud Mental**. 2015, v. 38, n. 4, p. 299-305, 2015.

MOUSSAS, G.; PAPADOPOULOU, A. Substance abuse and cancer. **Psychiatriki**, v. 28, n. 3, p. 234–41, 2017.

NASCIMENTO, M. O. DO; DE MICHELI, D. Avaliação de diferentes modalidades de ações preventivas na redução do consumo de substâncias psicotrópicas em estudantes no ambiente escolar: um estudo randomizado. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 20, n. 8, p. 2499–2510, 2015.

ORTEGA, L. V. N; SOUSA, T. P; JESUS, A. DE. Jogos e brincadeiras no processo de ensino - Aprendizagem na educação infantil. **Revista Gestão Universitária**, v. 6, n.16, p. 1-12, 2016.

PEDROSA, S. C. *et al.* Educação em saúde com adolescentes acerca do uso de álcool e outras drogas. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 5, n. 1, p. 1535–41, 2015.

PEREIRA, D. R.; SOUSA, B. S. A Contribuição dos jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem de crianças de um CMEI na cidade de Teresina. **Revista Fundamentos**. v. 3, n. 2, p. 1-17, 2015.

Prefeitura Municipal de Três Lagoas – MS. Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Editoriais: **Três Lagoas atinge em 2018 meta do Ideb prevista para 2021** – Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/tres-lagoas-atinge-em-2018-meta-do-ideb-prevista-para2021/>. Acesso em Outubro de 2018.

PICCIN, C. *et al.* Projeto adolescer: promovendo educação em saúde com adolescentes de uma escola municipal. **Rev Enferm Atenção Saúde**, v. 6, n. 2, p.161-168, 2017.

PRIETO-MONTOYA, J. A.; CARDONA-CASTAÑEDA, L. M.; VÉLEZ-ÁLVAREZ, C. Estilos parentales y consumo de sustancias psicoactivas em estudiantes de 8o a 10o. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, v. 14, n. 2, p. 1345–56, 2016.

SANTOS, M. M. *et al.* Consumo de drogas e fatores associados: estudo transversal com adolescentes escolares do ensino fundamental. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 16, n.1, p. 65-68, 2017.

SOUZA, F. B. DE *et al.* Avaliação das concepções de educadores de escolas públicas e particulares sobre uso de drogas : um estudo exploratório. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 3, p. 1081–95, 2015.

SOUZA, M. R. *et al.* Juventude e drogas: uma intervenção sob a perspectiva da Psicologia Social. **Pesquisas e práticas psicossociais**, vol.10, n.1, pp. 66-78, 2015.

TAVARES, M. L. *et al.* Perfil de adolescentes e vulnerabilidade para o uso de álcool e outras drogas. **Rev. Enfermagem UFPE online**, v. 11, n. 10, p. 3906–12, 2017.

TANAREE, A.; ASSANANGKORNCHAI, S.; KITTIRATTANAPAIBOON, P. Pattern and risk of developing alcohol use disorders, illegal substance use and psychiatric disorders after early onset of alcohol use : Results of the Thai National Mental Health Survey 2013. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 170, p. 102–11, 2017.

TRETTIM, P. *et al.* Psychoactive substance abuse and dependence and its association with anxiety disorders : a population-based study of young adults in Brazil. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 40, n. 4, p. 349–53, 2018.

VENTURA, J. *et al.* A iniciação e abuso de drogas na adolescência: revisão narrativa. **Cuidado é fundamental online**, v. 10, n. 4, p. 1169-1175, out.-dez, 2018.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE AS IST: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Carla Lúcia Sousa Leão

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Mariana Ferreira Carrijo

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Taiana Gabriela Barbosa de Souza

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Karine Bianco da Cruz

Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul, Campus Três Lagoas, Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem, Três Lagoas-MS

Juliana Dias Reis Pessalacia

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Rosimeire Aparecida Manoel Seixas

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Faculdade de Medicina, CampoGrande-MS

Priscila Balderrama

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

RESUMO: A escola é um dos cenários em que os profissionais de saúde podem atuar visando a promoção de saúde. Uma ferramenta útil para educação em saúde é a metodologia ativa, pois, o aluno é o elemento central do processo de ensino-aprendizagem. O objetivo foi descrever o processo de preparo e desenvolvimento da

atividade de educação em saúde realizada por acadêmicos de medicina em uma escola estadual do município de Três Lagoas-MS sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Trata-se de um relato de experiência a partir do desenvolvimento de atividades na escola, realizadas em agosto de 2018. A abordagem do tema de uma maneira palpável ao público jovem, referente a saúde reprodutiva se faz essencial em ambiente escolar ao respeitar recursos tanto estruturais quanto humanos da realidade local. Isto como uma maneira de auxiliar os profissionais da educação básica em assuntos trabalhados no meio acadêmico. A experiência evidenciou a importância da promoção em saúde nas escolas e foi importante para a formação médica, no sentido em que proporcionou vivenciar a atuação multiprofissional no contexto da educação em saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em saúde; Promoção da Saúde; Metodologias ativas de ensino-aprendizagem; Doenças Sexualmente Transmissíveis.

HEALTH EDUCATION AT SCHOOL ON STI: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT: School is one of the scenarios in

which health professionals can act to promote health. A useful tool for health education is the active methodology because the student is the central element of the teaching-learning process. The objective was to describe the process of preparation and development of health education activity carried out by medical students in a state school in the city of Três Lagoas-MS on Sexually Transmitted Infections (STI). This is an experience report from the development of activities in school, held in August 2018. Approaching the theme in a palpable way to young people, regarding reproductive health is essential in school environment while respecting both structural resources as humans of the local reality. This is a way of assisting basic education professionals in academic subjects. The experience showed the importance of health promotion in schools and was important for medical education, in that it provided the experience of multiprofessional practice in the context of health education.

KEYWORDS: Health Education; Health Promotion; Active teaching-learning methodologies; Sexually Transmitted Diseases.

INTRODUÇÃO

O Programa Saúde nas Escolas (PSE) foi instituído pelo Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, a partir da parceria entre Ministério da Educação e Ministério da Saúde, tendo como foco alunos de escolas públicas. Esse programa tem como objetivo articular saúde e educação para enfrentar as vulnerabilidades das quais jovens e adolescentes estão expostos e que comprometem seu desenvolvimento (BRASIL, 2018; BRASIL, 2017).

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) representam uma temática relevante para o trabalho no PSE, considerando que a fase da adolescência marca o início da vida sexual, além de que as IST são consideradas um problema de saúde pública tanto nos países em desenvolvimento quanto nos desenvolvidos. As IST são contraídas ou propagadas por via sexual e caracterizadas como infecções por terem períodos assintomáticos, sendo de extrema importância que os pacientes sejam tratados precocemente para minimizar os danos e eliminar a cadeia de transmissão. Afinal, elas podem funcionar como porta de entrada para outras doenças como a Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (SIDA) devido a infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) (NASCIMENTO; CURY-MARTINS, 2017).

Considerando a população adolescente, estudos epidemiológicos constataram que houve importante aumento na detecção de casos de IST nesse público em relação a população brasileira. De acordo com o Ministério da Saúde, 1,8% dos casos de HIV notificados no Brasil entre 1980 até 2012 era entre jovens de 10 a 19 anos. Essa faixa etária é mais vulnerável pela predisposição a um maior número de parceiros sexuais sem o uso de preservativos feminino ou masculino (CABRAL;

SANTOS; OLIVEIRA, 2015).

Há muitas barreiras socioculturais que dificultam conversar sobre a temática das IST (CHAVEIRO *et al.*, 2015). Com isso, considera-se que estigmas e preconceitos ainda interferem na formação do sujeito, comprovando a necessidade de uma abordagem que permita o diálogo, a reflexão e com isso a mudança de postura conforme as situações e necessidades que possam aparecer.

Outra temática relevante a ser trabalhada com essa população refere à saúde reprodutiva, pois é um assunto que se encontra diretamente relacionado ao cotidiano dos jovens. Uma fase de novas descobertas que acaba colocando-os em situação de vulnerabilidade. O que se deve as possíveis escolhas cotidianas e que talvez pudessem ser evitadas por meio da abordagem eficiente do tema proposto (GENZ *et al.*, 2017).

No entanto, tal contexto demanda uma abordagem educativa pautada por metodologias ativas, que estimula a atitude crítica e a criatividade, nas quais o profissional desempenha o papel de facilitador do processo de aprendizagem, enquanto o aluno desenvolva uma postura reflexiva, de análise das possíveis situações para a tomada de posições. Isso acontece, uma vez que essa metodologia é capaz de promover a autonomia e criticidade dos discentes, contrapondo o método tradicional em que os professores e os livros didáticos são fontes exclusivas de saber (DIESEL; BALDEZ; MARTINS; 2017).

Convém lembrar que nos métodos ativos há o engajamento dos participantes, promovendo a proatividade e a autocrítica por meio da discussão do tema. Além disso, a metodologia ativa estimula a cooperação entre os alunos, focando em sua realidade na busca de que a atividade seja realmente eficaz ao promover a mudança na vida dos participantes (FIGUEREDO *et al.*, 2015).

Ademais, essa nova metodologia se encaixa com o novo perfil de jovens com uma postura mais dinâmica no processo de ensino- aprendizagem. Isso é possível, já que o conhecimento pode ser explorado por meio de atividades como o diálogo e da ação, afinal, não se trata mais de simplesmente um emissor de mensagens para um receptor passivo que simplesmente deve assimilá-las.

OBJETIVO

Relatar a experiência de acadêmicas do curso de Medicina no desenvolvimento da atividade de educação em saúde sobre IST para alunos do ensino fundamental de uma escola estadual do município de Três Lagoas.

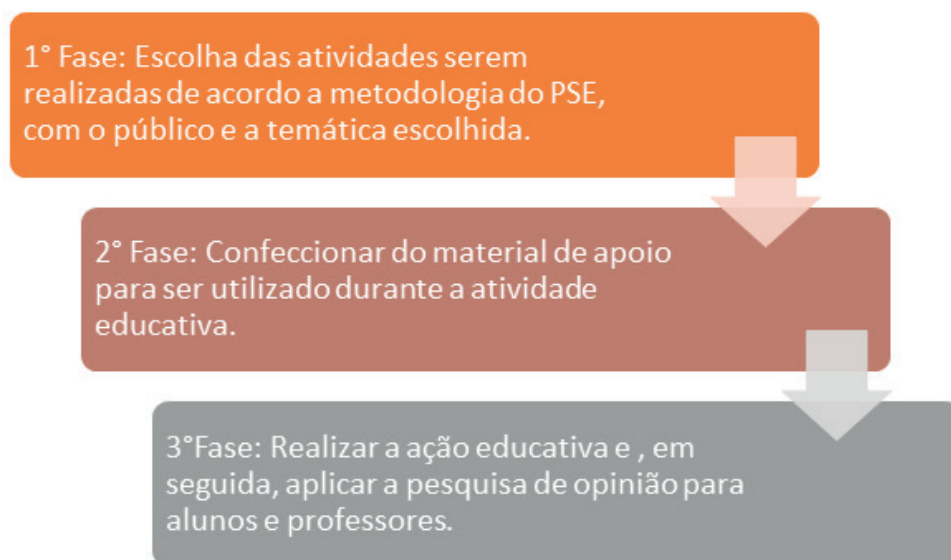
MÉTODO

Esse estudo de natureza descritiva refere-se a um relato de experiência, o qual consiste em um instrumento socializador das vivências do grupo, em que esse relato consiste numa forma científica de exteriorizar a experiência prática, para que seja melhor compreendida e fundamentada pela literatura. A análise é uma das partes mais importantes do mesmo, pois tem um teor reflexivo e crítico do que foi vivenciado pelos acadêmicos na atividade e a discussão disso com a literatura (DROGANOV *et al.*, 2018).

A ação ocorreu na cidade de Três Lagoas, onde conta com 34 escolas, entre elas públicas e particulares, que oferecem os anos finais do ensino fundamental. A diretoria educacional pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura é responsável pelo planejamento, coordenação, direção e controle de suas ações e departamentos. A execução do programa de saúde escolar compete ao departamento de administração escolar (TRÊS LAGOAS, 2018a).

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino, em que é um indicador nacional que possibilita monitorar a qualidade da educação e traçar metas para melhoria da mesma (BRASIL, 2007). Segundo a diretora, o objetivo é melhorar constantemente a qualidade da educação fornecida aos alunos e para isso se esforçam para manter a qualidade do serviço educacional que oferecem (TRÊS LAGOAS, 2018b).

A experiência da atividade aconteceu no mês de agosto de 2018, durante a carga horária da disciplina optativa 'Educação e Saúde no contexto escolar', ofertada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A ação educativa foi construída e executada a partir de três etapas, conforme ilustradas na figura abaixo:



A escolha do tema foi realizada a partir da discussão entre os acadêmicos e a equipe técnica da escola. A temática da Saúde Reprodutiva está na grade curricular das turmas, sendo um assunto de extrema importância a ser trabalhado. Optou-se, portanto, em discutir sobre a saúde reprodutiva com foco na prevenção das IST. Além disso, decidiu-se que os 68 alunos de quatro 8º anos da escola seriam o alvo da atividade de educação em saúde proposta em um momento de até 50 minutos por turma durante o período vespertino de uma sexta-feira. A escola não poderia dispor mais horários devido ao planejamento escolar para o ano letivo.

A ação educativa foi desenvolvida por meio das seguintes etapas:

1) O facilitador (acadêmico) explicou como a atividade seria realizada e qual o tema a ser abordado.

2) Os participantes foram estimulados a realizar as atividades propostas, tendo o auxílio necessário por parte dos acadêmicos.

As perguntas feitas e, logo depois, discutidas com os alunos foram:

- a. As IST são transmitidas apenas por contato sexual?
- b. É possível estar contaminado com alguma IST e não saber?
- c. O que pode acontecer quando não se trata uma IST?
- d. Posso contrair IST através do sexo oral?
- e. Toda IST apresenta sintomas característicos na região genital?
- f. Todo corrimento vaginal é uma IST?
- g. O HPV (vírus do papiloma humano) é uma IST caracterizada pelo aparecimento de verrugas em sua fase inicial de desenvolvimento?
- h. Uma pessoa saudável pode estar infectada pelo HIV?
- i. Uma pessoa pode ser afetada por mais de uma IST?
- j. Para tratar uma IST pode-se apenas comprar um remédio na farmácia?

3) Em seguida, foram discutidos os erros e acertos realizados durante as atividades, mostrando quais as informações corretas e o porquê dos erros de acordo com o conhecimento prévio dos participantes.



Figura 01: Material utilizado durante a atividade educativa.

Fonte: elaboração própria.

Os alunos foram divididos em, no mínimo, duas equipes para a realização da oficina. Cada equipe escolheu um representante para responder, em prol do grupo, os questionários feitos durante o debate. As equipes respondiam as perguntas com 'sim ou não' e explicavam o porquê de suas respostas, adotando-se como critério de desempate a justificativa que estava mais completa.

O 'Quiz das IST' foi composto por perguntas elaboradas pelas acadêmicas, sendo que os participantes deveriam dizer se as afirmativas estavam certas ou erradas ao passo que deveriam justificar suas respostas. Durante o encontro os alunos eram incentivados a responder os questionamentos acerca da temática proposta e debater as ideias com o grupo e também com as acadêmicas. Após os alunos elaborarem suas respostas as acadêmicas explicavam sobre as indagações e sanavam as possíveis dúvidas que surgissem.

Os grupos vencedores ganharam como prêmio chocolate e todos os outros participantes da atividade ganharam pirulito como recompensa pela participação. Finalizou-se a atividade após aplicar os questionários avaliativos.

Após a realização das atividades, aplicou-se dois questionários para avaliar a opinião dos participantes e dos professores sobre a atividade realizada. Esse questionário teve como foco entender se a linguagem utilizada e o tema discutido foram aplicados de maneira útil e compreensível.

MARCO TEÓRICO

De acordo com dados da Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas

na População Brasileira (PCAP), 25% da população brasileira iniciou a atividade sexual antes dos 15 anos, e outros 35%, entre 15-19 anos. Além disso, o uso do preservativo não obteve índices favoráveis em relação ao aumento de novos casos de IST. Nesse caso, jovens e adolescentes merecem destaque em relação a infecção pelo vírus Papiloma Vírus Humano (HPV), sendo que o público jovem ganha mais destaque quando se refere as maiores taxas de infecção gonocócica e por clamídia (BRASIL, 2011).

O PSE se baseou no fato de que a escola é um espaço propício para o desenvolvimento do senso crítico, moral e de ações de educação, prevenção e promoção em saúde, considerando que esta seja um espaço que precisa ser devidamente aproveitado, considerando que esta seja um espaço de participação social, portanto, favorável para o desenvolvimento de ações de promoção de saúde que contribuam para a formação de cidadãos conscientes a curto e longo prazo na vida dos jovens. Isto em concordância com o fato de que a dinâmica do ambiente escolar possibilita o trabalho em grupos organizados de idades semelhantes ao envolver diferentes atores sociais (alunos, professores e demais membros que compõe esta comunidade) durante este processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aplicou-se uma metodologia ativa com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental por meio do ‘Quiz das IST’. Percebeu-se que poucos alunos detinham o conhecimento do conceito de IST, quais doenças pertenciam a esse termo e de como estas podiam ser transmitidas. A maioria dos alunos possuíam conhecimentos apenas sobre o vírus HIV, de forma estigmatizada e errônea, afirmando, por exemplo, que é possível contrair esse vírus sentando em vasos sanitários e por meio de beijos.

Segundo Eastman-Mueller *et al.* (2018) a falta de informações sobre IST e os modos de prevenção entre adolescentes cursando o ensino médio é muito maior do que os adultos jovens que cursam o ensino superior. Observou-se que foi importante trabalhar com essa faixa etária, pois é o momento em que alguns adolescentes estão iniciando sua vida sexual. O grupo de estudantes, no geral, era heterogêneo, sendo que a maioria desses alunos participou de forma proveitosa da ação educativa, mostrando-se interessados nos assuntos abordados sobre a temática. É fundamental que os adolescentes recebam as informações corretas nesta etapa, considerando as relações sociais e afetivas (SILVA, 2015).

Normalmente a família não é uma fonte de conhecimento sobre essa temática. Os pais têm dificuldades para abordar esses assuntos e transferem essa

responsabilidade para a escola, que tem dificuldade de abordar, pois os professores sentem-se despreparados (SILVA *et al.*, 2015).

A transição da infância para a vida adulta é complexa e implica numa maior vulnerabilidade desses adolescentes. Esse período também é caracterizado pela susceptibilidade e instabilidade, ocorrendo exposição a riscos sem ponderar os riscos a curto e longo prazos (MIRANDA *et al.*, 2013).

Programas federais, estaduais e municipais têm sido executados para expandir o acesso universal e gratuito aos preservativos, visando a prática do sexo seguro e a redução das taxas de IST. Além do método protetivo em si, é importante divulgar as formas de transmissão, sinais e sintomas de IST. Isso é importante para que a população tenha conhecimento e procure assistência precoce nos serviços de saúde (PINTO *et al.*, 2018). De acordo com um estudo nacional realizado por Miranda *et al.* (2013), para a maioria dos jovens a escola seria o ambiente ideal para receber informações sobre IST.

Embora esse conteúdo esteja previsto pelo PSE, os professores sentem-se despreparados, inseguros e não possuem subsídios para debater esse assunto. Pelo fato de haver muitos tabus, alguns professores optam por trabalhar apenas as questões biológicas retratadas nos materiais didáticos e não conversam sobre prevenção e tratamento (PINTO *et al.*, 2018).

As atividades desenvolvidas foram adaptadas dos fascículos do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) buscando promover o conhecimento dos participantes sobre as formas de prevenção em relação às IST, algo previamente solicitado pela escola. O uso da metodologia participativa por jovens acadêmicos permitiu que os adolescentes se sentissem livres para expor suas ideias e opiniões, tornando as discussões ricas e abertas.

Percebeu-se que estigmas e preconceitos ainda interferem na formação do sujeito, por isso, falar sobre esse tema com jovens é essencial para que se nutra a empatia, o respeito e que informações sobre os assuntos trabalhados sejam abordadas de maneira eficaz. Afinal, são temas diretamente relacionados ao cotidiano dos jovens, esses que se encontram em condições de vulnerabilidade devido a suas escolhas do cotidiano em situações de risco.

Ademais, identificou-se o estranhamento sobre a nomenclatura de IST pelos alunos, os quais conheciam apenas a sigla DST e, mesmo após a explicação de nós, coordenadoras do quiz, alguns estudantes ainda permaneceram confundindo os termos e não entendendo a nova denominação dessas infecções.

Foi alterada a nomenclatura de DST para IST em 2016 de acordo com o Decreto nº 8.901/2016 publicada no Diário Oficial da União. Segundo o Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais, essa alteração se deu ao fato de nem toda IST ser uma doença, uma vez que algumas podem apresentar períodos assintomáticos. Esse

termo é o mais adequado e, inclusive, já é utilizado pela Organização Mundial de Saúde (BRASIL, 2016).

Durante a realização do jogo de perguntas e respostas sobre as infecções, aproveitou-se para mostrar imagens aos estudantes de alguns sintomas dessas doenças, tendo como resultado o impacto perante a visualização das figuras. Essa estratégia adotada fez com que os alunos tivessem maior interesse pela atividade e ajudou a respeito da discussão do quanto a prevenção é importante e, embora esse conteúdo esteja previsto pelo PSE, os professores sentem-se despreparados a ministrá-los.

É necessário considerar que as turmas foram participativas e percebeu-se que o fato de dividir a sala em grupos estimulou a competição e maior interação entre os integrantes, além de facilitar a criação de vínculos com os acadêmicos.

Os professores acompanharam as atividades, valorizando a temática e metodologia abordadas. Foi identificada, por uma das coordenadoras da atividade, a falta de participação de uma integrante de um dos grupos. Ao notar sua introspecção, a coordenadora começou a instigar as perguntas de forma mais próxima e reservada com a aluna em questão. Esta, de forma ainda tímida, respondeu à pergunta feita (em que os demais integrantes do seu grupo não sabiam responder) de forma correta, fazendo, assim, sua equipe pontuar. A aluna, ao ser parabenizada e receber agradecimentos dos seus colegas de grupo, demonstrou felicidade e satisfação com a situação e a partir desse momento começou a participar das demais respostas do quiz.

Concluiu-se que ao trabalhar com a integrante do grupo no individual, tentando ter um olhar mais humano para as dificuldades individuais, proporcionou-se ao participante o sentimento de pertencimento ao grupo, que a reconheceu como integrante também, fazendo com que todos os alunos tivessem uma maior afinidade com o tema discutido.

É preciso valorizar o conhecimento prévio dos alunos, discuti-los e construir o saber por meio de debates e agregar novas informações. Para isso é necessária uma postura reflexiva, crítica e investigativa (DIESEL; SANTOS-BALDEZ; MARTINS, 2017).

Além disso, um dos alunos estava desmotivado porque sua equipe estava perdendo a competição, mas, durante o quiz conseguiu-se estimulá-lo e no final, seu grupo foi o vencedor. Aproveitou-se essa situação para discutir com os estudantes sobre a importância da persistência, da autoconfiança, motivação e interesse nas atividades realizadas, uma vez que essas características são mais do que necessárias para se ter um bom rendimento nas atividades que são realizadas.

Os prêmios distribuídos ao final do quiz serviram como estímulo para os alunos participarem e se empenharem durante a atividade. Inicialmente, foram elaboradas

dez perguntas para o jogo. Ademais, apesar do pouco tempo, a participação dos estudantes no 'Quiz das IST', superou as expectativas dos realizadores da atividade. A abordagem do assunto foi positiva, em que os alunos tiveram o interesse de aprender sobre as IST, tiveram a oportunidade de esclarecer suas dúvidas e de trabalharem em grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência foi enriquecedora sobre a compreensão do desenvolvimento da dinâmica em relação ao processo ensino-aprendizagem no que tange a educação em saúde que teve como público alvo neste trabalho os alunos do ensino fundamental. O uso da metodologia participativa por jovens acadêmicos permitiu que os adolescentes se sentissem livres para expor suas ideias e opiniões, tornando o debate rico e aberto durante as discussões referentes à temática das IST que é, por vezes, considerada como 'tabu' pela sociedade atual assim como os assuntos referentes à saúde reprodutiva.

Com isso considera-se que o ensino de temas científicos ocorreu de uma maneira mais inteligível de acordo com a realidade local. Para os acadêmicos de medicina foi gratificante participar do processo educativo de adolescentes, vivenciando a atuação multiprofissional no contexto da educação em saúde.

Notou-se que a geração atual apresenta um perfil de aprendizagem que se difere das demais por ser mais participativa. Algo que favorece o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da metodologia ativa de aprendizagem para que outros temas de cunho multidisciplinar possam ser ensinados de maneira lúdica e divertida o que pode contribuir para a sua eficácia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Interministerial nº 1.055, de 25 de abril de 2017**. Redefine as regras e os critérios para adesão ao Programa Saúde na Escola - PSE por estados, Distrito Federal e municípios e dispõe sobre o respectivo incentivo financeiro para custeio de ações.

BRASIL. Decreto nº 8.901, de 10 de novembro de 2016. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 03-17, 11 nov. 2016. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/404376076/decreto-8901-16>> Acesso em: 22 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola**: saiba mais [documento digital]. Brasília (DF). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16795&Itemid=1128> Acesso em: 22/08/2018

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Pesquisa de Conhecimento, Atitudes e Práticas na população brasileira. Brasília, Ministério da Saúde, 2011. 166p. ISBN: 978-85-334-1852-3

CABRAL, João Victor Batista; SANTOS, Siglya Soares Ferreira dos; OLIVEIRA, Conceição Maria de. Perfil Sociodemográfico, Epidemiológico e Clínico dos Casos de HIV/Aids em Adolescentes no Estado de Pernambuco. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 149-163, jan. 2015.

CHAVEIRO, Laine Gomes *et al*, Thematic analysis of sexuality in the school context with teachers of basic education. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 16, n. 5, p. 690-698, 2015.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda; MARTINS, Silvana. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017.

DRAGANOV, Patricia Boveret *al*. Clube de revistas: experiência de um grupo de pesquisa. **Rev Bras Enferm**, v. 71, n. 2, p. 477-481, 2018.

EASTMAN-MUELLER, Heather P. *et al*. *Get Yourself Tested* (GYT) Campaign: Investigating Campaign Awareness and Behaviors Among High School and College Students. **Health Education & Behavior**, p. 109019811878861, 2018.

FERNANDES, Reynaldo; Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Série Documental - Textos para Discussão. Brasília, 2007. 26 p. ISSN 1414-0640.

FIGUEREDO, Wilton Nascimento *et al*. Permanecer SUS: a (re) formação em saúde sob a perspectiva do acolhimento e da humanização. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 5, n. 3, p. 465-475, 2015.

GENZ, Niviane *et al*. Sexually Transmitted Diseases: Knowledge and Sexual Behavior of Adolescents. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 26, n. 2, p. 1–12, 2017.

MIRANDA, Angelica Espinosa *et al*. Associação de conhecimento sobre DST e grau de escolaridade entre conscritos em alistamento ao Exército Brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 2, p. 489–497, 2013.

PINTO, Valdir Monteiro *et al*. Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 7, p. 2423–2432, 2018.

NASCIMENTO, Maurício Mendonça do; CURY-MARTINS, Jade; in Cap.60 - Infecções Sexualmente transmissíveis. SALOMÃO, Reinaldo. **Infectologia: Bases clínicas e tratamento**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.: il. ISBN: 978-85-277-3261-1

SILVA, Karla Rona *et al*. Planejamento familiar: importância das práticas educativas em saúde para jovens na atenção básica. **Gestão e Saúde**, v. 7, n. 1, p. 327-342, 2015.

TRÊS LAGOAS. Secretarias e Diretorias. **Secretária Municipal de Educação e Cultura**. 2018a. Disponível em: <<http://www.treslagoas.ms.gov.br/secretarias-e-diretorias/secretaria-municipal-de-educacao-e-cultura/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

TRÊS LAGOAS. **Três Lagoas atinge em 2018 meta do Ideb prevista para 2021**. 2018b. Disponível em: <<http://www.treslagoas.ms.gov.br/tres-lagoas-atinge-em-2018-meta-do-ideb-prevista-para-2021/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE TABAGISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Caroline Monteiro Zanon

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Hiara Gabrielle Silva

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Sergio Chociay Junior

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Gustavo Henrique Martins Rodrigues Montalvão

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Letícia Gabrielle Miguel Gonçalves

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Juliane Vidal de Lima

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Allyne Tayrys dos Santos

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Anneliese Domingues Wysocki

Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul, Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Andrea Panhoti Ribeiro

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

Priscila Balderrama

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Três Lagoas-MS

RESUMO: Mediante as diversas transformações biológicas e psicossociais que os adolescentes sofrem, aliadas ao aumento do tabagismo precoce, torna-se imprescindível estabelecer intervenções de promoção de saúde e prevenção do uso do tabaco. O objetivo foi descrever a experiência de acadêmicos de medicina durante uma intervenção em saúde em uma escola estadual de ensino fundamental e médio do município de Três Lagoas-MS sobre os efeitos nocivos do tabaco. Trata-se de um relato de experiência a partir do desenvolvimento de atividades na escola, com a participação de 72 estudantes do oitavo ano do ensino fundamental, no segundo semestre de 2018. A realização da intervenção educativa proporcionou uma rica troca de informações entre os acadêmicos e os estudantes, por meio de atividades que estimularam a participação de todos, como debate, premiação e aula expositiva com perguntas. A experiência evidenciou a importância da promoção em saúde nas escolas e foi importante para nossa formação acadêmica, além de esclarecer dúvidas e agregar conhecimento aos alunos envolvidos, no intuito de prevenir contra o tabagismo.

PALAVRAS-CHAVE: Tabagismo; Educação em Saúde; Promoção da Saúde; Adolescente.

ABSTRACT: Through the biological and psychosocial transformations that adolescents

suffer, allied to the increase of precocious smoking, interventions of health promotion and prevention of the use of tobacco become essential. The objective was describing the experience of medical academics during a health intervention about harmful effects of tobacco in a State school of basic and medium education, in Três Lagoas-MS. This is an experience report from the development of activities in the school, with the participation of 72 students from the eighth year of elementary school in the second semester of 2018. The implementation of educational intervention provided a rich exchange of information among academics and students, through activities that stimulated everyone's participation, such as debates, award and an expository class with questions. The experience evidenced the importance of health promotion in school and was important for our academic formation, besides it could clarify doubts and add knowledge to the involved students, in order to prevent the use of tobacco.

KEYWORDS: Tobacco Use Disorder; Health Education; Health Promotion; Adolescent.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa da vida de intensa transformação biopsicossocial na qual, além das mudanças corporais, ocorre a busca pela própria identidade e independência individual (MORENO; VENTURA; BRETAS, 2009). Nesse período de transição para a vida adulta o adolescente é surpreendido por um universo de emoções e descobertas sobre si mesmo e sobre o mundo, as quais podem influenciá-lo a apresentar comportamentos e a tomar decisões que sejam aceitas no meio social em que se encontra inserido, o que pode implicar em comportamentos não saudáveis. (TAVARES *et al.*, 2017).

Neste processo de busca de identidade, formação do caráter e da personalidade prevê-se mudanças no campo psicológico do adolescente que podem levar a alteração do equilíbrio estabelecido previamente a esta fase da vida, resultando tanto no reestabelecimento do equilíbrio anterior como no desequilíbrio e no aparecimento de problemas de comportamento externalizantes (hiperatividade, desobediência, hostilidade, impulsividade, comportamento desafiador) e internalizantes (como depressão, ansiedade, preocupação, medo e insegurança excessivas).

Estudos têm evidenciado a crescente associação entre o uso de drogas lícitas e ilícitas entre jovens com problemas de comportamento externo e internalizantes (POTON, SOARES, GONÇALVES, 2018) bem como entre aqueles cujas pessoas do meio social em que está inserido também os usam (TEIXEIRA, GUIMARÃES, ECHER, 2017; TEIXEIRA, RIEGEL, ECHER, 2017). A utilização dessas drogas representa, para muitos, um auxílio para superar inibições, novas situações e um forma de se auto afirmar perante o grupo em que está inserido. Ademais, ocorre uma atração por algo que é proibido e pela curiosidade sobre as sensações causada por essas substâncias. Dentre as drogas lícitas mais utilizadas, uma das de mais fácil

aquisição e conseqüentemente mais comum é o tabaco (MORENO; VENTURA; BRETAS, 2009).

O tabagismo é considerado um problema de saúde pública bastante relevante, configurando-se como fator importante para o aumento do adoecimento cardiovascular, pulmonar e para o aparecimento de diversos tipos de câncer (REVELES; SEGRI; BOTELHO, 2013). A gravidade do tabagismo pode ser percebida pelas suas taxas de mortalidade, que são superiores à quantidade de óbitos causados pela Síndrome da Imunodeficiência adquirida, malária e tuberculose juntas. Quanto à morbidade, provoca e intensifica doenças crônicas como diabetes e hipertensão, e é responsável por quase 90% dos casos de câncer de pulmão (VIANA *et al.*, 2018).

Embora existam campanhas e implementação de políticas públicas com o intuito de diminuir a prevalência do uso do tabaco entre jovens, ainda se observa o aumento do tabagismo precoce, o que tem se configurado como obstáculo importante para o controle dessa epidemia, (REVELES; SEGRI; BOTELHO, 2013).

Têm-se observado maior prevalência do uso do tabaco entre adolescentes cujo contexto familiar seja de maior vulnerabilidade sociodemográfica (FIGUEIREDO, 2016). Tais argumentos sustentam a importância de se estabelecer e fortalecer estratégias e intervenções voltadas à não iniciação e cessação do tabagismo entre os jovens.

Nesse sentido, o ambiente escolar mostra-se como o mais apropriado para implementar intervenções de promoção de saúde e prevenção do uso do tabaco, visto ser um espaço onde os adolescentes criam vínculos e convivem em grupo por muito tempo (TAVARES *et al.*, 2017). As intervenções educativas para adolescentes no âmbito escolar existem nos discursos oficiais desde a República Velha (1889) e as ações eram mais direcionadas para o ensino de hábitos e comportamentos considerados saudáveis naquela época. Atualmente, a promoção da saúde é abordada no espaço escolar por meio do Programa Saúde na Escola (PSE), que visa ações de saúde e educação no intuito de contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde utilizando estratégias minimizadoras das vulnerabilidades sociais que comprometem essa parcela. Assim, evidencia-se a importância da promoção da saúde no ambiente escolar por meio de ações educativas (CARVALHO, 2015).

OBJETIVO

Relatar a experiência vivenciada por acadêmicos do curso de Medicina que desempenharam ações de promoção de saúde em escolas do ensino básico, cuja finalidade foi conscientizar, prevenir, controlar e demonstrar as implicações na

saúde de indivíduos tabagistas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir da experiência de acadêmicos na realização de atividade educativa realizada em uma escola estadual do município de Três Lagoas que possui cerca 133 alunos matriculados no ensino fundamental I, 524 alunos matriculados no ensino fundamental II e 289 alunos matriculados no ensino médio.

Segundo o último censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Três Lagoas possui 101.791 habitantes e estima-se que no ano de 2018 essa população seja de aproximadamente 119.465. De acordo com censo de 2017, do Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), 7.085 jovens estão matriculados em escolas públicas estaduais no ensino fundamental nessa cidade. As condições em que se encontram essas instituições são precárias devido à negligência por parte do governo e também pela falta de investimentos na área da educação.

Participaram da atividade educativa duas turmas do oitavo ano do ensino fundamental, que contavam com contava com 36 alunos cada uma. A faixa etária desses estudantes variava de 13 a 18 anos de idade.

A atividade educativa ocorreu em dia agendado previamente junto à direção da escola, que organizou a grade horária dos estudantes de modo que o conteúdo abordado nas disciplinas oferecidas naquele dia não sofresse prejuízo. A intervenção educativa foi realizada por seis acadêmicas do curso de medicina sob supervisão e orientação de um docente de uma universidade federal do município supracitado, durante a realização das atividades práticas da disciplina “Prática de Integração ao Ensino-Serviço-Comunidade (PIESC) – III”, na qual desenvolveu-se plano de intervenção educativo voltado à prevenção do tabagismo. A intervenção educativa ocorreu separadamente nas duas turmas, em horários diferentes e no mesmo dia, em dois momentos diferentes, nos quais foram utilizadas estratégias didáticas diversificadas.

As etapas do plano de intervenção, envolveram: Planejamento - deu-se por meio de reunião com a coordenadora da escola. Diagnóstico - foi feito por meio de questionário sobre o tema proposto. Em sequência, ocorreu um debate de opiniões e experiências vivenciados pelos alunos. Intervenção - realizada em duas turmas de oitavo ano durante 50 minutos em cada encontro com cada turma. Os recursos didáticos utilizados foram debate, aula expositiva, projetor multimídia, questionários e vídeos. Avaliação - foram aplicados um questionário de avaliação de satisfação sobre a atividade e um questionário socioeconômico.

Os resultados da experiência foram apresentados de forma descritiva e subjetiva, por meio de relatos sobre as impressões e percepções dos acadêmicos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO NORTEADOR DA ATIVIDADE

Existe a dificuldade de encontrar dados epidemiológicos fidedignos sobre o tabagismo por se tratar de uma droga. Dessa forma, a relevância do tema foi diagnosticada com base EM sua relevância geral e altamente prevalente, principalmente na fase da adolescência. A princípio, o marco teórico para elaboração de nossa experiência foi inspirado no Programa Nacional de controle do Tabagismo (PNCT), cujo objetivo é reduzir o número de fumantes e, com isso, a redução também de morbimortalidades associadas ao uso do tabaco no Brasil, por meio de estratégias de educação, comunicação, treinamento e conscientização, bem como medidas que visem a redução ou abandono do tabaco (INCA, 2012).

Outro marco utilizado foi o do Programa Saúde na Escola - PSE, cuja finalidade é de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. Dentre os objetivos, cita-se o controle do tabagismo e outros fatores de risco de câncer (BRASIL, 2007).

Dessa forma, consideramos a compreensão dos marcos teóricos supracitados primordiais para a concretização de nossas ações educativas em saúde na escola.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Inicialmente, foi realizada uma visita à instituição alvo no dia 28 de agosto de 2018 a fim de investigar as necessidades dos estudantes no quesito saúde. Nesse encontro, a coordenadora foi receptiva com o grupo, havendo uma discussão quanto às questões de saúde mais urgentes e recorrentes entre os alunos que fossem passíveis de intervenção educativa. Dentre os problemas expostos, o de maior urgência foi o uso frequente do tabaco por parte dos estudantes. Diante disso, o grupo compreendeu a necessidade de trabalhar sobre os impactos lesivos que o tabagismo causa, corroborando com a função da escola em contribuir para a estruturação da autonomia e aprendizado entre os estudantes, por meio de espaços que propiciem desenvolvimento de habilidades, atitude e valores, bem como conhecimentos (BRASIL, 1996).

Após essa reunião, no mesmo dia, a coordenadora sinalizou que as turmas de sétimo e oitavo anos seriam as mais indicadas para que a atividade educativa fosse

realizada, visto a maior prevalência da utilização do tabaco entre as mesmas. Devido à limitação do tempo para que todas as turmas participassem da ação, optou-se por se trabalhar com os oitavos anos, devido à maior maturidade e responsabilidade por parte dos alunos. A coordenadora da escola deu várias opções de espaços para que as atividades com os alunos fossem realizadas, sendo escolhida a sala de multimídia, por proporcionar a utilização de estratégias didáticas diversificadas, como a projeção de imagens e vídeos, que fossem capazes de permitir o real aprendizado. Foram escolhidas atividades dinâmicas para a intervenção educativa, com o intuito de despertar, ensinar, manter o interesse e a participação dos alunos. Nesse sentido, atentou-se à necessidade da utilização de uma linguagem acessível para facilitar a comunicação, e de recursos didáticos para auxiliar na aquisição de novos conhecimentos por parte dos estudantes. No ambiente escolar, a educação em saúde possui o objetivo de contribuir no desenvolvimento da autonomia intelectual dos jovens, para que estes sejam capazes de refletir criticamente sobre decisões a serem tomadas em relação à saúde individual e à coletiva (OLIVEIRA *et al.*, 2018). Além disso, a intervenção nos prepara para a comunicação com a comunidade.

O primeiro encontro ocorreu no dia 17 de outubro de 2018. Inicialmente, os acadêmicos organizaram a sala de multimídia, com o projetor de imagens no centro da sala e as cadeiras dispostas de modo que um grupo ficou de frente para o outro. Quando os estudantes entraram nessa sala, eles escolheram o lado que iriam sentar e isso determinou a composição aleatória dos grupos A e B. Primeiramente, foram feitas as devidas apresentações por parte dos acadêmicos e também a explicação da dinâmica a ser realizada, a qual consistiu em uma disputa de participação e interação entre os grupos, ou seja, um debate com premiação (guloseimas).

Nesse primeiro contato, houve a sensação de insegurança, pois eram muitos alunos e era a primeira vez do grupo de acadêmicos fazendo esse tipo de intervenção educativa em escola. O receio inicial passou à medida em que os alunos se mostraram receptivos e interessados, participando ativamente da atividade. Além disso, os alunos se mostraram curiosos e entusiasmados com a competição pelo prêmio. Segundo Sobral (2000), desenvolvimento e aprendizagem que ocorrem através da competitividade dos indivíduos, promovem uma maior participação social. Método este indicado pelas políticas mais recentes da área educacional.

Posteriormente a esta primeira etapa, aplicou-se um questionário, composto por 15 perguntas, baseado em cartilha proposta por Cabrera e Garcia (2013), que oferece alternativas para o desenvolvimento do tema prevenção ao tabagismo. Esse questionário foi um dos critérios utilizados para mensurar o nível de conhecimento prévio dos alunos sobre a temática, sendo utilizado como balizador para o levantamento de dúvidas e informações incorretas sobre o assunto abordado. Alguns desses pontos foram esclarecidos nesse primeiro encontro, mas a maioria

deles foi explicada na aula expositiva do segundo encontro.

Junto com o questionário foi entregue um pequeno pedaço de papel para cada aluno. Após preencherem o questionário, eles escreveram uma palavra que representasse ou se relacionasse com o cigarro na concepção deles e depois colaram esse papel no quadro negro. A primeira turma usou palavras mais variadas para representar o cigarro. Já na segunda turma, foi possível observar muita repetição de palavras. Em seguida, foi feita a leitura de cada palavra e logo depois iniciou-se o debate sobre tabagismo entre os dois grupos. Essa dinâmica da palavra-chave também foi baseada na cartilha supracitada.

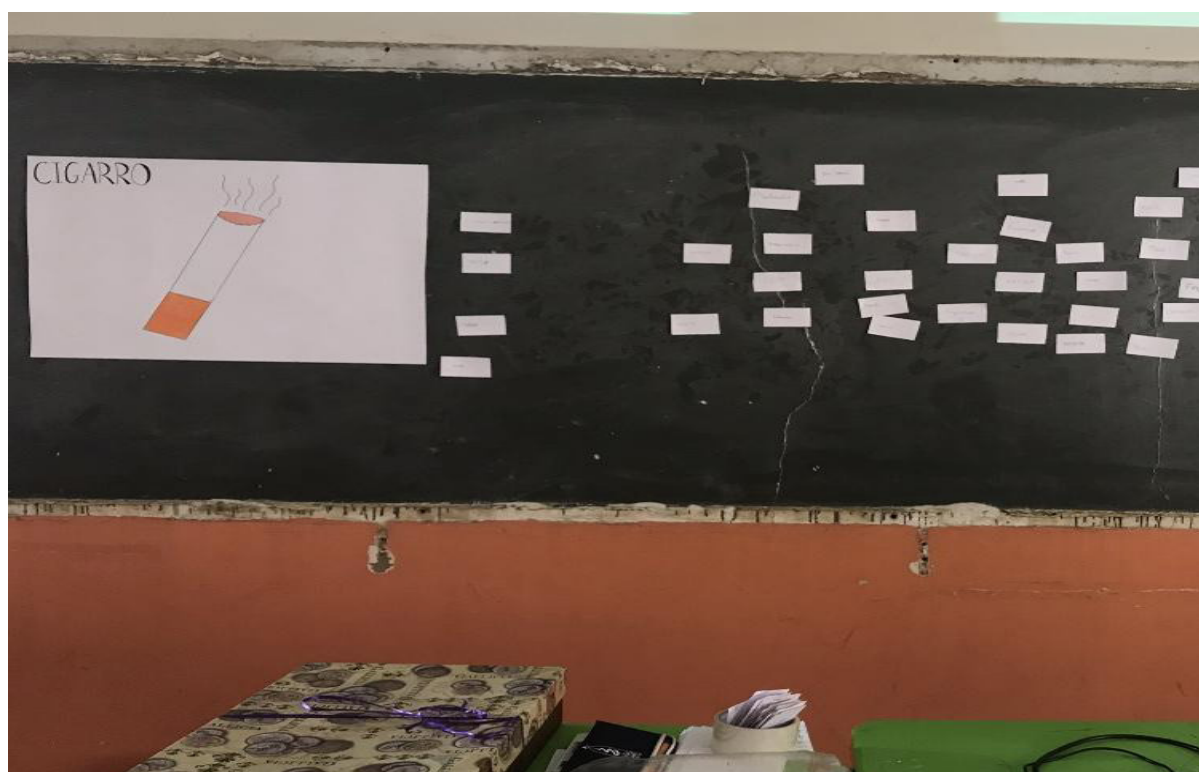


Figura 1. Dinâmica da palavra chave.

A primeira pergunta foi exibida e o primeiro grupo expôs sua opinião utilizando seus conhecimentos prévios sobre o assunto durante 2 minutos. O outro grupo também contou com 2 minutos para sua réplica na discussão. Feito isso, o grupo que melhor argumentou ou que comentou de forma mais coerente a cada pergunta recebeu 1 ponto. Houve uma alternância entre os grupos para responder à pergunta primeiro. Os temas do debate foram abrangentes, porém delimitados em sete perguntas, a saber: “Para vocês o que é vício?”; “Quais são as motivações que vocês acreditam que levem os adolescentes a começarem fazer o uso de cigarro?”; “O círculo de amizades pode induzir ao vício? ; “Quais os problemas de saúde que uso contínuo do cigarro causa nas pessoas?”; “Quais são os maiores desafios encontrados pelos usuários do cigarro deixarem o vício?”; “Quais as condutas

que devem ser adotadas quando se tem o conhecimento de que um amigo esteja fazendo o uso dessas substâncias?"; "O que é fumo passivo? Esse tipo de fumo é mais nocivo que o fumo ativo?".

Por fim, cada grupo teve que elaborar uma pergunta para o outro, com o mesmo tempo estipulado nas outras perguntas supracitadas.

Ao final do debate, foi exibido um vídeo o sobre o relato de um menino de 19 anos que teve sequelas devido ao uso dessa droga. Esse vídeo foi apresentado numa tentativa de causar algum tipo de impacto nos jovens ao mostrar que não são apenas pessoas mais idosas que desenvolvem doenças e outros tipos de problemas decorrentes do tabagismo. Entretanto, houve um imprevisto, o áudio do vídeo ficou muito baixo devido à indisponibilidade de uma caixa de som.

Observa-se que as tecnologias educacionais digitais são cada vez mais utilizadas. Esses recursos, como o uso do projetor multimídia, são considerados uma possibilidade de modernização do ensino. No entanto, vale considerar que apenas a utilização deste não é a garantia de uma melhor aprendizagem, pois somado a isso, deve-se desenvolver ações pedagógicas que possibilitem um fazer crítico vinculado à realidade, construído na autonomia e na cooperação dos estudantes (SILVEIRA; COGO, 2017).

Ao final da dinâmica, ambos os grupos receberam premiação pela participação e interação. Houve uma argumentação e empenho muito bons por parte dos alunos, que excederam as expectativas dos acadêmicos de maneira positiva. As respostas dos questionários e do debate foram utilizadas como base para os conteúdos a serem discutidos na aula expositiva do segundo encontro.

Por meio da avaliação dos questionários respondidos pelos alunos, observou-se a necessidade de se discutir na aula expositiva do segundo encontro sobre os seguintes tópicos: a influência da família e dos amigos em relação ao tabagismo e motivos que levam a fumar, os efeitos do tabaco e do vício (sintomas da dependência), o fumo passivo e o tratamento da dependência.

A intervenção nesse primeiro encontro excedeu o tempo em ambas as turmas devido à grande participação dos alunos, que questionaram sobre os tópicos e compartilharam experiências pessoais relacionadas com problemas de tabagismo na família. Em contrapartida, houve dificuldade em controlar os alunos, principalmente dos da segunda turma, que se encontravam mais agitados.

No segundo encontro, dia 31 de outubro de 2018, foi ministrada uma aula expositiva de mitos e verdades sobre cigarro, além de conteúdos que procuraram sanar as dúvidas dos alunos. O propósito desta aula foi corrigir a concepção comum que os alunos possuíam em relação aos assuntos abordados, realizando uma abordagem baseada em informações científicas.

Nesse encontro, houve atraso para o início das atividades devido a problemas

com o projetor multimídia. Esse imprevisto gerou uma certa ansiedade nas acadêmicas, que preocuparam-se em exceder o tempo novamente e não conseguir passar todo o conteúdo planejado aos alunos. Depois de cerca de 40 minutos de constrangimento e inquietação frente a essa situação, informaram que embora existam diversos projetores multimídia na escola, apenas o cabo de um deles funcionava. Assim que esse cabo correto foi entregue, iniciou-se a aula, e todos sentiram-se aliviados.

A aula para a primeira turma começou após o horário previsto e foi mais demorada do que o planejado. Alguns conceitos abordados com a primeira turma foram de forma muito técnica e isto inviabilizou a compreensão satisfatória do tema. Contudo, após o *feedback* do orientador docente da UFMS, houve uma adequação da linguagem, melhor administração do tempo e filtragem dos tópicos mais importantes sobre o assunto. Isto possibilitou a segunda turma compreender melhor o tema e absorver mais o conteúdo.

Ao fim do segundo dia, foram aplicados questionários de caracterização e de satisfação. Nesse segundo encontro, houve maior dificuldade em conter a atenção da primeira turma do que a segunda, de forma que alguns acadêmicos tiveram que se sentar no meio dos alunos a fim de conseguir evitar a continuação e o surgimento de conversas paralelas que estavam tirando o foco dos alunos. A segunda turma teve um comportamento bom, participou muito fazendo perguntas sobre o tema e relembrando de conceitos ensinados no primeiro encontro. Houve a sensação de satisfação e felicidade por conseguir ensinar e esclarecer diversos aspectos sobre o tema para os estudantes.

Para o final do segundo dia, estava planejado apresentar uma animação com cunho dinâmico e descontraído que envolvia todas as questões discutidas pelos alunos. Entretanto, o vídeo não pôde ser exibido em nenhuma das turmas devido à incompatibilidade com o formato em que ele havia sido salvo. Apesar disso, como as informações contidas já haviam sido passadas para os estudantes, este imprevisto não trouxe preocupação aos acadêmicos.

Com essa intervenção educativa, percebeu-se a importância das atividades de educação em saúde, uma vez que esse tipo de intervenção possui o objetivo de promover a saúde geral e individual. Por meio de atividades dinâmicas, como o debate, por exemplo, foi possível estimular a participação e manter a atenção dos alunos. Além disso, esse processo estimula o pensamento crítico dos indivíduos e isso contribui para o desenvolvimento de sua autonomia intelectual (OLIVEIRA et al., 2018).

A realização da ação educativa teve como objetivo conscientizar, prevenir, controlar e demonstrar as implicações na saúde causadas pelo uso do cigarro. No primeiro encontro, foram realizadas atividades por meio de metodologia ativa que

instigaram a participação e o diálogo dos adolescentes acerca da problemática. Num momento seguinte, foi ministrada uma breve aula de caráter expositivo dialogada, baseada em informações científicas, elucidando as dúvidas levantadas no primeiro dia pelos adolescentes. Por fim, a intervenção deveria ter sido acompanhada de um vídeo descontraído com o propósito de consolidar as informações previamente transmitidas durante a palestra. Os questionários aplicados em ambos os dias tiveram o intuito de conhecer o perfil dos alunos com questões sobre a sua crença, trajetória escolar, sua família e planos futuros e também de avaliar o conhecimento sobre os temas antes e depois da intervenção, além de analisar o desenvolvimento da atividade proposta. Dessa forma, conclui-se que houve avaliação satisfatória em relação à atividade educativa realizada, dada a participação dos alunos durante a execução das mesmas, sendo esperado que se aumente a compreensão desses estudantes sobre a temática em questão, realizando assim, a promoção da saúde e a prevenção do uso dessa droga lícita. Também houve avaliação positiva quanto ao planejamento, envolvimento, comprometimento e execução das atividades propostas por parte dos acadêmicos envolvidos, destacando-se que o aprendizado gerado extrapolou os ensinamentos encontrados nos livros e adquiridos durante as aulas, favorecendo a aquisição de elementos subjetivos como habilidades de comunicação e argumentação, criação de vínculo, desenvolvimento do pensamento crítico, respeitar o momento adequado para falar e ouvir, além de aprender a trabalhar em equipe.

A realização promoção em saúde por estudantes de cursos da área da saúde é primordial para a construção do conhecimento, possibilitando avançar para além do biologicismo focado na doença, construindo um novo padrão de saúde, pautado em um cenário que colabora para a desconstrução e para a transformação da realidade dos indivíduos (SANTOS *et al.*, 2009).

A experiência de atuar nas escolas promovendo saúde é, para os acadêmicos, indubitavelmente de suma importância, pois aproxima o futuro profissional da realidade da clientela assistida, desmistificando seus medos e anseios e possibilitando-lhe tornar-se cada vez mais capacitado e qualificado para o atendimento no cuidado à saúde.

CONCLUSÃO

Como acadêmicos da graduação em medicina de uma Universidade Federal, no desenvolvimento da campanha de prevenção contra o tabagismo, tivemos como objetivo promover ações educativas em saúde nas escolas. Diante disso, concluímos a importância das ações contra o tabagismo para população, sobretudo nos adolescentes. A nossa ideia foi de conscientizar sobre os malefícios do uso do

cigarro, no intuito de prevenir sobre as possíveis consequências desse hábito.

Diante disso, percebemos significativos amadurecimento educacional e pessoal por parte de nós, acadêmicas. Como futuras profissionais da saúde, a experiência demonstrou que possibilidades de abordagem simples e objetivas fazem-se necessárias e eficazes para trabalhar ações propostas pelo Ministério da Saúde, na luta contra o tabagismo, visto que o papel dos profissionais da saúde, principalmente do médico, é primeiramente de prevenção.

Outro ponto observado foi que a maioria das informações que os jovens detêm são parcialmente equivocadas, nesse sentido, evidenciamos a importância da educação em saúde para que seja possível esclarecer informações ao público-alvo em questão. Nesse ínterim, o profissional de saúde tem papel importante em advertir sobre os malefícios do uso do cigarro, na tentativa de sensibilizar a população, além de pensar em estratégias que alcancem resultados satisfatórios.

Portanto, é evidente que a questão envolvendo a temática tabagismo pode apresentar resultados satisfatórios quando trabalhada de forma prática e interativa com os adolescentes. Somado a isso, o apoio social faz-se extremamente importante na luta contra essa droga lícita, pois promove não só a saúde individual, como também a coletiva. Dessa forma, esperamos que promoções em saúde como estas sejam eficazes na redução do número de tabagistas e que conscientize os indivíduos quanto aos malefícios de seu uso, a fim de evitar a morbimortalidade, ao promover melhora na qualidade de saúde dessa parcela.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 06 dez. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=1726&Item>. Acesso em: 29 set. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 09 jun. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Produção Didático-pedagógica (PDE)**, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V2. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em 29 de set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola**, Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16795&Itemid=1128>. Acesso em: 22 ago. 2018.

CABRERA, E. A. P.; GARCIA, R. F. Prevenção ao uso indevido de drogas, com recursos lúdicos na educação de ciências. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. Curitiba: SEED/PR, 2013. v.1, p.10-11.

- CARVALHO, F. F. B. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1207-1227, dez. 2015.
- INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA/MS), Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para controle do Tabaco (CONICQ). **Política Nacional de controle do tabaco**: relatório de gestão e progresso 2011-2012. Rio de Janeiro, 2014. p. 132.
- MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X.; ANDREOLI, S. B. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 807-816, set. 2006.
- MORENO, R. S.; VENTURA, R. N.; BRÊTAS, J. R. S. Ambiente familiar e consumo de álcool e tabaco entre adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 354-360, dez. 2009.
- OLIVEIRA, R. S. et al. Atuação do enfermeiro nas escolas: desafios e perspectivas. Curitiba, **Revista Gestão & Saúde**, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 10-22, 2018.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**: Produção Didático-Pedagógica, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. v. 2. (Cadernos PDE).
- POTON, W. L.; SOARES, A. L. G.; GONÇALVES, H. Problemas de comportamento internalizantes e externalizantes e uso de substâncias na adolescência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 9, 2018.
- REVELES, C. C.; SEGRI, N. J.; BOTELHO, C. Fatores associados à experimentação do narguilé entre adolescentes. **Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)**, Porto Alegre, v. 89, n. 6, p. 583-587, dez. 2013.
- SANTOS, M. C. M. et al. Educação popular em saúde: um exercício de cidadania e valorização da cultura nordestina. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE DIRETRIZES DE ENFERMAGEM NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE (SENABS), Fortaleza, 2009. **Anais...** Fortaleza: ABEn, 2009. p. 258-260.
- SILVEIRA, M. S.; COGO, A. L. P. Contribuições das tecnologias educacionais digitais no ensino de habilidades de enfermagem: revisão integrativa. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, 2017.
- SOBRAL, F. A. F. Educação para a competitividade ou para a cidadania social? São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 03-11, mar. 2000.
- TAVARES, M. L. O. *et al.* Profile of adolescents and vulnerability for the use of alcohol and other drugs. **Journal of Nursing UFPE On Line**, Recife, v. 11, n. 10, p. 3906-3912, out. 2017.
- TEIXEIRA, C. C.; GUIMARÃES, L. S. P.; ECHER, I. C. Fatores associados à iniciação tabágica em adolescentes escolares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, 2017.
- TEIXEIRA, C. C.; RIEGEL, F.; ECHER, I. C. Fatores relacionados à iniciação tabágica em adolescentes. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 21, 2017.
- VIANA, T. B. P. *et al.* Fatores associados ao consumo do cigarro entre adolescentes de escola pública. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, 2018.
- YOSHIDA, W. B. Redação do relato de caso. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 6, n. 2, p. 112-113, 2007.

EDUCAÇÃO SOBRE HPV NO AMBIENTE ESCOLAR

Alister Martins Vieira

Acadêmico do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Bárbara Garcia Munhoz

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Bruna Tiemi Minomi

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Iane Mourão Cerqueira Araújo

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Júlia Angeloni Fuentes

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Rithelle Agledia Sampaio

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Stella Bianchini Borges

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Suelen de Almeida Scher

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Vivian Magalhães Domingues

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Vivielle Veloso de Moura Fé

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

Priscila Balderrama

Acadêmica do curso de Medicina da UFMS –
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas (CPTL).

RESUMO: Relato de experiência sobre a atividade de educação em saúde direcionada a adolescentes do 8º ano do ensino fundamental II de uma escola estadual, realizada por discentes do 6º período do curso de medicina da UFMS/CPTL. O objetivo foi contribuir, por meio de ações de promoção e prevenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de adolescentes da rede pública de ensino. Primeiramente foi realizada uma reunião com a direção da escola para escolha de temática a ser abordada. A partir do Guia de Sugestões de Atividades do Programa Saúde na Escola (PSE) do Ministério da Saúde e da Educação, foram selecionadas três dinâmicas adaptadas ao tema *Human Papilloma Virus* (HPV). Durante as

atividades propostas, foram abordadas questões teóricas sobre o agente etiológico e, também, questões práticas sobre as formas de transmissão, fatores de risco, sintomas, tratamento e prevenção. Os alunos participaram de maneira bastante interativa. A experiência proporcionou aos acadêmicos de medicina desenvolverem capacidade reflexiva diante dos questionamentos, bem como incrementarem suas habilidades de comunicação, confirmando também que a educação em saúde pode ser um meio facilitador, e, conseqüentemente, estratégia promotora de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Promoção da Saúde; *Papilloma viridae*; Educação em Saúde; Saúde do Adolescente.

HPV EDUCATION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT: Experience report on the health education activity directed to adolescents of the 8th grade of elementary school II of a state school, conducted by students of the 6th period of the UFMS / CPTL medical school. The objective was to contribute, through health promotion and prevention actions, with a view to addressing vulnerabilities that compromise the full development of adolescents in the public school system. First, a meeting was held with the school board to choose the theme to be addressed. From the Health at School Program (PSE) Activity Suggestions Guide of the Ministry of Health and Education, three dynamics adapted to the theme Human Papilloma Virus (HPV) were selected. During the proposed activities, theoretical questions about the etiological agent were addressed, as well as practical questions about the forms of transmission, risk factors, symptoms, treatment and prevention. The students participated in a very interactive way. The experience allowed medical students to develop reflective capacity in the face of questions, as well as increase their communication skills, also confirming that health education can be a facilitating means and, consequently, a health promoting strategy

KEYWORDS: Health Promotion; *Papilloma viridae*; Health Education; Adolescent Health.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa da vida em que o indivíduo está apto para a prática sexual, no entanto, fatores sociais, biológicos e psíquicos tornam essa faixa etária mais susceptível a doenças sexualmente transmissíveis (DST). Uma DST se destaca dentre as demais é o Papiloma Vírus Humano (HPV). Pelo aspecto biológico, o colo uterino de uma adolescente, em comparação ao de uma mulher adulta, tem mais chances de se infectar. Tal evento acontece pela maior replicação celular e a ocorrência de substâncias presentes no meio cervical nessa fase da vida. Um outro fator predisponente é que o colo do útero nessa idade apresentar ectopia e zona de transformação imatura, o que propicia a eversão e exposição da mucosa glandular, a qual tem uma maior predisposição ao contágio do HPV

(MACÊDO *et al.*, 2015).

No período entre doze à dezoito anos, pode haver maior contágio por DSTs, em decorrência do aumento do número de parceiros e a falta de busca pela prevenção, tornando-se um problema de saúde pública. Ainda foi evidenciado que está ocorrendo uma antecipação do início da vida sexual em adolescentes, fato este que pode contribuir para o aumento da prevalência de HPV e suas lesões associadas, tornando, assim, as taxas de infecção por este vírus ascendentes (PANOBIANCO, 2013).

Além disso, cerca de metade dos diagnósticos de câncer de colo de útero é na faixa etária entre trinta e cinco e cinquenta e cinco anos de idade, e estas mulheres muito provavelmente foram expostas ao HPV na adolescência (MACÊDO *et al.*, 2015).

Há a existência de determinadas falácias no que tange aos aspectos clínicos e biomédicos do HPV que podem culminar em comportamentos contraproducentes e prejudgadas. Tais conceitos equívocos devem ser corrigidos, por meio de informação e conscientização dos adolescentes. Além disso, a transmissibilidade do vírus, pode ser controlada por meio de atividades educativas em saúde a respeito dos fatores de risco relacionadas ao comportamento sexual e as formas de prevenção (PANOBIANCO, 2013).

O HPV é transmitido pelo contato direto ou indireto com o indivíduo que tem a lesão. Disfunções na barreira epitelial por traumatismos, pequenas agressões ou macerações provocam perda de solução de continuidade na pele, possibilitando a infecção viral. Após a inoculação, o período de incubação varia de três semanas a oito meses e se observa regressão espontânea na maioria dos casos. Os sorotipos 16 e 18 são os carcinogênicos mais importantes e responsáveis por cerca de 70% dos carcinomas cervicais e 50% das neoplasias intraepiteliais de grau III (LETO *et al.*, 2011).

Uma das formas propostas para a prevenção da doença foram as vacinas contra os subtipos mais prevalentes do vírus do HPV, entretanto, esta deve ser aplicada antes do início da vida sexual, dos nove aos doze anos, uma vez que, quando sexualmente imaturos, a resposta imune é mais eficaz. Apesar de não alterar o curso clínico da doença, a vacina pode proteger contra cepas que o indivíduo ainda não teve contato (PANOBIANCO, 2013).

Há duas formas de diagnóstico do HPV, a primeira se dá pela identificação das verrugas, as quais necessitam de ser retiradas, e a segunda forma, os diagnósticos subclínicos, acontece através do exame de Papanicolau, que identifica as lesões precursoras do câncer de colo de útero, e pode ser confirmado por intermédio de exames laboratoriais de diagnóstico molecular (PANOBIANCO, 2013).

Não há evidências científicas contundentes que provem que a utilização de

preservativo proteja eficazmente do contágio pelo HPV, no entanto seu uso não deve ser desencorajado, uma vez que mesmo não sendo altamente eficiente na proteção contra o contágio viral, o uso do preservativo consegue diminuir o risco de contaminação, além de ser uma forma chave no manejo de prevenção de outras DST's (PANOBIANCO, 2013).

De modo geral, a educação dentro da escola é baseada na fundamentação teórica apenas, sem aspectos práticos de situações cotidianas que podem ser vividas pelos adolescentes. O tema em questão foi muito divulgado em mídias sociais, em relação à vacinação, mas pouco abordado em aulas e com muitas dúvidas na população, principalmente em jovens de doze a quinze anos. Tal faixa etária é preconizada na vacinação disponibilizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e também representa o início da vida sexual, bem como de suas dúvidas sobre o assunto.

Nesse cenário, a educação em saúde se mostra de extrema importância, uma vez que discorre sobre doenças comuns na comunidade e com graves consequências à qualidade de vida das pessoas. O Ministério da Saúde, desde 2007, instituiu o Programa de Saúde na Escola (PSE), o qual tem como objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino (BRASIL, 2014).

A escola é uma entidade chave na formação de indivíduos que ajudarão a compor e sustentar a sociedade como cidadãos participativos e engajados. Para tanto, seus deveres com os alunos é contribuir para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente, proporcionando-lhes situações favoráveis à aprendizagem. Além disso, é imprescindível que o ambiente escolar instrua seus estudantes a respeito de novas descobertas da ciência, bem como contribuir com a educação em saúde, ensinando a importância da realização de exames médicos de forma periódica, estimulá-los a utilizar o sistema público de saúde, com o intuito de promover a saúde e prevenir doenças, sendo essas transmissíveis ou não (MARCONDES, 1972).

A educação também visa capacitar os escolares a terem sua autonomia em relação ao conhecimento que adquirem. Educação para a saúde na escola significa a formação de atitudes e valores que levam o escolar ao comportamento inteligente, revertendo em benefício de sua saúde e da saúde dos outros. Não se limita a dar conhecimentos; preocupa-se em motivar a criança para aprender, analisar, avaliar as fontes de informações, em torná-la capaz de escolher inteligentemente seu comportamento com base no conhecimento (MARCONDES, 1972).

Neste contexto, entende-se ser necessário e relevante discutir sobre o HPV,

em especial, sobre questões práticas relacionadas a formas de transmissão, fatores de risco, sintomas, tratamento e prevenção. A educação em saúde voltada a adolescentes pode contribuir para a promoção da saúde e prevenção de doenças, em especial, as sexualmente transmissíveis.

OBJETIVO

Relatar a experiência vivenciada por acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL) da implementação de ações de promoção da saúde em escolares, com foco nos aspectos clínicos e epidemiológicos do Papiloma Vírus Humano (HPV), bem como suas consequências para a saúde sexual dos adolescentes.

MÉTODO

Estudo descritivo, do tipo relato de experiência, produzido a partir da vivência de acadêmicos durante a realização de atividade educativa executada em uma escola estadual do município de Três Lagoas/MS.

Participaram da atividade educativa alunos inseridos em duas turmas do 8º ano do ensino fundamental, sendo que uma turma contava com um total de 30 alunos e a outra com 32 alunos. A faixa etária desses estudantes variava de 13 a 14 anos de idade.

Inicialmente, foi realizada uma visita à instituição alvo, a fim de investigar as necessidades dos estudantes no quesito saúde. Nesse encontro, a direção e professores foram extremamente receptivos, havendo uma discussão quanto às questões de saúde mais urgentes e recorrentes entre os alunos que fossem passíveis de intervenção educativa, tendo sido eleito o tema “HPV”.

A prática educativa ocorreu em dia agendado previamente junto à direção da escola, que organizou a grade horária dos estudantes de modo que o conteúdo abordado nas disciplinas oferecidas naquele dia não sofresse prejuízo.

A intervenção educativa foi realizada por nove acadêmicos do curso de medicina sob supervisão e orientação de um docente da universidade federal, durante a realização das atividades práticas da disciplina de atenção à saúde no ciclo vital VI, na qual desenvolveu-se um plano de intervenção educativo voltado à prevenção do HPV. A ação instrutiva ocorreu separadamente nas turmas, em dias diferentes.

As etapas para a elaboração e implementação do plano de intervenção, envolveram:

- Planejamento - deu-se por meio de reuniões com a coordenadora da escola.

- Diagnóstico - foi feito por meio de questionário aplicado aos alunos, para entender o conhecimento que possuíam sobre o tema proposto.
- Intervenção - realizada através de três dinâmicas escolhidas com base no Guia de Sugestões de Atividades do Programa Saúde na Escola (PSE) do Ministério da Saúde e da Educação.

A primeira dinâmica foi realizada com dois cartazes, um de erros e outro de acertos. Foram distribuídos aos alunos papéis com situações cotidianas a serem julgadas por eles como corretas ou não, as quais deveriam ser fixadas nos cartazes correspondentes. A correção e discussão dessa atividade foram realizadas ao final das demais dinâmicas, com posterior exposição dos cartazes na sala de aula.

A segunda dinâmica foi baseada no jogo de “batata-quente”, na qual foram realizadas perguntas sobre o tema, a cada rodada, para o aluno que estivesse com a bola, no momento em que a música parava. Tais perguntas foram seguidas de explicações e esclarecimento de dúvidas.

Por fim, na terceira brincadeira os alunos se dividiram em duas equipes para a gincana. Foram feitos questionamentos de verdadeiro ou falso acerca do tema e o grupo que respondeu corretamente somou pontos. Ao final, a equipe com o maior número de pontos venceu a brincadeira e todos os participantes receberam chocolates como prêmio.

Os recursos didáticos envolvidos foram lousa, giz, projetor multimídia, questionários e vídeos.

Ao final da atividade, os acadêmicos de medicina aplicavam um questionário de avaliação de satisfação sobre a atividade para os escolares que participaram da atividade. Os resultados da experiência foram apresentados de forma descritiva e subjetiva, por meio de relatos sobre as impressões e percepções dos acadêmicos participantes.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

A adolescência é um período marcado por inúmeros conflitos devido ao surgimento de mudanças biopsicossociais significativas e, em meio a essas transformações, ocorre o despertar da sexualidade sob influência de todas as tensões existentes (WEEKES *et al.*, 2014; MORGAN *et al.*, 2010). Sendo assim, o grupo pode escolher um tema relacionado à sexualidade, pensando na relevância que o assunto teria para esses adolescentes. Desta forma, seria possível debater algo em que ficassem interessados o suficiente para poder realizar as dinâmicas e contar com a colaboração da turma.

A reunião realizada com os diretores e professores foi primordial para reconhecer o público que seria trabalhado e, segundo os mesmos, os alunos

possuíam um bom relacionamento em sala de aula e também com os familiares.

Apesar de uma convivência harmoniosa com os pais, foi percebido durante as dinâmicas que a comunicação em relação à saúde sexual dos adolescentes não era discutida dentro de casa. Um estudo realizado por Dias *et al.* (2007) demonstrou que uma comunicação clara entre pais e filhos acerca dos comportamentos sexuais influencia crianças e adolescentes a não serem guiados por normas de grupos que convivem. Dentro deste contexto, quando os jovens não obtêm respostas para as questões emergentes no lar, eles costumam buscá-las com terceiros, amigos da mesma faixa etária, parceiros ou na mídia. Tais informações podem ser incompletas e até mesmo errôneas, sem uma real confiabilidade (WILSON *et al.* 2010).

Visto isso, o grupo procurou realizar as atividades que estavam previstas, atendendo todas as demandas e dúvidas que surgiam, considerando que seriam essenciais o diálogo e a discussão com os adolescentes. Os alunos puderam ter um espaço para abandonar seus receios pessoais sobre determinados assuntos considerados “tabus”, e perguntar também sobre quaisquer dúvidas, abordando a saúde de maneira integral.

Em um dos momentos da roda de conversa, foi discutido sobre os fatores de risco para o câncer de colo de útero, dentre eles, o tabagismo. Para os acadêmicos de Medicina, este era um aspecto bem consolidado sobre o assunto, contudo, um dos adolescentes apresentou uma dúvida, de extrema importância, a respeito um dispositivo popularmente conhecido como narguilé. Esse é um dos exemplos sobre a disseminação de falsas informações e senso comum, pois muitos adultos não têm conhecimento de que o narguilé pode ser até mais nocivo que o próprio cigarro. Tal fato se deve não só pela fumaça, que é altamente concentrada de substâncias tóxicas, mas também pela disseminação de doenças infectocontagiosas, devido ao compartilhamento do bocal.

À medida que surgiam mais dúvidas, os acadêmicos as esclareciam e ficou evidente o quanto os alunos também se mostravam dispostos a debater tais questões.

A educação em saúde sexual possui um papel fundamental por fornecer informações e orientar os adolescentes a respeito da prevenção, proteção e promoção de uma prática sexual saudável. Segundo Furlanetto *et al.* (2018), a escola representa um lugar com a responsabilidade social de formação dos indivíduos nos aspectos intelectual, social e cultural, compreendendo assim, um local propício para a realização de parte fundamental da educação sexual de crianças e adolescente.

Durante a dinâmica da “batata-quente” foi feita a pergunta: o HPV é sempre sintomático? E notou-se que não havia consenso entre os adolescentes sobre a resposta. De fato, estudos apontam que, há divergências sobre o conhecimento pleno da doença (OKAMOTO *et al.*,2016), assim como foi percebido durante a

implementação da atividade educativa.

Além disso, quando questionados sobre a associação do HPV com o câncer de colo de útero e suas formas de prevenção, os estudantes demonstraram total ignorância sobre o assunto. Em trabalho semelhante de Cirino et al. (2010), foi encontrado que o conhecimento de prevenção do câncer de colo uterino e HPV foi maior nas adolescentes que já haviam iniciado suas atividades sexuais, quando comparadas com as que não haviam iniciado. Uma vez que a grande maioria dos alunos que participaram da atividade educativa não haviam iniciado a atividade sexual, a intervenção realizada foi de extrema importância para que eles adquirissem os conhecimentos necessários para ter uma vida sexual saudável.

Foram observadas muitas dúvidas sobre o HPV, em especial sobre a vacinação e a idade indicada pelo Ministério da Saúde. Segundo dados do Programa Nacional de Imunizações a cobertura vacinal para HPV no ano de 2017 foi menos da metade do total de adolescentes na faixa etária recomendada (BRASIL, 2018).

De acordo com Manoel (2017), quanto maior a informação sobre a doença, maior será a taxa de vacinação da população em questão, afirmação que condiz com o baixo índice de vacinação dos alunos, como foi possível observar nesta análise. Logo, os acadêmicos tiveram a oportunidade de passar diversos conhecimentos adquiridos ao longo da formação universitária, e reforçar ainda mais a importância de se vacinarem na faixa etária atual.

A maioria dos estudantes possuía o conhecimento prévio acerca da transmissão sexual do HPV, contudo inúmeros conceitos equivocados estavam presentes. Nas dinâmicas discutiu-se acerca dos principais assuntos sobre a doença, como as formas de contágio, a sintomatologia, as prevenções primária e secundária e a relação da doença com o câncer. Tal atividade ocorreu a partir de debates, perguntas e respostas e explanações das dúvidas que surgiram durante as atividades.

Foi observado ao final da intervenção um resultado positivo e grande efetividade em relação à aquisição de conhecimento dos alunos, evidenciado pela participação ativa deles nas discussões e dinâmicas propostas. Assim como na experiência de Rizzo *et al.* (2016), a roda de conversa favoreceu a interação e imersão de conhecimentos e dúvidas das adolescentes a respeito do tema proposto, instrumentalizando o grupo de acadêmicos a proporcionar o esclarecimento adequado relacionado a doença e suas características, em acordo com as necessidades dos discentes.

Ao fim, destaca-se também que a experiência de implementar uma ação educativa no ambiente escolar, com adolescentes, sobre HPV, contribuiu de maneira significativa para a formação acadêmica, com situações que não seria possível vivenciar dentro do ambiente Universitário apenas, ainda que em aulas práticas. Houve um consenso entre o grupo de acadêmicos quanto a possibilidade de

colaborar com o ensino e com a promoção de saúde dos alunos da escola estadual, de forma a incentivar a prevenção de doenças transmissíveis e não transmissíveis, a partir de diversos fatores de riscos abordados.

Além disso, foi possível conversar de maneira clara e objetiva acerca da sexualidade com os adolescentes, que relatavam não conseguir com os pais, dentro de casa, esclarecendo falsos conceitos e mostrando que não se deve ter receio de conversar sobre sua saúde.

CONCLUSÃO

A educação para a saúde na escola tem como propósito o ensinamento ao escolar de atitudes e valores que o levará ao comportamento adequado em benefício de sua saúde individual e da saúde coletiva.

A falta de informações a respeito do HPV pode influenciar na formação de concepções errôneas capazes de interferir de forma negativa no comportamento das pessoas. Dessa forma, torna-se imprescindível realizar educação em saúde com adolescentes em idade escolar. Nesta fase da vida ocorre a aquisição de valores, crescimento e desenvolvimento pessoal, o que favorece a agregação de conhecimento e torna possível uma mudança de comportamento. Sendo assim, possibilita-se construir saberes sólidos e consequências positivas para a saúde, através de comportamentos saudáveis.

A experiência relatada trouxe resultados positivos não somente aos adolescentes, mas também aos acadêmicos de medicina. Estes puderam desenvolver uma capacidade reflexiva a respeito da sua importância e responsabilidade, como futuros profissionais de saúde, em transmitir informações à população e promover saúde. Os resultados encontrados foram ao encontro dos objetivos propostos.

As atividades favoreceram a interação e imersão de conhecimentos, esclarecimento de dúvidas a respeito da doença de acordo com as necessidades dos adolescentes. Assim, confirma-se que a educação em saúde se mostra de extrema importância, uma vez que discorre sobre doenças comuns na comunidade e com graves consequências à qualidade de vida das pessoas. Além disso, é um meio capaz de provocar mudanças dos hábitos, de saúde e no dia a dia dos indivíduos.

Por fim, foi constatado ainda que estratégias de educação em saúde precisam ser mais trabalhadas com este público pelos profissionais de saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação; Ministério da Saúde. **Guia de Sugestões de Atividades: semana saúde na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informe Técnico da Ampliação da Oferta das Vacinas Papiloma vírus Humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante): vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CIRINO, F.M.S.B. *et al.* Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e hpv em adolescentes. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 126-134, Mar. 2010 .

DIAS, S. *et al.* Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4, n. 25, p. 625-634, 2007.

FURLANETTO, M. F. *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática de literatura. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 550-571, 2018.

LETO, M.G.P.*et al.* Humanpapillomavirusinfection: etiopathogenesis, molecular biologyandclinicalmanifestations. **Anais brasileiros de dermatologia**, v. 86, n. 2, p. 306-317, 2011.

MACÊDO, F. L. *et al.* Infecção pelo HPV na adolescente. **RevistaFemina**, Belo Horizonte, v. 43, n. 4, p.185-188, ago. 2015.

MANOEL, A. L. *et al.* Avaliação do conhecimento sobre o vírus do papiloma humano (HPV) e sua vacinação entre agentes comunitários de saúde na cidade de Tubarão, Santa Catarina, em 2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 399-404, 2017.

MARCONDES, R.S. Educação em saúde na escola. **Revista de Saúde Pública**, v. 6, p. 89-96, 1972.

MORGAN, E.M.*et al.* A longitudinal studyofconversationswithparentsabout sex anddatingduringcollege. **DevelopmentalPsychology**, v. 46, n. 1, p. 139, 2010.

OKAMOTO, C.T. *et al.* Perfil do Conhecimento de Estudantes de uma Universidade Particular de Curitiba em relação ao HPV e Sua Prevenção. **Revista Brasileira de educação médica**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 611-620, 2016.

PANOBIANCO, M.S. *et al.* O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. **Texto contexto - enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 201-207, Mar. 2013.

RIZZO, E.R. *et al.* Vacina do HPV - o conhecimento das adolescentes a respeito do Papiloma vírus Humano, um relato de experiência. **Revista Pró UniverSUS**, Vassouras, v. 7, n. 2, p. 10-12, 2016.

WEEKES, C.V.N. *et al.* Expectations and self-efficacy ofAfrican American parentswhodiscusssexualitywiththeiradolescent sons: Aninterventionstudy. **Public Health Nursing**, v. 31, n. 3, p. 253-261, 2014.

WILSON, E.K. *et al.* Parents' perspectives ontalkingtopreteenagechildrenabout sex. **Perspectives on SexualandReproductivehealth**, v. 42, n. 1, p. 56-63, 2010.

A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DE ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isabella Rezende Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Luiza Alves da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Ana Maria Farias Ribeiro

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Ariadne Priscilla de Almeida Noronha

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Carolina Pisani Bastos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Gabriela Gonçalves Corrêa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Ana Carolina Fernandes Nunes Coelho

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Karine Bianco da Cruz

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Três Lagoas-MS

Rosimeire Aparecida Manoel Seixas

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Faculdade de Medicina, Campo Grande – MS

Aní Fabiana Berton

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina,
Três Lagoas-MS

Tatiana Carvalho Reis Martins

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus Três Lagoas, Graduação em Medicina e
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,
Três Lagoas-MS

RESUMO: Considerando que o Programa Saúde na Escola (PSE) integra ações no âmbito da educação e saúde com o intuito de promover a formação integral por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde dos estudantes da rede pública, desenvolveu-se esse trabalho com a proposta de refletir no âmbito escolar aspectos da saúde mental do adolescente, contribuindo com discussões acerca da construção do projeto profissional e de vida, bem como dos processos de escolha e da construção da autonomia dessa população. Desse modo, o objetivo desse trabalho foi relatar a experiência de acadêmicos de Medicina durante uma atividade de educação em saúde na escola, voltada para a promoção em saúde

na construção da autonomia de adolescentes. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado com adolescentes de uma escola de ensino médio no município de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Primeiramente, realizou-se o levantamento das demandas a serem trabalhadas com esse público, para em seguida planejar e executar as ações a serem desenvolvidas. Dentre as necessidades apontadas para esse trabalho encontravam-se os seguintes temas: automotivação, perspectivas para o futuro, depressão, bullying e automutilação. A partir disso, buscou resgatar e refletir sobre os sonhos, bem como proporcionar informações sobre possibilidades para a inserção na universidade, visando contribuir para o *empoderamento* e a autonomia dos adolescentes e, conseqüentemente, contribuindo com a promoção da saúde dessa população. De modo geral, essa experiência de educação em saúde no âmbito escolar propiciou abrir um espaço para problematizar e dialogar assuntos atuais e necessidades apresentadas pelos adolescentes, além de configurar em troca de conhecimento entre os acadêmicos e os adolescentes. A experiência vivenciada contribuiu de forma singular na formação dos futuros profissionais médicos, além de permitir uma aproximação entre a teoria e a prática, a universidade e a sociedade.

PALAVRAS CHAVE: Educação em Saúde; Adolescência; Promoção da Saúde.

HEALTH PROMOTION IN THE CONSTRUCTION OF ADOLESCENT AUTONOMY: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT: Considering that the Health at School Program (PSE) integrates actions in the field of education and health in order to promote comprehensive education through prevention, promotion and health care of students from public schools, this was developed. This proposal will reflect in the school environment aspects of adolescent mental health; this will contribute to discussions about the construction of the professional and life project, as well as the processes of choice and the construction of the autonomy of this population. Thus, the objective of this paper is to report the experience of medical students during a health education activity at school, focused on health promotion in the construction of adolescent autonomy. This is a descriptive study of the experience report type, conducted with adolescents from a high school in the city of Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, the plan and how to execute these actions will be developed. Among the needs pointed out for this work were the following themes: self-motivation, prospects for the future, depression, bullying and self-mutilation. From this, it sought to rescue and reflect on dreams, as well as provide information on possibilities for access in the university, aiming to contribute to the empowerment and autonomy of adolescents and, consequently, contributing to the health promotion of this population. In general, this experience of health education in the school provided a space to problematize and create dialogue among current issues and needs presented by adolescents. This created an exchange for knowledge between academics and

adolescents. The lived experiences contributed in a singular way in the formation of the future medical professionals, besides allowing an approximation between the theory and the practice, the university and the society.

KEYWORDS: Health Education; Adolescent; Health Promotion.

INTRODUÇÃO

Como previsto na Constituição Federal Brasileira, a educação em saúde deve seguir princípios básicos, a fim de contemplar as necessidades, objetivos e estruturas materiais e imateriais compatíveis com a responsabilidade da escola e da federação em relação ao jovem aluno (BRASIL, 1988).

Dessa forma, por meio de ações que permitam a integração com a educação global, a educação em saúde visa contribuir com o desenvolvimento integral da criança, ser compatível com as políticas públicas já instituídas, bem como ser cuidadosamente planejada. As ações além de contarem com a participação da comunidade acadêmica e escolar, devem prezar pela inserção da família e da comunidade social (PRATTA; DOS SANTOS, 2007).

A educação em saúde pode ser compreendida como uma prática que orienta os sujeitos em relação aos seus direitos e deveres na perspectiva de alcançar uma melhoria na qualidade de vida. Busca instigar a autonomia, a liberdade e a emancipação do sujeito, enfatizando que cada um é o principal responsável pelo seu processo de mudança, e que cada pessoa tem o seu próprio ritmo (FERNANDES; BACKES, 2010).

Por conseguinte, educação em saúde nas escolas é definida como um mecanismo socioeducativo e de interesse mútuo, promovendo a contextualização do profissional responsável pela ação educativa na realidade do indivíduo, assim como o estabelecimento de um elo de identificação entre ambos, com o intuito de dinamizar e aprimorar o processo de conscientização quais quer que sejam as demandas da comunidade assistida (FERNANDES; BACKES, 2010).

O mundo contemporâneo trouxe diversas descobertas e inovações, contudo, evidenciou também a 'modernidade líquida', em que as pessoas se sentem cada vez mais solitárias. Desse modo, os jovens, em especial, estão submetidos a um processo de alteração hormonal e tem vivido um período conturbado nas escolas devido, entre outros fatores, ao mundo altamente competitivo numa sociedade imediatista que impõe, com urgência resoluções rápidas e práticas, sem poder demonstrar tristeza nem dor diante dos problemas (VILHENA; PRADO, 2015). Por consequência, esses fatores podem contribuir para o sofrimento psíquico na adolescência, expressos, muitas vezes, por meio de comportamentos de automutilação.

A fase da adolescência, caracterizada como um período de transição, é

marcada por algumas mudanças decorrente do crescimento físico e amadurecimento psicológico, do mesmo modo, que por algumas situações que podem constituir-se em momentos de crise com a sexualidade, os conflitos familiares, a dificuldade financeira, a violência, o uso e/ou abuso de drogas, a inserção no mercado de trabalho entre outros. Com isso, faz-se necessário o desenvolvimento de formas apropriadas de lidar com esta conjuntura de crise, mudanças e readaptação, tendo em vista o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento (HAACK *et al.*, 2012).

Para isso, destaca-se a resiliência, a qual é a capacidade do ser humano enfrentar as mudanças e problemas e recuperar-se perante essas dificuldades, ou seja, prosseguir embora haja empecilhos. Desse modo, adolescentes com características de resiliência e autonomia podem lidar de forma efetiva com as adversidades e se adaptar aos desafios que a vida proporciona, aprender com a vivência, administrar episódios estressantes e, no futuro, mostrar-se cada vez mais forte (BARANKIN, 2013). Diante disso, os desafios encontrados para realizar promoção da saúde com os adolescentes são múltiplos e configura-se como uma estratégia que considera o indivíduo inserido em seu contexto. Nesse sentido, a promoção da saúde almeja instruir indivíduos e coletivos para que tenham maior autonomia sobre os determinantes de saúde, contribuindo para que estes possam ter uma melhor qualidade de vida (LOPES; TOCANTIS, 2012).

O censo escolar de 2007 reitera que a evasão escolar entre a juventude é alarmante, sendo que o Brasil possui a terceira maior taxa de abandono das escolas quando comparada aos 100 países com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e, além disso, possui a menor média de anos de estudo entre os países da América do Sul (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017). Diversos fatores corroboram para o abandono escolar, como as drogas, reprovações sucessivas, a falta de estímulo e incentivo da família e da escola, a necessidade desses adolescentes de trabalhar para aumentar a renda familiar, excesso de conteúdo escolar, bebidas alcoólicas, o local da escola, o qual muitas vezes é muito distante da casa desse estudante, a falta de formação de valores e preparo perante a sociedade, o que podem ser considerados decisivos no momento de ficar ou sair da escola (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017). Assim, evidencia-se a importância de trabalhar com os adolescentes temas como a resiliência, a fim de prepará-los para saber como enfrentar às demandas do dia a dia de maneira positiva, apesar das dificuldades encontradas (NORONHA *et al.*, 2009).

Desse modo, faz-se necessário incentivar rodas de conversa e debates nas escolas com a participação de professores e estudantes. Esta iniciativa poderá contribuir na construção da autonomia dos adolescentes, uma vez que disponibilizará um espaço para que expressem suas opiniões, pensamentos, dificuldades e problemas vivenciados (GOMES, 2011). Assim, destaca-se a importância da

metodologia ativa, que se faz presente por meio de rodas de conversa, apresentações interativas e dinâmicas.

O presente trabalho tem como finalidade relatar a experiência de acadêmicos de Medicina durante uma atividade de educação em saúde na escola, voltada para a promoção em saúde na construção da autonomia de adolescentes.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, com a finalidade de sistematizar as experiências vivenciadas por acadêmicos de Medicina de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) durante o desenvolvimento das atividades da disciplina: Prática de Integração: ensino, serviço e comunidade III (PIESC III). Um relato de experiência é a exposição de fatos e de interpretações pessoais, derivado de uma experiência, suscitando reflexões sobre o tema em discussão (LOPES, 2012).

As atividades foram desenvolvidas com estudantes de 1º ano do Ensino Médio, no período matutino, de uma escola de Ensino Estadual, situada no município de Três Lagoas/MS, entre os meses de outubro e novembro de 2018. Para isso, os responsáveis por essa ação educativa foram três discentes do terceiro período de graduação em Medicina de uma IFES, as quais foram orientadas por uma docente.

Os temas abordados foram escolhidos a partir de demandas elencadas pela diretora e coordenadora da escola. Dentre os assuntos elencados encontravam-se: automotivação, perspectivas para o futuro, resiliência, depressão, bullying e automutilação. Em uma reunião entre as acadêmicas, a docente e profissionais da escola estadual optou-se por focar as ações na motivação, nas perspectivas para o futuro e na resiliência, tendo como fio norteador a construção da autonomia dos adolescentes.

A intervenção consistiu de várias etapas: visita prévia a escola, na qual foi realizada reunião com a diretora e coordenadora; visita às salas de aula com a finalidade de conhecer o público alvo e suas demandas; planejamento da ação educativa, execução da atividade de intervenção e elaboração do relatório da experiência.

A execução da atividade de intervenção ocorreu em dois momentos distintos. A ação foi realizada com o emprego de metodologias ativas e atividades expositivas que visavam motivar a participação dos adolescentes. Para a realização das atividades os recursos didáticos utilizados foram projetor de multimídia, computador, caixa de som, cadernetas de educação do Ministério da Educação (MEC), cartolinas e adesivos.

MARCO TEÓRICO

De acordo com a Lei Orgânica da Saúde (8080/90) é objetivo do Sistema Único de Saúde (SUS) prover a assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com a realização integrada de ações assistenciais e atividades preventivas (BRASIL, 1990).

Além disso, considerando o contexto da vigilância em saúde, a promoção da saúde se estabelece como um dos pilares mais relevantes para monitorar e reduzir a prevalência de riscos e agravos à saúde, já que atua no processo de definir os problemas prioritários e as possíveis estratégias de enfrentamento (ARREAZA; MORAES, 2010).

O marco legal das discussões sobre a promoção da saúde ocorreu na I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, na cidade de Ottawa, Canadá, em 1986, cujos preceitos e princípios foram amplamente divulgados no documento que ficou conhecido como a Carta de Ottawa (BUSS; CARVALHO, 2009). No Brasil, a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) traz entre seus princípios o conceito de autonomia, “que se refere à identificação de potencialidades e ao desenvolvimento de capacidades, possibilitando escolhas conscientes de sujeitos e comunidades sobre suas ações e trajetórias (Origem: PRT MS/GM 2,446/2014, Art. 4º, III)” (BRASIL, 2018, p. 26).

A intervenção em saúde realizada no contexto escolar foi baseada em práticas de vigilância, pautada em estratégias que se distanciam dos fundamentos cartesianos predominantes nessa área, em que há a separação racional do que atinge a saúde do corpo e da alma, buscando um atendimento holístico das necessidades do público alvo, analisando as suas maiores demandas, suas condições de vida e seus determinantes ecossociais. Destarte, é possível que ações como esta proporcionem uma melhor qualidade de vida aos sujeitos envolvidos (PINTO, 2009).

Instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE) resulta de uma parceria entre os Ministérios da Saúde e da Educação. O PSE converge ações de educação e de saúde com o intuito de promover a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde (BRASIL *et al.*, 2017).

Insta ressaltar a competência estabelecida por meio da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A ênfase de ações, como o presente relato de experiência descrito, contribui com o desenvolvimento social por meio do incentivo da educação em saúde, reafirmando o compromisso social e legal do ensino público superior como parte e ferramenta de transformação social (BRASIL, 1990).

Destarte, convém ressaltar os desafios da assistência ampla e multidisciplinar às crianças e aos adolescentes propostos no PSE, como a magnitude de recursos financeiros destinados a essa prática, a qualificação da intersectorialidade, a cogestão e a inovação com a finalidade de produzir novos modos de aprendizagem, bem como a ampliação da escola cuidadora e o estabelecimento de redes integradas. Além disso, a adesão ao sistema de monitoramento e delineamento da referência e acolhimento dos educandos identificados com necessidades de saúde (BRASIL, 2007).

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Primeiramente buscou-se identificar as necessidades de saúde dos alunos. Sabe-se, na contemporaneidade, da importância da educação em saúde nas escolas, com intenção de levar o conhecimento de temas pertinentes e relevantes para o maior conhecimento e informação dos alunos conforme a faixa etária (BRASIL *et al.*, 2017). Diante disso, os conteúdos sugeridos pela diretora e coordenação da escola para que fossem abordados na ação de educação em saúde foram motivação, perspectivas para o futuro e resiliência. Com isso, foi realizado o planejamento das intervenções pautado em metodologias ativas. Tal metodologia instiga que o educando tenha uma postura crítico-reflexiva e sinta-se motivado pela busca conhecimento (MACEDO *et al.*, 2018)

A abordagem didática acerca dos temas: sonhos, autoconhecimento e resiliência, foi de fundamental importância para introduzir uma série de momentos de reflexão sobre a motivação individual dos estudantes. Como a adolescência é uma fase de conquista de autonomia e para ele o futuro configura-se como uma interrogação (DE OLIVEIRA; PINTO; SOUZA, 2003).

Por isso, primeiramente, realizamos uma apresentação de slides durando cerca de 25 minutos que trabalhou com o tema 'Faculdade e suas interfaces', de modo que a realização dessa atividade serviu motivar e captar a atenção dos jovens estudantes. Em seguida, indagou-se sobre a definição e expectativas do que seria 'sonhar', para que em um segundo momento elucidarmos a dimensão psicológica e material do que é ter um sonho.

Um estudo conduzido com adolescentes matriculados no terceiro ano do ensino médio evidenciou que ao confrontarem suas metas e sonhos com as cobranças e problemas atuais, passam apresentar sentimentos negativos como indecisão, insegurança ou medo. E nos adolescentes de baixa renda esses sentimentos são potencializados (DE OLIVEIRA; PINTO; SOUZA, 2003). Como a escola onde foi realizada a intervenção atende alunos que pertencem a um contexto socioeconômico

menos favorecido, enfatizamos a importância dos adolescentes terem sonhos e de tentarem pensar em um projeto de futuro, considerando que estão no primeiro ano do ensino médio.

Sob um segundo momento, focamos em promover ferramentas de autoconhecimento por meio de questões elaboradas e sugeridas pelos próprios acadêmicos, com a finalidade de desenvolver o raciocínio e reflexão sobre a individualidade de cada um (ESPERIDIÃO; MUNARI; STACCIARINI, 2002). Logo, questionaram-se quais seriam seus interesses, dificuldades, necessidades e como praticavam sua autonomia. Dessa maneira, a atividade propôs uma reflexão sobre autonomia e resiliência, tendo em vista o objetivo de colaborar para o processo de autoconhecimento e representação do indivíduo como um ser social.

Nesse ínterim fizemos uma dinâmica com os adolescentes colocando-os em duplas. Pedimos para que escrevessem de forma anônima, em uma folha de papel distribuída pelos acadêmicos, seus sonhos, dificuldades para conseguirem alcançar os mesmos e perspectivas quanto ao futuro. Fizemos as perguntas: ‘Qual é o seu Sonho?’, ‘Quais são suas dificuldades?’, ‘O que te motiva a sonhar?’, entre outras. Tais perguntas favorecem a análise crítica e psicológica do ser como agente de sua própria existência presente e futura. Também foi solicitado que deixassem um espaço na folha para que um colega aleatório pudesse propor uma solução e/ou incentivo a esse sonho e dificuldade. Entusiasmados, realizaram a atividade e fixaram os papéis em um painel de cartolinas, com a proposição de que pudessem olhar seus sonhos ali colocados e que acreditassem que há pessoas com as quais podem contar, que estão dispostas a incentivá-lo e ajudá-los quando necessário. Criou-se então um momento muito interessante de reflexão e troca de experiência.

Insta destacar, que nessa atividade, uma das estudantes não quis participar da dinâmica. Logo, propusemos que essa aluna fizesse dupla com uma das acadêmicas e ela consentiu. Ao final da dinâmica a aluna conseguiu se abrir, e pode externar seus sonhos, medos e anseios.

Do ponto de vista metodológico, a dinâmica entre alunos e acadêmicos baseou-se na problematização, uma vez que a execução de perguntas relevantes proporciona a percepção da realidade imediata e circundante. Assim, foi oportuno o uso desse mecanismo pedagógico, pois o possível distanciamento entre acadêmicos e estudantes foi diminuindo a partir da participação ativa dos estudantes (BORDENAVE, 1983).

Baseada na atividade ‘Árvore dos Sonhos’ (MELLO, 2012) criamos o ‘Painel dos Sonhos’. Na atividade original tem-se desenho representativo de uma Árvore com copa, tronco e raiz.

Como representações simbólicas da estrutura física de uma árvore terão: A copa sugere a alusão aos nossos sonhos, a que condição espera-se chegar.

O tronco, como alicerce, representa o planejamento da ação necessária ao alcance do sonho. Enquanto a raiz refere-se aos insumos que já possuímos na construção do nosso sonho (MELLO, 2012). Ao alterar a apresentação no formato de painel acreditamos tornar a experiência menos lúdica e de características menos infantilizadas, na tentativa de conseguirmos maior adesão participativa do público alvo, caracterizado por uma faixa etária de 14 a 17 anos. Logo, sintetizamos os questionamentos que cercam a representação da copa, raiz e tronco em tópicos que seriam elaborados pelos estudantes em papel - que seria fixado posteriormente no painel confeccionado - como 'Sonho', 'Dificuldade para alcançá-lo', 'Meios e solução'. Constatamos que a mudança realizada, e baseada na 'Árvore dos Sonhos', foi de suma importância já que tivemos expressiva participação e compreensão da temática proposta pelos adolescentes.

Por fim, na atividade original da 'Árvore dos Sonhos' temos os buracos e parasitas abrigados no tronco como analogia aos problemas e dificuldades enfrentadas no processo de construção de um sonho (MELLO, 2012). Essa perspectiva foi abordada com a definição etimológica do termo resiliência, em que a discussão amadurecida se fez condizente com a capacidade cognitiva e compreensiva dos adolescentes.

Tal estratégia foi empregada no intuito de perpetuar a reflexão sobre a temática discutida, deixando exposto todos os problemas, e resoluções dos mesmos, apontados por cada aluno. Após uma participação coletiva dos alunos, as experiências puderam ser compartilhadas, sendo que, com a fixação do quadro, sempre será reacendido essa discussão (MELLO, 2012).

Por fim, discutimos o conceito de 'resiliência'. Inicialmente perguntamos sobre o conceito da palavra e em seguida fomos resgatando o que já havia sido trabalhado sobre resiliência durante a ação. Com isso, houve o aprofundamento, por meio de uma conversa, sobre o que significava resiliência e sua importância, por meio de relatos e histórias acerca de pessoas que superarem diversos desafios para alcançar seus objetivos. Posteriormente, o significado foi então definido pelos acadêmicos e adequado à realidade desses adolescentes, a partir das próprias dificuldades que eles mesmos disseram possuir.

Concluimos essa etapa da experiência de forma proveitosa, solucionamos também as eventuais dúvidas acerca das temáticas supracitadas. Contudo, foi gratificante poder incentivar o processo de autoconhecimento e vê-los motivados a sonhar.

Logo após as atividades propostas no primeiro dia de intervenção, os alunos foram questionados sobre a validade do que foi feito, e recebemos um 'feedback' positivo. Foi possível perceber que a condução da atividade realizada foi diferente do que estavam acostumados.

No segundo dia de visita houve a apresentação denominada 'não estamos

sozinhos'. A atividade foi realizada com a utilização de um barbante, na qual os alunos deveriam achar o fim de um labirinto feito pelas acadêmicas no pátio da escola o qual não tinha fim, os estudantes estavam com os olhos vendados, sendo que assim, foi necessário que eles pedissem ajuda para realizarem a atividade, o que evidenciou que temos limitações e às vezes é necessário pedirmos ajuda, e que ninguém está sozinho (SERAFIM; BORUCHOVITCH, 2010).

As redes de relações sociais fazem parte da vida dos indivíduos e se modificam no decorrer de seu ciclo vital. Estas relações conferem conforto e segurança aos sujeitos nos momentos de crise ou transformação e podem viabilizar oportunidades de amadurecimento. A rede de apoio social é tida como um dos principais fatores que contribuem para a resiliência (SEIBEL, *et al.*, 2017).

Na primeira ida na escola verificamos a presença de uma aluna cadeirante a qual teria dificuldade em participar da próxima dinâmica que seria realizada. Sentimos, com isso, a necessidade de alterar essa atividade para que todos pudessem participar. Desse modo, houve uma adaptação da atividade: foi pregado um adesivo no cotovelo de cada aluno e pedimos para que eles o tirassem com a mão do braço no qual ele estava, ação que era, também, uma tarefa impossível, na qual seria necessária a ajuda de outra pessoa para a realização. Dessa forma, todos puderam participar e foi bastante interessante ver a reação dos alunos e como eles compreenderam e expuseram a importância de poderem contar com alguém, sendo que uma grande maioria vê seus pais como centros de apoio. Quando foram indagados a respeito da atividade, a maior parcela dos alunos se mostrou muito participativa e aberta para pedir a ajuda de alguém para suas dificuldades.

A organização desta dinâmica nos permitiu refletir acerca do estigma e preconceito em relação às pessoas com deficiência no Brasil. As pessoas com deficiência encontram obstáculos que dificultam ou impossibilitam sua mobilidade, e isso faz com que tenham uma vida social limitada ao âmbito familiar, além de restringir sua possibilidade de ter uma vida economicamente ativa e o seu direito de ir e vir (BARBOSA, 2016). É imprescindível a superação da intolerância a fim de que a consolidação de uma sociedade inclusiva seja efetiva para que as pessoas com necessidades especiais tenham suas demandas atendidas, pois é no atendimento das diferenças que se vê a democracia (MACIEL, 2002).

Assim, compreendemos que as rodas de conversas constituem uma estratégia realmente libertadora, a qual beneficia a emancipação dos indivíduos, num gesto contínuo de entender – meditar – proceder – mudar, na qual os participantes conseguem se identificar como dirigentes de seus atos com a possibilidade de sempre evoluir (SAMPAIO *et al.*, 2014).

Foram apresentadas algumas possibilidades que o governo oferece para o desenvolvimento pessoal e profissional, no âmbito de cursos técnicos e de

graduação. De modo geral, a priorização foi para a expansão dos horizontes a respeito das possibilidades de futuro e estratégias de enfrentamento, envolvendo temáticas como faculdade, cursos técnicos, sonhos e objetivos, prevenção da evasão escolar, valorização da rede de apoio escolar, familiar e institucional, além do conhecimento sobre as possibilidades e políticas oferecidas pelo governo para o alcance dos objetivos, a exemplo Financiamento Estudantil (FIES), Programa Universidade para Todos (ProUni), Sistema de Seleção Unificada (SISU), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), entre outros. Como acrescentamos informações novas acerca da temática, e em virtude da complexidade do assunto, percebemos a necessidade de abordar sobre os mesmos novamente.

No decorrer da intervenção encontramos algumas dificuldades. Alguns alunos ficaram relutantes em participar de dinâmicas que exigiam um maior envolvimento dos mesmos. Outra dificuldade evidenciada foi no momento de abordar sobre as políticas governamentais para ingresso no ensino superior e técnico, em que, enquanto alguns participavam e queriam tirar dúvidas, outros estudantes apresentavam-se dispersos. No entanto, os coordenadores da atividade atentos a esses movimentos buscaram outras estratégias para fomentar a participação dos adolescentes, tal como questionar e incluir aqueles que estivessem omissos na atividade diretamente.

A ação discente buscou o desenvolvimento do senso crítico e transformador. Os resultados positivos obtidos favorecem a relevância da aplicabilidade de atividades similares e inspiradas no seguinte relato em outras turmas e escolas com características similares a que a atividade foi realizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com a educação em saúde na escola foi inusitada para as acadêmicas e resultou em grande aprendizado, pois foi possível perceber a multiplicidade de temas a serem refletidos no âmbito escolar. Por parte das discentes, as atividades realizadas permitiram um melhor entendimento das técnicas e mecanismos que devem ser utilizados no desenvolvimento de uma ação de educação em saúde, temática importante para atender as necessidades da população. Também percebemos as carências e particularidades dos adolescentes, promovendo reflexões que podem contribuir para a construção da autonomia dos mesmos.

Insta ressaltar a eficácia do plano de ação elaborado, podendo ser utilizado em outras instituições de ensino de iguais características e público. As atividades

realizadas foram de suma importância do ponto de vista biopsicossocial, pois por meio da problematização de temas que compreendem o campo da saúde mental possibilitamos a reflexão acerca do poder da autonomia e a expressão individual dos estudantes e das acadêmicas.

Dessa forma, a reflexão acerca da performance do acadêmico e sua inserção na no contexto escolar, produziu ocasiões de autocrítica e perguntas sobre à medicina enquanto seu papel social, sendo a educação em saúde um meio efetivo para gerar maior proximidade desse profissional com a população. Nesse prisma, compreende-se que o ambiente educacional se caracteriza como um espaço oportuno para desenvolver ações de educação em saúde por se qualificar como um local de interação entre academia-comunidade, o qual fortifica condutas e debates, e que possibilita a conexão dos saberes em saúde com o cotidiano do estudante.

Diante disso, compreende-se a relevância das ações de educação em saúde em instituições de ensino, pois ela possibilita o desenvolvimento de vínculos entre acadêmicos e sociedade. Ademais, sugere-se que atividades como a realizada busquem sempre a dinamicidade e participação ativa dos indivíduos, a fim de aperfeiçoar o processo educacional, baseadas em tendências pedagógicas de metodologias ativas.

Logo, enfatiza-se que os objetivos estabelecidos foram atingidos, na medida em que houve interação e diálogo entre os estudantes e as acadêmicas de medicina. Outrossim, a vivência dos indivíduos envolvidos resultou em um crescimento mútuo tanto dos interlocutores quanto dos estudantes, beneficiando a todos.

REFERÊNCIAS

ARREAZA, A. L. V.; MORAES, J. C. DE. Vigilância da saúde: fundamentos, interfaces e tendências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 4, p. 2215–2228, 2010.

BARBOSA, A. S. Mobilidade urbana para pessoas com deficiência no Brasil: um estudo em blogs. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 8, n. 1, p. 142-154, jan./abr, 2016.

BARANKIN, T. Aperfeiçoar a resiliência de adolescentes e suas famílias. **Adolescência e Saúde**, v. 10, n. 2, p. 17–22, 2013.

BORDENAVE, J. E. D. Alguns fatores pedagógicos. **Revista interamericana de educação de adultos**, v. 3, n. 1–2, p. 261–268, 1983.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 05 out. 1988.

BRASIL. Decreto nº 6286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola- PSE. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 05 dez. 2007.

BRASIL, E. G. M. *et al.* Promoção da saúde de adolescentes e Programa Saúde na Escola: complexidade na articulação saúde e educação. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51,

n. 0, p. 1–9, 2017.

BRASIL. Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 set. 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**: PNPS: Anexo I da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 40p.

BUSS, P. M.; CARVALHO, A. I. Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008). **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2305-2316, 2009.

DE OLIVEIRA, M. C. S. L.; PINTO, R. G.; SOUZA, A. S. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 16-27, 2003.

ESPERIDIÃO, E.; MUNARI, D. B.; STACCIARINI, J. M. R. Desenvolvendo pessoas: estratégias didáticas facilitadoras para o autoconhecimento na formação do enfermeiro. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 10, n. 4, p. 516–522, 2002.

FERNANDES, M. C. P.; BACKES, V. M. S. Educação em saúde: perspectivas de uma equipe da Estratégia Saúde da Família sob a óptica de Paulo Freire. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 4, p. 567–573, 2010.

GOMES, M. G. C. **Gestão participativa**: concepções e percepção de participação na visão dos que atuam na escola pública da rede municipal de Maceió-AL. 25º Simpósio brasileiro de política e administração da educação. 2º Congresso Ibero-Americano de política e administração da educação. São Paulo, 2011.

HAACK, K. R. *et al.* Resiliência em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 270–281, 2012.

LOPES, M. V. O. Sobre estudos de casos e relatos de experiências. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 4, 2012.

LOPES, R.; TOCANTINS, F.R. Health Promotion and Critical Education. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v.16, n.40, p.235-46, jan./mar. 2012.

MACEDO, K. D. S. *et al.* Metodologias ativas de aprendizagem: caminhos possíveis para inovação no ensino em saúde. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, e20170435, 2018.

MACIEL, M. R. C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 51–56, 2002.

MELLO, R. D. V. Árvore dos sonhos: Uma metodologia de planejamento participativo. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.

NORONHA, M. G. R. C. S. *et al.* Resiliência: nova perspectiva na promoção da saúde da família? **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 497-506, 2009.

PINTO, H. A medicina no “Discurso do Método” de Descartes: Um Breve Apontamento. **Arquivos de Medicina**, v. 23, n. 1, p. 23–26, 2009.

PRATTA, E. M. M.; DOS SANTOS, M. A. Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 247–256, 2007.

SAMPAIO, J. *et al.* Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Comunicação Saúde, Educação**, v. 18, n. 2, p. 1299–1312, 2014.

SEIBEL, B. L. *et al.* Rede de apoio social e funcionamento familiar: estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 120-136, 2017.

SILVA FILHO, R. B.; ARAÚJO, R. M. D. L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**, v. 8, n. 1, p. 35, 2017.

VILHENA, M.; PRADO, Y. Z. C. Dor, angústia e automutilação em jovens - Considerações psicanalíticas. **Adolescência e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 94–98, 2015.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE HIGIENE NA POPULAÇÃO RIBEIRINHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nayara Cristina Inocenti Velone

Graduanda do curso de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS

Sabrina Zancani Ribeiro

Graduanda do curso de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS

Juliana Dias Reis Pessalacia

Docente do curso de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS

Thaís Carolina Bassler

Docente do curso de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS

RESUMO: A escola é um ambiente que proporciona a atuação de profissionais de saúde de maneira enriquecedora, possibilitando a promoção de saúde de forma a melhorar a qualidade de vida dos estudantes. A ação de educação em saúde nas escolas é um método que concede ao aluno a chance de aprender e tornar-se autônomo e ativo em seu aprendizado. Descrever a experiência de acadêmicos em uma ação de educação em saúde sobre importância da higiene para a prevenção de doenças. Relato de experiência, fundamentado por ações de educação em saúde realizadas em outubro de 2018, em uma Escola Estadual no município de Três Lagoas/MS. Os resultados evidenciaram o quanto imprescindível foi a prática para moldar o

conhecimento dos alunos acerca da temática, sendo perceptível que os déficits de cuidado com a higiene eram resultados da ausência de instrução e de uma perspectiva mais crítica sobre a gravidade acarretada pelas práticas inadequadas de higiene. O desenvolvimento do trabalho nos permitiu ampliar conhecimentos como acadêmicas de Medicina. O ambiente escolar, sendo uma fonte de realidades heterogêneas, nos possibilitou agregar muito aprendizado acerca dos meios e formas que devemos promover saúde, prevenir e tratar doenças em nossos futuros campos de prática, de modo a propiciar exímio atendimento aos pacientes de acordo com o contexto e cenário o qual este está inserido.

PALAVRAS-CHAVE: Relatos de Casos; Educação em Saúde; Serviços de Saúde Escolar; Prevenção de doenças; Promoção da Saúde.

HEALTH EDUCATION IN THE SCHOOL ON HYGIENE IN THE RIBEIRINHA POPULATION: A REPORT OF EXPERIENCE

ABSTRACT: The school is an environment that provides the performance of health professionals in an enriching way, enabling the promotion of health in order to improve the quality of life of

students. The health education action in schools is a method that gives the student the chance to learn and become autonomous and active in their learning. To describe the experience of academics in a health education action on the importance of hygiene for disease prevention. Report of experience, based on health education actions carried out in October 2018, at a State School in the municipality of Três Lagoas / MS. The results showed how essential was the practice to shape the students' knowledge about the subject, and it was noticeable that hygiene care deficits were the result of lack of education and a more critical perspective on the severity of inappropriate practices of hygiene. The development of the work allowed us to expand knowledge as medical students. The school environment, being a source of heterogeneous realities, allowed us to add much learning about the ways and means that we should promote health, prevent and treat diseases in our future fields of practice, in order to provide excellent care to the patients according to the context and scenario to which it is inserted.

KEYWORDS: Case Reports; Health education; School Health Services; Prevention of diseases; Health promotion.

INTRODUÇÃO

Dada à extensão territorial do Brasil, pode-se encontrar populações não apenas residentes em áreas urbanas e rurais, mas às margens de rios, as denominadas comunidades ribeirinhas. O termo ribeirinho designa qualquer população que vive às margens dos rios. Em termos interacionais, o rio atua como constritor, fonte de contato, barreira e ponte ambiental, criando e restringindo as possibilidades de interação, principalmente entre as crianças (FRANCO *et al.*, 2015).

Devido às particularidades dessa população, atualmente, a atenção à saúde da população ribeirinha é dada mediante a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), implementada no país, pelas Portarias MS/GM nº 2.488 e 2.490, ambas de 2011, voltadas para a implantação e operacionalização das atividades de saúde, bem como a definição dos valores de financiamento para as Equipes de Saúde das Famílias Ribeirinhas (ESFR) e custeio das Unidades Básicas de Saúde Fluviais (UBSF) (FRANCO *et al.*, 2015).

Quando os cuidados da criança são negligenciados pelo adulto, essa está vulnerável a desenvolver doenças, como as parasitoses. Do ponto de vista social, as enteroparasitoses representam um grave problema de saúde pública. Elas são responsáveis pela diminuição da qualidade de vida da população, causam grandes perdas econômicas, diminuição de produtividade, prejuízo da função de alguns órgãos vitais e contribuem para o aumento da desnutrição, sendo elas prevalentes em países em desenvolvimento (ZAMPRONE *et al.*, 2017).

Partindo desse pressuposto, as parasitoses intestinais causadas por helmintos

são muito frequentes na infância, principalmente em pré-escolares e escolares. São consideradas problema de saúde pública principalmente em países em desenvolvimento e encontram-se na lista de doenças tropicais negligenciadas da Organização Mundial da Saúde (OMS). A transmissão dos parasitos está relacionada às condições climáticas, sanitárias e de higiene da população (NOVAES *et al.*, 2017).

A população infantil é vista como protagonista, por ser um grupo de maior vulnerabilidade, devido o desconhecimento dos princípios básicos de higiene, como o hábito de lavar as mãos, por estar em constante contato com o solo e apresentarem um sistema imunológico menos apto a reconhecer e combater as doenças parasitárias (BRAGAGNOLLO *et al.*, 2018).

Destarte, escolas do sistema público de ensino representam, historicamente, espaços importantes para práticas e vivências em saúde presentes nas relações entre os sujeitos que convivem nesse cenário. Fatores determinantes das condições de saúde e doença podem ser problematizados e analisados no espaço escolar. A escola como instituição se define por sua função de ensino; mas local em que saúde surge como tema recorrente de aprendizagem. Entretanto, problematizar saúde na escola se deu fundamentalmente em torno do controle e da prevenção do adoecimento e de situações de risco e agravos à saúde, pela vigilância epidemiológica e sanitária, e assistência clínico-terapêutica. Na trajetória da educação em saúde perdurou uma lógica higienista e preventivista, com componentes normativos e conteúdo pré-definido sobre o que deveria ser feito e discutido em saúde nas escolas (SILVA; BODSTEIN, 2016).

Atendendo as necessidades das crianças, é possível, de uma forma simples, lúdica e descontraída, transmitir aos alunos a importância de se manter hábitos de higiene básicos, como lavar as mãos, além de lhes ensinar a prevenção de parasitoses intestinais e pediculoses. Além de instigá-las a serem disseminadores das informações sobre higiene, prevenção de doenças e cuidados que contribuem para o controle da transmissão dessas parasitoses, em casa ou no meio social em que vivem (NOVAES *et al.*, 2017).

O presente relato tem como finalidade discorrer acerca da experiência de acadêmicos de Medicina em ações de educação em saúde na escola voltadas para a importância da higiene na prevenção de doenças em uma estadual de ensino fundamental no município de Três Lagoas-MS.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido durante as atividades de Vigilância em Saúde da disciplina Prática de Integração: Ensino, Serviço

e Comunidade III, pertencente à grade curricular do curso de Medicina de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES). O relato de experiência, que consiste numa modalidade de investigação científica de demonstração de experiências práticas para maior compreensão e fundamentação de um fato (DRAGANOV *et al.*, 2017).

A experiência foi realizada a partir de ações educativas desenvolvidas em uma escola de Ensino Estadual de Três Lagoas-MS entre os meses de agosto e outubro de 2018. A escola possui, aproximadamente, 230 alunos matriculados, os quais pertencem do 6º ano do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio.

O município de Três Lagoas possui 34 escolas entre públicas e particulares, as quais são coordenadas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da rede de Ensino Estadual - Ideb da cidade de Três Lagoas encontra-se no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (BRASIL, 2017).

O projeto foi desenvolvido a partir da vivência de 2 alunas do terceiro período do curso de Medicina de uma IFES, as quais foram monitoradas por uma docente.

Inicialmente, o tema foi delimitado em uma reunião entre as acadêmicas, a docente, o diretor e a coordenadora da escola. Após a definição do tema, buscou-se na literatura artigos de referências que abordam o tema, dessa forma, o projeto foi elaborado e exposto aos alunos pertencentes ao 6º e 8º ano do Ensino Fundamental da escola.

Os recursos didáticos utilizados foram apresentação expositiva da temática com o auxílio de um projetor de multimídia para desenvolver o jogo de perguntas e respostas com a finalidade de avaliar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do tema e para expor um breve resumo do assunto. Além disso, foi aplicada uma dinâmica lúdica sobre a importância da lavagem correta das mãos. E como meio de avaliá-los após as palestras, foi proposto a confecção de um jornal na escola com o intuito de disseminar o conhecimento adquiridos por eles. Por fim, como medida de incentivá-los a colocar em prática tudo o que lhes foi ensinado, foram entregues kits de higiene pessoal contendo 1 creme dental, 1 escova de dentes, 1 sabonete líquido e 1 caneca.

Os resultados da experiência foram apresentados descritivamente através das falas, impressões e percepções das acadêmicas participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Cartilha Higiene e Comportamento Pessoal produzida em conjunto por SESC, SEBRAE, SENAC, SESI, SENAI, ANVISA e PAS publicada no ano de 2003, cujo

objetivo é um trabalho de compromisso social que envolve diversos segmentos da sociedade demonstrando, na prática, que a união de vários organismos sociais pode responder de maneira eficaz às dificuldades que afligem o país (BRASIL, 2003) e o Programa Saúde na Escola (PSE) (2017) que visa construir políticas intersetoriais para a melhoria da qualidade de vida da população brasileira (BRASIL, 2011) foram utilizados como referenciais teóricos para a produção do relato.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Inicialmente, foi marcado, pela nossa orientadora, um encontro no dia 22 de agosto de 2018 com o diretor e a coordenadora da escola em trabalhamos na aplicação de um projeto em prol de promover educação em saúde. Nessa reunião, foram definidas as turmas e quais temáticas a escola considerava pertinentes para que fossem discutidos com esses alunos.

Ambos os representantes da escola concordaram que os maiores desafios enfrentados pelos alunos são os cuidados com a higiene pessoal, ambiental e alimentar. Diante disso, propuseram a nós que desenvolvêssemos um plano de ação para a turma do 6º ano e 8º ano do Ensino Fundamental, cujos alunos possuem idades entre 12 e 14 anos.

Segundo o diretor, parte dos alunos toma banho no rio Paraná, que tem como principal atividade a pesca, durante essa pesca há o descarte dos resíduos retirados do peixe para alimentar os outros peixes do rio, essa prática é algo corriqueiro e cultural para os pescadores da região, que possuem até uma Colônia que trata de todos os assuntos relacionados ao rio e a pesca. No entanto, tal ação traz riscos à saúde da população que usa deste rio para outras funções como o banho e a lavagem de roupa, por exemplo.

Além disso, foi ressaltada a falta de higiene com as mãos dos estudantes, que não possuem o hábito de lavá-las antes das refeições, demonstrando que não possuem a consciência da quantidade de doenças que podem ser adquiridas conforme tal ação. Educar as crianças em relação à higiene das mãos é necessário para que criemos hábitos saudáveis desde a infância, pois nessa fase de vida, a criança está em completo desenvolvimento e formação intelectual e social (CRUZ et al., 2015).

Outro aspecto abordado foi acerca da falta de manutenção relacionado ao banho. O diretor alegou que os alunos tomavam banho no rio ou até mesmo da forma convencional em determinado horário e que depois disso não tomavam mais, mesmo que brincassem e se sujasse, sendo isso possível de notar pela forma que chegavam na escola, com mãos e pés sujos, assim como roupas e

calçados. Portanto, é fundamental que os alunos conheçam bons hábitos, mas não basta apenas informá-los é preciso trabalhar de forma significativa a aquisição desses hábitos, para que dessa forma possam desenvolvê-los no seu ambiente de convivência (SILVEIRA *et al.*, 2009).

De acordo com a coordenadora, no bairro Jupιά e nas redondezas do rio existe uma área designada ‘Cinturão Verde’ que está mais relacionada com a agricultura de subsistência, a qual tem como principal objetivo a produção agrícola voltada para o abastecimento alimentício do agricultor e da sua família (OLIVEIRA, 2006). Segundo ela, muitos dos alunos da escola são oriundos desta região, na qual é conhecida pela falta de higiene dos moradores já que muitos são acumuladores de lixo, prática que destaca-se na linha de transmissão de doenças provocadas pela ação dos vetores, que encontram no habitat do lixo condições adequadas para a sua proliferação (MIRANDA, 1995). Dessa forma, é perceptível que, desde criança, os moradores desta área estão acostumados com uma higiene precária que precisa ser mudada para evitar contaminações por agentes parasitários entre outras doenças.

Essa realidade explica a higiene precária e o uso do rio como fonte de limpeza que, na verdade, pode acarretar ainda mais agente nocivo do que se não houvesse o banho nele, já que possui além de resíduos de peixe, algas advindas da parte represada do rio, assim como dejetos humanos que podem ser encontrados pela falta de esgoto. Por isso, deve-se ressaltar que as condições do meio ambiente em que a pessoa está inserida são fatores determinantes para sua saúde (MACIEL; FELIPE; LIMA, 2015), sendo assim, a qualidade dos recursos hídricos tem um impacto direto sobre a saúde dos indivíduos (PRÜSS *et al.*, 2002) apresentando efeitos deletérios sobre a saúde do usuário e de seus familiares, particularmente quando indicadores socioeconômicos não são favoráveis (HAMNER *et al.*, 2006).

Após a reunião com os representantes da escola, nós acadêmicas de Medicina, resolvemos ir até o rio Paraná para conhecermos como é a vida da população ribeirinha e dos alunos que moram neste local. Antes de chegarmos ao rio, passamos pela Estratégia da Saúde da Família (ESF) Jupιά com intuito de conversar com a enfermeira chefe e as agentes de saúde em prol de buscar maiores conhecimentos sobre os aspectos epidemiológicos da região.

Segundo as agentes de saúde, o rio diferentemente do que foi relatado pelo o diretor e coordenadora, pelo menos na área em que elas atuam tem mais relação com o Turismo e a pesca e que não há moradores tomando banho neste rio. No entanto, no ‘Cinturão Verde’ elas não poderiam dizer com convicção já que não há atuação da ESF nesta área.

Chegando ao local onde se encontra o rio, nós ficamos admiradas porque não era o que tínhamos imaginado, pois não havia nenhuma casa a beira do rio nem

pessoas banhando-se nele, havia apenas alguns pescadores e algumas pessoas que foram até lá de forma turística. Conversando com alguns pescadores, eles relataram que naquela parte o rio era apenas usado pela pesca e pelo turismo e que na porção mais baixa era onde estariam banhistas, contudo não eram moradores.

Dessa forma, concluímos que o rio, na porção mais urbanizada, é designado para a pesca e o turismo, porém como alegado pela coordenadora a região que aparentemente use o rio para fazer a limpeza pessoal e para destino de dejetos humanos, seja na porção do 'Cinturão Verde' e assim, como vários alunos advém desta área, os representantes da escola e visitantes, como nós, tem a sensação de que todo o rio é usado pelos moradores com esses intuitos.

Ademais, é nítida a falta da cultura de higiene entre os estudantes e que é essencial um trabalho como este para conscientizá-los a fim de melhorar a qualidade de vida dos moradores do bairro e da população ribeirinha, já que a escola é um dos espaços públicos destinados à educação não só baseada em conhecimentos específicos, mas também relacionados com a vivência de uma comunidade.

Embora seja direito de todo ser humano ter acesso a habitação segura e serviços básicos, muitas comunidades afastadas da cidade não possuem, no mínimo, um sistema de abastecimento de água, o que ocasiona diversos problemas sanitários e sociais como, por exemplo, aumento da incidência de doenças relacionadas à água (CARMO; BEVILACQUA; BASTOS, 2008).

Além disso, essas comunidades sofrem pela ausência de informações sobre conceitos básicos de saneamento, o que as tornam susceptíveis a doenças (SOARES; BERNARDES; CORDEIRO NETTO, 2002).

De acordo com o Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB) presente no DATASUS, a situação de saneamento da Região de Saúde de Três Lagoas em Mato Grosso do Sul abrange o total de 39.905 famílias.

Dentre elas, 34.317 possuem abastecimento de água da rede pública, já quando se trata do destino do lixo produzido pela população, os dados apresentam que 37.167 famílias têm seus lixos coletados (BRASIL, 2015).

Em relação à coleta e tratamento de esgoto, 7.317 famílias possuem rede de esgoto e 5.311 utilizam água filtrada (BRASIL, 2015).

Participaram do projeto 63 alunos, sendo 35 matriculados no 6º ano e 28 no 8º ano do Ensino Fundamental, os quais possuem idades entre 12 e 14 anos. Cada encontro com as turmas teve duração de 50 minutos, os quais tiveram como temas higiene pessoal, ambiental e alimentar, além de práticas preventivas. Este tipo de experiência é essencial para a formação de graduandos de Medicina, já que passam a vivenciar múltiplas conjunturas de atuação, visto que a escola é um espaço repleto de oportunidades para a elaboração de educação em saúde. Para trabalharmos a temática proposta, elaboramos um jogo para ser aplicado

no primeiro encontro com a turma. A competição é de perguntas e respostas de múltipla escolha sobre higiene e prevenção de doenças. O intuito desse desafio é de avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto. Dessa forma, o jogo é um recurso largamente empregado na educação infantil, etapa escolar em que o lúdico ou a brincadeira é um meio bastante utilizado nos processos de educação e aprendizagem. Neste sentido, o jogo é uma forma didática de trabalhar com os conteúdos e conhecimentos específicos das diferentes ‘áreas do saber’ (NASCIMENTO; ARAÚJO; MIGUÉIS, 2009).

Nesse jogo, dividimos as turmas três grandes grupos, os quais elegeram um membro representante responsável por transmitir a resposta do grupo. Foram entregues para cada grupo fichas identificadas pelo número do grupo e com o gabarito em branco para que eles escrevessem suas respostas, de modo que, ao final de cada pergunta, o gabarito foi entregue ao palestrante para que a resposta fosse conferida. Ao final, o grupo vencedor de cada turma recebeu medalhas.

Em seguida, após avaliarmos os conhecimentos dos alunos, apresentamos sobre o que é a higiene e qual a importância da higiene pessoal, ambiental e alimentar para a prevenção de doenças e manutenção da saúde. Além disso, foi elucidado sobre a forma correta de higienização das mãos e dos alimentos. Para essa apresentação, utilizamos, de embasamento teórico, artigos e cartilhas do Ministério da Saúde cujos temas são abordados.

Ademais, houve uma dinâmica utilizando glitter nas mãos, fazendo alusão a microrganismos que estão presentes nelas quando não há a higienização correta. Com esse exercício foi possível não apenas a fixação do que lhes foi ensinado, mas, também, a ilustrar de forma lúdica que a lavagem inadequada das mãos pode acarretar consequências ameaçadoras à saúde. Pois, as mãos estão envolvidas entre as principais vias de transmissão de microrganismos. Através delas esses podem ser transferidos de uma superfície para outra, por meio de contato direto (pele com pele), ou indireto, através do contato com objetos e superfícies contaminados, assim, a dinâmica de transmissão de muitas doenças têm relação com o contato pelas mãos, havendo tanto a relação do risco de contaminação individual, quanto de alimentos, objetos e de terceiros (FERREIRA. M. A.; MARTINS D.; 2016).



Figura 1. Dinâmica com glitter.

Para finalizar as atividades do primeiro encontro, foi proposto aos alunos e a professora de disciplina de Ciências uma atividade chamada Jornal na Escola. Nesse jornal, deveria conter informações sobre as temáticas que lhes foram apresentadas para que todos da escola pudessem também aprender. O jornal na escola é artefato muito importante para se trabalhar com os alunos, trazendo para o ambiente escolar a comunicação, sendo um grande incentivo para a aprendizagem e para a construção de saberes.

Após duas semanas, no dia 31 de outubro, houve um encontro com a outra turma, com o objetivo de ensiná-los sobre a temática já abordada por nós no 6º ano. Contudo, o enfoque para essa turma foi um complemento do que eles aprenderam sobre doenças parasitárias, de modo a elucidar o que é higiene e a importância dela para a promoção e manutenção da saúde. Além disso, elucidamos como é a higienização pessoal, ambiental e alimentar corretas. E, por fim, houve a mesma dinâmica com o uso do glitter em prol de ilustrar para a turma o risco dos microrganismos causadores de doenças parasitárias e a importância da lavagem correta das mãos.

A conclusão das atividades em ambas as turmas foi a apresentação do jornal. A atividade 'Jornal na Escola' foi utilizada como uma avaliação para diagnosticarmos o desenvolvimento e aprendizado do conteúdo a eles ensinado.

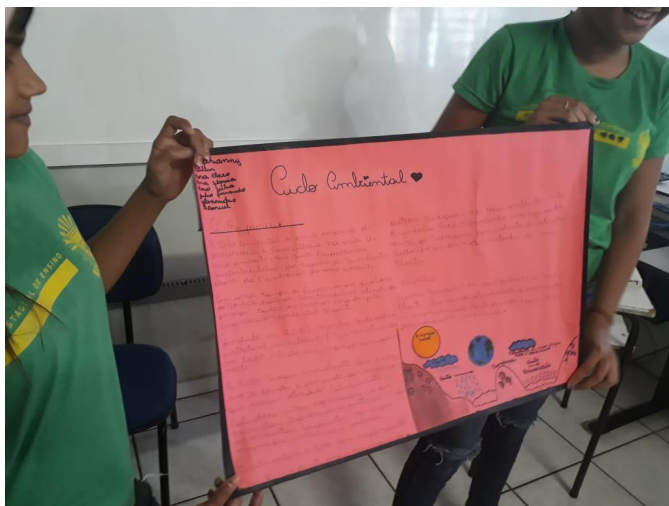


Figura 2. Foto da apresentação da atividade Jornal na Escola.

Como meio de parabenizá-los e incentivá-los, os premiamos com canecas individuais para uso na escola, evitando assim, que tomem água direto da torneira ou utilizando as mãos sujas como meio de hidratar-se; e, também, mini kits de higiene pessoal contendo 1 escova de dente, 1 creme dental e 1 sabonete líquido.



Figura 3. Foto do kit de higiene pessoal.

Por fim, deve-se ressaltar acerca das dificuldades que enfrentamos durante o processo da ação, sendo que uma delas foi a indisponibilidade de alguns dos representantes da escola. Em momentos que precisamos de informações objetivas como, por exemplo, a quantidade de alunos matriculados nas turmas do período matutino, as respostas eram incertas e vagas. Isso demonstrou desinteresse em colaborar com a realização da medida de intervenção elaborada para incentivar os alunos a praticarem o que haviam aprendido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho com os estudantes do Ensino Fundamental nos permitiu ter a oportunidade de vivenciar uma intervenção de educação em saúde em prol de transmitir-lhes conhecimentos básicos sobre higiene e saúde, tendo como objetivo torná-los aptos a adotarem práticas saudáveis no dia-a-dia, de modo a melhorar a qualidade de vida e, também, disseminar seus conhecimentos às pessoas de seus convívios.

Para a prática com alunos adolescentes se faz necessário que a transmissão do saber seja algo dinâmico, interativo e bidirecional para que consiga prender-lhes a atenção e para democratizar a compreensão do assunto conduzindo o trabalho de acordo com a linguagem deles. Com isso, percebe-se que, de meros ouvintes, eles se tornam atuantes durante a prática. E que, apesar de todas as dificuldades em realizar as atividades como idealizadas, o projeto teve seus objetivos alcançados.

Enquanto futuros profissionais da área da saúde, essa experiência relatada foi enriquecedora e desafiadora. O ambiente escolar de ensino público permite adquirir uma visão da realidade de grande parcela da população brasileira, tornando possível o aprendizado dos acadêmicos acerca dos múltiplos cenários e contextos em que estaremos inseridos durante a atuação médica.

Sendo assim, é imprescindível que as IFES abordem em suas grades curriculares disciplinas que proporcionem a atuação dos estudantes da área da saúde em ambientes escolares com o intuito de promover saúde, instruir na prevenção de doenças e auxiliar a população por meio de práticas educativas a fim de sensibilizar e desconstruir uma cultura apenas curativista.

REFERÊNCIAS

BRAGAGNOLLO, G. R. et al. Intervenção educacional sobre enteroparasitoses: um estudo quase experimental. **Revista Cuidarte - UDES**, v. 9, n. 1, p. 2030-2044, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica Anísio Teixeira. [documento digital]. Brasília (DF): Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br>> Acesso em: 20 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Passo a passo PSE: Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersetorialidade/ Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica, Ministério da Educação. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 46 p. : il. – (Série C. Projetos, programas e relatórios)

CARMO, R. F.; BEVILACQUA, P. D.; BASTOS, R. K. X. Vigilância da qualidade da água para consumo humano: abordagem qualitativa da identificação de perigos. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 13, n. 4, p. 426-434, 2008.

CRUZ, S. P. et al. Ação educativa em saúde sobre higienização das mãos com o público infantil: um relato de experiência. In: IV Congresso de Educação em Saúde da Amazônia, 4, 2015, Belém.

Anais... Belém: Universidade Federal do Pará, 2015.

DRAGANOV, P. B. et al. Journal Club: a group of research experience. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, n. 2, p. 446-450, 2018.

FERREIRA, M. A.; MARTINS, D. Ocorrência de espécies fúngicas isoladas a partir de mãos e unhas de trabalhadores. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 60-70, 2016.

FRANCO, E. C. *et al.* Promoção da saúde da população ribeirinha da região amazônica: relato de experiência. **Revista Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica**, São Paulo, v. 17, n. 5, p. 1521-1530, 2015.

HAMNER S. *et al.* The role of water use patterns and sewage pollution in incidence of water-borne/enteric diseases along the Ganges river in Varanasi, India. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 16, n. 2, p. 113-132, 2006.

MACIEL, A. B. C.; FELIPE, J. A.; LIMA, Z. M. C. Os problemas de saneamento e seus impactos sobre a saúde pública do município de Dona Inês/PB. **Revista OKARA: Geografia em debate**, Pernambuco, v. 9, n. 3, p. 524-541, 2015.

MIRANDA, L. L. O que é lixo. São Paulo: Brasiliense, 1995.

NASCIMENTO C. P.; ARAÚJO E. S.; MIGUÉIS M. R. O jogo como atividade: contribuições da teoria histórico-cultural. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 293-302, 2009.

NOVAES, A. K. B. *et al.* Parasitoses intestinais e pediculose: Prevenção em crianças na idade escolar. **Revista de APS**, Juiz de Fora, v. 20, n. 3, p. 444-449, 2017.

OLIVEIRA, F. A. S. A agricultura de subsistência no município de Jacaraú/PB: Sustentabilidade e problemas ambientais decorrentes. 2006. 60 p. **Monografia - Universidade Estadual da Paraíba**. Guarabira-PB, 2006.

PRÜSS, A. et al. Estimating the burden of disease from water, sanitation, and hygiene at a global level. **Environmental Health Perspectives**, Durham, v. 110, n.5, p. 537-542, 2002.

SESC. **Higiene e Comportamento Pessoal**. Documento online. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/mesabrazil/cartilhas/cartilha2.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

SILVA, C. S.; BODSTEIN, R. C. A. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p.1777-1788, 2016.

SILVEIRA, A. T. *et al.* Projeto Sobre Higiene em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. Universidade Paulista UNIP curso Enfermagem - Campus II – Swift. Campinas. p.15.

SOARES, S. R. A.; BERNARDES, R. S.; CORDEIRO NETTO, O. M. Relações entre saneamento, saúde pública e meio ambiente: elementos para formulação de um modelo de planejamento em saneamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 18, n. 6, p. 1713-1724, 2002.

ZAMPRONE, J. T. *et al.* Prevalência de enteroparasitos em crianças de uma unidade de educação infantil municipal de Rondonópolis – MT. **Revista de Saúde e Ciências Biológicas - Unichristus**, v. 5, n. 2, p. 150-154, 2017.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PREVENÇÃO DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aline Martins Alves

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

Ana Cristina Silva Augusto

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

Ana Fernanda Souza Silva

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

Ana Paula Simões Lima

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

Bianca Pereira Bacciotti

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

Eduarda Siqueira Cesário

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

Francielle Ribeiro de Souza

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

Juliana Dias Reis Pessalacia

Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

Thaís Carolina Bassler

Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Medicina. Três Lagoas - Mato Grosso do Sul.

RESUMO: A adolescência refere-se a um período de grandes descobertas e profundas transformações. A gravidez nessa etapa da vida acarreta diversas consequências biopsicossociais. O objetivo do trabalho foi relatar a experiência de acadêmicos de Medicina em uma atividade de educação em saúde na escola. Trata-se de um relato de experiência, a partir de uma atividade de educação em saúde, vivenciada por acadêmicos de Medicina, para alunos do Ensino Fundamental em uma escola estadual, visando aprimorar o conhecimento sobre educação em saúde na escola e sobre a temática abordada. Foi realizada uma ação de educação em saúde na temática Gravidez na Adolescência, sendo a ação educativa dividida nas etapas: Diagnóstico, Planejamento e Avaliação. Após isso, construiu-se o relato através de associações com a literatura acadêmica. Consideramos que, embora com dificuldades e contratemplos enfrentados, a experiência foi satisfatória, de forma que nossa diligência e motivação ao exercer as atividades

e explicações corroboraram com o proposto e trouxe os resultados almejados. A experiência proporcionou grandes benefícios para o desenvolvimento profissional, possibilitando o contato com a população e contribuindo para uma melhor desenvoltura em público e métodos para lidar com os desafios. Ademais, viabilizou o crescimento e inserção no âmbito como profissionais de saúde, os quais detêm a responsabilidade de aprimorar a escuta, enrijecer vínculos com o jovem, garantir acesso a informações e aos métodos contraceptivos, e desenvolver ações coletivas que auxiliem os adolescentes a lidarem com sua sexualidade, desenvolvam o autocuidado, e para que tenham maior acesso a atividades educativas e recreativas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Saúde; Gravidez na Adolescência; Educação Sexual.

HEALTH EDUCATION FOR PREVENTION OF PREGNANCY IN ADOLESCENCE: A REPORT OF EXPERIENCE

ABSTRACT: Adolescence refers to a period of great discoveries and profound transformations. Pregnancy at this stage of life has several biopsychosocial consequences. The aim was to report the experience of medical students in a school health education activity. This is an experience report, based on a health education activity, carried out by medical students, for Elementary School students in a state school, aiming at improving knowledge about health education in the school and about the thematic area. An action of health education was carried out on the topic of Pregnancy in Adolescence, and the educational action was divided into the following stages: Diagnosis, Planning and Evaluation. After this, the story was built through associations with the academic literature. We considered that, despite difficulties and setbacks, the experience was satisfactory, so that our diligence and motivation in carrying out the activities and explanations corroborated with the proposal and brought the desired results, with the understanding and assimilation of knowledge on the part of the adolescents. It provided great benefits for the professional development, enabling the contact with the population and contributing to a better resource in public and methods to handle the challenges. In addition, it facilitated the growth and inclusion in the scope as health professionals, who have the responsibility to improve listening, strengthen bonds with the young, guarantee access to information and contraceptive methods, and develop collective actions that help adolescents to deal with their sexuality, develop self-care, and also increase access to educational and recreational activities.

KEYWORDS: Health Education; Pregnancy in Adolescence; Sexual Education.

INTRODUÇÃO

A adolescência refere-se ao período da vida entre os 10 e 19 anos, no qual

ocorrem profundas mudanças, sendo caracterizada por crescimento rápido, surgimento de características sexuais secundárias, descoberta da sexualidade, modelação da personalidade, adaptação ambiental e inserção social. Neste contexto, o surgimento de uma gravidez não planejada nessa fase de amadurecimento biopsicossocial, pode comprometer esse processo de estruturação (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Há grande demanda por educação em saúde nesta fase da vida, sendo a mesma conceituada como os saberes técnicos os quais instrumentalizam os trabalhadores da saúde para a intervenção no processo saúde-doença e para o empoderamento dos indivíduos, famílias e comunidade. Tais ações possibilitam maior compreensão e atuação das pessoas e organizações na reivindicação de seus direitos, corroborando para um panorama mais abrangente dos direitos de cidadania e concretizando o empoderamento e a transformação no cotidiano dos indivíduos. A educação em saúde está fundamentada em princípios filosóficos importantes no que diz respeito à busca por uma educação verdadeiramente libertadora, aprimorando o entendimento do conceito ampliado de saúde, culminando na mudança pessoal, coletiva, social, cultural e política da sociedade (LOPES *et al.*, 2017).

Outrossim, a gravidez precoce é um ponto que aflige os profissionais da saúde e da educação, pela repercussão que acarreta na vida dos envolvidos, especialmente das meninas/mulheres (RIBEIRO *et al.*, 2016). Assim, no viés da saúde, as indagações em relação a esse assunto denotam os perigos para a saúde das mães e das crianças oriundas de gestação em mulheres muito jovens, e, quando acontece na faixa etária de 10 a 14 anos, tais perigos são ainda maiores (CABRAL *et al.*, 2015).

Ademais, no Brasil, a gravidez precoce e suas implicações é apontada como a causa majoritária de mortalidade entre adolescentes de 15 a 19 anos. Esse perigo é circunstancial às contrariedades vividas por jovens que não detêm uma estabilidade física e emocional para se responsabilizar com um compromisso tão significativo, que é a concepção de uma nova vida (CABRAL *et al.*, 2015).

Além disso, no contexto em que a experiência de educação em saúde foi realizada, verificou-se a partir do Sistema de Informações Sobre Nascidos Vivos (SINASC), um percentual considerável de gestação na adolescência, sendo identificados 16 nascidos vivos de mãe com idade entre 10-14 anos e 307 nascidos vivos de mãe com idade entre 15-19 anos no ano de 2016. Assim, demonstra-se como há grande importância na atuação para tentativa de mudança do cenário atual.

Nesse ínterim, justifica-se a intervenção educativa em um contexto escolar como de suma relevância, haja vista que tal temática representa um fato social, o qual foi descrito pelo sociólogo Durkheim (1995) como fruto de uma construção

exterior, coercitiva e geral. Assim, a escola, como instrumento de constante construção e desconstrução de conhecimentos e paradigmas engessados na sociedade na qual estão inseridas, representa ferramenta essencial para a inserção de uma conscientização acerca de uma temática recorrente e significativa, a qual é responsável por grandes impactos na vida de crianças e adolescentes.

Por fim, nosso trabalho objetiva apresentar um relato de experiência a partir da implementação de uma atividade educativa na temática 'Gravidez na Adolescência' para alunos do Ensino Fundamental em uma escola estadual. Assim, pretende-se socializar as experiências produzidas em campo por acadêmicas do Curso de Medicina, visando aprimorar o conhecimento sobre educação em saúde na escola e sobre a temática abordada.

MÉTODO

Trata-se de um estudo do tipo Relato de experiência, elaborado no contexto da disciplina Prática Integrativa dos Setores Ensino, Serviço e Comunidade (PIESC III), ministrada no terceiro período do curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas (CPTL). Os relatos de experiência buscam imprimir as observações pertencentes ao domínio social, fazendo parte das vivências humanas, devendo conter tanto impressões observadas quanto conjecturadas. Este tipo de estudo é importante para a descrição de uma experiência particular que suscite reflexões novas sobre um fenômeno específico (LOPES, 2012).

O cenário da experiência foi uma escola pública estadual do município de Três Lagoas/MS, entre agosto e outubro de 2018. A escola conta com aproximadamente 230 alunos, estudantes das séries do 6^a ano do Ensino Fundamental ao 1^o ano do Ensino Médio. O bairro é composto majoritariamente por população ribeirinha que reside às margens do Rio Paraná.

Os participantes que vivenciaram a experiência foram três graduandas do Curso de Medicina (UFMS-CPTL) e duas docentes orientadoras.

Foi realizada uma ação de educação em saúde na temática Gravidez na adolescência. O público alvo foram alunos pertencentes ao 8^o (22 alunos) e 9^o (29 alunos) anos do Ensino Fundamental, que compreendiam uma faixa etária de 13 a 18 anos. A ação educativa foi planejada em três etapas: Diagnóstico, Planejamento e Avaliação. Foram utilizados como recursos didáticos a roda de conversa a partir da apresentação expositiva dialogada com uso de datashow. A implementação da ação envolveu as seguintes atividades, conforme quadro a seguir:

Atividade	Tempo destinado	Recursos	Objetivos
Apresentação	5 minutos	Apresentação oral.	Promover interação com o público e iniciar a abordagem.
Dinâmica 'Emboladão'	20 minutos	Explicação da dinâmica de forma oral e demonstração com as integrantes do grupo; música durante a dinâmica.	Que todos entendam como a colaboração é importante para chegar a um objetivo comum; promover interação entre os participantes e estimular a capacidade de improviso, socialização, paciência e liderança.
Palestra	40 minutos	Composição de slides, recursos áudio-visuais (imagens e vídeos).	Ampliar o conhecimento dos alunos acerca do assunto, além de esclarecer e sanar dúvidas.
Dinâmica 'Mitos ou Verdades'	20 minutos	Frases impressas, placas escritas 'Mito' e 'Verdade'.	Promover interação com o público, sanar dúvidas realizadas pelo próprio público, deixadas na 'Caixinha'.
Avaliação de Satisfação	10 minutos	Avaliação previamente impressa, composta pelas orientadoras.	Avaliar o grau de satisfação acerca da atividade.
Agradecimentos e Encerramento	5 minutos	Apresentação oral.	Agradecer pelo tempo disponibilizado e encerrar a atividade.

Quadro 1. Organização da atividade, recursos empregados, tempo e objetivos.

Já os resultados da experiência, foram apresentados de forma subjetiva, através da descrição das etapas da ação educativa implementada, impressões, sentimentos e falas das acadêmicas durante o desenvolvimento das mesmas.

MARCO TEÓRICO

A educação em saúde como processo político pedagógico demanda a promoção de um pensar crítico e reflexivo, viabilizando expor a realidade e sugerir ações transformadoras que movam o indivíduo à sua autonomia e emancipação como sujeito histórico e social, instruído para propor e opinar nos arbítrios em saúde para cuidar de si, de sua família e de sua coletividade (FALKENBERG et al., 2014).

Hodiernamente, a temática da saúde na escola recebe significativa atenção de diversos organismos internacionais, em especial, a Organização Mundial da Saúde

(OMS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o que certifica sua magnitude em esfera mundial. No Brasil, o Programa Saúde na Escola (PSE) foi instituído em 2007 e compõe uma política de governo voltada à intersetorialidade que atende aos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS): integralidade, equidade, universalidade, descentralização e participação social. O PSE se compromete a ser um novo modelo da política de educação em saúde como parte de uma formação vasta para a cidadania e proporciona a articulação de saberes e a participação de alunos, pais, comunidade escolar e sociedade em geral ao tratar a saúde e educação de forma integral (CARVALHO, 2015).

Nesse ínterim, entre as diversas ações do PSE, foi realizado um questionário sobre quantidade de casos de gravidez em adolescentes escolares no Brasil, com o objetivo de fortalecer ações conjuntas que possam impactar na redução no número dos casos de gravidez na adolescência e na garantia do cuidado integral e equânime à adolescente grávida. Os resultados apontam para o seguinte cenário: 20.425 escolas públicas responderam ao questionário. Destas, 9.885 (48,4 %) disseram que há casos de gravidez em adolescentes matriculadas. A distribuição destes casos por Região do país é o seguinte: Sudeste 50,92% (5.033), Nordeste 19,5 % (1.923), Sul: 16,25 % (1.606), Centro Oeste: 6,7 % (662) e Norte 6,69 % (661). Em relação às adolescentes grávidas, o total declarado foi de 34.644 estudantes. Destas, 3.890 (11,23%) abandonaram os estudos. Assim, exposto o cenário, mostra-se essencial a articulação de ações entre os setores de saúde e educação, para apoiar as adolescentes grávidas e conscientizar dos riscos à saúde da gravidez precoce (BRASIL, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência foi vivenciada no período de agosto a novembro 2018 e foram elencadas a seguir, as etapas da mesma, para melhor compreensão do processo realizado.

Na etapa 1, foi realizado diagnóstico introdutório, com contato prévio da professora com a escola, que nos relatou boa receptividade inicial e abertura por parte dos gestores da unidade escolar. Ademais, relatou também sobre a baixa procura por preservativos na unidade de saúde do bairro, evidenciando que quando passou pelo local notou grande quantidade de camisinhas no recipiente no qual são distribuídos, enquanto que o recipiente de lubrificantes encontrava-se vazio, denotando maior preocupação com prazer em detrimento da prevenção. Além disso, nos foi apresentado pela docente o que deveríamos construir, além das informações

acerca de curiosidades do bairro.

Posteriormente, foi realizada abordagem de diagnóstico da escola com nossa presença, em reunião no local, com o diretor e a coordenadora da escola, para definição das abordagens pontuais. O encontro foi muito agradável e percebemos o diretor muito atuante e proativo com as necessidades dos alunos. Acordamos trabalhar a gravidez na adolescência com ênfase no empoderamento da mulher, métodos contraceptivos, responsabilidades materna e paterna. Uma vez que essa etapa da vida implica, para ambos os sexos, adaptar a novos papéis, e causar uma modificação no modo de vida no qual estava adaptada.

Nesse ínterim, tendo em vista o contexto em que se insere a cultura local e suas necessidades, em que muitas vezes, para muitas adolescentes, a maternidade é um fator decisivo para serem vistas como adultas na sociedade frente às limitadas possibilidades de independência financeira, assim como descrito por Neves et al. (2015), objetivamos também ampliar horizontes e expor diversas maneiras de visibilidade social para os adolescentes.

Ademais, realizamos outra visita na escola, momento no qual deixamos uma caixa para que os alunos depositassem suas dúvidas sobre a temática do trabalho, tendo o contato com eles para esclarecer a finalidade desta. Visitamos as duas turmas para explicar o propósito e pedir sua participação com perguntas ou dúvidas sobre o assunto. Também havíamos levado cartazes exemplificando algumas perguntas para orientá-los, no entanto, o diretor não autorizou que colocássemos devido ao conteúdo de alguns exemplos de perguntas, como por exemplo: ‘o coito interrompido não engravida?’. Dessa forma, notamos como a sociedade ainda se baseia em conservadorismos e algumas de nós se sentiram ‘pisando em ovos’, haja vista que o tema fora sugerido pela própria escola e, ainda assim, determinados assuntos sobre o tema não poderiam ser abordados.

Muitos estudos discutem que a escola detém de recursos para articular tais assuntos, no entanto, muitos pais discordam acerca da importância de se abordar tais temáticas no contexto escolar, uma vez que muitos pensam que haverá o estímulo a prática do ato sexual, segundo Martines *et al.* (2018). Ao mesmo tempo, também não estão preparados e formados para debatê-lo no cenário familiar, resultando assim na ausência do diálogo e de informação para os adolescentes. Sendo assim, faz-se necessária a intervenção de profissionais de saúde nas escolas, visando a conscientização de pais e educadores sobre a importância da educação sexual e suas vertentes.

Nesta mesma ocasião, deixamos um questionário intitulado ‘Gravidez na Adolescência’ com o diretor, para posterior aplicação junto aos alunos. Ademais, na mesma data, procuramos a Unidade Básica de Saúde (UBS) no modelo Estratégia Saúde da Família (ESF) do bairro, para coletarmos dados sobre o índice de gestações

na adolescência na área de abrangência da mesma. Só fomos informadas que no ano de 2017 tiveram quatro gestações, sendo apenas uma adolescente de 18 anos, o que nos causou certa frustração e dúvidas. Outrossim, não nos sentimos bem recebidas pelos funcionários da UBS, os quais demonstraram certo incômodo e falta de prestatividade.

Em um terceiro momento, voltamos a escola para recolher as perguntas e os questionários. As dúvidas pertinentes foram selecionadas, como por exemplo ‘se a menina nunca menstruou e se relaciona ela engravida?’, e foram analisadas juntamente com uma docente da universidade, que nos ajudou a respondê-las. Houve certo embaraço para que chegássemos as respostas e de como iríamos transmiti-las, mas que foi de grande importância, tendo em vista a responsabilidade dos profissionais da saúde para orientações a este público, haja vista que segundo Nery *et al.* (2015), o papel da escola e de profissionais da saúde torna-se decisivo sobretudo para elucidar questões ligadas à contracepção e prevenção de doenças.

Analisamos também os questionários respondidos anonimamente, e nos chamou atenção a expressão: ‘quero um futuro com menos estupros’, o que nos impactou e nos motivou a alertar o diretor da escola, que se comprometeu a investigar possíveis casos de abuso sexual. Tal acontecido foi de suma importância para que pudéssemos perceber o quão perto e corriqueiro à realidade se revela tal circunstância, haja vista que, segundo Santos *et al.* (2018) o abuso sexual é de comum ocorrência no ambiente escolar, sendo que 40 milhões de crianças e adolescentes sofrem tal tipo de violência, todavia essa estimativa pode estar subdimensionada, haja vista as condições em que esses episódios acontecem, por muitas vezes haver dependência da vítima em relação ao seu agressor, além do receio e do constrangimento relacionado a complexidade para denunciar esse tipo de abuso. Assim, com essa experiência, pudemos vivenciar uma realidade que perpassa o limite de nossos olhos, sendo de extrema magnitude para crescimento pessoal e em nossa profissão.

Finalizando essa etapa, buscamos índices de saúde no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), que evidenciaram a real necessidade de intervenção para melhor Promoção de Saúde, além de artigos os quais contribuíram para uma melhor contextualização do conteúdo.

Seguidamente, foi feita a organização e o planejamento do que seria realizado com os alunos a partir do tema e abordagens selecionados, além de apresentação prévia à professora orientadora das palestras e dinâmicas que seriam realizadas na prática. No planejamento, a proposta de intervenção dividida em passos, os quais se seguem: apresentação, dinâmica ‘Emboladão’, Palestra, Dinâmica ‘Mitos ou Verdades’, Avaliação de Satisfação, Agradecimentos e Encerramento. Dessarte, compreendendo-se que o trabalho com grupos de jovens e adolescentes é uma

alternativa para as práticas intervencionistas em medicina, assim como descrito por Ribeiro *et al.* (2016), optamos por métodos ativos, para despertar maior interesse nos jovens.

Em um último contato com a escola, apresentamos o tema para as turmas. Estávamos apreensivas por ser um assunto ‘tabu’ recoberto de pudor e mitos, no entanto, a apresentação para o 8º ano foi muito tranquila, com os alunos interagindo e se comportando muito bem. No entanto, passamos por diversos contratempos, os quais tivemos que contornar. O primeiro foi o atraso inesperado devido a um empecilho com o equipamento multimídia, o que nos fez optar por não realizar a dinâmica ‘Emboladão’, para podermos abordar a discussão de maneira mais tranquila e de forma a possibilitar tempo para eventuais dúvidas dos alunos.

O segundo obstáculo foi a falha na reprodução do vídeo explicativo acerca da colocação do preservativo masculino, o que fez com que uma discente do grupo se propusesse a demonstrar a colocação correta. Nesse ínterim, o imprevisto em sala aparece, como um elemento enriquecedor, que auxilia a aprendizagem juntamente com os conteúdos previamente planejados (ESCOBAR; SANCHES, 2016). Assim, de certa forma, esperávamos que causasse repercussão entre os alunos, que demonstraram-se agitados durante a explicação. No 9º ano, os alunos estavam mais eufóricos, mas foram participativos e contribuíram muito com a apresentação fazendo perguntas.

A partir da experiência, percebemos que a sexualidade não é um ‘tabu’ para a maioria dos jovens, uma vez que os alunos fizeram indagações pertinentes, sem timidez e uma das acadêmicas se propôs a demonstrar o uso do preservativo masculino sem delongas. Ficou perceptível que há muito mais resistência dos professores e pais em discutir com os alunos as questões da sexualidade, do que vergonha dos alunos em expor suas dúvidas sobre o assunto. Contudo, sentimos a necessidade de um profissional da saúde qualificado para lidar com as questões e demandas dos adolescentes sobre sexualidade, fisiologia reprodutiva e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). Ademais, é fundamental que se desenvolvam trabalhos multidisciplinares e interdisciplinares. Para isso, faz-se necessário ir além, buscar parcerias com outros setores, com propósito de obter maior efetividade nas ações de atenção à saúde do adolescente (TORRES *et al.*, 2013).

Ao final das apresentações ficamos muito felizes com o resultado da experiência, e talvez tenha sido mais difícil para nós abordar o tema do que para os próprios alunos. Fomos elogiadas pela nossa orientadora e muitas meninas vieram nos abraçar e agradecer pela apresentação, outras pediram nosso contato e redes sociais, além de esclarecer diversas dúvidas, o que certamente não esperávamos, e que foi muito gratificante, haja vista que conseguimos deixá-los confortáveis para que pudessem expor seus anseios.

Por fim, a última etapa se compôs de avaliação da atividade realizada além de auto avaliação, visando buscar o impacto alcançado e possíveis melhorias. Para encerrar a prática, foi realizada apresentação na faculdade com todos os acadêmicos da turma para troca de experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análises e discussões chegamos à conclusão de que os objetivos previamente definidos no planejamento da ação de Educação em Saúde na Escola foram alcançados, uma vez que os alunos da escola receberam informações acerca do assunto, sendo instigados a realizar uma reflexão pessoal sobre a temática da Gravidez na Adolescência.

Ademais, quanto a nós, discentes, tal vivência trouxe um compromisso em demasiado dramático, tendo em vista o conteúdo delicado o qual nos foi proposto. No entanto, no âmbito da experiência didática, consideramos que, embora com dificuldades, fora satisfatória, de forma que nossa diligência e motivação ao exercer as atividades e explicações corroboraram com o proposto e trouxe os resultados almejados.

Trazemos ainda, que proporcionou grandes benefícios ao nosso desenvolvimento profissional, pois possibilitou contato com a população, contribuindo para melhor desenvoltura em público e métodos para lidar com os desafios. Ademais, viabilizou o crescimento e inserção no âmbito como profissionais de saúde, os quais detêm da responsabilidade de aprimorar a escuta, enrijecer vínculos com o jovem, garantir acesso a informações e aos métodos contraceptivos, e desenvolver ações coletivas que auxiliem os adolescentes a lidarem com sua sexualidade, desenvolvam o autocuidado, e também cresçam o acesso a atividades educativas e recreativas.

Concluimos que é de suma importância a abordagem de temáticas de educação em saúde na escola na formação médica, haja vista que a produção de conhecimentos e práticas no SUS precisam convergir com a integralidade no atendimento ao usuário, opondo-se ao padrão hegemônico com olhar fragmentário e reducionista.

Deve-se, portanto, pontuar o usuário em sua completude como sujeito biopsicossocial e, no contexto escolar, tal processo representa impacto ainda maior, uma vez que representa um ambiente de construção e consolidação de novos conhecimentos, sendo de suma importância a conscientização sobre a autonomia na saúde durante essa etapa da vida.

REFERÊNCIAS

- ARREAZA, A. L. V.; MORAES, J. C. Vigilância da saúde: fundamentos, interfaces e tendências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 4, p. 2215-2228. 2010.
- AZEVEDO, I. C. *et al.* Compartilhando saberes através da educação em saúde na escola: interfaces do estágio supervisionado em enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 4, n. 1, p. 1048-1056; jan/abr. 2014.
- AZEVEDO, W. F. *et al.* Complicações da gravidez na adolescência: revisão sistemática da literatura. **Einstein (São Paulo)**, v.13, n.4. Oct./Dec. 2015.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Biblioteca Digital Câmara dos Deputados**. 35. ed. Brasília: 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde. **Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde**. Brasília: MS; 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de atenção à saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Geral de Alimentação e Nutrição. **Programa Saúde na Escola**. Brasília: MS; 2018.
- BRASIL. Política Nacional de Vigilância em Saúde, **Ministério da Saúde**. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/vigilancia-em-saude/politica-nacional-de-vigilancia-em-saude>>. Acesso em: 30 Ago. 2018.
- BRASIL. **Saúde - Portal do MEC**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro092.pdf>>. Acesso em: 30 Ago. 2018.
- BRASIL. **Vigilância em Saúde, Conceitos**. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/APRESENTAcao_A_VIGILANCIA EMSAuDE.pdf>. Acesso em 30 Ago. 2018.
- CABRAL, A. C. F. *et al.* Percepções da gravidez em adolescentes gestantes. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 2, p. 2526-2536, abr./jun. 2015.
- CARVALHO, F. F. B. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1207-1227, 2015.
- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ESCOBAR, B. T.; SANCHES, E. C. P. A presença do imprevisto na prática da docência. **Seminários sobre ensino e design**. out. 2016.
- FALKENBERG, M. B. *et al.* Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n.3, p. 847-852, 2014.
- LOPES, C. R. *et al.* Educação e cultura em saúde à luz de Paulo Freire. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 11, n. 12, p. 5122-8, dec. 2017.
- LOPES, M. V. O. Sobre estudos de casos e relatos de experiência. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 4, 2012
- LOPES, M. V. O. Sistema de Información Científica. **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe**, España y Portugal. p. 2175-6783. 2015.
- MONKEN, M.; BARCELLOS, C. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e

- metodológicas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 898-906, mai-jun. 2005.
- MARTINES, E. A. L. M.; ROSSAROLLA, J. N. SEXO E SEXUALIDADE: tabu, polêmica ou conceitos polissêmicos? Reflexões sobre/para a formação de educadores. **Revista Exitus**, Santarém/PA. v. 8, n.2, p. 273 - 299. mai/ago. 2018.
- NEVES, A. M.; MENDES, L. C.; SILVA, S. R. Práticas educativas com gestantes adolescentes visando a promoção, proteção e prevenção em saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n.1, p. 241-244, jan/mar. 2015.
- NERY, I. S. *et al.* Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015.
- OLIVEIRA, M. P. *et al.* Cuidado às adolescentes grávidas: perspectiva e atuação de agentes comunitários de saúde. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 76-81, jan/fev. 2015.
- PINAFO, E. P.; NUNES, E. F. P. A.; GONZÁLEZ, A. D. A educação em saúde na relação usuário-trabalhador no cotidiano de equipes de saúde da família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n.7, p.1825-1832. 2012.
- PORTAL DA SAÚDE - SUS. **TABNET. DATASUS**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br>>. Acesso em 31 Ago. 2018.
- RIBEIRO, V. C. S. *et al.* Papel do enfermeiro da estratégia de saúde da família na prevenção da gravidez na adolescência. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 6, n. 1, p. 1957-1975, jan/abr. 2016.
- SANTOS, M. J. *et al.* Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola - Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, n. 2. jun. 2018.
- TORRES, T. R. F.; NASCIMENTO, E. G. C.; ALCHIERI, J. C. O cuidado de enfermagem na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 16-26, abril. 2013.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE PARASITOSE EM UMA ESCOLA INSERIDA EM COMUNIDADE RIBEIRINHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mariana de Paula Santana

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Nadine Motta Figueiredo

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Mariana Ferreira Carrijo

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Thais Carolina Bassler

Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Juliana Dias Reis Pessalacia

Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Aline Rafaela da Silva Rodrigues Machado

Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Alex Martins Machado

Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Luiz Gustavo Bernardes

Técnico Farmacêutico do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Mirian Daiane de Oliveira

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, MS.

Gabriella Martiniano Pereira

Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas-MG.

RESUMO: Este capítulo trata-se de um relato de experiência sobre vivências de acadêmicos de Medicina durante um trabalho desenvolvido com grupos de crianças em uma escola estadual às margens do Rio Paraná. O objetivo do trabalho foi proporcionar educação em saúde aos estudantes, visando acrescentar conhecimento à vida dos mesmos para que possam prevenir episódios de parasitoses intestinais. As reuniões para planejamento do tema e as experiências em sala de aula ocorreram no mês de outubro de 2018. Foram realizadas duas aulas que retrataram o curso de doenças solicitadas pelo diretor da escola: ascaridíase e bicho geográfico. Foi palestrado a respeito dos sintomas e características específicas das doenças e seus parasitos, além da forma de controle das parasitoses correlacionada com medidas de higiene como principal forma de profilaxia. A estratégia utilizada foi participativa com metodologia ativa, associada

a recursos didáticos como um boneco anatômico e um microscópio. A experiência proporcionou o conhecimento das necessidades dos grupos e planejamento de orientações compreensíveis e significativas para as crianças. A problemática em torno das parasitoses poderá ser reduzida por meio do apoio social e educação em saúde, presumindo a participação de acadêmicos de medicina e profissionais de mesma área de atuação. Ademais, o presente relato instiga a comunidade acadêmica a ampliar as investigações relacionadas a esse conteúdo que se encontra escasso.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em saúde; Crianças; Doenças parasitárias; Saúde escolar; Ensino Fundamental e Médio.

HEALTH EDUCATION ON PARASITOSEs IN A SCHOOL INSERTED IN RIBEIRINHA COMMUNITY: AN ACCOUNT OF EXPERIENCE

ABSTRACT: This article is an experience report about the experiences of medical students during a work developed with groups of children in a public school on the banks of the Paraná River. The objective of this work was to provide health education to students, aiming to add knowledge to their life. So, they can prevent episodes of intestinal parasitosis. The meetings for the planning of the theme and the experiences in the classroom took place in October 2018. There were two classes that portrayed the course of diseases requested by the director of the school: ascariasis and ancylostomid larvae. It was discussed about the specific symptoms and characteristics of the diseases and their parasites, besides the form of control of the parasitoses correlated with hygiene measures as the main form of prophylaxis. The strategy used was participatory with active methodology, associated with didactic resources such as an anatomical doll and microscope. The experience provided the knowledge of the needs of the groups and the planning of understandable and meaningful guidelines for the children. The problems surrounding parasitic diseases can be reduced through social support and health education, presuming the participation of medical students and professionals from the same area of action. In addition, the present report instigates the academic community to expand the investigations related to this content that is scarce.

KEYWORDS: Health education; Children; Parasitic diseases; School health; Elementary and high school.

INTRODUÇÃO

Educação, promoção e vigilância em saúde são mecanismos que visam promover uma rearticulação de saberes e de ações sanitárias, constituindo-se veículos para a consolidação de ideais e princípios do Sistema Único de Saúde

(SUS). À vista disso, avança-se no entendimento de que o estado de saúde não possui uma causa linear, e sim uma complexidade de fatores interdependentes. Ampliando, dessa forma, a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), em meados de 1950, de que a saúde não é apenas a ausência de doença. Complementa-se com a ideia de Vianna (2012) que relata o surgimento de outros modelos de compreensão do processo saúde-doença: modelo epidemiológico baseado em três componentes – agente, hospedeiro e meio, elencados como fatores causais, além do envolvimento do ambiente, estilo de vida, biologia humana e sistema-serviços de saúde; todos em uma complexa inter-relação e interdependência.

Em 1889, época da primeira república, as ações educativas em saúde para escolas apareceram oficialmente nos discursos e estavam focadas no ensino de comportamentos e hábitos considerados saudáveis. Já no início do século XX, sob a ótica da ideologia higienista-eugenista, a educação em saúde almejava o desenvolvimento de uma sociedade saudável e produtiva, partindo-se da observação, exame, controle e disciplina na infância. As atividades pedagógicas possuíam ênfase em práticas individualistas e na modificação de comportamentos e atitudes, esquecendo-se de refletir a respeito das condições de vida e da realidade em que as crianças estavam inseridas (GONÇALVES *et al.*, 2008).

Promoção da saúde é o nome do processo de capacitação da população que visa atingir a meta de bem-estar individual e coletivo com a melhora da qualidade de vida e saúde. Diante de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, é necessário a articulação de saberes científicos e populares, mobilização de recursos e programas estratégicos para o enfrentamento e resolução da promoção de saúde (BUSS; CARVALHO, 2009).

Conhecer o perfil epidemiológico e condições socioambientais de grupos e subgrupos sociais específicos se faz relevante, visto que, dessa forma, será possível traçar objetivos e metas de saúde. Ao direcionar a atuação em certos agravos, riscos ou grupos populacionais, o modelo sanitarista desconsidera os determinantes mais gerais de saúde e não focaliza a integralidade da atenção (PAIM, 2008).

Para tanto, dada à extensão territorial do Brasil, é possível encontrar uma vasta diversidade de populações e possibilidades. Nesse contexto, apresentam-se as comunidades não residentes de áreas urbanas e rurais, e sim às margens de rios: comunidades ribeirinhas. Existem desafios complexos no cuidado das populações ribeirinhas, o que requer criatividade e a superação do discurso científico para a construção de uma interdisciplinaridade de pensamento, centradas em problemas reais e que aumentem o mutualismo entre promotores de saúde e comunidade (ANDO; AMARAL FILHO, 2012).

Tradicionalmente, as populações ribeirinhas são compostas de agrupamentos familiares, em casas de madeiras, adequadas ao sistema de cheias e vazantes

dos rios, dispersas ao longo do trajeto fluvial (ANDO; AMARAL FILHO, 2012). O cotidiano dessas populações baseia-se na influência das dinâmicas das águas (cheias e vazantes), o que impõe diversas restrições. A economia encontra-se firmada em atividades de pesca e extrativismo vegetal; encontram-se isolados, com pouco ou restrito acesso à mídia escrita e falada. A cultura baseia-se na herança dos povos indígenas, com hábitos alimentares diversificados, uso de plantas medicinais e agricultura de subsistência (FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI, 2007).

Entretanto, diferentemente dessa típica idéia de população ribeirinha, os moradores que residem próximo ao Rio Paraná da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, não se encaixam nas definições supracitadas. Tais habitantes estão inseridos no desenvolvimento urbano e comercial da cidade. Além disso, possuem acesso a serviços sanitários, de saúde, educação e lazer. A economia local, todavia, também é alicerçada nas atividades de pesca.

Como atividade do curso de Medicina de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), locada em Três Lagoas, ações educativas em saúde foram designadas à população ribeirinha da cidade. Tais práticas foram desenvolvidas na escola estadual e o tema selecionado para ser abordado com as crianças foi: parasitose e cuidado infantil. A inspiração para tal conteúdo, baseou-se na conhecida deficiência de hábitos higiênicos somados aos riscos em que as crianças são expostas ao se divertirem tomando banho no rio. Dessa forma, a chance de contaminação parasitária por esses indivíduos é aumentada.

Além disso, sabe-se que atualmente mais de um terço da população global (2,5 bilhões) abriga alguma espécie de parasito intestinal, sendo as doenças infecciosas e parasitárias responsáveis por dois a três milhões de óbitos por ano. A fração da população mais passiva às parasitoses são as crianças. Isto ocorre devido o desconhecimento das noções básicas de higiene (BATISTA; SCHUELTER TREVISOL, JOSÉ TREVISOL, 2009). As principais infecções parasitárias que necessitam especial atenção na comunidade específica ribeirinha de Três Lagoas são as provocadas por *Ascaris lumbricoides* e *Ancylostoma brasiliense*.

Portanto, haja vista a carência de estudos direcionados às situações de saúde geral das comunidades ribeirinhas e a importância destes para a orientação e instauração de políticas públicas adequadas a essa população específica, o presente estudo objetivou relatar a experiência de acadêmicos de medicina durante as ações de educação em saúde em uma escola inserida em uma comunidade ribeirinha.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência. Os relatos de experiência representam uma forma de apresentação científica simplória, no entanto devemos considerar seu papel fundamental como fonte de informações. Relatar vivências é uma maneira de oferecer subsídios essenciais para o melhor tratamento dos pacientes em determinados contextos, deste modo tal modalidade, torna-se imprescindível na construção do saber médico (YOSHIDA, 2007).

O contexto no qual a experiência aqui relatada se apresenta é o do município de Três Lagoas, o qual segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) conta com aproximadamente 113.619 habitantes. É necessário evidenciar que a escola pública escolhida para a aplicação das ações de educação em saúde está localizada em um bairro caracterizado por sua proximidade ao rio Paraná.

O trabalho aqui relatado é parte de um projeto universitário implementado durante a disciplina de Prática Integrativa dos Setores Ensino, Serviço e Comunidade (PIESC III), e envolveu estudantes do terceiro semestre do curso de medicina da UFMS.

Neste documento, são feitas descrições e análises de uma atividade de educação em saúde, no sentido da promoção da saúde infantil, voltadas, sobretudo, às principais parasitoses incidentes nas escolas da região. A intervenção foi realizada seguindo as etapas metodológicas: diagnóstico, programação e fechamento.

O diagnóstico foi realizado por meio de uma reunião de análise institucional, onde foram avaliados a dinâmica organizacional do estabelecimento e o público alvo do projeto. Também foram executadas medidas investigativas que envolveram visitas a Unidade Básica de Saúde (UBS) com Estratégia Saúde da Família (ESF). Tal atitude teve como objetivo traçar o perfil sociocultural e os hábitos de saúde mais presentes nos estudantes da região, deste modo fundamentando a escolha das parasitoses mais significantes para comunidade infantil da área.

O estágio voltado a programação, teve como ação a definição das atividades que seriam realizadas com os alunos. Em seguida, foram realizadas pesquisas acerca das doenças selecionadas, e também deu-se início à busca de ferramentas cedidas pela universidade, como: boneco anatômico e microscópio. Outra etapa fundamental foi a simulação das atividades de promoção de saúde para a orientadora. Por fim, o projeto foi executado, no primeiro dia de apresentação, as atividades de promoção de saúde foram realizadas na turma do oitavo ano. Já no segundo dia de apresentação, as ações educativas foram realizadas na turma do sexto ano.

Finalizando, foi realizada a última etapa metodológica, o fechamento, no qual foi realizado uma reunião com a finalidade de troca de experiências e sugestões entre as autoras do projeto.

Os resultados da experiência foram apresentados de forma descritiva e qualitativa, através das falas, impressões e percepções subjetivas.

MARCO TEÓRICO

Utilizou-se como referencial teórico, o Guia de Bolso de Doenças Infecciosas e Parasitárias, documento do Ministério da Saúde que dispõe informações atualizadas acerca dos aspectos clínicos, epidemiológicos, laboratoriais, tratamento, medidas de prevenção e controle das doenças supracitadas. Sua utilidade é de extrema importância, devido a magnitude ou gravidade dessas morbidades que acometem a população brasileira, representando danos à saúde e um importante evento de saúde pública (BRASIL, 2010).

Outro marco teórico utilizado foi o Programa Saúde na Escola (PSE), política intersetorial do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação, que apresenta ações de saúde e educação integral das crianças, adolescentes e jovens. O PSE ocorre com a associação de Equipes de Saúde da Atenção Básica com as Equipes de educação, no planejamento, execução e monitoramento de ações de prevenção, promoção e avaliação das condições de saúde dos educandos. As ações previstas compreendem três componentes essenciais: I - avaliação das condições de saúde; II - promoção da saúde e prevenção das doenças e agravos; III - capacitação permanente dos profissionais de saúde e educação (BRASIL, 2011).

Correlacionando os dois marcos teóricos, o componente promoção de saúde e o seu impacto nas infecções parasitárias foi ressaltado para a diminuição da prevalência de ascaridíase. O uso exclusivo de educação em saúde como proposta de intervenção em certa população estudada, reduziu a prevalência em 26%. A associação da educação em saúde com o tratamento reduziu de 42% a 75% a prevalência da mesma doença (NEVES, 2016).

Logo, consideramos o conhecimento de tais textos, elementos imprescindíveis para a concretização de nossas ações educativas em saúde.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

No início das aulas práticas, em uma reunião embasada na análise institucional da escola abordada, foram avaliados a dinâmica organizacional do estabelecimento e o público alvo do projeto. O tema escolhido para trabalhar nesse relato foi sobre as parasitoses mais recorrentes na escola.

Ainda durante o encontro, que ocorreu no mês de agosto de 2018, foi decidido que a faixa etária selecionada seria entre 11 e 14 anos, o que corresponde aos 6º e

8º ano do ensino fundamental, abrangendo um total de 63 alunos. Após a coleta inicial dos dados e a análise superficial das necessidades dos alvos do projeto, retornamos à universidade a fim de promover a organização das nossas ideias e pensamentos, visando moldar as diretrizes do planejamento das medidas educativas propostas.

Para o planejamento das ações de educação em saúde na escola, à priori deparamo-nos com uma dificuldade: a escassez de estudos científicos acerca de populações ribeirinhas – excetuando-se da região amazônica. Como desconhecemos a realidade dessa parcela da população três lagoense, decidimos romper essa defasagem através de uma visita à região.

Para tanto, tivemos a iniciativa de promover uma investigação epidemiológica na UBS que abrange a população que frequenta a escola, visando traçar o perfil sociocultural e os hábitos de saúde mais presentes nos estudantes da região. Isto fundamentou a escolha das parasitoses mais significantes para comunidade infantil da área.

Decidimos também, desbravar as margens fluviais, a fim de solidificar nosso conhecimento em torno do estilo de vida local. Diante de algumas descobertas, remodelamos nossos planos de intervenção para melhor atender as crianças da escola.

Em seguida a essa experiência, para escolhermos definitivamente o assunto abordado com o público, além de atendermos ao pedido do diretor da escola (palestrar sobre o bicho geográfico), resolvemos dialogar com a professora de Parasitologia da universidade, a fim de obter sugestões sobre o tema. Assim sendo, concluímos que a parasitose ascaridíase também é de suma importância para o conhecimento dos alunos, devido a sua prevalência em indivíduos dessa faixa etária.

Após a decisão, com o objetivo de tornar o debate com os alunos mais dinâmico, decidimos levar microscópios pertencentes à universidade para a escola. Desejávamos demonstrar para as crianças como são os parasitas através de lâminas microscópicas contendo os mesmos, visto que, possivelmente, muitos ali nunca usufruíram de um microscópio. Para complementar, levamos um boneco anatômico, através do qual elucidamos os modos de transmissão, sintomas e prevenção da ocorrência das parasitoses selecionadas.

Nosso objetivo primordial foi acrescentar conhecimento à vida desses estudantes, para que eles possam prevenir episódios dessas doenças e, além disso, promover ações de saúde com seus familiares e amigos, baseando-se no aprendizado obtido com a nossa visita. Outra idéia que pretendemos enraizar foi a de que a vida científica e acadêmica não está distante deles, inspirando-os a estudarem e transformarem suas realidades com a educação.

Segundo Falkenberg *et al.* (2014, p. 848), a educação em saúde é definida como:

Processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população [...]. Conjunto de práticas do setor que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores a fim de alcançar uma atenção de saúde de acordo com suas necessidades.

Falkenberg *et al.*(2014), enfatiza a importância da educação popular em saúde, e afirma que a mesma deve reconhecer e valorizar os conhecimentos prévios da população. A escola neste cenário torna-se fundamental, pois, é um espaço capaz de auxiliar na construção dos valores pessoais e crenças de cada um, podendo formar indivíduos críticos, capazes de analisar a realidade e modificá-la (BRASIL, 2015). Por isso, utilizamos metodologias que integrassem os escolares na ação, sendo sujeitos participantes de na transmissão horizontal de conhecimento.

Os parasitas intestinais estão entre os patógenos mais comumente encontrados em seres humanos. As parasitoses intestinais são consideradas um grave problema de saúde pública, destacadamente nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, sendo um dos principais fatores debilitantes da população; associa-se frequentemente a quadros de diarreia crônica e desnutrição, o que compromete o desenvolvimento físico e intelectual, principalmente das faixas etárias mais jovens da população (LUDWIG; FREI; FILHO, 2001). Apesar de uma queda na ocorrência dessas doenças nos últimos anos no Brasil, as parasitoses intestinais continuam sendo um grave problema de saúde pública em nossa federação, especialmente em Estados mais pobres e periferias dos grandes centros urbanos.

A ocorrência de parasitoses como ascaridíase relaciona-se diretamente com o consumo adequado de água. É possível identificar o abastecimento de água por moradores na cidade de Três Lagoas no período de 1991 a 2010. Esses dados foram obtidos no Departamento de Informática do SUS - DATASUS (BRASIL, 2010).

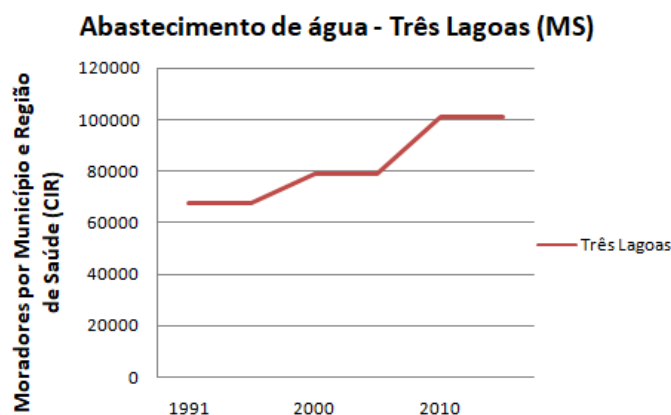


Figura 01. Abastecimento de água em Três Lagoas por moradores

Nesse contexto, torna-se imprescindível ressaltar uma informação relatada pelo diretor da escola: as crianças não possuem utensílios adequados (copos,

canecas e garrafas) para o consumo de água na escola, então o fazem com a utilização das mãos que, na maioria das vezes, não estão higienizadas da forma ideal.

As infecções provocadas por parasitos intestinais estão diretamente relacionadas às condições de higiene, saneamento básico, educação e habitação da população, essencialmente em locais nos quais essas condições são precárias. Por conseguinte, as parasitoses podem ser adquiridas por meio da contaminação oral ou através da penetração ativa da larva na pele, o que se relaciona com as infecções declaradas pelo diretor da escola: ascaridíase e bicho geográfico.

Após elaborarmos o plano de intervenção, fizemos uma simulação com a professora orientadora para nos certificar de que o tempo disponibilizado para a atividade fosse suficiente. Decidimos que o grupo iria entregar um kit de higiene como forma de incentivar a higiene pessoal e, por consequência, reduzir os casos de parasitoses como o *Ascaris lumbricoides*.

Ao chegarmos na escola no dia da intervenção, estávamos ansiosas e preparamos o material na sala de informática para darmos início a atividade no horário previsto. O microscópio já estava ligado para mostrarmos os ovos de *Ascaris* e o boneco anatômico em uma mesa para que pudéssemos explicar os ciclos dos parasitas no corpo humano.

Após a chegada dos alunos, inicialmente dividimos a turma em três grupos para que respondessem perguntas gerais sobre higiene e parasitoses. Mesmo as perguntas não sendo complexas, alguns grupos erraram e, finalmente anunciamos a resposta correta e explicamos o porquê. Após a atividade começamos a explicação sobre a ascaridíase e o bicho geográfico.

Optamos por iniciar a atividade com uma metodologia ativa, pois a mesma permite com que os escolares participem do processo vertical de aprendizagem. As metodologias ativas proporcionam engajamento dos participantes, promovendo a proatividade, desenvolvem a autocrítica e discussão do tema e estimulam a cooperação entre os alunos. A informação deve ser transmitida e debatida entre os participantes, focando na realidade dos mesmos, não sendo apenas uma transmissão vertical do saber entre educadores e alunos (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017).

Durante as explicações, indagamos os alunos para que houvesse a participação dos mesmos e não fosse apenas uma transmissão vertical de conhecimento das acadêmicas para os escolares. Questionamos qual seria o tamanho das fêmeas e machos de *Ascaris* e os alunos não tinham noção do mesmo. Ao mostrarmos um vídeo de remoção cirúrgica de formas adultas do *Ascaris* do intestino de humanos, os escolares sentiram nojo e alguns perguntaram o que fazer para que aquilo não ocorresse com eles. Posteriormente ao vídeo explicamos as formas de prevenção e tratamento dessa doença.

Ao iniciarmos a explanação sobre a *Larva migrans*, ficamos perplexas quando perguntamos quem já havia sido infectado pela mesma e a maioria da turma do oitavo ano afirmou que sim. Além disso, ressaltamos a importância de procurar o tratamento médico adequado.

Depois da explicação teórica utilizando o boneco anatômico, convidamos os alunos para verem a lâmina contendo ovos de *Ascaris lumbricoides* no microscópio. Optamos pela utilização de microscópio para que os alunos vissem ovos de *Ascaris lumbricoides* e entendessem melhor o quanto os mesmos são pequenos e impossíveis de serem visualizados a olho nu. Essa prática foi baseada na alfabetização científica que auxilia na construção de novos conhecimentos, ampliando a percepção de mundo do aluno e instigando sua autonomia e criticidade (PIZARRO; JUNIOR, 2015).



Figura 02. Boneco Anatômico. Figura 03. Lâmina observada no microscópio.

Posteriormente, pedimos que eles se dividissem em quatro grupos e confeccionassem um cartaz explicando sobre as parasitoses apresentadas por nós. Tal atividade foi realizada durante a aula de biologia, sob orientação da professora de biologia. Quando retornamos à escola, quinze dias após o primeiro contato, solicitamos que eles levassem os cartazes e fizessem uma breve explanação sobre o assunto. Alguns grupos nos surpreenderam positivamente quando foram explicar, incluindo ilustrações e exemplos da temática.

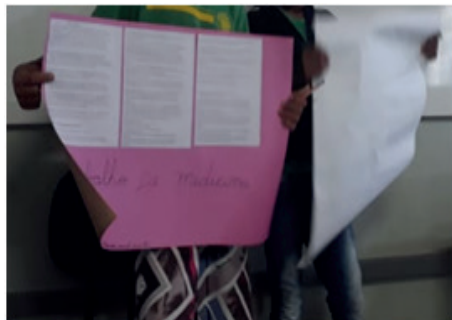


Figura 04. Cartaz sobre ascaridíase confeccionado pelos alunos.

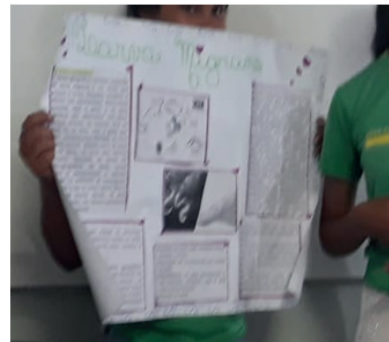


Figura 05. Cartaz sobre bicho geográfico confeccionado pelos alunos.

No processo de aprendizagem por metodologia ativa estimula-se o senso crítico e criatividade dos participantes e o profissional atua como um facilitador do mesmo. Escolhemos essa metodologia, pois o aluno atua como protagonista de suas ações e tem sua participação incentivada. Por meio dela promove-se a autonomia e criticidade dos escolares e os coloca como fontes de saber que, no método tradicional são exclusivas dos professores e livros (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017).

Para que o conhecimento fosse propagado para as demais turmas, solicitamos ao diretor que os cartazes confeccionados fossem expostos em um local onde toda a comunidade escolar tivesse acesso. Visando abranger outros alunos, seus familiares e os próprios educadores (LIMA, 2017).

Por fim, entregamos um kit de higiene pessoal para cada um dos alunos que participou. O mesmo continha uma caneca, uma escova de dente, um creme dental e um frasco contendo sabonete líquido. Esperávamos que os alunos fossem ficar contentes e surpresos ao receberem o kit, entretanto, poucos tiveram essa reação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do projeto e sua aplicação, resultaram em experiências engrandecedoras, considerando sua sucessão na reflexão sobre a importância das verminoses incidentes em crianças da comunidade ribeirinha. É imprescindível o conhecimento dos riscos e sintomas das principais doenças causadas por parasitas, logo tais informações unidas as instruções de medidas preventivas e de controle fizeram com que, as atividades de educação em saúde na escola agissem como estratégias para alcançar e impactar a vida do público alvo, deste modo promovendo melhorias na qualidade de vida e fazendo com que esses jovens possam atuar como propagadores dos conhecimentos recebidos.

Apesar do grande valor de se abordar o estilo de vida das crianças ribeirinhas das diversas regiões do país, na busca por artigos e relatos, percebeu-

se uma carência de estudos nacionais sobre a temática. Dessa forma, o presente documento, além de sintetizar o conhecimento construído sobre o contexto em análise, também instiga a comunidade acadêmica a ampliar as investigações relacionadas a esse conteúdo. Isso, de fato, representa um passo importante para superar a problemática relacionada às verminoses e, por conseguinte, oferecer a essas crianças uma existência íntegra.

É evidente que a problemática envolvida em torno do contexto apresentado pode ser reduzida por meio do apoio social. Este ideal funda-se na redução do índice de parasitoses e na melhoria dos hábitos de higiene nas crianças em idade escolar por meio da associação de amparo afetivo, material, de informação e interação social positiva nas escolas. Portanto, espera-se que por meio de medidas como estas, seja possível proporcionar uma redução desses infortúnios, assim gerando melhorias na qualidade de vida dos jovens estudantes.

Portanto, a experiência relatada proporcionou um aprendizado expressivo para as acadêmicas, tendo em vista a aquisição de um amplo entendimento das ferramentas e medidas de desenvolvimento de ações de educação em saúde, a qual é extremamente importante para instituir uma formação centrada no paciente, se desvinculando do modelo biomédico, e empregando a humanização de maneira eficaz. Deste modo, incitando reflexões essenciais para nosso desenvolvimento como profissional de saúde culminando em um perfil profissional mais humanizado e voltado para a totalidade do indivíduo a ser atendido.

REFERÊNCIAS

ANDO, N.M.; AMARAL FILHO, R.C.G., Medicina de Família e Comunidade em Cenários Específicos: População Ribeirinha. In: GUSSO, Gustavo; LOPES, José Mauro Ceratti (Org.). **Tratado de Medicina de Família e Comunidade**. 1ed. Porto Alegre: Artmed, 2012, v.1, p.469-474.

BATISTA, T.; SCHUELTER TREVISOL, F.; JOSÉ TREVISOL, D. Parasitoses intestinais em pré-escolares matriculados em creche filantrópica no sul de Santa Catarina, **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 38, n. 3, p. 39–45, 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS - **DATASUS. Informações de Saúde, Epidemiológicas e Morbidade: banco de dados**. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203>>. Acesso em: out. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola: saiba mais** [documento digital]. Brasília (DF): Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16795&Itemid=1128>. Acesso em: 22/08/2018

BRASIL, Ministério da Saúde. **Doenças infecciosas e parasitárias: Guia de Bolso**. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – 8. ed. rev. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BUSS, P.M.; CARVALHO, A.I., **Promoção Saúde** 2009, p. 2305–2316, 2008.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.; MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica, **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017.

FALKENBERG, M.B. *et al*, Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva, *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 847–852, 2014.

FRAXE, T.J.P.; PEREIRA, H.S.; WITKOSKI, A.C., Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais, **Editora da Universidade do Amazonas**, v. 1, n. 4, p. 224, 2007.

GONÇALVES, F.D. *et al*. Health promotion in primary school. **Interface - Comunic., Saúde, Educação.**, v.12, n.24, p.181-92, jan./mar. 2008.

LIMA, V.V., Espiral construtivista: Uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem, **Interface: Communication, Health, Education**, v. 21, n. 61, p. 421–437, 2017.

LUDWIG, K.M.; FREI, F.; FILHO, F.A., Correlação entre condições de saneamento básico e parasitoses intestinais na população de Assis, Estado de São Paulo. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 32, n. 5, p. 547–555, 2001.

NEVES, D. P., **Parasitologia humana**. 13. ed. São Paulo: Atheneu, 2016.

PAIM, J.S., **Modelos de atenção à saúde no Brasil**. In: GIOVANELLA, L.; ESCOREL, S.;

LOBATO, L.V.C.; NORONHA, J.C.; CARVALHO, A.I. (Org.). **Políticas e Sistemas de Saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. p.547-574.

PIZARRO, M. V.; JUNIOR, J. L., Indicadores de alfabetização científica: uma revisão bibliográfica sobre as diferentes habilidades que podem ser promovidas no ensino de ciências nos anos iniciais, **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 20, n. 1, p. 208, 2016.

VIANNA, L.A.C., **Processo Saúde-Doença Módulo Político Gestor**. Especialização em Saúde da Família Modalidade à Distância – Rede Universidade Aberta do Sus; Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, p. 71–91, 2011.

YOSHIDA, W. B., Redação do relato de caso Writing a case report, **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 6, n. 2, p. 112–113, 2007.

O PAPEL MASCULINO NO CONTEXTO DA GRAVIDEZ EM ESCOLARES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Giovanna da Silva Parente

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
UFMS, CPTL, Três Lagoas-MS

Eduarda Siqueira Cesário

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
UFMS-CPTL, Três Lagoas-MS

Isadora Cecília Salgado Gama

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
UFMS-CPTL, Três Lagoas-MS

Sannye Sabrina Gonzalez Bogado

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
UFMS-CPTL, Três Lagoas-MS

Thais Carolina Blassler

Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul, UFMS-CPTL, Três Lagoas-MS

Juliana Dias Reis Pessalacia

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
UFMS-CPTL, Três Lagoas-MS

RESUMO: Estudo com o objetivo de explicar a experiência de estudantes de medicina em ações de educação em saúde em uma escola da rede pública estadual no município de Três Lagoas/MS. A atuação ocorreu com enfoque no papel masculino na prevenção da gravidez em adolescentes, bem como no exercício da paternidade na mesma faixa etária. Trata-se de um relato de experiência, no qual foram observadas a constância do tema sexo como um tabu nas instituições de ensino e que a

precariedade sobre a disponibilização de dados a respeito da gestação nas primeiras fases da juventude prejudica a qualidade e abrangência das intervenções em saúde. Além disso, constatou-se a importância do uso de métodos ativos de aprendizagem em ações de educação em saúde para o público adolescente. No que tange a abordagem do papel masculino, observou-se que há baixa adesão ao pré-natal por parte dos pais e isso tem impacto na saúde física e emocional da mãe e do filho. Concluímos que, após o conhecimento das necessidades específicas e intrínsecas de uma população, a prática de educação em saúde atua como um mecanismo para garantir a saúde e a proteção dos jovens, além de fornecer conhecimentos práticos aos profissionais de saúde, sejam formados ou em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Anticoncepção; Educação em saúde; Gravidez na adolescência; Paternidade; Planejamento familiar.

MALE PAPER IN THE CONTEXT OF PREGNANCY IN SCHOOLS: A REPORT OF EXPERIENCE

ABSTRACT: This study aims to explain the experience of medical students in health education actions in a public school in Três

Lagoas / MS. The performance occurred with a focus on the masculine role in the prevention of teenagers's pregnancy, as well as in the exercise of paternity in the same age group. This is an experience report, in which the topic sex was observed as a taboo in schools and the fact that the precariousness about the availability of data regarding pregnancy in the early stages of the youth harms the quality and comprehensiveness of interventions in health. Furthermore, we noted the importance of using active learning methods in health education's actions for the teenager public. About the male role approach, it has been observed that there is low adherence to prenatal care by the fathers and this has an impact on the physical and emotional health of the mother and the child. Considering these aspects, we conclude that, after knowing the specifics and intrinsic needs of the population, the practice of health education acts as a mechanism to insure health and protection of young people further by providing practical knowledge to health professionals, whether trained or in training.

KEYWORDS: Contraception; Health education; Teenage pregnancy; Paternity; Family planning.

INTRODUÇÃO

A adolescência, um período de transição entre a infância e a fase adulta, consiste em uma fase multifatorial, com transformações biológicas e psíquicas, de modo que alguns aspectos podem afetar incisivamente seu desenrolar, tais como influência familiar, meio sociocultural, religião e renda. Dessa forma, estes fatores associados ao descobrimento do próprio corpo e da sexualidade podem encurtar a juventude, culminando em uma gravidez precoce, a partir da qual os jovens deixam de cumprir a fase de descobertas sobre mundo para adquirirem responsabilidades por uma nova criança (FERNANDES *et al.*, 2017).

A gravidez na adolescência constitui um assunto, tanto de cunho social, quanto da área de saúde pública. Em relação ao primeiro, constitui motivo de preocupação no que diz respeito a vulnerabilidade e ao nível socioeconômico, uma vez que nestes casos, os adolescentes tendem a abandonar os estudos e inserirem-se no mercado de trabalho, com pouca ou nenhuma qualificação profissional. Em relação a saúde, há apreensão sobre a acessibilidade a serviços de saúde e nutrição adequada, bem como o desenvolvimento de hábitos e comportamento de riscos, tanto para o recém-nascido, quanto aos jovens pais (NASS *et al.*, 2017).

Ainda que o fenômeno possa afetar tanto a mulher, que será mãe, e o homem, que será pai, o parecer social sobre a gravidez precoce acaba por englobar majoritariamente o público feminino. Assim, tanto as medidas de prevenção a gravidez quanto a visão de concepção e criação dos filhos ficam sobre a responsabilidade quase que exclusivamente da mulher. Nota-se, então, que esta visão culturalmente

moldada acaba por excluir ou afastar a figura masculina, isto é, o homem acaba por não participar da paternidade, tendo seus sentimentos e anseios reprimidos frente aos novos desafios (NASS *et al.*,2017).

Dentre os fatores elencados para justificar a gravidez na adolescência, destacam-se a relação sexual desprotegida, conhecimento parcial ou errôneo acerca de métodos contraceptivos e o modo de usá-los, além do desconhecimento da gratuidade de dispositivos contraceptivos nos serviços de saúde. A baixa escolaridade e situação de renda reduzida, compõe grande parte do perfil dos pais e mães jovens. Relacionamentos duradouros e estáveis contribuem incisivamente para a negligência quanto aos métodos para evitar a fecundação (COELHO *et al.*,2017).

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) inclui em suas diretrizes orientações acerca da responsabilidade e direito do pai em acompanhar a gravidez e o desenvolvimento da criança. A paternidade na adolescência não deve ser vista, tão somente, como um ato a ser evitado, dessa forma, uma vez que a gravidez já esteja em andamento, é necessário garantir que a mesma seja concretizada com responsabilidade (BRASIL, 2009).

O presente relato de experiência tem como objetivo explanar a experiência de estudantes de medicina em ações de educação em saúde com jovens. Voltada para o papel masculino na prevenção de gravidez com adolescentes, o projeto se desenvolveu em uma escola pública da rede estadual de ensino, no município de Três Lagoas-MS. Além da abordagem da prevenção da gravidez precoce, o grupo também abordou como proceder, caso ela tenha se concretizado. 51 alunos participaram da proposta, sendo, 29 matriculados no 8º e 22 inscritos no 9º ano do ensino fundamental possuem idade entre 13 a 18 anos. Houve um encontro com cada turma, tendo duração de cem minutos cada, nos quais foram abordados métodos que previnem a gravidez precoce, abrangendo tanto o encargo feminino quanto o masculino, empoderamento e autonomia feminina, além da responsabilidade emocional, financeira e educacional que o pai adolescente deve assumir. Este tipo de experiência torna-se relevantes para a formação de estudantes de Medicina, à medida que passam a vivenciar diferentes contextos de atuação, sendo a escola um rico espaço para a implementação de ações de educação em saúde.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência, desenvolvido durante as atividades de Vigilância em Saúde da disciplina Prática de Integração: Ensino Serviço e Comunidade III, pertencente a grade curricular do curso de Medicina da Universidade

Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas (CPTL). O relato de experiência consiste em uma modalidade de escrita que abrange a apresentação de experiências aplicadas e que resultam na maior compreensão de uma situação, confirmação de teoria e pontos de vistas e ainda fornecem subsídios para configurar arquétipos de grupos socioculturais específicos (DRAGANOV *et al.*, 2018).

A experiência foi vivenciada em uma escola estadual, localizada na cidade de Três Lagoas-MS, entre agosto e outubro de 2018. A escola conta com aproximadamente 230 alunos, estudantes das séries do 6^a ano do Ensino Fundamental ao 1^o ano do Ensino Médio. O bairro é composto majoritariamente por população ribeirinha que reside às margens do Rio Paraná. O município de Três Lagoas, MS, conta com um total de 34 escolas, entre públicas e particulares, e estas são coordenadas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

O relato foi desenvolvido a partir da experiência vivenciada por um grupo de quatro alunas do terceiro período do curso de medicina da UFMS/CPTL, as quais foram assistidas por três docentes.

O tema foi definido, a partir do diálogo entre docentes da universidade e diretores e coordenação pedagógica da escola e, em seguida, em conjunto com as acadêmicas de medicina. A partir de então, buscou-se na literatura acadêmica artigos de referência com a temática. O projeto de intervenção foi então elaborado e apresentado aos alunos do oitavo e nono ano, com a participação de professores da própria instituição. Foram utilizados como recursos didáticos a apresentação expositiva e dialogada da temática, utilizando-se projetor de multimídia e realização de uma gincana sobre os mitos e verdades sobre a gravidez na adolescência e o papel masculino.

O livro Saúde e Sexualidade de Adolescentes, produzido pela Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial de Saúde (OPAS/OMS) no Brasil e o Ministério da Saúde (MS), publicado no ano de 2017 e o Programa Saúde na Escola (2007) foram utilizados como referenciais teóricos para a produção do relato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, houve reuniões para discussão e estabelecimento do tema entre as discentes e docentes da universidade, em conjunto com o diretor e a coordenadora da escola, sendo o objeto de ação estabelecido a partir das demandas elencadas pelos últimos e considerando-se os dados socioeconômicos e demográficos gerais dos alunos.

Com o objetivo de obtermos maiores informações sobre o quadro explanado pelo diretor, nos dirigimos à unidade de Estratégia da Saúde da Família (ESF) do bairro. Segundo as informações do sistema e do parecer da enfermeira, a região em

questão apresenta baixos índices de gravidez, incluindo a gravidez na adolescência. Ainda na reunião com o diretor e a coordenadora na escola, foi descrito um comportamento de negação da figura paterna por parte da jovem grávida, a qual assumia o desejo e as responsabilidades de ser mãe solteira, enquanto que, de acordo com a profissional da ESF, as poucas mães grávidas com histórico registrados na unidade eram casadas ou possuíam companheiro fixo, os quais participavam das consultas quando não havia coincidência de horário com o trabalho. Frente a esses eventos, realizamos uma devolutiva à direção escolar sobre esses dados divergentes e foi explicado que muitas jovens, embora estudem na escola, são moradoras de outros bairros, de forma que podem estar cadastradas em outras unidades de saúde e não foi possível obter dados para confirmar a prevalência de adolescentes grávidas. Em uma pior hipótese, há possibilidade dessas jovens mães não realizarem corretamente o acompanhamento de pré-natal. O diretor revelou-nos, ainda, que a equipe escolar tem trabalhado incisivamente há três anos no intuito de diminuir o número de adolescentes grávidas e que a pequena taxa de jovens nessa condição nada mais é que um reflexo de ações que a escola tem promovido.

Ao buscarmos por dados epidemiológicos nos bancos de dados nacionais, os achados mais recentes são os fornecidos pelo Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos-Sinasc, que datam do ano de 2016. O Sinasc evidencia que no município de Três Lagoas, no último ano disponibilizado, 16 jovens de 10 a 14 anos, tiveram filhos e estes nasceram vivos. No mesmo período, 289 adolescentes, de 15 a 19 anos também engravidaram e os bebês nasceram sem complicações. O estado de Mato Grosso do Sul, contemplou 463 gestantes na faixa etária de 10 a 14 anos e 7.613 de 15 a 19 no mesmo período (BRASIL, 2018).

A ação de educação em saúde foi planejada após o recolhimento de dados empíricos fornecidos pela direção da escola, em conjuntura com a análise dos questionários deixados na instituição previamente para avaliar o grau de conhecimento dos alunos sobre o tema, bem como a caixa de dúvidas contendo os tópicos gravidez na adolescência e métodos contraceptivos, que direcionou parte da apresentação, visando responder às principais dúvidas do público-alvo.

A cédula a ser depositada na caixa solicitava que o indivíduo especificasse apenas idade, série escolar e sexo a título de que houvesse identificação do público-alvo, a fim de direcionar a linguagem e a abordagem da apresentação final.

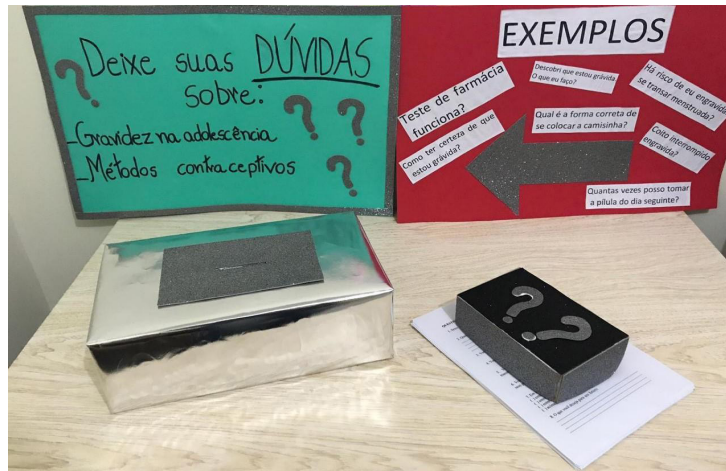


Imagem 1. Caixa de dúvidas e cartazes.

A caixa para dúvidas foi confeccionada juntamente com dois cartazes, sendo que o primeiro direcionava o intuito da ferramenta, estimulando que os alunos deixassem ali seus questionamentos. O segundo cartaz continha indagações encontradas em sites para adolescentes, no intuito de estimulá-los a produzirem os próprios questionamentos. Entretanto, o diretor da instituição nos recomendou a não fixação do segundo cartaz na escola, pois nos relatou que alguns pais de alunos possuem posicionamento conservador acerca do tema, e poderiam produzir reclamações que poderiam impactar a continuidade do projeto.

A atitude de coibir a colagem do cartaz encontra-se de acordo com o trabalho de Costa *et al.* (2014), o qual conclui que o diálogo entre pais e filhos é ineficiente ou inexistente, uma vez que há o despreparo dos adultos para entender e lidar com a subjetividade intrínseca de cada jovem.

A concepção de moralidade ou imoralidade varia de acordo com cada sociedade e com seu espaço-tempo, de modo que os pais dos atuais adolescentes relatam que em seu período juvenil havia dificuldade para conversar sobre o tema com seus responsáveis. Contudo, no presente momento, esses adultos precisam estar abertos ao diálogo, uma vez que a disseminação de informações se dá concorrentemente por vias virtuais. Desta forma, torna-se um desafio aos pais encontrarem um equilíbrio entre a transmissão de saberes e valores acerca da sexualidade para seus filhos, uma vez que a fala não deve tender nem para a restrição, nem para a permissividade (SAVEGNAGO; ARPINI, 2016).

Com o intuito de melhorar os diálogos entre jovens e adultos, sugerem-se coparticipações das seguintes esferas: unidade de saúde, família e unidade escolar. Em relação às unidades de saúde, Costa *et al.* (2014) indica o apoio de equipes de saúde da família bem como a implementação de ações que levem informações às escolas através da promoção de saúde. Salomão, Silva e Cano (2013) recomendam, ainda, que os serviços de saúde promovam de forma igualitárias ações educativas

e preventivas sobre gravidez precoce, paternidade e DSTs.

Estas intervenções são importantes porque atuam nas desmistificações de informações transmitidas informalmente, as quais podem prejudicar o desenvolvimento da criança quanto a sua sexualidade. Neste ínterim, ao disseminar dados corretos e de modo horizontal entre adultos e jovens sobre o tema, pode-se, inclusive, facilitar o processo de identificação de eventos e abusos sexuais e outras violências relacionadas ao tema (CIAFFONE; GESSER, 2014).

Além dos cartazes e caixa, foi produzido um questionário impresso, contendo oito tópicos a serem respondidos pelos alunos. Dentre eles pode-se citar que foi requisitado, a opinião sobre gravidez na adolescência, se conhece e/ou utiliza métodos contraceptivos, se compreende assuntos que abrangem as doenças sexualmente transmissíveis, foi pedido para assinalar sim ou não, caso possua liberdade para abordar o tema sexualidade com os pais. Além disso, foi solicitado para marcarem qual idade eles consideram mais adequada para ter um filho e, por último, quais são os desejos para o futuro.

Após uma semana, retornamos à escola para recolher os materiais deixados. Constatamos que dez alunos participaram, deixando suas perguntas na caixa destinada a esse fim e os questionários foram respondidos por 38 alunos. Dentre as informações colhidas através do questionário, observamos que grande parte dos alunos conhece contraceptivos, mas não os usa. Esse fato pode ocorrer por dois motivos, ou os alunos ainda não iniciaram sua vida sexual, e por essa razão não utilizam esses métodos, ou eles desconhecem o modo correto e momento de usar. Devido a orientações da direção escolar, não aplicamos perguntas sobre a atividade sexual dos alunos no questionário, assim não é possível sanar essa incerteza.

Em relação à caixa de perguntas, notou-se que as dúvidas mais comuns abarcavam métodos anticoncepcionais, quais situações podem propiciar a gravidez e se há alguma relação entre tipo sanguíneo e concepção. Uma vez levantadas as demandas do público-alvo da unidade escolar, montou-se uma apresentação em Power Point na qual visou-se ao máximo a inclusão figuras ilustrativas e vídeos a fim de abordar o tema de forma lúdica e compreensível.

Após a elaboração dos slides referentes ao projeto para a ação educativa, ocorreu uma apresentação do grupo diante da docente universitária com o objetivo de fundamentar o que seria trabalhado diante dos alunos e realizar todas as adequações necessárias para melhor compreensão por parte dos escolares. Após o auxílio da docente e realização dos ajustes ocorreu a apresentação para as turmas do 8º e 9º ano.

A apresentação foi iniciada com a explanação de dados que caracterizavam o perfil das jovens que engravidam porque desejam, uma vez que muitas jovens possuem o anseio pela gestação pois, para elas, a gravidez seria um atestado de

sua maturidade e feminilidade, além de que aumentaria as chances de permanecer com o parceiro. Dessa forma, buscou-se a diluição desse pensamento retrógrado por meio de um vídeo que mostrava o avanço do papel da mulher no decorrer dos anos.

A apresentação prosseguiu com a discussão sobre como o tema da sexualidade é um tabu em nossa sociedade e sobre como, conseqüentemente, sua discussão é negligenciada, o que contribui para o surgimento de vários mitos sobre o tema, sendo que muitas vezes os jovens recorrem à internet em busca de informações e que, recorrentemente, os esclarecimentos coletados nesse meio de comunicação são equivocados.

O próximo passo da apresentação se constituiu em uma explanação dos métodos femininos de prevenção da gravidez. Foram apresentados os seguintes métodos: preservativo (camisinha) feminino (utilizou-se um vídeo em que uma ginecologista explicava de maneira simples como deveria ser feito o uso desse método contraceptivo), pílula anticoncepcional, dispositivo intrauterino (DIU), diafragma, injeções intramusculares e contracepção de emergência.

Após a apresentação dos métodos femininos de prevenção, foram apresentados os métodos masculinos, sendo que se objetivou quebrar conceitos de que só uma das partes envolvidas deveriam se responsabilizar pela prevenção. O próximo tema consistiu em listar os motivos pelos quais poderia ser preferível não engravidar na adolescência.

A responsabilidade paterna foi abordada na apresentação inicialmente ressaltando que, por uma série de construções históricas e sociais e pelo próprio modo como a sociedade foi estruturada, a responsabilidade na prevenção, cuidados e educação dos filhos ainda recai majoritariamente sobre a mulher. Foi dito aos alunos que essa concepção retrógrada precisa ser modificada e que ambos, pai e mãe, devem contribuir igualmente nos cuidados com o filho. Além disso, salientou-se que os direitos e deveres não dizem respeito somente ao provento financeiro, como por exemplo o pagamento de pensão alimentícia pelos pais que não possuem união estável com a mãe dos filhos, mas também pela decisão de ter ou não filhos, como e quando isso irá ocorrer (BRASIL, 2009).

Aponta-se sobre a importância do papel do homem na construção no bem-estar do aspecto psicológico e social da jovem mãe, do bebê e dele mesmo. Nesse sentido, a existência de estudos relacionados a essa questão demonstraram que com o laço afetivo e participativo deste, existe uma diminuição significativa dos possíveis transtornos mentais que podem acontecer, tendo como um claro exemplo a depressão e a compressão que a criança possa adquirir de toda essa perspectiva (COSTA; TAQUETTE, 2017).

Por conseguinte, chegando ao término das explicações, foi ressaltado o

importantíssimo processo do pré-natal, enfatizando-se as maneiras convenientes desse procedimento ser realizado em acompanhamento dos profissionais da saúde.

Identificamos grande participação e engajamento por parte de ambas as turmas, sendo que os alunos se mostraram muito atentos às informações transmitidas e levantaram vários questionamentos. Sentimos, ainda, maior participação da primeira turma (oitavo ano), embora o segundo grupo (nono ano) também tenha interagido de forma satisfatória.

Após a finalização da apresentação em slides, com o propósito de esclarecer e sanar algumas dúvidas, foi promovida uma atividade interativa em forma de gincana sobre os Mitos e Verdades mais comuns. Dessa forma, os alunos foram divididos em quatro grupos e a cada grupo foram concedidas duas placas, sendo uma grafada com a palavra mito e outra grafada com a palavra verdade. Uma das alunas, então, lia uma frase de senso comum e cada grupo julgava a veracidade da informação por meio das placas sendo que, se o grupo acertasse se a frase correspondia a um mito ou a uma verdade, pontuava na brincadeira.

Essa dinâmica constituiu um importante método de avaliação do conhecimento apreendido, pois abordou perguntas cruciais sobre o tema, as quais necessitavam da capacidade de inferência e correlação entre as diferentes áreas de estudo e vivências dos alunos e ambas as turmas apresentaram bom desempenho nessa atividade.

Assim, constata-se a importância das práticas de promoção em saúde, as quais colaboram para que haja maior grau de conhecimento por parte dos sujeitos envolvidos sobre assuntos de saúde coletiva, o que promove um maior afloramento da autonomia nesses cidadãos, os quais passam a serem mais informados e, portanto, empoderados sobre assuntos que possuem forte influência em seu cotidiano (CARVALHO, 2015).

Ademais, esse trabalho de divulgação da autonomia do sujeito sobre sua saúde em escolas é demasiado complexo, haja vista a complexidade de cada ambiente escolar, os quais, ainda diferem muito entre si. Dessa forma, esse contexto árido ao qual ao educador está, impossibilita suas ações seja por falta de recursos ou pela baixa adesão dos próprios estudantes (COUTO *et al.*, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados e das experiências vivenciadas, constata-se que a atividade de promoção em saúde na escola mostrou-se como uma experiência enriquecedora, em especial pela interação das futuras profissionais da saúde com a população. O contato direto com os alunos e as respostas positivas que eles forneceram tanto na avaliação formal quanto durante toda a apresentação e ao final

dela, indicou, satisfatoriamente, que possivelmente aquelas informações passadas seriam absorvidas e inseridas no cotidiano dos adolescentes, o que constitui o objetivo final de todo o projeto, o qual têm como intuito contribuir positivamente para a saúde biopsicossocial do indivíduo.

Entretanto, apesar da análise geral ser positiva durante a aula de promoção em saúde, nota-se que a inexperiência em quesitos de didática constitui fator preponderante na flutuação de domínio da atenção dos jovens. Em algumas vezes eles se mostraram extremamente participativos, mas em outras não interagem a despeito dos esforços empreendidos pelas graduandas.

Ressalta-se a importância social imprimida na atividade realizada, de forma que houve a transmissão de conhecimento e informações que serão utilizados pelos jovens. Deste modo, objetivou-se a diminuição das taxas de gravidez na adolescência, a diminuição de contágio por DSTs, bem como a conscientização da suma importâncias das obrigações e deveres da figura paterna. A partir da experiência, as acadêmicas afirmam que se sentem mais preparadas e instruídas a tratar sobre o tema e com a faixa etária de jovens adolescentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatísticas Vitais. Nascidos Vivos**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvms.def>>. Acesso em: 26 de out. 2018.

CARVALHO, F. F. B. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro v.25, n.4, p.1207-1227, 2015

CIAFFONE, A. C. R.; GESSER, M. Integração saúde e educação contribuições da psicologia para a formação de educadores de uma creche em sexualidade infantil. **Revista Psicologia: ciência e profissão**. v.34, n.4, p.774-787, 2014.

COELHO, E. A. C. *et al.* Características do relacionamento entre a mulher e seu parceiro na ocorrência de gravidez não planejada. **Revista Baiana de Enfermagem**. v.31, n.02, jun. 2017.

COSTA, M. A. *et al.* Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. **Revista de Enfermagem da UFSM**. v.4, n.01, p. 123-132, jan. 2014.

COSTA, S. F.; TAQUETTE, S. R. Atenção à gestante adolescente na rede SUS - O Acolhimento do parceiro no pré-natal. **A Revista de Enfermagem UFPE on line.**, Recife, p.2067-2074, maio, 2017.

COUTO, A. N. *et al.* O ambiente escolar e as ações de promoção da saúde. **Revista do Departamento de Educação Física e Saúde e do Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul/Unisc**.v.17, n.04, p. 378-383, out/dez. 2016.

DRAGANOV, Patricia Bover et al. Journal Club: a group of research experience. **Revista Brasileira de**

Enfermagem, Brasília, v. 71, n. 2, p. 446-450, abr. 201, mar/abr 2018.

FERNANDES, R. F. M. *et al.* Maternidade na adolescência, motivos para planejá-la. **Revista de Enfermagem UFPE**. v. 11, p. 1776-1782, mai. 2017.

MATO GROSSO DO SUL. Secretária de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico. Índice de Responsabilidade Social de Mato Grosso do Sul. Disponível em:<http://www.semade.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2015/03/irs_bolsao_2011.pdf>. Acesso em: 03 de nov. 2018.

NASS E. M. A. *et al.* Vivências da maternidade e paternidade na adolescência. **Revista Baiana de Enfermagem**. v.31, n. 02 p. 1-12, jun. 2017.

Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. **Saúde e sexualidade de adolescentes. Construindo equidade no SUS**. Brasília, DF: OPAS, MS, 2017.

SALOMÃO, R.; SILVA, M. A. I; CANO, M. A. T. Sexualidade do adolescente na percepção dos pais, sob a perspectiva de Foucault. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 15, n.03, p.609-618, jul/set, 2013.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. **Revista Psicologia: ciência e saúde**. V.36, n.1, p.130-144, jan./mar. 2016.

SOBRE OS ORGANIZADORES

TATIANA CARVALHO REIS MARTINS: Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas (CPTL), atuando no curso de graduação em Medicina e Enfermagem. Docente permanente do Curso de Pós-Graduação- Mestrado em Enfermagem- CPTL/UFMS. Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Atua nas linhas de pesquisa: Epidemiologia populacional com ênfase em Doenças Crônicas Não Transmissíveis, educação em saúde, Atenção Primária à Saúde.

BRUNA MORETTI LUCHESI: Docente da UFMS/CPTL, atuando no curso de graduação em Medicina. Docente permanente do Curso de Pós-Graduação- Mestrado em Enfermagem- CPTL/UFMS. Enfermeira, Pós Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP). Atua nas linhas de pesquisa: Atenção à Saúde do Idoso, Enfermagem gerontológica, Cognição e envelhecimento, Cuidador de idosos.

JULIANA DIAS REIS PESSALACIA: Docente da UFMS/CPTL, atuando nos cursos de graduação em Enfermagem e Medicina. Docente permanente e Coordenadora do Curso de Pós-Graduação- Mestrado em Enfermagem- CPTL/UFMS. Docente colaboradora no Programa de Pós-Graduação- Mestrado em Enfermagem- sede da UFMS. Enfermeira, Pós Doutora em Enfermagem em Saúde Coletiva pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE-USP), Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP). Atua nas linhas de pesquisa: Ética e Bioética, Cuidados Paliativos na Atenção Primária à Saúde, Avaliação do acesso a serviços de saúde e Humanização em Saúde.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-832-8



9 788572 478328